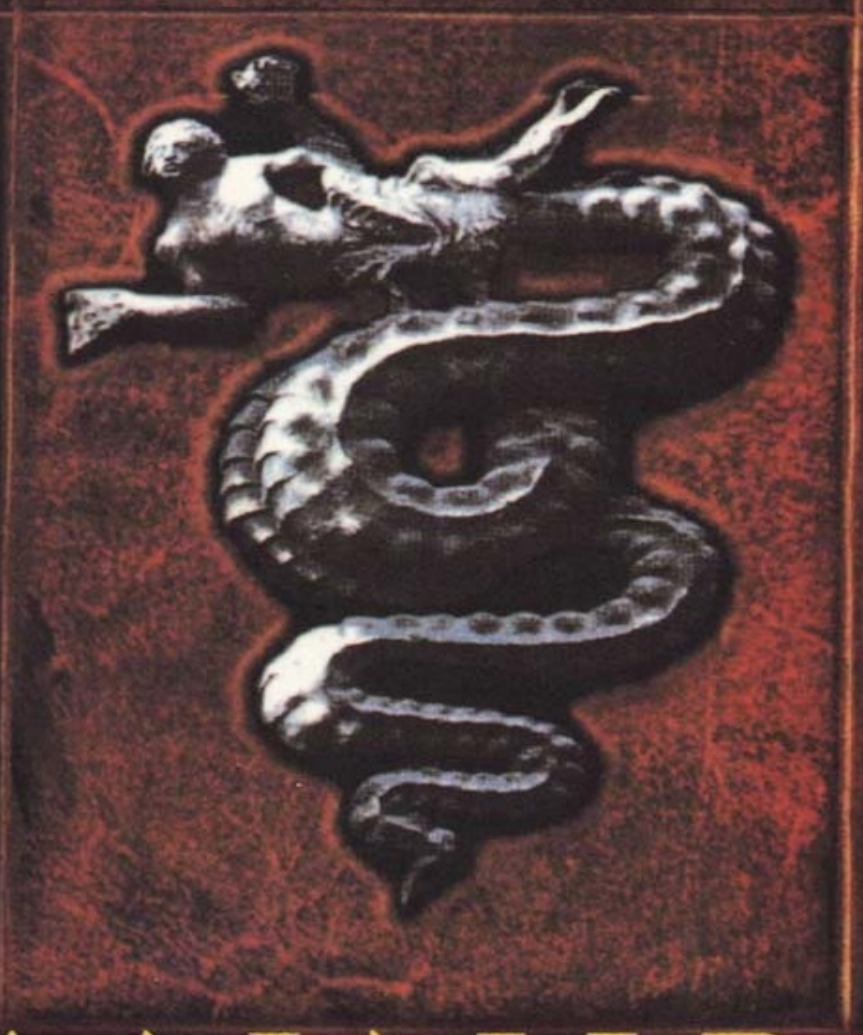
THOMAS HARRIS



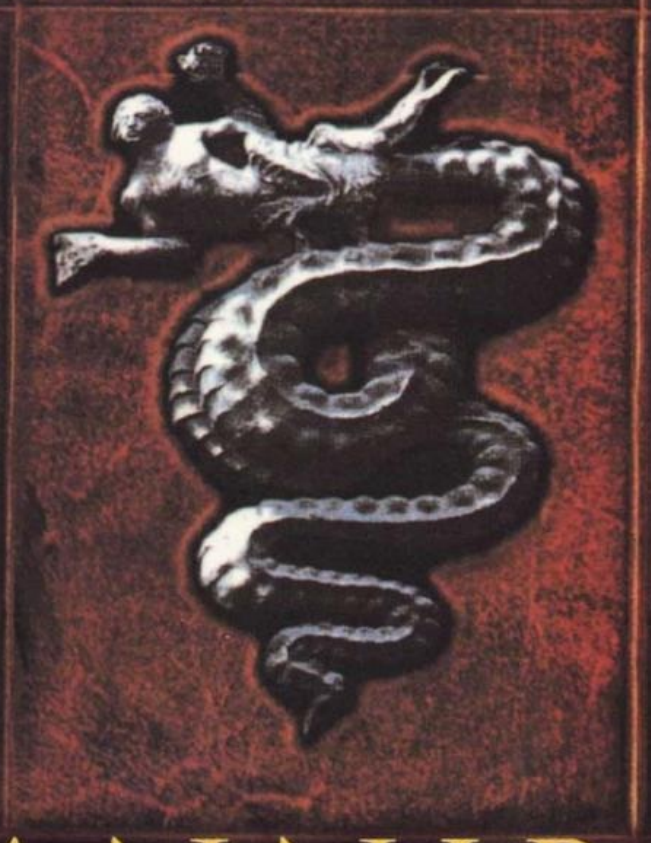
HANNIBAL

A CONTINUAÇÃO DE
O SILÊNCIO DOS INOCENTES

"Um dos romances mais assustadores do nosso tempo."
The New York Times Book Review
"Brilhante, bizarro e absurdo." — *Publishers Weekly*

RECORD

THOMAS HARRIS



HANNIBAL

A CONTINUAÇÃO DE
O SILÊNCIO DOS INOCENTES

"Um dos romances mais assustadores do nosso tempo."
The New York Times Book Review
"Brilhante, bizarro e absurdo." — *Publishers Weekly*

RECORD

THOMAS HARRIS

HANNIBAL

Tradução de

ALVES CALADO

7a EDIÇÃO

EDITORA RECORD

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO 2001



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Harris, Thomas, 1940-H26h Hannibal /Thomas Harris; tradução de Alves Calado.

7a ed. - Rio de Janeiro: Record, 2001.

Tradução de: Hannibal

Continuação de: *O silêncio dos inocentes* ISBN 85-01-05728-2

I. Romance norte-americano. I. Calado, Alves. II. Título.

99-1434 CDD-813

CDU - 820(73)-3

Título original norte-americano: HANNIBAL

Este romance é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes também são produto da imaginação do autor ou são usa-dos de maneira

ficcional. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou não, eventos ou locais é mera coincidência.

As falas de “Burnt Norton” são de *Four Quartet* por T. S. Eliot.

Os versos do primeiro soneto de Dante são de *La* Vita *Nuova: A New Translation* de Mark Musa.

Os versos de “Swinging on a Star” são de “Swinging on a Star” de Johnny Burke e Jimmy Van Heusen.

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-05728-2

EDITORA AFILIADA

I

WASHINGTON, D. C.

CAPÍTULO

1

Dá para crer que um dia assim hesitaria em começar...

O MUSTANG DE CLARICE STARLING subiu a toda veloci-dade a rampa de entrada do Bureau de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo (BATF) na Massachusetts Avenue, uma sede alugada do reverendo Sun Myung Moon em nome da economia.

O grupo de ataque esperava em três veículos. Na frente um velho furgão disfarçado, e atrás dois furgões pretos da SWAT, esperando na garagem enorme.

Starling pegou a sacola de equipamento e correu para o primeiro veículo, um furgão branco e sujo com a-desivos dos dois lados onde estava escrito MARCEL’S CA- RANGUEJOS.

Pelas portas traseiras do furgão, abertas, quatro homens observavam-na chegar. Esguia no uniforme, ela se movimentava com rapidez sob o peso do

equipamento, o cabelo brilhando debaixo das desagradáveis luzes fluo-rescentes.

— Mulheres. Sempre atrasadas — disse um policial de Washington, D. C. O agente especial John Brigham, do BATF, era o comandante.

— Ela não está atrasada, só passei o *bip* quando re-cebemos o chamado — disse Brigham. — Deve ter saído às pressas de Quantico. Oi, Starling, me passe a sacola.

Ela bateu em sua mão, num cumprimento rápido.

— Oi, John.

Brigham falou alguma coisa com o policial à paisa-na atarracado ao volante, e o furgão começou a andar an-tes que as portas de trás se fechassem, saindo para a tarde agradável de outono.

Clarice Starling, veterana em furgões de vigilância, passou encolhida sob o visor do periscópio e assumiu um lugar na parte traseira, o mais perto possível do bloco de sessenta quilos de gelo seco que servia como ar-condicionado para quando eles tivessem de esperar com o motor desligado.

O velho furgão tinha aquele cheiro de jaula de ma-cacos — de medo e suor — que nunca desaparece. Tinha usado muitos letreiros diferentes em seu tempo de servi- ço. As letras sujas e desbotadas sobre as portas tinham trinta minutos de idade. Os buracos de bala tapados com massa eram mais velhos.

As janelas traseiras eram espelhos unidirecionais, adequadamente manchados. Starling podia ver os grandes furgões pretos da SWAT vindo atrás. Esperava que não tivessem de passar horas trancados nos furgões.

Os policiais a fitavam sempre que seu rosto se vira-va para a janela.

A agente especial do FBI Clarice Starling, 32 anos, sempre aparentava a idade que tinha, e sempre fazia com que essa idade parecesse uma coisa boa, mesmo no uni-forme.

Brigham pegou sua prancheta no banco do carona, na frente.

— Por que você sempre pega esses serviços de merda, Starling? — perguntou

ele, sorrindo.

— Porque você vive me chamando.

— Para este eu preciso. Mas sempre vejo você

cumprindo mandados com esquadrões de ataque, pelo amor de Deus. Eu não pergunto, mas acho que alguém em Buzzard's Point odeia você. Deveria vir trabalhar co-migo. Estes são os meus rapazes, os agentes Marquez Burke e John Hare, e este é o policial Bolton, do departa-mento de polícia de Washington.

Uma equipe de ataque composta pelo Bureau de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo, pela Administração An-tidrogas da SWAT e pelo FBI era o produto forçado das restrições de orçamento numa época em que até a Aca-demia do FBI tinha sido fechada por falta de verbas.

Burke e Hare pareciam agentes. O policial munici-pal, Bolton, parecia um escriturário. Tinha uns 45 anos, era gordo e mole.

O prefeito de Washington, ansioso para se mostrar firme contra as drogas depois de sua própria condenação por uso de narcóticos, insistiu para que a polícia municipal compartilhasse o crédito por cada grande batida na cidade de Washington. Daí a presença de Bolton.

— O bando de Drumgo está preparando material hoje — disse Brigham.

— Evelda Drumgo, eu sabia — reagiu Starling sem entusiasmo. Brigham assentiu.

— Ela abriu uma fábrica de *ice* ao lado do mercado de peixe Feliciana, perto do rio. Nosso informante disse que hoje ela está preparando um lote de cristais. E ela tem reservas para Grande Caimã esta noite. Não podemos es-perar.

A meta-anfetamina cristalizada, chamada de *"ice"*

nas ruas, produz um efeito rápido e forte, e é criminosa-mente viciante.

— A droga é negócio do DEA, mas nós precisa-mos pegar Evelda sob a acusação de transporte interesta-dual de armas. O mandado especifica duas submetralha-doras Beretta e algumas MAC 10, e ela sabe onde estão algumas

outras. Quero que se concentre em Evelda, Star-ling. Você já lidou com ela antes. Esses rapazes vão lhe dar cobertura.

— Nós pegamos o serviço fácil — observou o po-licial Bolton com certa satisfação.

— Acho melhor você contar a eles sobre Evelda, Starling — disse Brigham. Starling esperou enquanto o furgão sacolejava sobre uns trilhos ferroviários.

— Evelda vai lutar contra vocês. Ela não gosta dis-so... ela já trabalhou como modelo... mas vai lutar contra vocês. Ela é viúva de Dijon Drumgo. Eu a prendi duas vezes sob acusação de formação de quadrilha, na primeira com Dijon.

“Na última vez Evelda tinha uma nove milímetros na bolsa, com três pentes, e uma faca de mola no sutiã.

Não sei o que ela vai estar usando agora.

“Na segunda prisão pedi educadamente que se en-tregasse, e ela obedeceu. Depois, na cadeia municipal, ela matou uma presa chamada Marsha Valentine com um es-toque feito de colher. De modo que não dá para saber... o rosto dela é difícil de decifrar. O júri considerou legítima defesa.

“Ela venceu o primeiro processo por formação de quadrilha e conseguiu se livrar do segundo. Algumas acu-sações de porte de arma foram abandonadas porque ela estava com filhos pequenos e o marido tinha acabado de ser morto no restaurante *drive-in* da Pleasant Avenue, tal-vez pelos Spliffs.

“Vou pedir a ela que se entregue. Espero que se en-tregue. Vamos fazer um *show* para ela. Mas escutem: se tivermos de dominar Evelda Drumgo, vou querer ajuda de verdade. Não se preocupem em vigiar minhas costas, quero que peguem pesado com ela. Cavalheiros, não creio que vocês vão assistir a uma luta na lama entre mim e E-velda.”

Houve um tempo em que Starling seria condescen-dente com aqueles homens. Agora eles não gostavam do que estava dizendo, e ela já tinha visto coisas demais para se preocupar.

— Através de Dijon, Evelda Drumgo é ligada aos Trey-Eight Crips — disse Brigham. — Ela tem segurança da Crip, pelo que diz o nosso informante, e os

Crips estão fazendo distribuição na costa. É uma garantia contra os Spliffs, principalmente. Não sei o que os Crips farão quando nos virem. Quando podem, eles não atravessam o caminho do FBI.

— Vocês devem saber — acrescentou Starling —, Evelda é HIV positiva. Dijon passou-lhe o vírus numa seringa. Ela descobriu enquanto estava presa e pirou. Na-quele dia matou Marsha Valentine e lutou contra os guar-das na cadeia. Se ela não estiver armada e quiser entrar na luta, vocês podem esperar ser atacados com qualquer lí-quido que ela tenha para jogar. Vai cuspir e morder, vai mijar e defecar em vocês se tentarem segurá-la, de modo que luvas e máscaras são fundamentais. Se a puserem nu-ma radiopatrulha, quando encostarem a mão na cabeça dela, tomem cuidado com alguma agulha no cabelo, e prendam os pés dela.

Os rostos de Burke e Hare estavam ficando com-pridos. O policial Bolton parecia infeliz. Ele apontou com a papada para a arma principal usada por Starling, um ve-lho Colt 45, modelo do governo, com uma tira de fita ade-siva no cabo, presa num coldre especial atrás do quadril direito.

— Você anda por aí com esse negócio engatilhado o tempo inteiro?

— Engatilhado e travado, cada minuto do meu dia

— respondeu Starling.

— É perigoso — disse Bolton.

— Entre na mira e eu explico. Brigham interrom-peu.

— Bolton, fui treinador de Starling quando ela foi campeã de pistola de combate durante três anos seguidos.

Não se preocupe com a arma. Do que foi que aqueles ca-ras da equipe de resgate de reféns, os Velcro Cowboys, a chamaram quando você acabou com eles, Starling? Annie Oakley?

— Oakley Venenosa — disse ela e olhou pela jane-la.

Starling sentia-se invadida e solitária naquele furgão de vigilância fedendo a bode e cheio de homens. Chaps, Brut, alfazema, suor e couro. Sentia um pouco

de medo, com o gosto de uma moeda sob a língua. *Imagem mental: seu pai, que cheirava a tabaco e sabão forte, descascando uma laranja com o canivete, a ponta da lâmina quebrada, dividindo a laranja com ela na cozinha. As luzes traseiras da caminhonete de seu pai desaparecendo quando ele saiu na patrulha noturna que o matou.*

As roupas dele no armário. Sua camisa de dançar quadrilha. Umas coisas bonitas no armário dela, que ela jamais usaria agora. Tristes roupas de festa em cabides, como brinquedos no sótão.

— Mais uns dez minutos — gritou o motorista.

Brigham olhou pelo pára-brisa e verificou o relógio.

— Eis o plano. — Ele tinha um diagrama grosseiro desenhado às pressas com pincel atômico e uma planta borrada que lhe fora entregue pelo Registro de Imóveis.

— O prédio do mercado de peixes fica numa fileira de lojas e armazéns ao longo do rio. A Parcel Street termina na Riverside Avenue, numa praça pequena diante do mer-cado de peixes. Vejam, o prédio do mercado de peixes dá

fundos para a água. Há um cais que segue por toda a ex-tensão dos fundos do prédio, aqui. Ao lado do mercado de peixes, no térreo, fica o laboratório de Evelda. A entra-da é aqui pela frente, ao lado do toldo do mercado de pei-xes. Evelda terá pessoas vigiando, a uma distância de pelo menos três quarteirões, enquanto ela estiver preparando a droga. Eles já terão passado a informação a tempo de ela se livrar do material. De modo que... uma equipe de incur-são do DEA, que vem no terceiro furgão, estará chegando ao cais num barco de pesca às quinze horas em ponto.

Nós podemos chegar mais perto do que todo mundo nes-te furgão, vamos estar na porta da rua alguns minutos an-tes da batida. Se Evelda sair pela frente, nós a pegamos. Se ficar dentro, entramos pela porta da rua logo depois de eles atacarem pelo outro lado. O segundo furgão é o nos-so apoio, com sete homens. Eles chegarão às quinze ho-ras, a não ser que os chamemos primeiro.

— Como vamos passar pela porta? — perguntou Starling. Foi Burke quem falou:

— Se o negócio parecer calmo, arrombamos. Se ouvirmos tiros de revólver ou

metralhadora, é “Avon chama”. — Burke deu um tapinha em sua espingarda.

Starling já vira isso ser feito antes — “Avon cha-ma” é uma espingarda Magnum de três polegadas, carre- gada com chumbo fino para explodir a fechadura sem fe-rir as pessoas dentro.

— Os filhos de Evelda? Onde eles estão? — per-guntou Starling.

— Nosso informante viu quando ela os deixou numa creche — disse Brigham. — Nosso informante sabe da situação da família, tipo... ele é bastante íntimo, tão ín-timo quanto possível com sexo seguro.

O rádio de Brigham estalou em seu fone de ouvido e ele examinou a parte do céu que dava para ver pela jane-la traseira.

— Talvez ele só esteja cuidando do trânsito — dis-se no microfone preso ao pescoço. Em seguida, chamou o motorista. — A equipe dois viu um helicóptero de jorna-lismo há um minuto. Você viu alguma coisa?

— Não.

— É melhor que ele esteja cuidando do tráfego.

Vamos nos preparar. Sessenta quilos de gelo seco não bas-tam para manter cinco seres humanos refrescados dentro de um furgão de metal num dia quente, especialmente se eles estão vestindo coletes à prova de bala. Quando Bol-ton levantou os braços, demonstrou que um borrifo de Canoe não é o mesmo que um banho de chuveiro.

Clarice Starling havia costurado ombreiras por den-tro da camisa do uniforme para aliviar o peso do colete de *kevlar,* que ela esperava fosse à prova de bala. O colete tinha o peso adicional de uma placa de cerâmica nas cos-tas e uma na frente.

Experiências trágicas haviam ensinado o valor da placa nas costas. Conduzir uma batida com uma equipe que você não conhece, formada por pessoas com vários níveis de treinamento, é um empreendimento perigoso. O

fogo dos seus companheiros pode despedaçar sua coluna quando você entra na frente de um grupo novato e apavo-rado.

A três quilômetros do rio o terceiro furgão parou para deixar a equipe de incursão do DEA junto ao barco de pesca, e o furgão de apoio diminuiu a velocidade, man-tendo uma distância discreta atrás do veículo branco e dis-farçado.

A aparência do bairro ia piorando. Um terço das construções tinha portas e janelas com tábuas pregadas, e havia carros incendiados sobre caixotes junto ao meio-fio.

Rapazes encostavam-se nas esquinas diante de bares e pe-quenos mercados. Crianças brincavam ao redor de col-chões pegando fogo na calçada.

Se havia segurança de Evelda na rua, estava bem disfarçada entre as pessoas do local. Ao redor das lojas de bebida e nos estacionamentos das mercearias, homens conversavam dentro de carros.

Um Impala conversível com amortecedores especi-ais, ocupado por quatro afro-americanos, entrou no tráfe-go e seguiu atrás do furgão. Os ocupantes faziam as rodas dianteiras do veículo saltarem acima do pavimento, mos-trando-se para as garotas pelas quais passavam, e o baru-lho do som do carro fazia zumbir a lataria do furgão.

Olhando pelo vidro unidirecional da janela de trás, Starling podia ver que os rapazes no conversível não eram ameaça — um bonde dos Crips é quase sempre um sedã

poderoso, grande, ou um furgão, suficientemente velho para se fundir à vizinhança, com as janelas de trás indo até

a parte de baixo. Leva uma equipe de três, algumas vezes quatro homens. Um time de basquete num Buick pode parecer sinistro se você não mantiver a mente na linha.

Enquanto esperavam que o sinal abrisse, Brigham tirou a cobertura do visor do periscópio e deu um tapa no joelho de Bolton.

— Olhe e veja se há alguma celebridade local na calçada — disse ele.

A lente objetiva do periscópio escondia-se num ventilador de teto. Só dava para ver dos lados.

Bolton fez um giro completo e parou, esfregando os olhos.

— Esse negócio sacode muito com o motor ligado.

Brigham comunicou-se pelo rádio com a equipe do barco.

— Quatrocentos metros rio abaixo, e se aproxi-mando — repetiu ele para sua equipe no furgão.

O furgão encontrou um sinal vermelho um quartei-rão depois, na Parcel Street, e ficou na frente do mercado pelo que pareceu um longo tempo. O motorista se virou como se estivesse olhando o espelho da direita e falou pe-lo canto da boca com Brigham.

— Parece que não há muita gente comprando pei-xe. Lá vamos nós.

O sinal abriu às 2: 57 da tarde, exatamente três mi-nutos antes da hora H. O velho furgão disfarçado parou diante do mercado de peixes Feliciana, num bom lugar junto ao meio-fio.

Na parte de trás, o grupo ouviu o barulho da catra-ca quando o motorista puxou o freio de mão.

Brigham cedeu o periscópio a Starling.

— Dê uma olhada.

Starling girou o periscópio pela frente do prédio.

Mesas e balcões de peixe no gelo brilhavam debaixo de um toldo de lona sobre a calçada. Os vermelhos dos pes-queiros da Carolina estavam arrumados artisticamente em cardumes sobre o gelo picado, caranguejos mexiam as pernas em caixotes abertos, e lagostas subiam umas sobre as outras num tanque. O peixeiro esperto havia borrifado água sobre os olhos dos peixes maiores, para mantê-los brilhantes até a chegada da horda de donas de casa caribe-nhas que vinham farejar e espiar.

A luz do sol fazia um arco-íris nos respingos de á-gua da mesa de limpar peixes do lado de fora, onde um homem de aparência latina, com antebraços enormes, cor-tava um tubarão azul com golpes graciosos de sua faca encurvada e lavava o

peixe enorme com uma mangueira potente. A água sangrenta corria pela sarjeta e Starling po-dia ouvi-la passando sob o furgão.

Starling observou enquanto o motorista falava com o peixeiro, fazia uma pergunta. O peixeiro olhou para o relógio, deu de ombros, apontou para uma lanchonete. O

motorista ficou olhando o mercado durante um minuto, acendeu um cigarro e saiu na direção do café.

Uma caixa de som no mercado tocava *La Macarena*, suficientemente alto para que Starling ouvisse com clareza no furgão; nunca mais na vida ela suportaria aquela músi-ca.

A porta que interessava ficava à direita, uma porta dupla de metal, engastada também em metal e com um degrau de concreto.

Starling estava para largar o periscópio quando a porta se abriu. Um homem branco e grande saiu, vestido com camisa havaiana e sandálias. Trazia uma sacola atra-vessada no peito. A outra mão estava atrás da sacola. Um negro magro saiu atrás dele carregando uma capa de chu-va.

— Atenção — disse Starling.

Atrás dos dois homens, com seu longo pescoço de Nefertiti e o rosto bonito visível acima dos ombros deles, saiu Evelda Drumgo.

— Evelda está saindo atrás de dois sujeitos, parece que os dois estão armados — disse Starling, que não con-seguiu se afastar do periscópio suficientemente rápido pa-ra impedir que Brigham esbarrasse nela. Starling colocou o capacete.

Brigham estava falando no rádio:

— Força Um para todas as unidades. Hora de agir.

Hora de agir. Ela está saindo por este lado, nós estamos indo.

— Vamos derrubá-los com o máximo de silêncio possível — disse Brigham. Em seguida destravou o revól-ver. — O barco vai chegar em trinta segundos, vamos lá.

Starling a primeira a saltar, as tranças de Evelda vo-ando quando girou a cabeça na direção dela. Starling consciente dos homens ao seu lado, armas apontadas, gri-tando:

— Para o chão, para o chão!

Evelda se adiantando no meio dos dois homens.

Evelda estava carregando um bebê num suporte pendurado ao pescoço.

— Esperem, esperem, não quero encrenca — disse ela aos homens que estavam ao seu lado. — Esperem, esperem. — Ela se adiantou, postura régia, estendendo o bebê na frente do corpo ao máximo que o suporte permi-tia, com a manta pendurada por cima.

Dê-lhe um lugar aonde ir. Starling colocou a arma no coldre pelo tato, estendeu os braços, mãos abertas.

— Evelda! Desista. Venha para cá.

Atrás de Starling, o rugido de um grande motor V-8

e o guincho de pneus. Ela não podia girar. *Que seja o pessoal de apoio.* Evelda ignorando-a, andando na direção de Bri-gham, a manta do bebê flutuou enquanto a MAC 10 dis-parava por trás, e Brigham caiu, o visor do capacete cheio de sangue.

O homem branco e grande largou a sacola. Burke viu a metralhadora dele e disparou um sopro de pó de chumbo inofensivo do cartucho Avon que estava em sua espingarda. Em seguida engatilhou de novo, mas não a tempo. O grandalhão disparou uma rajada, cortando-o na altura da virilha, abaixo do colete, girando na direção de Starling enquanto ela sacava e disparava duas vezes no meio de sua camisa havaiana antes que ele pudesse atirar.

Tiros atrás de Starling. O negro magro deixou cair a capa de chuva de cima de sua arma e voltou para o prédio, enquanto um golpe parecendo um punho nas costas im-pulsionava Starling para a frente, arrancando-lhe o fôlego.

Ela girou e viu a nave de guerra dos Crips na rua, um sedã

Cadillac, janelas abertas, dois atiradores montados em esti-lo cheyenne nas janelas do outro lado, disparando por ci-ma do veículo, e um terceiro no banco de trás. Fogo e fumaça saindo de três canos, balas atravessando o ar ao redor. Starling mergulhou entre dois carros estacionados, viu Burke sacudindo-se na rua. Brigham estava imóvel, uma poça esparramando-se de seu capacete. Hare e Bol-ton disparavam por entre veículos em algum lugar no ou-tro lado da rua, onde vidro de carro virava pó batendo no chão e um pneu explodiu quando o fogo automático do Cadillac os obrigou a se abaixar. Com um dos pés na sar-jeta cheia d'água, Starling esticou a cabeça para olhar.

Dois atiradores sentados nas janelas disparando por cima do teto do carro, o motorista atirando com uma pis-tola na mão livre. Um quarto homem no banco de trás tinha aberto a porta e estava puxando Evelda com o bebê.

Ela carregava a sacola. Estavam disparando contra Bolton e Hare do outro lado da rua. Saiu fumaça dos pneus tra-seiros do Cadillac e o carro começou a se afastar. Starling se levantou, girando junto com o veículo, e atirou na têm-pora do motorista. Disparou duas vezes contra o atirador que se sentava na janela da frente e ele caiu de costas. Sol-tou o pente da 45 e colocou outro antes que o vazio ba-tesse no chão, sem afastar os olhos do veículo.

O Cadillac foi raspando uma fileira de carros do outro lado da rua e parou com um guincho ao lado deles.

Agora Starling caminhava na direção do Cadillac.

Ainda havia um atirador sentado na janela de trás, os o-lhos arregalados e as mãos empurrando o teto do carro, o peito comprimido entre o Cadillac e um veículo estacio-nado. Sua arma escorregou do teto. Mãos vazias aparece-ram na janela traseira mais próxima. Um homem com um lenço azul na cabeça saiu com as mãos para o alto e cor-reu. Starling ignorou-o.

Tiros da direita e o que corria caiu para a frente, de cara, e tentou se arrastar para debaixo de um carro. Lâmi-nas de helicóptero estrondeando acima dela.

Alguém gritando no mercado de peixe:

— Fiquem abaixados, fiquem abaixados.

Pessoas debaixo dos balcões e água na mesa de limpar peixes, abandonada,

jorrando para o alto.

Starling avançando para o Cadillac. Movimento na parte de trás do carro. Movimento no Cadillac. O carro balançando, o bebê gritando lá dentro. Tiros de metralha-dora e a janela de trás despedaçou-se e caiu para dentro.

Starling estendeu a mão e gritou sem se virar.

— PAREM. Cessar fogo. Vigiem a porta. Atrás de mim. Vigiem a porta da peixaria.

“Evelda. — Movimento na parte de trás do carro.

O bebê gritando lá dentro. — Evelda, ponha as mãos pela janela.

Agora Evelda Drumgo estava saindo. O bebê grita-va. *La Macarena* martelava nos alto-falantes do mercado de peixe. Evelda estava fora do carro e caminhava na direção de Starling, a bela cabeça abaixada, os braços envolvendo o bebê.

Burke retorcia-se no chão entre eles. Tremores me-nores, agora que ele sangrara quase completamente. *La Macarena* estremecia junto com Burke. Alguém chegou até

ele arrastando-se e, deitado ao lado, pressionou o ferimen-to.

Starling estava com a arma apontada para o chão, na frente de Evelda.

— Evelda, mostre as mãos, ande, por favor, mostre as mãos.

Um volume na manta. Evelda, com suas tranças e olhos escuros de egípcia, levantou a cabeça e olhou para Starling.

— Ora, é você, Starling.

— Evelda, não faça isso. Pense no bebê.

— Vamos trocar líquidos corporais, sua puta.

A manta flutuou, golpeada pelo ar. Starling deu um tiro que atravessou o lábio superior de Evelda Drumgo, e a parte de trás de sua cabeça explodiu para fora.

Por algum motivo, Starling estava sentando-se no chão, com uma pontada terrível na lateral da cabeça, sem fôlego. Evelda também se sentava no chão, desmoronada sobre as próprias pernas, o sangue jorrando da boca e so-bre o menino, cujos gritos soavam abafados junto ao cor-po dela. Starling arrastou-se até lá e tentou abrir as fivelas escorregadias do suporte do bebê. Em seguida, tirou a faca de mola do sutiã de Evelda, abriu-a sem olhar e cor-tou as correias. O bebê estava escorregadio e vermelho, difícil de segurar.

Starling pegou-o e ergueu os olhos, angustiada. Po-dia ver a água jorrando no ar no mercado de peixe, e cor-reu até lá carregando a criança ensangüentada. Jogou para longe as facas e as entranhas de peixe e colocou a criança na tábua de cortar e apontou para ela o jato forte da man-gueira, aquela criança morena deitada sobre uma tábua de corte, branca, em meio às facas e às entranhas de peixe e com a cabeça de tubarão ao lado, sendo lavada de sangue HIV positivo, com o sangue de Starling caindo sobre ela, sendo lavado junto com o sangue de Evelda numa torren-te única tão salgada quanto o mar.

Água voando, um arco-íris que zombava da Pro-messa de Deus em meio às gotículas, bandeira brilhante sobre a obra de seu martelo cego. Starling não podia ver qualquer buraco naquele menino. Nos alto-falantes, *La Macarena* martelando, uma luz estroboscópica aparecendo intermitente até que Hare afastou o fotógrafo para longe.

CAPÍTULO

2

UM BECO SEM SAÍDA num bairro de classe trabalhadora em Arlington, Virgínia, pouco depois da meia-noite. O ar se move inquieto diante de uma frente fria. No cheiro de terra molhada e folhas, um grilo toca uma canção. Fica quieto quando uma vibração forte o alcança, o estrondo abafado de um Mustang 5. 0 com escapamentos de aço entrando no beco, seguido por um carro da polícia federal.

Os dois carros param na entrada de veículos de um belo dúplex. O Mustang estremece um pouco em ponto morto.

Quando o motor silencia, o grilo espera um momento e retoma sua canção, a ultima antes da geada, a última de sua vida.

Um oficial de justiça federal, uniformizado, sai do banco do motorista do Mustang. Ele contorna o carro e abre a porta do passageiro para Clarice Starling. Ela sai.

Uma faixa de cabeça segura um curativo acima de seu ou-vido. Iodo vermelho-alaranjado mancha seu pescoço aci-ma do jaleco verde de hospital, que ela usa em vez de uma camisa.

Ela carrega seus objetos pessoais numa bolsa plásti-ca com zíper — umas balas de hortelã e chaves, sua iden-tificação como agente especial do FBI, um carregador contendo cinco pentes de munição, um pequeno frasco de gás Mace. Além da bolsa ela carrega um cinto e um coldre vazio.

O oficial entrega-lhe as chaves do carro.

— Obrigada, Bobby.

— Quer que eu e Pharon fiquemos um pouco com você? Ou prefere que eu chame Sandra? Ela está me espe-rando. Posso trazê-la daqui a pouco, se precisar de com-panhia...

— Não, vou entrar agora. Daqui a pouco Ardelia chega em casa. Obrigada, Bobby.

O oficial entra no veículo onde seu parceiro está

esperando, e quando vê Starling segura dentro de casa, o carro federal parte.

A lavanderia da casa de Starling está quente e cheira a amaciante de roupas. As mangueiras da máquina de lavar e da secadora são presas com braçadeiras de plástico nor-malmente usadas como algemas. Starling coloca seus obje-tos pessoais em cima da máquina de lavar. As chaves do carro fazem um barulho alto na tampa de metal. Ela tira um monte de roupa da máquina de lavar e enfia na seca-dora. Tira as calças do uniforme e joga na lavadora junto com o jaleco verde do hospital, o sutiã manchado de san-gue, e liga a máquina. Está usando meias, calcinha e um 38

especial com percursor blindado num coldre de tornozelo.

Há hematomas lívidos nas suas costas, nas costelas, e uma abrasão no cotovelo.

O olho e a bochecha do lado direito estão inchados.

A máquina de lavar está esquentando e começa a chacoalhar. Starling enrola-se numa grande toalha de praia e vai arrastando os pés até a sala de estar. Volta com cinco centímetros de Jack Daniels num copo. Senta-se no tapete de borracha diante da máquina de lavar e se encosta nela, no escuro, enquanto a máquina quente chacoalha e borbu-lha. Fica ali no chão, com o rosto virado para cima, e solta alguns soluços secos antes que as lágrimas cheguem. Lá-grimas escaldantes na bochecha, descendo pelo rosto.

O namorado de Ardelia Mapp trouxe-a para casa mais ou menos à meia-noite e quinze, depois de um longo passeio vindo de Cape May, e ela se despediu dele na por-ta. Mapp estava no seu banheiro quando ouviu a água cor-rendo, o barulho nos canos à medida que a máquina de lavar avançava em seu ciclo.

Foi até a parte de trás da casa e acendeu as luzes da cozinha que dividia com Starling. Dava para ver dentro da lavanderia. Dava para ver Starling sentada no chão, com a bandagem na cabeça.

— *Starling! Ah,* menina. — Ajoelhando-se rapida-mente ao lado dela. — O que foi?

— Levei um tiro na orelha, Ardelia. Eles deram um jeito, no Hospital Water Reed. Não acenda a luz, certo?

— Certo. Vou preparar alguma coisa para você. Eu não ouvi... nós estávamos escutando uma fita no carro...

conte.

— John está morto, Ardelia.

— *Não o Johnny Brigham!* — Tanto Mapp quanto Starling tinham tido paixonites por Brigham quando ele era instrutor de tiro na Academia do FBI. Elas haviam tentado ler a tatuagem dele através da manga da camisa.

Starling confirmou com a cabeça e enxugou os o-lhos com as costas da mão, como uma criança.

— Evelda Drumgo e uns Crips. Evelda atirou nele.

Pegaram Burke também, Marquez Burke, do BATE Nós fomos todos juntos. Evelda foi informada antes e o pes-soal da TV chegou lá na mesma hora em que nós. Eu pe-guei Evelda. Ela não quis se entregar, Ardelia. Não quis se entregar e estava segurando um bebê. Nós atiramos uma na outra. Ela está morta.

Mapp jamais tinha visto Starling chorar antes.

— Ardelia, hoje eu matei cinco pessoas.

Mapp sentou-se no chão ao lado de Starling e pas-sou o braço ao redor dela. Juntas encostaram-se na má-quina de lavar que continuava funcionando.

— E o bebê de Evelda?

— Lavei o sangue dele, não tinha nenhum ferimen-to na pele, que eu pudesse ver. O hospital disse que fisi-camente ele está bem. Vão entregá-lo à mãe de Evelda dentro de alguns dias. Sabe qual foi a última coisa que E-velda me disse, Ardelia? Ela disse: “Vamos trocar líquidos corporais, sua puta.”

— Deixe eu preparar alguma coisa para você.

— O quê? — perguntou Starling.

CAPÍTULO

3

COM O CINZA da madrugada chegaram os jornais e os primeiros noticiários de TV Mapp veio com alguns boli-nhos quando ouviu Starling andando pela casa, e as duas assistiram juntas.

A CNN e as outras redes de TV haviam comprado o filme da câmera do helicóptero da WFUL-TV. Eram imagens extraordinárias, tomadas diretamente de cima.

Starling assistiu uma vez. Tinha de ver que Evelda havia atirado antes. Olhou para Mapp e viu raiva no rosto marrom da outra. Em seguida, Starling correu para vomi-tar. — Isso é duro de ver — disse Starling quando vol-tou, com pernas trêmulas e pálida.

Como sempre, Mapp foi imediatamente ao ponto.

— A sua pergunta *é:* como eu me sinto por você ter matado aquela mulher afro-americana que estava seguran-do aquele bebê? Esta é a resposta: ela atirou primeiro.

Quero que você fique viva. Mas Starling, pense em quem está fazendo esta política insana aqui. Que tipo de imbecil colocou você e Evelda Drumgo juntas naquele lugar la-mentável para vocês resolverem juntas o problema das drogas usando umas porcarias de armas? O que há de in-teligente nisso? Espero que você pense se quer continuar sendo marionete deles. — Mapp serviu um pouco de chá

como pontuação. — Quer que eu fique com você? Eu tiro um dia de folga.

— Obrigada. Não precisa fazer isso. Telefone para mim.

O *National Tattler,* principal beneficiário da expan-são dos tablóides escandalosos nos anos 90, publicou uma edição extra que foi extraordinária até mesmo para os pa-drões dele. Alguém jogou-o contra a casa no meio da ma-nhã. Starling encontrou-o quando foi investigar a origem do barulho. Estava esperando o pior, e recebeu:

"ANJO DA MORTE: CLARICE STARLING, A

MÁQUINA DE MATAR DO FBI", gritava a manchete do *National Tattler* em letras Railroad Gothic, corpo 72. As três fotos da primeira página eram: Clarice Starling uni-formizada disparando uma pistola calibre 45 numa com-petição, Evelda Drumgo curvada sobre seu bebê na rua, a cabeça inclinada como de uma Madona de Cimabue, com o cérebro explodido, e Starling de novo, colocando um bebê nu e marrom sobre uma tábua de cortar branca, no meio de facas, entranhas de peixe e a cabeça de um tuba-rão.

A legenda no meio das fotos dizia: *"A agente especial do FBI Clarice Starling, que matou o assassino serial Jame Gumb, acrescenta pelo menos cinco marcas em sua arma. Uma mãe com um bebê no colo e dois policiais estão entre os mortos depois de uma bati- da atabalhoada contra um antro de drogas."*

A matéria principal cobria as carreiras de Evelda e Dijon Drumgo como traficantes, e o surgimento da gan-gue Crip na paisagem despedaçada pela

guerra em Wa-shington, D. C. Havia uma breve menção ao serviço mili-tar do falecido policial John Brigham, e suas condecora- ções foram citadas.

Starling mereceu toda uma coluna lateral, debaixo de uma foto ingênua em que ela aparecia num restaurante, usando vestido decotado, o rosto alegre.

Clarice Starling, agente especial do FBI, teve seus quinze minutos de fama quando matou a tiros o assassino serial Jame Gumb, o "Búfalo Bill", no porão da casa dele, há sete anos. Agora ela pode enfrentar acusações interdepartamentais e um processo civil pela morte, na quinta-feira, de uma mãe de Washington acusada de fabricar anfetaminas ilegais. (Ver matéria principal na página 1)

"Este pode ser o fim da carreira dela", disse uma fonte do Bureau de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo, agência co-irmã do FBI. "Não sabemos todos os detalhes de como isso aconteceu, mas John Brigham deveria estar vivo. Esta é a última coisa que o FBI precisa depois de Ruby Ridge", disse a fonte, que não quis ser identi- ficada.

A carreira pitoresca de Clarice Starling começou pouco de- pois de ela entrar para a Academia do FBI. Formada com honras em psicologia e criminologia pela Universidade da Virgínia, foi de- signada para entrevistar o louco assassino Dr. Hannibal Lecter, apelidado por este jornal de "Hannibal, o Canibal", e com ele obteve informações importantes na busca de Jame Gumb e no resgate de sua refém, Catherine Martin, filha da ex-senadora pelo Tennessee.

A agente Starling foi campeã de tiros com pistola de combate durante três anos, antes de se retirar das competições. Ironicamente, o policial Brigham, que morreu ao lado dela, foi instrutor de armas de fogo em Quantico enquanto Starling estudou lá, e foi seu treinador nas competições.

Como disse um porta-voz do FBI, a agente Starling será re- tirada dos serviços de campo, sob licença remunerada, durante a in- vestigação interna por parte do FBI. No final desta semana deve acontecer uma audiência no Departamento de Responsabilidade Pro- fissional, a temível inquisição do FBI.

Parentes da falecida Evelda Drumgo disseram que abrirão um processo civil por perdas e danos contra o governo dos Estados Unidos, e contra Starling pessoalmente. O filho de Drumgo, de três meses, visto nos braços da mãe nas imagens dramáticas do tiroteio, não se feriu.

O advogado Telford Higgins, que defendeu a família Drum- go em vários processos criminais, alegou que a arma da agente especi- al Starling uma pistola Colt 45 semi-automática e modificada, não era aprovada para o uso no trabalho policial na cidade de Washing- ton. "É um instrumento mortal e perigoso, inadequado para o uso no trabalho policial", disse Higgins. "Seu simples uso constitui um risco imprudente contra a vida humana", observou o advogado.

O *Tattler* tinha comprado o número de telefone de Clarice Starling com um dos informantes dela e ficou li-gando ininterruptamente até ela tirar o aparelho do gan-cho e ser obrigada a usar seu celular do FBI para falar com o escritório.

A dor na orelha e no lado inchado do rosto não era muito forte desde que ela não tocasse no curativo. Pelo menos não latejava. Dois comprimidos de Tylenol ajuda-vam. Ela não precisou do Percocet que o médico tinha prescrito. Cochilou encostada na cabeceira, o *Washington Post* caindo do lençol para o chão, com resíduo de pólvora nas mãos, lágrimas secas rígidas nas bochechas.

CAPÍTULO

4

Você se apaixona pelo Bureau, mas o Bureau não se apaixona por você.

— DITADO DO SERVIÇO DE APOIO AO DESLIGAMENTO

DO FBI

A ACADEMIA DE GINÁSTICA DO FBI, no edifício J. Edgar Hoover, estava quase vazia de manhã cedo. Dois homens de meia-idade corriam devagar na pista interna. O barulho de um aparelho de musculação num canto mais distante e os gritos e impactos de um jogo de *squash* ecoavam no salão.

As vozes dos dois corredores não se projetavam muito. Jack Crawford corria com o diretor Tunberry, do FBI, a pedido deste. Tinham passado dos três quilômetros e estavam começando a bufar.

— Blaylock, da ATF, teve de ir às pressas para Wa-co. O negócio não vai acontecer agora, mas ele está aca-bado e sabe disso — falou o diretor. — Ele poderia muito bem notificar ao reverendo Moon a liberação do imóvel.

— O fato de o Bureau de Álcool, Tabaco e Armas de Fo-go alugar um espaço em Washington com o reverendo Sun Myung Moon é fonte de diversão para o FBI. — E

Farriday foi para Ruby Ridge.

— Não consigo entender isso — disse Crawford.

Ele tinha servido em Nova York com Farriday nos anos 70, quando a Máfia fazia piquetes diante do escritório de campo do FBI na Terceira Avenida com a 69. — Farriday é um bom homem. Não foi ele quem determinou as re-gras de engajamento.

— Foi o que eu disse a ele ontem de manhã.

— Ele vai sair sem fazer alarde? — perguntou Crawford.

— Digamos apenas que ele vai manter seus benefí-cios. É uma época perigosa, Jack.

Os dois homens estavam correndo com a cabeça inclinada para trás. O ritmo acelerou um pouquinho. Com o canto do olho, Crawford viu o diretor avaliando sua condição física.

— Você tem quantos anos, Jack? Cinqüenta e seis?

— É.

— Mais um ano para a aposentadoria obrigatória.

Um monte de caras saem aos quarenta e oito, cinqüenta, enquanto ainda podem arranjar emprego. Você nunca quis isso. Quis se manter ocupado depois da morte de Bella.

Quando Crawford não respondeu durante meia

volta, o diretor viu que tinha falado o que não devia.

— Não quero ser superficial com relação a isso, Jack. Doreen estava dizendo um dia desses: quanto...

— Ainda há algumas coisas para serem feitas em Quantico. Queremos melhorar o PACV na Internet, para que qualquer policial possa usá-lo, você viu isso no orça-mento.

— Algum dia você quis ser diretor, Jack?

— Nunca pensei que esse fosse o meu tipo de ser-viço.

— Não é, Jack. Você não faz o gênero político.

Nunca poderia ter sido diretor. Você nunca poderia ter sido um Eisenhower, Jack, ou um Omar Bradley. — O

diretor Tunberry fez um gesto para que Crawford parasse, e os dois ficaram ofegando ao lado da pista. — Mas você

poderia ter sido um Patton, Jack. Você é capaz de guiá-los através do inferno e ao mesmo tempo fazer com que o amem. É um dom que eu não tenho. Preciso forçá-los. —

Tunberry olhou rapidamente ao redor, pegou sua toalha num banco e colocou-a sobre os ombros como a vesti-menta de um juiz. Seus olhos estavam brilhantes.

Algumas pessoas precisam entrar em contato com a própria raiva para ser fortes, refletiu Crawford enquanto observava os movimentos labiais de Tunberry.

— Na questão da falecida Sra. Drumgo com sua MAC 10 e seu laboratório de anfetamina, morta enquanto segurava o bebê: a fiscalização judiciária quer um bode expiatório. Carne fresca, balindo. E a mídia também. O

DEA precisa jogar alguma carne para eles. O BATF preci-sa jogar alguma carne para eles. E nós também precisa-mos. Mas no nosso caso eles podem se satisfazer com carne de segunda. Krendler acha que podemos entregar Clarice Starling e eles vão nos deixar em paz. Eu concor-do. O BATF e o DEA assumem a culpa por planejar a batida. Starling puxou o gatilho.

— Contra uma assassina de policial que atirou pri-meiro contra ela.

— São as imagens, Jack. Você não entende, não é?

O público não viu Evelda Drumgo atirar em John Bri-gham. Não viu Evelda atirar primeiro contra Starling. Vo-cê não vê se não souber para o que está olhando. Duzen-tos milhões de pessoas, um décimo das quais votam, vi-ram Evelda Drumgo sentada na rua, numa postura prote-tora sobre o bebê, com o cérebro explodido. Não diga, Jack; eu sei que durante um tempo você pensou que Star- ling seria sua protegida. Mas ela tem a língua afiada, e co-meçou errado com algumas pessoas...

— Krendler é um escroto.

— Escute o que estou dizendo e não diga nada até

eu terminar. De qualquer modo a carreira de Starling esta-va acabando. Ela receberá uma dispensa administrativa sem prejuízo, a papelada não parecerá pior do que se fosse por tempo de serviço. Ela conseguirá arranjar um empre-go. Jack, você fez uma coisa fantástica no FBI, a Divisão de Ciência do Comportamento. Um monte de gente acha que se tivesse posto seus interesses um pouquinho na frente, seria muito mais do que chefe de seção, que você

merece muito mais. Serei o primeiro a dizer isso. Jack, vo-cê vai se aposentar como subdiretor. Eu lhe garanto.

— Quer dizer, se eu ficar de fora disso?

— No curso normal dos acontecimentos, Jack.

Com paz em todo o reino, é isto que acontecerá. Jack, o-lhe para mim.

— Sim, diretor Tunberry.

— Não estou pedindo, estou dando uma ordem di-reta. Fique fora disso. Não desperdice tudo, Jack. Algumas vezes você só precisa virar o rosto. Eu já fiz isso. Escute, sei que é difícil, acredite que sei como você se sente.

— Como me sinto? Eu sinto que preciso de um banho de chuveiro.

CAPÍTULO

5

STARLING ERA UMA dona de casa eficiente, mas não meti-culosa. O seu lado do dúplex era limpo e ela conseguia encontrar tudo, mas as coisas tendiam a se empilhar —roupa lavada e não separada, mais revistas do que lugares para colocá-las. Era uma magnífica passadora de roupas de última hora, e não precisava se embonecar, de modo que dava para o gasto.

Quando queria ordem, atravessava a cozinha com-partilhada para o lado do dúplex ocupado por Ardelia Mapp. Se Ardelia estivesse lá, Starling recebia o beneficio de seus conselhos, que eram sempre úteis, ainda que algu-mas vezes mais duros de ouvir do que ela desejava. Se Ar-delia não estivesse, era implícito que Starling poderia sen-tar-se na ordem absoluta da moradia de Mapp para pen-sar, desde que não *deixasse* coisa alguma. E hoje ela estava ali. Numa daquelas residências que sempre contêm sua ocupante, quer ela esteja lá ou não.

Starling ficou sentada olhando para a apólice de se-guro de vida da avó de Mapp, pendurada na parede numa moldura feita à mão, como esteve na casa da fazenda onde a avó tinha trabalhado e no apartamento dos Mapp, num conjunto residencial durante a infância de Ardelia. Sua avó

vendia legumes e flores e havia economizado os tostões para pagar os prêmios, e conseguiu pegar dinheiro em-prestado usando a garantia da apólice para ajudar Ardelia no trecho final de sua passagem pela faculdade. Também havia uma foto da velha minúscula, sem fazer qualquer tentativa de sorrir acima da gola branca e engomada, um conhecimento ancestral brilhando nos olhos negros de-baixo da aba do chapéu de palhinha.

Ardelia sentia o seu passado, encontrava força nele todos os dias. Agora Starling procurava a sua, tentava se reestruturar. O Lar Luterano em Bozeman a alimentou e vestiu, e lhe deu um modelo decente de comportamento, mas para aquilo de que precisava agora tinha de consultar seu sangue.

O que você possui quando vem de uma família branca e pobre? E de um lugar onde a Reconstrução só

terminou na década de 1950? Se você descende de pessoas citadas nos *campi* universitários como caipiras ou, com condescendência, como proletários ou apalachianos bran-cos e pobres? Se até mesmo a nobreza insegura do Sul, que não via qualquer dignidade no trabalho físico, refere-se ao seu pessoal como pés-rapados, em que tradição você

encontra um exemplo? Dizendo que nós fizemos com que eles se cagassem na primeira batalha em Buli Run? Que o bisavô agiu bem em Vickysburg, que um recanto em Shi-loh é para sempre Yazoo City?

Há muita honra e mais senso em ter obtido sucesso com o que restou, fazendo alguma coisa com os míseros dezesseis hectares e uma mula enlameada, mas você preci-sa ser capaz de ver isso. Ninguém irá lhe dizer.

Starling havia obtido sucesso no treinamento para o FBI porque não tinha para onde voltar. Tinha sobrevivido a maior parte da vida em instituições, respeitando-as e jo-gando duro, segundo as regras. Sempre progrediu, conse-guiu a bolsa, entrou para a equipe. Seu fracasso em pro-gredir no FBI depois de um início brilhante era uma expe-riência nova e medonha para ela. Ficava batendo contra o teto de vidro da burocracia como uma abelha numa garra-fa.

Teve quatro dias para chorar por John Brigham, morto diante de seus olhos. Há muito tempo, John Bri-gham tinha lhe pedido uma coisa e ela disse não. E depois ele perguntou se os dois poderiam ser amigos, e falava sério. Ela disse sim, e falou sério.

Teve de aceitar o fato de que havia matado cinco pessoas no mercado de peixes Feliciana. Repetidamente vislumbrava o Crip com o peito esmagado entre os carros, as mãos em garra sobre o topo do veículo enquanto a ar-ma escorregava para longe.

Uma vez, em busca de alívio, foi ao hospital olhar o bebê de Evelda. A mãe de Evelda estava lá, segurando o neto, preparando-se para levá-lo para casa. Reconheceu Starling dos jornais, entregou o bebê para a enfermeira e, antes que Starling percebesse o que ela ia fazer, deu-lhe um tapa com força no rosto, no lado onde havia o curati-vo.

Starling não devolveu o tapa, mas apertou a velha contra a janela da ala da maternidade segurando seus pu-nhos com força, até que ela parasse de lutar, o rosto dis-torcido de encontro ao vidro manchado de espuma e cus-pe. Sangue escorria pelo pescoço de Starling e a dor a dei-xava tonta. Costuraram sua orelha de novo na Emergên-cia, e ela recusou-se a dar parte contra a mulher. Uma au-xiliar da Emergência informou ao *Tattler* e ganhou trezen-tos dólares.

Teve de sair mais duas vezes — para fazer os arran-jos finais e comparecer ao enterro de John Brigham no Cemitério Nacional de Arlington. Os parentes de

Brigham eram poucos e distantes, e nos últimos pedidos que tinha deixado por escrito, Brigham designou Starling para cuidar dele.

A extensão dos ferimentos no rosto exigiu um cai-xão fechado, mas ela tinha cuidado o melhor possível de sua aparência. Vestiu-lhe seu perfeito uniforme azul dos fuzileiros, com a estrela de prata e as fitas das outras con-decorações.

Depois da cerimônia, o oficial-comandante de Bri-gham mandou para Starling uma caixa contendo as armas pessoais do policial morto, os distintivos e alguns itens de sua mesa sempre atulhada, inclusive o passarinho do tem-po que bebia num copo.

Em cinco dias Starling enfrentaria uma audiência que poderia arruiná-la. A não ser por uma mensagem de Jack Crawford, seu telefone do trabalho permaneceu mu-do, e não existia mais Brigham para conversar.

Ligou para seu advogado na Associação de Agentes do FBI. O conselho dele foi para não usar brincos com-pridos ou sapatos que mostrassem os dedos dos pés du-rante a audiência. Todos os dias a televisão e os jornais apresentavam a história da morte de Evelda Drumgo, e sacudiam-na como um rato morto.

Ali, na ordem absoluta da casa de Mapp, Starling tentava pensar. O verme que destrói você *é* a tentação de concordar com seus críticos, de obter a aprovação deles.

Um ruído se introduzia.

Starling tentou se lembrar das palavras exatas que tinha dito no furgão camuflado. Teria falado mais do que era necessário? Um ruído se intrometia.

Brigham lhe disse para colocar os outros em dia sobre Evelda. Será que ela exprimiu alguma hostilidade, disse alguma calúnia... Um ruído se intrometia.

Ela voltou a si e percebeu que estava escutando sua campainha na outra porta. Provavelmente um repórter.

Também estava esperando uma ultimação judicial. Puxou para o lado a cortina da janela de Mapp e espiou para ver o carteiro voltando ao seu furgão. Abriu a porta da frente de Mapp e chegou perto dele, virando as costas para o carro da imprensa do outro lado da rua, onde havia uma lente teleobjetiva apontando

enquanto ela assinava a ficha da carta registrada. O envelope era cor de malva, com trama sedosa no fino papel de linho. Distraída como esta-va, aquilo fez com que ela se lembrasse de alguma coisa.

Voltando para dentro, longe do clarão do dia, olhou para o endereço. Uma letra elegante.

Acima do zumbido constante de medo na mente de Starling, soou um alerta. Ela sentiu a pele da barriga es-tremecer como se alguma coisa fria tivesse pingado por dentro da blusa.

Pegou o envelope pelos cantos e levou-o para a co-zinha. Da bolsa tirou as luvas brancas de coleta de provas, eternamente presentes. Apertou o envelope contra a su-perfície dura da mesa da cozinha e tateou-o cuidadosa-mente. Apesar de o papel ser grosso, ela teria detectado o volume de uma bateria de relógio pronta para disparar uma folha de C-4. Sabia que deveria levá-lo a um fluoros-cópio. Se abrisse, poderia ter encrencas. Encrencas. Certo.

Dane-se.

Abriu o envelope com uma faca de cozinha e tirou a folha de papel sedoso. Soube de imediato, antes de olhar a assinatura, quem lhe escrevera.

Cara Clarice,

Venho seguindo com entusiasmo o curso de sua desgraça e de sua vergonha pública. A minha jamais me incomodou, a não ser pela inconveniência de ser encarcerado, mas talvez você careça da perspectiva.

Em nossas discussões na masmorra, ficou evidente para mim que seu pai, o vigilante noturno morto, tem grande importância em seu sistema de valores. Creio que o seu sucesso em pôr fim à carreira de costureiro de Jame Gumb a agradou mais porque você podia ima- ginar seu pai fazendo aquilo.

Agora você está mal com o FBI. Será que sempre imaginou seu pai à sua frente lá? Será que o imaginou como chefe de seção ou

— ainda melhor do que Jack Crawford— SUBDIRETOR, as- sistindo ao seu progresso com orgulho? E agora você o vê envergonha- do e esmagado pela sua desgraça? Pelo seu fracasso? O final lamen- tável e mesquinho de uma carreira

promissora? Você se vê fazendo as tarefas domésticas às quais sua mãe foi reduzida, depois de os viciados terem enfiado uma bala no seu PAPAI? Hein? Será que seu fracasso irá se refletir neles? Será que as pessoas acreditarão para sempre, de modo equivocado, que seus pais eram escória branca, mo- rando num trailer, no caminho dos tornados? Diga-me sinceramente, agente especial Starling.

Pense nisso um instante antes de prosseguirmos.

Agora vou mostrar uma qualidade que irá lhe ajudar: você

não está cega pelas lágrimas, tem capacidade de entender.

Eis um exercício que você pode considerar útil. Quero que fa- ça isso fisicamente comigo:

Tem uma frigideira de ferro preto? Você ê uma garota das montanhas do Sul, não imagino que não tenha. Coloque-a sobre a mesada cozinha. Acenda a luz.

Mapp havia herdado a frigideira de sua avó e cos-tumava usá-la freqüentemente. Tinha uma superfície preta e vítrea que nenhum sabão jamais tocara. Starling colocou-a à sua frente, sobre a mesa.

Olhe na frigideira, Clarice. Incline-se sobre ela e olhe para baixo. Se era a frigideira de sua mãe, e pode muito bem ser, deve ter entre as moléculas as vibrações de todas as conversas tidas em sua presença. Todas as frases, as pequenas irritações, as revelações mor- tais, os anúncios cabais de desastre, os grunhidos e a poesia do amor.

Sente-se à mesa, Clarice. Olhe a frigideira. Se ela estiver bem curada, é como um poço preto, não é? É como olhar para um poço.

Seu reflexo detalhado não está no fundo, mas paira ali, não é?A luz atrás de você. Ali está você num rosto negro, com uma aura como se seu cabelo estivesse pegando fogo.

Nós somos elaborações de carbono, Clarice. Você, a frigidei- ra e o papai morto e enterrado, tão frio quanto a frigideira. Tudo ainda está lá. Escute. Como eles realmente eram e viviam — seus pais que lutavam tanto. As lembranças concretas, e não as imagens que incham seu coração.

Por que o seu pai não era xerife, unha e carne com o pessoal do tribunal? Por que sua mãe precisava limpar motéis para sustentá- la, mesmo tendo fracassado em manter toda a família junta até você

crescer?

Qual é a sua lembrança mais nítida da cozinha? Não do hospital, da cozinha.

Minha mãe lavando o sangue do chapéu do meu pai.

Qual é a sua melhor lembrança da cozinha?

Meu pai descascando laranjas com seu canivete ve-lho, de ponta quebrada, e passando os gomos para nós.

O seu pai, Clarice, era um guarda noturno. Sua mãe era uma camareira.

Uma grande carreira na polícia federal era esperança sua ou deles? Até que ponto seu pai se curvaria para se ajustar a uma bu- rocracia rançosa? Quantos sacos ele lamberia? Alguma vez você o viu bajular ou puxar saco?

Seus supervisores demonstraram algum valor, Clarice? E

quanto aos seus pais, eles demonstraram algum? Nesse caso, os valo- res são os mesmos?

Olhe para o ferro honesto e me diga. Você fracassou diante de seus familiares mortos? Eles gostariam de que você babasse ovos?

Que visão eles tinham da fortaleza? Você pode ser tão forte quanto quiser.

Você é uma guerreira, Clarice. A inimiga está morta, o bebê

em segurança. Você é uma guerreira.

Os elementos mais estáveis, Clarice, aparecem no meio da tabela periódica, mais ou menos entre o ferro e a prata.

Entre o ferro e a prata. Acho que isso é adequado para você.

Hannibal Lecter.

P.S. Ainda me deve algumas informações, você sabe. Diga se ainda acorda ouvindo os cordeiros. Qualquer domingo desses, coloque um anúncio na coluna de mensagens pessoais da edição nacional do Times, *do* International Herald-Tribune *e do* China Mail.

Enderece a A. A. Aaron, de modo que seja o primeiro, e assine Hannah.

Lendo, Starling ouvia as palavras na mesma voz que tinha zombado dela, atravessando-a, sondando sua vida e a iluminando na ala de segurança máxima do asilo de lou-cos, quando ela teve de trocar com Hannibal Lecter infor-mações de sua vida pelo conhecimento vital que ele tinha a respeito de Búfalo Bill. O som metálico daquela voz ra-ramente utilizada ainda ecoava em seus sonhos.

Havia uma nova teia de aranha no canto do teto da cozinha. Starling ficou olhando para lá enquanto seus pen-samentos desmoronavam. Feliz e lamentando, lamentando e feliz. Feliz pela ajuda, feliz por ter visto um modo de se curar. Feliz e lamentando porque o serviço de redirecio-namento de correspondências do Dr. Lecter em Los An- geles devia estar contratando funcionários baratos. Dessa vez eles tinham usado uma máquina de registro postal.

Jack Crawford ficaria deliciado com a carta, bem como as autoridades do correio e o laboratório.

CAPÍTULO

6

A CÂMARA ONDE Mason passa a vida é silenciosa, mas tem sua própria pulsação suave, o sibilar e o suspiro da máqui-na que lhe dá fôlego. É escura, a não ser pelo brilho do grande aquário, onde uma enguia exótica gira e gira num interminável número oito, com a sombra projetada mo-vendo-se pelo quarto como uma fita.

O cabelo trançado de Mason fica num rolo grosso sobre a concha da máquina de respiração que cobre seu peito em cima da cama elevada. Um equipamento com tubos, como uma flauta de Pã, está suspenso diante dele.

A língua comprida de Mason escorrega para fora entre seus dentes. Ele gira a língua ao redor do último tu-bo e sopra com a pulsação seguinte do respirador.

Instantaneamente, uma voz responde de um alto-falante na parede.

— Sim, senhor?

— O *Tattler.*

O *T* inicial perde-se, mas a voz é profunda e sono-ra, uma voz de rádio.

— Na página um há...

— Não leia para mim. Ponha no monitor. — *O Pe- oM* desapareceram da fala de Mason.

A tela grande de um monitor elevado estala. Seu brilho azul-esverdeado fica cor-de-rosa quando aparece o cabeçalho do *Tattler.*

“ANJO DA MORTE: CLARICE STARLING, A

MÁQUINA DE MATAR DO FBI, lê Mason, em meio a três sugadas lentas do respirador. Ele é capaz de dar um *zoom* nas fotos.

Um de seus braços está fora das cobertas. Ele tem algum movimento na mão. Como um pálido santola, a mão se mexe, mais pelo movimento dos dedos do que pela força do braço devastado. Como Mason não pode virar muito a cabeça para ver, o indicador e o dedo médio tateiam como antenas enquanto o polegar, o anular e o dedo mínimo fazem a mão prosseguir. Ela encontra o controle remoto, com o qual pode procurar detalhes e virar as páginas.

Mason lê devagar. O óculo sobre seu único olho produz um sibilo minúsculo duas vezes por minuto, borri-fando umidade sobre a órbita sem pálpebra, freqüente-mente embaçando as lentes. Ele demora vinte minutos para ler a matéria principal e a coluna do lado.

— Coloque o raio X — disse ao terminar.

Isso demorou um instante. A grande folha de filme de raio X exigia uma mesa de luz para aparecer bem no monitor. Ali estava uma mão humana, aparentemente da-nificada. E ali estava outra radiografia, mostrando a mão e o braço inteiro. Um apontador sobre o raio X mostrava uma fratura antiga no úmero, mais ou menos a meio ca-minho entre o cotovelo e o ombro.

Mason ficou olhando em meio a muitas respira- ções.

— Ponha a carta — disse por fim.

A letra elegante apareceu na tela, absurdamente grande na ampliação.

Cara Clarice, leu Mason, *venho seguindo com entusiasmo o curso de sua desgraça e de sua vergonha pública...* o simples ritmo da voz provocou nele pensamentos antigos que o fizeram girar, fizeram girar sua cama, seu quarto, arrancaram as crostas de seus sonhos indizíveis, fizeram o coração dispa-rar adiante da respiração. A máquina sentiu sua agitação e preencheu os pulmões ainda mais depressa. Ele leu tudo, naquele ritmo doloroso, acima da máquina que se movia, como se cavalgasse. Mason não podia fechar o olho, mas quando terminou de ler, sua mente afastou-se de trás do olho durante um tempo, para pensar. O respirador dimi-nuiu o ritmo. Em seguida ele soprou no tubo.

— Sim, senhor.

— Ligue para o senador Vellmore. Traga-me o fo-ne de ouvido. Desligue o interfone.

Clarice Starling, disse a si mesmo, com a próxima respiração que a máquina lhe permitiu. O nome não tinha consoantes explosivas e ele conseguia dizê-lo bastante bem. Nenhum dos sons se perdeu. Enquanto esperava o telefone, cochilou um momento, com a sombra da enguia arrastando-se sobre o lençol, sobre seu rosto e sobre o cabelo enrolado.

CAPÍTULO

7

BUZZARD’S POINT, O escritório de campo do FBI para Washington e o Distrito de Columbia, tem esse nome —ponto dos abutres — por causa de uma reunião de abutres junto a um hospital da Guerra Civil que existiu na região.

Hoje a reunião é de autoridades de administração intermediária do Departamento de Combate às Drogas, do Bureau de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo e do FBI para discutir o destino de Clarice Starling.

Starling estava sozinha, de pé sobre o tapete grosso da sala de seu chefe. Dava

para ouvir a própria pulsação martelando sob a bandagem ao redor da cabeça. Acima da pulsação escutava as vozes dos homens, abafadas pela porta de vidro fosco de uma sala de reunião contígua.

No vidro está o grande brasão do FBI, entre folhas douradas, com seu lema: “Fidelidade, Bravura, Integrida-de.”

As vozes atrás do brasão subiam e desciam um tan-to passionais; Starling podia ouvir seu nome quando ne-nhuma outra palavra soava clara.

A sala tinha uma bela vista para o Forte McNair, do outro lado da marina, onde os acusados de conspiração para o assassinato de Lincoln foram enforcados.

Starling visualizou fotos de Mary Surratt, passando por seu próprio caixão e subindo ao cadafalso no Forte McNair, parada com a cabeça coberta por um capuz sobre o alçapão, a saia amarra- da nas pernas para impedir uma indecência quando ela caísse em direção ao estalo ruidoso e à escuridão.

Na sala ao lado, Starling ouviu as cadeiras sendo ar-rastadas para trás enquanto os homens se levantavam.

Agora vinham para esta sala. Alguns dos rostos ela reco-nheceu. Meu Deus, ali estava Noonan, o diretor-assistente de toda a Divisão de Investigações.

E ali estava sua nêmese, Paul Krendler, do Depar-tamento de Justiça, com o pescoço comprido e as orelhas redondas no alto da cabeça, como orelhas de hiena. Kren-dler era um carreirista, a eminência parda por trás do se-cretário de Justiça. Desde que ela apanhou o assassino se-rial Búfalo Bill antes dele, num caso célebre sete anos a-trás, Krendler pingava veneno na ficha pessoal dela a cada oportunidade, e vivia sussurrando nos ouvidos da Co-missão de Carreiras.

Nenhum daqueles homens esteve na linha de fogo com ela, deu uma batida com ela, recebeu um tiro junto com ela ou tirou lascas de vidro do cabelo junto com ela.

Os homens não a olharam até que todos olhassem ao mesmo tempo, como uma matilha que volta a atenção subitamente para o aleijado do bando.

— Sente-se, agente Starling. — Seu chefe, o agente especial Clint Pearsall, esfregou o pulso grosso como se o relógio o machucasse.

Sem cruzar o olhar com Starling, ele fez um gesto para uma poltrona diante da janela. Num interrogatório, a poltrona não é o lugar de honra.

Os sete homens continuaram de pé, as silhuetas ne-gras contra as janelas claras. Agora Starling não podia ver seus rostos, mas abaixo do clarão dava para ver as pernas e os pés. Cinco usavam os sapatos de solas grossas prefe-ridos pelos vaselinas do interior que tinham conseguido chegar a Washington. Um par de calçados Thom McAn com solas de borracha e um par de Florsheim rodeavam os sete. No ar um cheiro de graxa de sapato aquecida por pés quentes.

— No caso de você não conhecer todo mundo, a-gente Starling, este é o diretor-assistente Noonan, tenho certeza de que você sabe quem *ele* é; este é John Eldredge, do DEA, Bob Sneed, do BATF, Benny Holcomb é assis-tente do prefeito e Larkin Wainwright é examinador do nosso Departamento de Responsabilidade Profissional —disse Pearsall. — Paul Krendler, você conhece Paul, veio extra-oficialmente, representando o Departamento de Jus-tiça. O fato de Paul estar aqui é um favor para nós, ele está e não está aqui, só para nos ajudar a não nos encren-carmos, se é que está me entendendo.

Starling sabia o que se dizia no serviço: um fiscal do governo é alguém que chega ao campo de batalha depois do final da luta e enfia a baioneta nos feridos.

As cabeças de algumas das silhuetas balançaram, cumprimentando. Os homens esticaram os pescoços e avaliaram a jovem diante da qual estavam reunidos. Du-rante alguns instantes, ninguém falou.

Bob Sneed rompeu o silêncio. Starling lembrava-se dele como o porta-voz do BATF que tinha tentado enco-brir o desastre do caso da Seita Davidiana, em Waco. Ele era chapa de Krendler e também considerado um carrei-rista.

— Agente Starling, você viu a cobertura dada pelos jornais e pela televisão, foi amplamente identificada como a atiradora que matou Evelda Drumgo. Infelizmente, foi meio crucificada.

Starling não respondeu.

— Agente Starling?

— Não tenho nada a ver com o noticiário, Sr. Sne-ed.

— A mulher estava com um bebê no colo, você

pode ver o problema que isso cria.

— Não no colo, num suporte pendurado diante do peito, e os braços e as mãos estavam embaixo, sob uma manta, onde ela guardava a MAC 10.

— Viu o protocolo de autópsia? — perguntou Sne-ed.

— Não.

— Mas jamais negou que foi a pessoa que atirou.

— Acham que eu negaria porque vocês não recupe-raram a bala? — Ela se virou para o chefe do Bureau. —

Sr. Pearsall, esta é uma reunião amigável, certo?

— Totalmente.

— Então por que o Sr. Sneed está usando um mi-crofone? A Divisão de Engenharia parou de fazer esses microfones em prendedores de gravatas há anos, ele está

com um F-Bird no bolso do peito, gravando. Agora nós estamos usando microfones nos escritórios dos colegas?

O rosto de Pearsall ficou vermelho. Se Sneed estava usando microfone, esse era o pior tipo de traição, mas ninguém queria ser ouvido na fita mandando Sneed desli-gá-lo.

— Nós não precisamos de qualquer atitude ou qualquer acusação de sua parte — disse Sneed, pálido de fúria. — Estamos aqui para ajudá-la.

— Ajudar a fazer o quê? A sua agência ligou para este departamento e conseguiu que eu fosse designada para ajudar *vocês* naquela batida. Dei duas chances a Evelda Drumgo para se render. Ela estava segurando uma MAC

10 debaixo da manta do bebê. Ela já tinha atirado em John Brigham. Eu gostaria que ela tivesse se entregado.

Não se entregou. Ela atirou em mim. Eu atirei nela. Ela está morta. Talvez o senhor queira verificar o contador da sua fita agora, Sr. Sneed.

— Você tinha *conhecimento prévio* de que Evelda Drumgo estaria lá? — quis saber Eldredge.

— Conhecimento prévio? O agente Brigham me

disse no furgão, enquanto íamos para lá, que Evelda Drumgo estava preparando drogas num laboratório, com guarda. Ele me designou para enfrentá-la.

— Lembre-se, Brigham está morto — disse Kren-dler. — Bem como Burke, ótimos agentes, os dois. Eles não estão aqui para confirmar ou negar qualquer coisa.

O estômago de Starling se revirou ao ouvir Kren-dler pronunciar o nome de John Brigham.

— Eu não me esqueço de que John Brigham está

morto, Sr. Krendler, e ele *era* um bom agente, e um bom amigo. O fato é que ele pediu que eu lidasse com Evelda.

— Brigham lhe passou essa tarefa, mesmo você e Evelda Drumgo tendo tido um entrevero antes — disse Krendler.

— Qual é, Paul! — disse Clint Pearsall.

— Que entrevero? — perguntou Starling. — Uma prisão pacífica. Ela havia lutado com outros policiais an-tes, em prisões. Ela não lutou comigo quando a prendi antes, e conversamos um pouco; ela era inteligente. Fo-mos educadas uma com a outra. Eu esperava ser capaz de fazer isso de novo.

— Você fez a declaração verbal de que iria “lidar com ela”? — perguntou Sneed.

— Obedeci às minhas instruções.

Holcomb, da prefeitura, e Sneed juntaram as cabe- ças. Sneed repuxou os punhos da camisa.

— Srta. Starling, temos informações do policial Bolton, do DP de Washington, de que você fez declara- ções graves a respeito da Sra. Drumgo no furgão a cami-nho do confronto. Gostaria de comentar isso?

— Segundo as instruções do agente Brigham, ex-pliquei aos outros policiais que Evelda tinha um histórico de violência, que geralmente andava armada e que era so-ropositiva. Disse que lhe daríamos uma chance de se ren-der pacificamente. Pedi ajuda física para dominá-la, caso necessário. Posso dizer que não houve muitos voluntários para o serviço.

Clint Pearsall fez um esforço:

— Depois que o carro dos atiradores da Crip bateu e um criminoso fugiu, você pôde ver o carro balançando e pôde ouvir o bebê chorando dentro do carro?

— Gritando — disse Starling. — Levantei a voz para que todo mundo parasse de atirar e deixei a cobertu-ra.

— Isso vai contra o procedimento — disse Eldred-ge. Starling ignorou-o.

— Eu me aproximei do carro em posição prepara-da, arma esticada, cano baixo. Marquez Burke estava mor-rendo no chão entre nós. Alguém saiu correndo e fez uma compressa nele. Evelda saiu com o bebê. Pedi que ela me mostrasse as mãos, falei algo do tipo “Evelda, não faça isso”.

— Ela atirou, você atirou. Ela caiu imediatamente?

Starling confirmou com a cabeça.

— As pernas dela desmoronaram e ela se sentou na rua, inclinada sobre o bebê. Estava morta.

— Você pegou o bebê e correu para a água. Exibiu preocupação — disse Pearsall.

— Não sei o que exibi. Ele estava coberto de san-gue. Eu não sabia se o bebê era soropositivo ou não, sabia que ela era.

— E pensou que sua bala poderia ter acertado o bebê — disse Krendler.

— Não. Eu sabia onde a bala pegou. Posso falar à

vontade, Sr. Pearsall? Quando ele não a encarou, ela pros-seguiu.

— A batida foi uma confusão medonha. Isso me colocou numa posição em que eu tinha a escolha de mor-rer ou de atirar numa mulher que segurava uma criança.

Eu escolhi, e o que tive de fazer me deixou arrasada. Ati-rei numa mulher carregando uma criança. Os *animais inferi- ores* não fazem isso. Sr. Sneed, talvez o senhor queira veri-ficar a contagem do seu gravador de novo, para ver o ponto em que admito isso. Eu me ressinto tremendamen-te por ter sido colocada naquela posição. Ressinto-me pe-lo modo como me sinto agora. — Ela visualizou Brigham deitado de rosto para o chão na rua, e foi longe demais. —

Ver vocês todos fugirem disso me deixa com o estômago revirado.

— Starling... — Pearsall, angustiado, olhou-a no rosto pela primeira vez.

— Sei que você ainda não teve a chance de redigir seu 302 — disse Larkin Wainwright. — Quando nós revi-sarmos...

— Sim, senhor, eu tive — disse Starling. — Uma cópia está indo para o Departamento de Responsabilidade Profissional. Tenho uma cópia comigo, se os senhores não quiserem esperar. Anotei tudo que vi e que fiz. Veja só, Sr. Smith, o senhor já tinha tudo o tempo todo.

A visão de Starling estava um pouco clara demais, sinal de perigo que ela reconhecia, e conscientemente bai-xou a voz.

— A batida deu errado por alguns motivos. O in-formante do BATF mentiu sobre a localização do bebê

porque ele estava desesperado para que a batida aconte-cesse antes da data do júri de instrução que ele teria de enfrentar em Illinois. E Evelda Drumgo sabia que está-vamos indo. Ela saiu com o dinheiro numa sacola e a dro-ga em outra. Seu *bip* ainda mostrava o número da estação de TV WFUL. Ela recebeu o aviso cinco minutos antes de chegarmos lá. O helicóptero da WFUL chegou lá conos-co. Requisitem uma lista das ligações telefônicas da WFUL e veremos quem vazou a notícia. É alguém cujos interesses são locais, cavalheiros. Se o BATF

tivesse feito o vazamento, como fizeram em Waco, ou se o DEA ti-vesse feito o vazamento, teriam feito isso para a mídia na-cional, e não para a TV local.

Benny Holcomb falou em nome da prefeitura:

— Não há evidência de que qualquer pessoa do governo municipal ou do Departamento de Polícia de Washington tenha deixado vazar alguma coisa.

— Solicitem as listas e verifiquem — disse Starling.

— Você está com o *bip* de Drumgo? — perguntou Pearsall.

— Ele está guardado na sala de propriedades em Quantico.

O *bip* do diretor-assistente Noonan soou. Ele fran-ziu a testa ao olhar o número, pediu licença e saiu da sala.

Minutos depois, convocou Pearsall para juntar-se a ele lá

fora.

Wainwright, Eldredge e Holcomb olharam pela ja-nela para o Forte McNair, com as mãos nos bolsos. Pode-riam muito bem estar esperando numa unidade de trata-mento intensivo. Paul Krendler captou o olhar de Sneed e fez um gesto para que ele se virasse na direção de Starling.

Sneed pôs a mão nas costas da poltrona de Starling e inclinou-se sobre ela.

— Se o seu testemunho numa audiência for que, enquanto estava prestando serviço temporário cedida pelo FBI, sua arma matou Evelda Drumgo, o BATF está pre-parado para assinar uma declaração de que Brigham lhe pediu que prestasse... atenção especial em Evelda para prendê-la pacificamente. Sua arma matou-a, é nesse ponto que o seu serviço vai ter de assumir. Não haverá uma dis-puta entre agências com relação a regras de enfrenta-mento, e não teremos de levar a público qualquer declara- ção comprometedora ou hostil que você tenha feito no furgão, sobre que tipo de pessoa ela era.

Starling viu Evelda Drumgo por um instante, sain-do pela porta, saindo do carro. Viu o porte de sua cabeça e, apesar da tolice e do desperdício da vida de Evelda, viu a decisão que ela tinha tomado de pegar seu filho e en-frentar seus

atormentadores e não fugir daquilo. Starling inclinou-se perto do microfone na gravata de Sneed e dis-se claramente:

— Estou perfeitamente satisfeita em reconhecer o tipo de pessoa que ela era, Sr. Sneed. Ela era melhor do que o senhor.

Pearsall voltou para a sala sem Noonan e fechou a porta.

— O diretor-assistente Noonan voltou para o escri-tório dele. Cavalheiros, peço para interrompermos esta reunião, e entrarei em contato com vocês individualmente pelo telefone.

A cabeça de Krendler levantou-se. Subitamente ele estava alerta ao cheiro de política.

— Precisamos decidir algumas coisas — começou Sneed.

— Não, não precisamos.

— Mas...

— Acredite, Bob, não precisamos decidir coisa al-guma. Eu entro em contato com você. Ah, Bob?

— Sim?

Pearsall agarrou o fio atrás da gravata de Sneed e puxou para baixo com força, fazendo estalar os botões da camisa dele e arrancando fita adesiva de sua pele.

— Se vier se encontrar de novo comigo com um microfone, enfio o pé na sua bunda.

Nenhum deles olhou para Starling, enquanto saíam, a não ser Krendler.

Indo em direção à porta, deslizando os pés para não ter de olhar para onde ia, ele usou a articulação ex-trema de seu pescoço comprido para virar o rosto em di-reção a ela, como uma hiena faria junto de um rebanho, tentando espiar um candidato. Fomes misturadas atraves-saram seu rosto; era da natureza de Krendler apreciar a perna de Starling e ao mesmo tempo ver onde poderia cortar o tendão-de-aquiles.

CAPÍTULO

8

A DIVISÃO DE CIÊNCIA DO COMPORTAMENTO é a seção do FBI que trata dos assassinatos em série. Nos seus escri-tórios no porão o ar é frio e imóvel. Nos últimos anos os decoradores, com suas paletas de cor, tentaram alegrar o espaço subterrâneo. O resultado não é mais bem-sucedido do que os cosméticos de uma funerária.

O escritório do chefe da seção permanece com o marrom e o castanho originais, com as cortinas de xadrez cor de café nas janelas altas. Ali, rodeado por seus dossiês infernais, Jack Crawford estava sentado e escrevendo em sua mesa.

Uma batida e Crawford ergueu a cabeça para uma visão que lhe agradava — Clarice Starling estava na porta.

Crawford sorriu e levantou-se. Ele e Starling cos-tumavam conversar de pé; era uma das formalidades táci-tas que haviam imposto ao seu relacionamento. Os dois não precisavam se apertar as mãos.

— Ouvi dizer que você foi ao hospital — disse Starling. — Uma pena termos nos desencontrado.

— Fiquei feliz porque deixaram você sair tão de-pressa. Conte como está sua orelha, está bem?

— Está ótima se você gosta de couve-flor. Eles dis-seram que vai desinchar, a maior parte. — A orelha de Starling estava coberta pelo cabelo. Ela não se ofereceu para mostrar.

Um pequeno silêncio.

— Eles estavam colocando em mim toda a culpa pela batida, Sr. Crawford, pela morte de Evelda Drumgo, por tudo. Pareciam hienas, e de repente o negócio parou e eles foram embora. Alguma coisa os tirou de lá.

— Talvez você tenha um anjo, Starling.

— Talvez. O que isso lhe custou, Sr. Crawford?

Crawford balançou a cabeça.

— Feche a porta, por favor, Starling. — Crawford encontrou um lenço de papel embolado no bolso e lim-pou os óculos. — Eu teria feito isso, se pudesse. Sozinho não tinha como. Se a senadora Martin ainda estivesse no cargo, você teria alguma cobertura... Eles desperdiçaram o John Brigham naquela batida; simplesmente jogaram-no fora. Teria sido uma vergonha se tivessem desperdiçado você como desperdiçaram John. Eu me senti como se es-tivesse empilhando você e John em cima de um jipe.

As bochechas de Crawford ficaram vermelhas, e ela se lembrou do rosto dele no vento cortante junto à sepul-tura de John Brigham. Crawford jamais falou com ela so-bre a guerra que ele travava.

— O senhor fez *alguma coisa,* Sr. Crawford. Ele as-sentiu.

— Fiz alguma coisa. Não sei até que ponto você vai ficar satisfeita. É um serviço.

Um serviço. *Serviço* era uma boa palavra no dicioná-rio particular dos dois. Significava uma tarefa específica e imediata e limpava o ar. Eles jamais falavam, se fosse pos-sível, sobre a complicada burocracia central do FBI. Craw-ford e Starling eram como missionários médicos, com pouca paciência para teologia. Cada um se concentrava muito no único bebê que tinha à frente, sabendo e não dizendo que Deus não faria coisa alguma para ajudar. Que Ele não se incomodaria em mandar chuva nem para que cinqüenta mil crianças africanas vivessem.

— Indiretamente, Starling, seu benfeitor é seu mis-sivista recente.

— O Dr. Lecter. — Há muito tempo ela tinha per-cebido o desgosto de Crawford em ouvir o nome pronun-ciado.

— Sim, o próprio. Durante todo esse tempo ele es-capou de nós, saiu limpo e escreveu uma carta para você.

Por quê?

Fazia sete anos desde que o Dr. Hannibal Lecter, conhecido assassino de dez pessoas, escapara da custódia policial em Memphis, tirando mais cinco vidas

nesse pro-cesso.

Era como se Lecter tivesse desaparecido da terra. O

caso permanecia em aberto no FBI, e permaneceria em aberto para sempre, ou até que ele fosse apanhado. O

mesmo se aplicava no Tennessee e em outras jurisdições, mas não havia qualquer força-tarefa designada para perse-gui-lo, apesar de parentes de suas vítimas terem chorado lágrimas furiosas diante da Assembléia Legislativa do Tennessee e exigido ação.

Volumes inteiros de conjecturas eruditas sobre sua mentalidade estavam disponíveis, a maioria escrita por psicólogos que jamais tinham sido expostos ao doutor pessoalmente. Alguns textos de psiquiatras que ele havia espicaçado foram publicados em jornais da classe, que aparentemente achavam que agora era seguro divulgá-los.

Alguns disseram que suas aberrações iriam levá-lo inevita-velmente ao suicídio, e que era provável que ele já estives-se morto.

Pelo menos no ciberespaço o interesse pelo Dr.

Lecter permanecia bastante vivo. O chão úmido da Inter-net fazia brotar teorias sobre Lecter como se fossem co-gumelos, e os avistamentos do doutor se rivalizavam em número com os de Elvis. Impostores empesteavam as sa-las de *chat,* e no pântano fosforescente do lado escuro da rede, fotografias policiais de seus ultrajes eram traficadas para colecionadores de *souvenires* odiosos. Em popularida-de só perdiam para a execução de Fou-Tchou-Li.

Só havia um sinal do doutor depois de sete anos —sua carta a Clarice Starling quando ela estava sendo cruci-ficada pelos tablóides de escândalos.

A carta não tinha impressões digitais, mas o FBI es-tava com bastante certeza de que era genuína. Clarice Star-ling tinha certeza absoluta.

— Por que ele fez isso, Starling? — Crawford pare-cia quase com raiva dela. — Eu nunca fingi entendê-lo mais do que aqueles psiquiatras idiotas. Diga-me você.

— Ele achou que o que tinha acontecido comigo i-ria... me destruir, iria *me desiludir* com relação ao Bureau, e ele gosta de ver a destruição da fé. É o que lhe dá mais prazer. É como os desmoronamentos de igreja que ele costumava colecionar. A pilha de entulho na Itália quando a igreja desmoronou sobre todas as avós naquela missa especial e alguém enfiou uma árvore de Natal em cima da pilha. Ele adorou aquilo. Eu o divirto, ele brinca comigo.

Quando eu o estava entrevistando ele gostava de apontar furos na minha educação. Ele acha que sou bastante ingê-nua.

Crawford falou a partir de sua própria idade e de seu isolamento quando disse:

— Já imaginou que ele poderia gostar de você, Star-ling?

— Acho que eu o divirto. As coisas o divertem ou não. Se não...

— Alguma vez você *sentiu* que ele gostava de você?

— Crawford insistia na distinção entre pensamento e sen-timento como um batista insiste no mergulho total.

— Conhecendo-me por muito pouco tempo, ele

disse algumas coisas verdadeiras a meu respeito. Acho que é fácil confundir compreensão com simpatia; já que que-remos tanto a simpatia. Talvez aprender a fazer essa dis-tinção seja parte do crescimento. É duro e medonho saber que alguém pode entender você mesmo sem gostar.

Quando a gente vê a compreensão usada como a ferra-menta de um predador, é o pior. Eu... eu não tenho idéia do que o Dr. Lecter sente por mim.

— Que tipo de coisa ele lhe disse? Se é que você

não se importa em contar.

— Disse que eu era uma caipirazinha ambiciosa e agitada, e que meus olhos brilhavam como pedras baratas.

Disse que eu usava sapatos baratos, mas que eu tinha al-gum gosto, um pouquinho de gosto.

— Isso impressionou você como sendo verdadei-ro?

— É. Talvez ainda seja. Melhorei meus sapatos.

— Starling, acha que Lecter poderia estar interessa-do em ver se você iria entregá-lo quando ele mandou uma carta de encorajamento?

— Ele sabia que eu iria entregá-lo, é melhor que saiba disso.

— Ele matou seis pessoas depois de ser condena-do. Ele matou Miggs no manicômio por ter jogado sêmen no seu rosto, e mais cinco pessoas ao fugir. No clima polí-tico atual, se o doutor for apanhado, vai receber pena de morte. — Crawford sorriu ante o pensamento. Ele fora pioneiro no estudo do assassinato em série. Agora estava diante da aposentadoria compulsória, e o monstro que mais o desafiara continuava livre. A perspectiva da morte do Dr. Lecter o agradava enormemente.

Starling sabia que Crawford havia mencionado o ato de Miggs para atrair sua atenção, para levá-la de volta àqueles dias terríveis em que estava tentando interrogar Hannibal, o Canibal, na masmorra do Manicômio Judiciá-rio de Baltimore. Na época em que Lecter brincava com ela enquanto uma garota se encolhia no poço de Jame Gumb, esperando para morrer. Geralmente Crawford procurava atrair sua atenção quando estava chegando ao ponto, como fazia agora.

— Você sabia, Starling, que uma das primeiras ví-timas do Dr. Lecter ainda está viva?

— O rico. A família ofereceu uma recompensa.

— Sim, Mason Verger. Ele está atrelado a um apa-relho de respiração em Maryland. Seu pai morreu este ano e lhe deixou a fortuna dos frigoríficos. Além disso, o ve-lho Verger deixou para Mason um senador dos Estados Unidos e um membro do Comitê de Supervisão Judiciária do Senado, que simplesmente não conseguia resolver as coisas sem ele. Mason diz que tem uma coisa que pode nos ajudar a encontrar o doutor. Ele quer falar com você.

— *Comigo?*

— Você. É isso que Mason quer, e de repente todo mundo concorda em que é

realmente uma boa idéia.

— Isso é o que Mason quer, depois de o senhor ter sugerido a ele?

— Eles iam jogá-la para escanteio, Starling, iam limpar o chão com você como se fosse um trapo. Você

teria sido desperdiçada como John Brigham. Só para sal-var alguns burocratas do BATE Medo. Pressão. É só isso que eles entendem agora. Fiz alguém telefonar para Mason e dizer a ele como ficaria difícil a caçada a Lecter se você

fosse posta para escanteio. Qualquer outra coisa que tenha acontecido, para quem Mason possa ter ligado depois dis-so, não quero saber. Provavelmente para o senador Vell-more.

Há um ano Crawford não teria jogado desse modo.

Starling procurou no rosto dele algum traço da loucura que algumas vezes surge em pessoas que vão se aposentar em breve. Não viu, mas ele parecia cansado.

— Mason não é bonito, Starling, e não estou falan-do apenas do rosto. Descubra o que ele tem. Traga para cá, e nós trabalharemos com isso. Finalmente.

Starling sabia que durante anos, desde que tinha se formado na Academia do FBI, Crawford estava tentando trazê-la para a Divisão de Ciência do Comportamento.

Agora que era veterana do Bureau, veterana de muitas tarefas laterais, dava para ver que seu triunfo inicial ao pegar o assassino em série Jame Gumb teve uma parce-la na destruição de sua carreira no Bureau. Ela era uma estrela em ascensão que atravancava o caminho. No pro-cesso de pegar Gumb, tinha feito pelo menos um inimigo poderoso e provocou o ciúme de vários de seus contem-porâneos do sexo masculino. Isso, e um certo tempera-mento do contra, resultou em anos dando batidas, atuan-do em esquadrões investigando assaltos a banco, e anos efetuando prisões, vendo Newark do outro lado do cano de uma espingarda. Por fim, considerada irascível demais para trabalhar com grupos, ela era uma agente técnica, grampeando telefones e carros de gângsteres e de gente que divulgava pornografia infantil, mantendo vigilâncias solitárias ouvindo os resultados dos grampos. E vivia sen-do emprestada, quando outra agência precisava de uma ajuda confiável numa batida. Ela era forte, rápida e cuida-dosa

com a arma.

Crawford viu isso como uma chance para Starling.

Presumiu que ela sempre quisera caçar Lecter. A verdade era mais complicada do que isso.

Agora Crawford a estava estudando.

— Você nunca tirou essa pólvora da bochecha.

Grãos de pólvora queimada do revólver do falecido Jame Gumb marcavam seu malar com um ponto negro.

— Nunca tive tempo.

— Sabe como os franceses chamam uma pinta,

uma *mouche,* assim no alto da bochecha? Sabe o que isso significa? — Crawford tinha uma biblioteca considerável sobre tatuagem, simbologia corporal, mutilações rituais.

Starling balançou a cabeça.

— Eles chamam isso de “coragem”. Você pode u-sar essa. Se eu fosse você, não tiraria.

CAPÍTULO

9

HÁ UMA BELEZA enfeitiçante em Muskrat Farm, a mansão da família Verger perto do rio Susquehanna, no norte de Maryland. A dinastia dos donos de frigorífico comprou-a na década de 1930, quando vieram de Chicago para estar mais próximo de Washington, e podiam se dar a esse luxo.

A perspicácia comercial e política permitira que os Verger ganhassem os contratos para fornecer carne ao exército americano desde a Guerra Civil.

O escândalo da “carne embalsamada” na Guerra Hispano-americana mal tocou os Verger. Quando Upton Sinclair e os caçadores de corruptos investigaram as

con-dições perigosas dos frigoríficos de Chicago, descobriram que vários empregados dos Verger tinham caído inadver-tidamente dentro da banha de porco, sido enlatados e vendidos como pura banha Durhams, predileta dos padeiros. A culpa não recaiu sobre os Verger. A questão não lhes custou sequer um contrato com o governo.

Os Verger evitavam esses embaraços potenciais e muitos outros subornando políticos — seu único contra-tempo foi a aprovação da lei de inspeção de carnes em 1906.

Hoje os Verger abatem 86 mil cabeças de gado por dia, e aproximadamente 36 mil porcos, um número que varia ligeiramente de acordo com a estação do ano.

Os gramados recém-cortados de Muskrat Farm, o tumulto dos lilases ao vento, não cheiravam de modo al-gum a curral de gado. Os únicos animais são pôneis para as crianças que visitam o lugar, e diver-tidos bandos de gansos pastando nos gramados, com os traseiros balançando, cabeças baixas junto à grama. Não há cães. A casa, o celeiro e os terrenos ao redor estão pró-ximos do centro de seis milhas quadradas de floresta na-cional, e permanecerão assim perpetuamente, com per-missão especial garantida pelo Departamento do Interior.

Como muitos enclaves dos excessivamente ricos, Muskrat Farm não é fácil de encontrar na primeira vez em que se vai lá. Clarice Starling pegou um acesso errado, na via expressa. Voltando pela estrada secundária, encontrou primeiro a entrada de serviço, um grande portão trancado com corrente e cadeado na cerca alta que envolvia a flo-resta. Para além do portão, uma estrada de terra desaparecia sob as árvores em arco. Não havia interfone. Três qui-lômetros adiante, ela encontrou a guarita, uns cem metros depois de uma bela entrada de veículos. O guarda unifor-mizado tinha o nome dela na prancheta.

Mais três quilômetros de um caminho bem cuidado levaram-na à fazenda.

Starling parou seu Mustang trovejante para deixar um bando de gansos atravessar o caminho. Pôde ver uma fila de crianças montadas em gordos pôneis Shetland sa-indo de um belo celeiro a quatrocentos metros da casa. A construção principal diante dela era uma Stanford White

— mansão cheia de estilo, acomodada elegantemente en-tre morros baixos. O lugar parecia sólido e fecundo, pro-víncia de sonos agradáveis. Aquilo atraía Starling.

Os Verger tiveram o bom senso de deixar a casa como era, com a exceção de um único acréscimo, que Starling ainda não podia ver, uma ala moderna que se projeta da elevação leste como um membro extra grudado num grotesco experimento médico.

Starling estacionou abaixo de uma varanda central.

Quando o motor foi desligado, pôde ouvir a própria respi-ração. No espelho viu alguém chegando a cavalo. Agora os cascos ressoavam no calçamento ao lado do carro en-quanto ela saía.

Uma figura de ombros largos, com cabelos curtos e louros desceu da sela e entregou as rédeas a um cocheiro sem olhar para ele.

— Leve-o de volta — disse a figura numa voz pro-funda e áspera. — Eu sou Margot Verger. — Numa ins-peção mais próxima, era uma mulher estendendo a mão, com o braço esticado na altura do ombro. Sem dúvida, Margot Verger fazia musculação. Abaixo do pescoço no-doso, os ombros enormes e os braços faziam esticar o tecido da camisa de tênis. Seus olhos tinham um brilho seco e pareciam irritados, como se ela sofresse de uma escassez de lágrimas. Usava calças de montaria, de sarja, e botas sem esporas.

— Que carro é esse? — perguntou ela. — Um ve-lho Mustang?

— É um 88.

— De cinco litros? A suspensão parece meio rebai-xada.

— É. É um Mustang Roush.

— Você gosta dele?

— Muito.

— Quanto ele faz?

— Não sei. O bastante, acho.

— Você tem medo dele?

— Respeito. Eu diria que uso com respeito.

— Você sabia a respeito desse carro, ou simples-mente comprou?

— Eu sabia o bastante para comprar num leilão de material confiscado de traficantes, quando vi o que era.

Mais tarde, fiquei sabendo mais.

— Você acha que ele venceria o meu Porsche?

— Depende de que Porsche. Srta. Verger, preciso falar com seu irmão.

— Vão terminar de limpá-lo nuns cinco minutos.

Nós podemos começar lá em cima. — As calças de sarja faziam ruído nas coxas grandes de Margot Verger enquan-to ela subia a escada. Seu cabelo que parecia de milho re-cuara o suficiente para fazer Starling se perguntar se ela tomava esteróides e se tinha de prender o clitóris com fita adesiva.

Para Starling, que tinha passado a maior parte da in-fância num orfanato luterano, a casa parecia um museu com seus vastos espaços e as traves pintadas, e as paredes cheias de retratos de pessoas mortas e de aparência impor-tante. Nos patamares havia peças de esmaltado chinês e longas passadeiras marroquinas seguiam pelos corredores.

Há uma mudança abrupta de estilo na nova ala da mansão Verger. A moderna estrutura funcional é alcança-da através de portas duplas de vidro fosco, incongruentes no corredor em abóbada.

Margot Verger parou junto à porta. Encarou Star-ling com seu olhar brilhante, irritado.

— Algumas pessoas têm problema para falar com Mason — disse ela. — Se isso incomodá-la, ou se você

não suportar, mais tarde posso colocá-la a par de qualquer coisa que tenha esquecido de perguntar a ele.

Há uma emoção comum que todos reconhecemos

e que ainda não tem nome — a antecipação feliz de ser capaz de sentir desprezo. Starling viu-a no rosto de Mar-got Verger. Tudo que falou foi:

— Obrigada.

Para surpresa de Starling, o primeiro cômodo na ala era uma sala de brinquedos grande e bem equipada. Duas crianças negras brincavam em meio a enormes animais de pelúcia, uma montada num carrinho elétrico e a outra em-purrando um caminhão. Havia uma variedade de triciclos e carrinhos estacionados nos cantos, e o centro era uma área ampla com o chão acolchoado.

Num dos cantos da sala de brinquedos, um homem alto com uniforme de enfermeiro estava sentado num sofá

de dois lugares lendo a *Vogue*. Havia uma quantidade de câmeras de vídeo nas paredes, algumas no alto, outras ao nível do olhar. Uma câmera alta no canto acompanhava Starling e Margot Verger, com as lentes girando para foca-lizar.

Starling tinha passado do ponto em que a visão de uma criança de pele escura partia seu coração, mas teve uma consciência aguçada daquelas crianças. Sua atividade alegre com os brinquedos era agradável de ver, enquanto ela e Margot Verger atravessavam a sala.

— Mason gosta de olhar as crianças — disse Mar-got Verger. — Elas ficam apavoradas em vê-lo, a não ser as menorezinhas, de modo que ele faz a coisa assim. De-pois elas vão andar de pôneis. São crianças que estão sob os cuidados da assistência social de Baltimore.

O quarto de Mason Verger só pode ser alcançado passando-se pelo seu banheiro, uma instalação digna de um *spa*, que ocupa toda a largura da ala. Tem aparência institucional, todo de aço, cromo e tapete industrial, com boxes de chuveiro de portas largas, banheiras de aço ino-xidável com equipamentos de içamento acima, mangueiras laranja enroladas, saunas e vastos armários de vidro com ungüentos da farmácia de Santa Maria Novella, em Flo-rença. Q ar no banheiro ainda estava cheio de vapor, do uso recente, e os cheiros de bálsamo e gualtéria pairavam no ar.

Starling podia ver luz debaixo da porta da câmara de Mason Verger. A luz se apagou assim que a irmã dele tocou na maçaneta.

Uma área de estar no canto da câmara de Mason Verger era fortemente iluminada por cima. Uma reprodu- ção passável de *The Ancient of Days,* de William Blake, esta-va pendurada acima do sofá — Deus medindo com seus calibres. A pintura estava envolta em pano preto para co-memorar o falecimento recente do patriarca dos Verger.

O resto do cômodo permanecia no escuro.

Da escuridão vinha o som de uma máquina traba-lhando ritmicamente, suspirando a cada golpe.

— Boa tarde, agente Starling — uma voz sonora, mecanicamente amplificada.

— Boa tarde, Sr. Verger — disse Starling para a es-curidão, sentindo a luz quente acima da cabeça. A tarde estava em algum outro lugar. A tarde não estava ali.

— Faça o favor de sentar-se. — O *f* fricativo *de faça* tinha sido perdido. *Terei de fazer isso. Agora está bem. Agora é*

o que tem de ser.

— Sr. Verger, a discussão que teremos se caracteri-za como um depoimento e precisarei gravá-la. Tudo bem para o senhor?

— Certamente. — A voz vinha por entre os suspi-ros do aparelho, e o *t* sibilante não soava na palavra. —

Margot, acho que pode nos deixar agora.

Sem olhar para Starling, Margot Verger saiu num sussurro da calça de montaria.

— Sr. Verger, eu gostaria de prender este microfo-ne à sua... roupa, ou ao seu travesseiro, se o senhor não se incomodar, ou posso chamar uma enfermeira para fazer isso, se preferir.

— De modo algum — disse ele, sem o *m.* Em se-guida esperou a energia da próxima exalação mecânica. —

Você mesma pode fazer, agente Starling. Estou aqui.

Não havia interruptores de luz que Starling pudesse encontrar de imediato. Ela pensou que enxergaria melhor não tendo o clarão nos olhos, e foi para o escuro, esten-dendo uma das mãos, em direção ao cheiro de gualtéria e bálsamo.

Estava mais perto da cama do que pensava quando ele acendeu a luz. O rosto de Starling não mudou. Sua mão segurando o microfone com prendedor recuou brus-camente, talvez dois centímetros.

Seu primeiro pensamento foi separar as sensações no peito e na barriga; era a observação de que as anomali-as na fala dele resultavam da ausência total de lábios. Seu segundo pensamento foi a percepção de que ele não era cego. Seu único olho azul encarava-a através de uma espé-cie de monóculo que tinha um tubo para manter o olho úmido, já que não possuía pálpebra. Quanto ao resto, há

anos cirurgiões tinham feito o possível com enxertos de pele expandida sobre os ossos.

Mason Verger, sem nariz e sem lábios, sem tecido mole sobre o rosto, era todo dentes, como uma criatura do oceano profundíssimo. Habituados como estamos às máscaras, o choque de vê-lo é retardado. O choque vem com o reconhecimento de que aquilo é um rosto humano com uma mente por trás. Aquilo remexe nossas entranhas com o movimento, a articulação do maxilar, a virada do olho para nos encarar. Para ver nosso rosto normal.

O cabelo de Mason Verger é bonito e, estranha-mente, é a coisa mais difícil de se olhar. Preto com tiras de grisalho, é arrumado numa trança suficientemente com-prida para chegar ao chão se estivesse para trás, passando sob o travesseiro. Hoje o cabelo trançado está num rolo comprido sobre o peito, acima do respirador que parece um casco de tartaruga. Cabelo humano abaixo daquela ruína de beleza, as trancas brilhando como escamas su-perpostas.

Debaixo do lençol, o corpo há muito paralisado de Mason Verger estendia-se para o nada sobre a alta cama hospitalar.

Diante de seu rosto ficava o controle que parecia uma flauta de Pã ou uma gaita de plástico claro. Ele enro-lou a língua ao redor de um tubo e soprou com o fôlego seguinte do aparelho de respiração. A cama respondeu com um zumbido, virou-o ligeiramente para encarar Star-ling e aumentou a elevação de sua cabeça.

— Agradeço a Deus pelo que aconteceu — disse Verger. — Foi minha salvação.

Você aceitou Jesus, Srta.

Starling? Você tem fé?

— Fui criada numa atmosfera religiosa, Sr. Verger.

Tenho o que isso deixa com a gente. Agora, se o senhor não se importa, vou prender isto na fronha. Não vai atra-palhar aqui, vai?

A voz de Starling soou rápida demais, como de uma enfermeira, não combinando com ela.

Sua mão ao lado da cabeça dele, a visão das duas carnes juntas, não a ajudou, tampouco a pulsação dele nos vasos sangüíneos esticados sobre os ossos para dar sangue ao rosto; a palpitação regular fazia com que parecessem vermes engolindo.

Aliviada, ela soltou o cabo do microfone e voltou para a mesa, onde estava o gravador e um outro microfo-ne.

— Aqui é a agente especial Clarice M. Starling, FBI número 5143690, tomando depoimento de Mason R.

Verger, número de seguro social 475989823, em sua casa na data carimbada acima, sob juramento e atestado. O Sr.

Verger reconhece que recebeu imunidade com relação a qualquer processo por parte da Promotoria dos Estados Unidos no distrito 36, e das autoridades locais num me-morando anexo, devidamente atestado. Agora, Sr. Ver-ger...

— Quero lhe contar sobre o acampamento — in-terrompeu ele com a exalação seguinte. — Foi uma mara-vilhosa experiência infantil para a qual voltei, em essência.

— Podemos chegar a isso, Sr. Verger, mas pensei que...

— Ah, nós podemos chegar a isso *agora,* Srta. Star-ling. Veja só, tudo tem a ver. Foi como conheci Jesus, e jamais lhe direi alguma coisa mais importante do que isso.

— Ele fez uma pausa para a máquina suspirar. — Foi um acampamento cristão, pelo qual meu pai pagou. Ele pagou pela coisa inteira, todos os cento e vinte e cinco acampa-dos no lago Michigan. Alguns eram desafortunados, e se-riam capazes de fazer qualquer coisa por uma barra de chocolate. Talvez eu tenha me aproveitado disso, talvez tenha sido duro com eles se não aceitassem o chocolate e fizessem o que eu queria. Não estou escondendo coisa alguma, porque agora está tudo bem.

— Sr. Verger, vamos olhar algum material com o mesmo...

Ele não estava escutando, só esperando que a má-quina lhe desse fôlego.

— Eu tenho imunidade, Srta. Starling, e está tudo bem agora. Recebi imunidade de Jesus, recebi imunidade da Promotoria dos Estados Unidos, recebi imunidade da Promotoria de Owing Mills, aleluia. Sou livre, Srta. Star-ling, e agora está tudo bem. Estou certo para com Ele e agora está tudo bem. Ele é o Jesus Ressuscitado e no a-campamento o chamávamos de O Reisus. Ninguém vence o Reisus. Nós tornamos aquilo um negócio contemporâ-neo, sabe, o Reisus. Eu O servi na África, aleluia. Eu O

servi em Chicago, louvado seja Seu nome, e eu O sirvo agora e Ele me levantará desta cama, derrotará meus ini-migos e os trará diante de mim, e ouvirei as lamentações de suas mulheres, e agora está tudo bem. — Ele engasgou com saliva e parou, os vasos sangüíneos na frente de sua cabeça escuros e pulsando.

Starling levantou-se para chamar uma enfermeira, mas a voz dele a impediu antes que ela chegasse à porta.

— Estou bem, agora está tudo bem.

Talvez uma pergunta direta fosse melhor do que tentar guiá-lo.

— Sr. Verger, o senhor tinha visto o Dr. Lecter an-tes de o tribunal designá-lo para ser seu terapeuta? O se-nhor o conhecia socialmente?

— Não.

— Vocês dois faziam parte do conselho da Filar-mônica de Baltimore.

— Não, o meu cargo era apenas porque nós con-tribuíamos financeiramente. Eu

mandava meu advogado quando havia uma votação.

— O senhor jamais fez uma declaração durante o julgamento do Dr. Lecter. — Starling estava aprendendo a dosar o tempo de suas perguntas para que ele tivesse fôle-go para respirar.

— Eles disseram que tinham o bastante para con-dená-lo seis vezes, nove vezes. E ele impediu tudo isso alegando insanidade.

— O tribunal o considerou insano. O Dr. Lecter não alegou coisa alguma.

— Considera essa distinção importante?

Com a pergunta, Starling sentiu pela primeira vez a mente dele, preênsil e aguçada, diferente do vocabulário que usava com ela.

A grande enguia, agora acostumada à luz, levantou-se das pedras do aquário e começou o círculo incansável, uma fita ondulada de marrom, com um belo padrão de manchas irregulares cor creme.

Starling tinha consciência constante dela, movendo-se no canto da visão.

— É uma *Muraena Kidako* — disse Mason. — Há

uma ainda maior em cativeiro em Tóquio. Esta é a segun-da em tamanho. Seu nome comum é Moréia Brutal, gosta-ria de ver por quê?

— Não — disse Starling e virou uma página em su-as anotações. — Então, durante a terapia que fez por or-dem do tribunal, Sr. Verger, o senhor convidou o Dr. Lec-ter à sua casa.

— Agora não tenho mais vergonha. Vou lhe contar praticamente tudo. Eu me livraria daquelas acusações in-fundadas de molestação se cumprisse quinhentas horas de serviço comunitário, trabalhasse no canil e fizesse terapia com o Dr. Lecter. Pensei que se conseguisse envolver o doutor em alguma coisa ele me daria alguma folga na tera-pia e não violaria minha condicional se eu não aparecesse o tempo todo, ou se chegasse meio drogado nas consultas.

— Isso foi quando o senhor tinha a casa de Owings Mills.

— É. Eu havia contado tudo ao Dr. Lecter, sobre a África, sobre Idi, tudo. Disse que mostraria a ele parte do meu material.

— O senhor iria mostrar...

— Minha parafernália. Meus brinquedos. Ali no canto está a pequena guilhotina portátil que eu usei para Idi Amin. Você pode colocá-la na parte de trás de um jipe, ir a qualquer lugar, o povoado mais distante. Montar em quinze minutos. O condenado leva uns dez minutos para montá-la usando um sarilho. Pouco mais se for uma mu-lher ou uma criança. Não tenho vergonha disso, porque estou limpo.

— O Dr. Lecter veio à sua casa.

— Eu o atendi à porta vestindo adereços de couro, você sabe. Para ver se causava alguma reação. Não vi rea- ção nenhuma. Estava preocupado com a possibilidade de ele ter medo de mim, mas ele não parecia ter. *Medo* de mim; agora isso é engraçado. Eu o convidei para o andar de cima. Mostrei a ele. Eu tinha adotado alguns cães do abrigo, dois cães que eram amigos, e deixava os dois jun-tos numa jaula com bastante água, mas sem comida. Esta-va curioso com o que finalmente aconteceria. Mostrei a ele meu equipamento de laço corrediço, você sabe, asfixia auto-erótica, você meio que se enforca, mas não de verda-de, é bom enquanto você... você entende?

— Entendo.

— Bom, ele pareceu não entender. Perguntou co-mo funcionava e eu disse: você é um psiquiatra estranho em não saber disso, e ele disse... e nunca esquecerei do sorriso dele. Ele disse: “mostre”. Eu pensei: *agora peguei você!*

— E você mostrou a ele.

— Não sinto vergonha disso. Nós crescemos com nossos erros. Estou limpo. — Por favor, continue, Sr.

Verger.

— Por isso baixei o nó corrediço na frente do meu espelho grande, coloquei-o no pescoço e fiquei segurando a alavanca de liberação na minha mão, e com a outra fi-quei me masturbando e atento à reação dele, mas não da-va para perceber

coisa alguma. Em geral consigo ler as pessoas. Ele estava sentado numa poltrona no canto do cômodo. Tinha as pernas cruzadas e os dedos trançados sobre o joelho. Em seguida, ele se levantou e enfiou a mão no bolso do paletó, todo elegante, como James Mason pegando um isqueiro, e disse: “Quer um pouco de nitrito de amila?” Eu pensei: *uau! Se ele me der um pouco agora vai ter que dar para sempre, para manter sua licença. Estou feito.* Bom, se você ler o relatório, vai saber que era muito mais do que nitrito de amila.

— Pó-de-anjo com mais algumas anfetaminas e um pouco de ácido — disse Starling.

— E foi *uau* mesmo! Ele foi até o espelho em que eu estava me olhando, chutou a parte de baixo e pegou um estilhaço. Eu estava voando. Ele veio, me deu o peda- ço de vidro e me olhou nos olhos, e sugeriu que talvez eu gostasse de arrancar a pele de meu rosto com ele. Em se-guida soltou os cachorros. Eu os alimentei com meu ros-to. Dizem que demorou muito tempo para tirar tudo. Não lembro. O Dr. Lecter quebrou meu pescoço com o nó da forca. Eles pegaram meu nariz de volta quando abriram o estômago dos cachorros no canil, mas o enxerto não fun-cionou.

Starling demorou mais do que o necessário para ar-rumar os papéis sobre a mesa.

— Sr. Verger, a sua família ofereceu a recompensa depois de o Dr. Lecter ter escapado da prisão em Mem-phis.

— É, um milhão de dólares. Um milhão. Nós a-nunciamos no mundo inteiro.

— E também se ofereceu para pagar por qualquer tipo de informação relevante, não somente pela prisão e a condenação. Vocês deveriam compartilhar essa informa- ção conosco. Já fizeram isso.

— Não exatamente, mas não havia coisa boa para ser compartilhada.

— Como sabe? Vocês seguiram alguma pista?

— Só o bastante para saber que não valiam a pena.

E por que deveríamos... vocês nunca nos contaram coisa alguma. Nós recebemos uma informação de Creta que não valeu nada. E uma do Uruguai que nunca

pudemos confirmar. Quero que entenda. Isto não é vingança, Srta.

Starling. Eu perdoei o Dr. Lecter assim como o nosso Salvador perdoou os soldados romanos.

— Sr. Verger, o senhor deu a entender ao meu de-partamento que poderia ter alguma coisa agora.

— Olhe na gaveta da mesinha de canto.

Starling pegou as luvas de algodão branco em sua bolsa e calçou-as. Na gaveta havia um grande envelope de papel pardo. Era rígido e pesado. Tirou um raio X e o es-tendeu diante da luz forte sobre sua cabeça. O raio X era de uma mão esquerda que parecia ferida. Ela contou os dedos. Quatro mais o polegar.

— Olhe os metacarpos, sabe do que estou falando?

— Sei.

— Conte as articulações.

Cinco articulações. Contando com o polegar, essa pessoa tinha seis dedos na mão esquerda. Como o Dr.

Lecter.

— Como o Dr. Lecter.

O canto onde deveria estar o número e a origem do raio X tinha sido cortado.

— De onde isso veio, Sr. Verger?

— Do Rio de Janeiro. Para descobrir mais, preciso pagar. Muito. Você pode me dizer se *é* o Dr. Lecter. Preci-so saber se devo pagar.

— Tentarei, Sr. Verger. Faremos o máximo. O se-nhor tem o pacote no qual veio o raio X?

— Margot colocou num saco plástico, ela vai lhe dar. Se não se importa, Srta. Starling, estou exausto e pre-ciso de alguns cuidados.

— O senhor receberá notícias de meu departamen-to, Sr. Verger. Starling não saíra há muito tempo do cô-modo quando Mason Verger encostou o dente no tubo da extremidade e disse:

— Cordell?

O enfermeiro que estava na sala de brinquedos en-trou e leu para ele algo de uma pasta onde estava escrito DEPARTAMENTO DE BEM-ESTAR INFANTIL, CIDADE DE

BALTIMORE.

— *Franklin,* não é? Mande *Franklin* entrar— disse Mason e apagou sua luz.

O menininho estava parado sozinho sob a luz forte da área de estar, forçando a vista para a escuridão enorme.

E veio a voz sonora:

— Você é *Franklin.*

— Franklin — disse o garotinho.

— Com quem você mora, *Franklin?*

— Com mamãe, Shirley e Stringbean.

— Stringbean fica lá o tempo todo?

— Ele vem e vai.

— Você disse “ele vem e vai”?

— É.

— Mamãe não é sua mãe de verdade, é, *Franklin?*

— É minha mãe adotiva.

— Não é a primeira mãe adotiva que você teve, é?

— Não.

— Você gosta da sua casa, *Franklin?*

Ele se iluminou.

— Nós temos a Gatinha. Mamãe faz bolinhos no forno.

— Há quanto tempo você está lá, na casa da ma-mãe?

— Não sei.

— Você já fez aniversário lá?

— Uma vez eu fiz. Shirley fez Kool-Aid.

— Você gosta de Kool-Aid?

— De morango.

— Você ama a mamãe e Shirley?

— Amo, hã, e a Gatinha.

— Você quer morar lá? Você se sente seguro

quando vai dormir?

— Hã-hã. Eu durmo no quarto com Shirley. Shirley é uma garota grande.

— *Franklin,* você não pode mais morar lá com mamãe, Shirley e a Gatinha. Você tem de ir embora.

— Quem diz isso?

— O governo. Mamãe perdeu o emprego e a apro-vação como mãe adotiva. A polícia encontrou um cigarro de maconha na sua casa. Você não vai poder mais ver mamãe depois deste fim de semana. Não vai poder mais ver Shirley nem a Gatinha depois deste fim de semana.

— Não — disse Franklin.

— Ou talvez elas só não queiram mais você, *Fran- klin.* Há alguma coisa errada com você? Você tem algum machucado ou alguma coisa feia? Acha que a sua pele é

escura demais para que elas amem você?

Franklin levantou a camisa e olhou para sua barri-guinha marrom. Balançou a cabeça. Estava chorando.

— Você sabe o que vai acontecer com a Gatinha?

Qual é o nome da Gatinha?

— Ela chama ela de Gatinha, é o nome dela.

— Sabe o que vai acontecer com a Gatinha? Os policiais vão levar a Gatinha para o depósito público e o médico de lá vai dar uma injeção nela. Você já recebeu alguma injeção na creche? A enfermeira já deu uma inje- ção em você? Com uma agulha brilhante? Eles vão dar uma injeção na Gatinha. Ela vai ficar muito apavorada quando olhar para a agulha. Eles vão enfiar a agulha e a Gatinha vai sentir dor e morrer.

Franklin pegou a beira da camisa e levantou-a na frente do rosto. Enfiou o polegar na boca, algo que não fazia há um ano, desde que a mamãe lhe pedira.

— Venha aqui — disse a voz vinda do escuro. —

Venha aqui e vou lhe dizer como você pode impedir que a Gatinha receba uma injeção. Você quer que a Gatinha le-ve uma injeção, *Franklin?* Não? Então venha cá, *Franklin.*

Franklin, com os olhos jorrando, chupando o pole-gar, adiantou-se lentamente para o escuro. Quando estava a menos de dois metros da cama, Mason soprou sua gaita e as luzes se acenderam.

Por uma coragem inata, ou pelo desejo de ajudar a Gatinha, ou pelo conhecimento desamparado de que não tinha mais para onde fugir, Franklin não estremeceu, não correu. Ficou firme e olhou para o rosto de Mason.

A sobrancelha de Mason teria se franzido, se ele ti-vesse sobrancelha, diante

desse resultado decepcionante.

— Você pode impedir que a Gatinha leve a injeção se você mesmo der um pouco de veneno de rato para a Gatinha — disse Mason. O *T* não soou, mas Franklin en-tendeu.

Franklin tirou o polegar da boca.

— Você é um bicho-papão mau e velho — disse Franklin. — E é feio também. — Em seguida girou e saiu da câmara, atravessando o corredor cheio de mangueiras enroladas, de volta à sala de brinquedos.

Mason observou-o pelo vídeo. O enfermeiro olhou para o garoto, olhou-o atentamente enquanto fingia ler sua *Vogue*. Franklin não se importava mais com os brin-quedos. Foi sentar-se debaixo da girafa, olhando para a parede. Era tudo o que ele podia fazer para não chupar o polegar.

Cordell observou-o atentamente procurando lágri-mas. Quando viu os ombros do menino sacudindo-se, o enfermeiro foi até ele e enxugou gentilmente as lágrimas com gaze esterilizada. Em seguida, colocou as gazes úmi-das na taça de martíni de Mason, que esfriava na geladeira da sala de brinquedos, ao lado do suco de laranja e das Cocas.

CAPÍTULO

10

NÃO ERA FÁCIL encontrar informações médicas sobre o Dr. Hannibal Lecter. Quando se considera seu absoluto desprezo pela instituição médica e pela maioria dos profis-sionais de medicina, não é surpreendente que ele jamais ti-vesse tido um médico pessoal.

O Manicômio Judiciário de Baltimore, onde o Dr.

Lecter foi mantido até sua desastrosa transferência para Memphis, era agora um prédio depredado esperando a demolição.

A polícia estadual do Tennessee tinha sido a última guardiã do Dr. Lecter antes de sua fuga, mas lá eles afir-maram que jamais tinham recebido seus registros médicos.

Os policiais que o haviam trazido de Baltimore para Memphis, agora falecidos, tinham trazido o prisioneiro, e nenhum registro médico.

Starling passou um dia ao telefone e diante do computador, depois fez uma busca nas salas de depósito de provas em Quantico e no edifício J. Edgar Hoover.

Ficou subindo pela gigantesca sala de provas do Departa-mento de Polícia de Baltimore, empoeirada e fétida, du-rante toda uma manhã, e passou uma tarde enlouquecedo-ra lidando com a coleção Hannibal Lecter, não catalogada, na biblioteca jurídica Fitzhugh Memorial, onde o tempo se imobiliza enquanto os zeladores tentam localizar as cha-ves.

No final ela ficou com uma única folha de papel —o exame físico superficial feito no Dr. Lecter quando ele foi preso pela primeira vez pela polícia estadual de Mar-yland. Não havia qualquer histórico médico anexo.

Inelle Corey tinha sobrevivido à transferência do Manicômio Judiciário de Baltimore e passado para coisas melhores na Comissão Estadual de Hospitais de Mar-yland. Não queria ser entrevistada por Starling em seu es-critório, por isso as duas se encontraram numa cafeteria do térreo.

A prática de Starling era chegar cedo às reuniões e observar de longe o ponto de encontro. Corey foi absolu-tamente pontual. Tinha uns 35 anos, era gorda e pálida, sem maquiagem ou jóias. O cabelo ia quase até a cintura, como ela usava no segundo grau, e calçava sandálias bran-cas com meias para varizes.

Starling pegou pacotinhos de açúcar no balcão e olhou enquanto Corey sentava-se à mesa em que haviam combinado.

Você pode ter a idéia errada de que todos os pro-testantes são parecidos. Não é bem isso. Assim como uma pessoa do Caribe freqüentemente pode identificar uma ilha específica, Starling, criada por luteranos, olhou para sua mulher e disse para si mesma: *Igreja de Cristo, no máximo talvez uma Nazarena.*

Starling tirou suas jóias, uma pulseira simples e um brinco de ouro, e colocou na bolsa. Seu relógio era de plástico, tudo bem. Não podia fazer muita coisa quanto ao resto da aparência.

— Inelle Corey? Quer um pouco de café?— Star-ling estava trazendo dois copos.

— Pronuncia-se *Eynelle*. Eu não bebo café.

— Eu bebo os dois, quer alguma outra coisa? Sou Clarice Starling.

— Não quero nada. Quer me mostrar alguma foto?

— De modo algum — disse Starling. — Srta. Co-rey... posso chamar você de Inelle?

A mulher deu de ombros.

— Inelle, preciso de ajuda numa questão que na verdade não a envolve pessoalmente. Só preciso de orien-tação para encontrar alguns registros do Manicômio Judi-ciário de Baltimore.

Inelle Corey fala com precisão exagerada para ex-primir retidão ou raiva.

— Nós passamos por tudo isso com a Comissão Estadual, na época do fechamento, Srta...

— Starling.

— Srta. Starling. Você descobrirá que nenhum pa-ciente saiu daquele hospital sem uma pasta. Descobrirá

que nenhuma pasta saiu daquele hospital sem ser aprova-da por um supervisor. Quanto aos falecidos, o departa-mento de saúde não precisava das pastas deles, o Bureau de Estatísticas Vitais não queria as pastas deles e, pelo que sei, as pastas mortas, isto é, as pastas dos falecidos, conti-nuaram no hospital de Baltimore depois de meu afasta-mento, e eu fui praticamente a última a sair. O material dos evadidos ia para a Polícia Municipal e o Departamen-to do Xerife.

— Evadidos?

— Isso é quando alguém foge. Algumas vezes os internos fugiam.

— O Dr. Hannibal Lecter seria considerado um evadido? Você acha que os registros dele podem ter ido para a polícia?

— Ele *não* foi um evadido. Ele jamais foi conside-rado evadido de *nossas*

instalações. Ele não estava sob nos- sa custódia quando fugiu. Fui lá embaixo e olhei para o Dr. Lecter uma vez, mostrei-o para minha irmã quando ela esteve aqui com os meninos. Eu me sinto meio malé-vola e fria quando penso nisso. Ele provocou um daqueles outros para jogar um pouco de — ela baixou a voz — porra em cima de nós. Sabe o que é isso?

— Já ouvi a palavra — disse Starling. — Por acaso foi o Sr. Miggs? Ele tinha boa pontaria.

— Afastei isso da minha mente. Lembro de *você*.

Você foi ao hospital e falou com Fred, o Dr. Chilton, e desceu lá naquele porão com Lecter, não foi?

— Foi.

O Dr. Frederick Chilton era diretor do Manicômio Judiciário de Baltimore, que desapareceu enquanto estava de férias depois da fuga do Dr. Lecter.

— Você sabe que Fred desapareceu.

— É, ouvi falar.

A Srta. Corey produziu lágrimas rápidas, brilhantes.

— Ele era meu noivo — disse ela. — Ele sumiu e depois o hospital foi fechado, foi como se o teto tivesse caído em cima de mim. Se eu não tivesse minha igreja, não suportaria.

— Sinto muito. Agora você tem um bom emprego.

— Mas não tenho Fred. Ele era um homem ótimo, ótimo. Nós tínhamos um amor, um amor que não se en-contra todo dia. Ele foi eleito Rapaz do Ano em Canton, quando estava no segundo grau.

— Deixe-me fazer uma pergunta, Inelle. O Dr.

Frederick mantinha os registros na sala dele, ou na recep- ção, onde ficava sua mesa...

— Ficavam nos armários de parede da sala dele, e eram tantos que tínhamos outros arquivos grandes na área de recepção. Estavam sempre trancados, claro. Quando nos mudamos, eles foram colocados temporariamente na clínica de metadona, e um bocado de material ficou circu-lando de um lado para o outro.

— Alguma vez você viu e manuseou o dossiê do Dr. Lecter?

— Claro.

— Lembra de ter visto algum raio X nele? As ra-diografias eram arquivadas junto com os relatórios médi-cos ou separadamente?

— Junto. Eram arquivados juntos. Eles eram maio-res do que as pastas, e isso atrapalhava. Tínhamos um apa-relho de raio X, mas não havia radiologista em tempo in-tegral para manter um arquivo separado. Honestamente, não lembro se havia um raio X no material dele ou não.

Havia uma fita de eletrocardiograma que Fred costumava mostrar às pessoas. O Dr. Lecter, nem quero chamá-lo de *doutor,* estava todo preso no eletrocardiógrafo quando pe-gou aquela pobre enfermeira. Veja bem, foi uma coisa ma-luca. A pulsação dele nem aumentou muito quando atacou a mulher. Ele teve o ombro destroncado quando todos os auxiliares, você sabe, o agarraram e arrancaram de cima dela. Tiveram de fazer um raio X por causa disso. Eles teriam causado muito mais do que um ombro destroncado se eu tivesse alguma coisa a dizer a respeito.

— Se você pensar em algum lugar, em algum lugar em que possa estar o dossiê, você me telefonaria?

— Faremos o que chamamos de busca global —disse a Srta. Corey, saboreando a palavra —, mas não creio que encontraremos alguma coisa. Muito material foi simplesmente abandonado, não por nós, mas pelo pessoal da clínica.

Os copos de café tinham o tipo de borda grossa que faz o líquido escorrer pelos lados. Starling ficou o-lhando Inelle Corey afastar-se pesadamente como se fosse a própria opção do inferno, e tomou meio copo com o lenço enfiado debaixo do queixo.

Starling foi voltando a si. Sabia que estava cansada de alguma coisa. Talvez fosse de besteiras, pior do que de besteiras, talvez da falta de estilo. Da

indiferença às coisas que agradam ao olhar. Talvez ansiasse por um pouco de estilo. Até mesmo um estilo de rainha do esnobismo era melhor do que nada, era uma declaração, quer você qui-sesse ouvi-la ou não.

Examinou-se em busca de esnobismo e decidiu que tinha muito pouca coisa para esnobar. Depois, pensando em estilo, lembrou-se de Evelda Drumgo, que tinha mui-to. Com esse pensamento, outra vez Starling desejou ar-dentemente sair de si mesma.

CAPÍTULO

11

E ASSIM CLARICE STARLING voltou ao lugar onde tudo começou para ela, o Manicômio Judiciário Estadual de Baltimore, agora defunto. O velho prédio marrom, casa da dor, está acorrentado e trancado, cheio de pichações e es-perando os tratores da demolição.

O lugar já vinha afundando há anos antes de seu di-retor, o Dr. Frederick Chilton, desaparecer durante as fé-rias. Revelações subseqüentes de desperdício e má admi-nistração e a decrepitude do prédio logo fizeram com que o legislativo cortasse as verbas. Alguns pacientes foram levados para outras instituições estaduais, alguns morre-ram e outros caminhavam pelas ruas de Baltimore como zumbis da Thorazine num programa mal concebido de ambulatório externo, que levou mais de um deles a morrer congelado.

Esperando na frente do velho prédio, Clarice Star-ling percebeu que tinha esgotado primeiro as outras pos-sibilidades porque não queria voltar a esse local.

O zelador estava 45 minutos atrasado. Era um ho-mem velho e atarracado, usando um dos sapatos com sola de plataforma, barulhento, e um corte de cabelo do Leste europeu que podia ter sido feito em casa. Seu peito chiava enquanto ele ia guiando-a até uma porta lateral, alguns degraus abaixo da calçada. A fechadura tinha sido arran-cada por ladrões, e a porta estava presa com uma corrente e dois cadeados. Havia teias de aranha nos elos da corren-te. O capim que crescia nas rachaduras dos degraus pini- cava os tornozelos de Starling enquanto o zelador procu-rava as chaves. O final de tarde estava com céu pesado, a luz granulosa e sem sombras.

— Não conheço bem esse prédio, só verifico os a-larmes de incêndio — disse o

homem.

— O senhor sabe se há algum papel guardado aqui?

Algum arquivo, algum registro?

Ele deu de ombros.

— Depois do hospital, a Clínica de Metadona ficou aqui alguns meses. Eles colocaram tudo no porão, umas camas, uns lençóis, não sei o que era. Aqui é ruim para minha asma, o mofo, mofo muito ruim. Os colchões nas camas estavam mofados, mofo ruim nas camas. Não dá

para respirar lá embaixo. As escadas são ruins para a mi-nha perna. Eu mostraria para a senhora, mas...?

Starling teria gostado de companhia, mesmo dele, mas o sujeito iria fazer com que ela andasse devagar.

— Agora pode ir. Onde fica a sua sala?

— No final do quarteirão, onde antigamente ficava o departamento de licença para motoristas.

— Se eu não voltar em uma hora... Ele olhou para o relógio.

— Eu devo sair em meia hora. *De jeito nenhum.*

— O que o senhor fará por mim é esperar pelas su-as chaves em sua sala. Se eu não voltar em uma hora, ligue para o número que está neste cartão e mostre para eles aonde eu fui. Se não estiver lá quando eu sair; se tiver fe-chado a sala e ido para casa, informarei pessoalmente ao seu supervisor amanhã de manhã. Além disso... além dis-so, o senhor passará por uma auditoria do imposto de renda e sua situação será revista pelo Bureau de Imigração e... Naturalização. Está entendendo? Eu gostaria de uma resposta, senhor.

— Eu esperaria pela senhora, claro. Não precisa di-zer essas coisas.

— Muito obrigada, senhor.

O zelador pôs as mãos grandes no corrimão para içar-se ao nível da calçada, e Starling ouviu seu passo irre-gular afastar-se até o silêncio. Ela empurrou a porta e en-trou num patamar da escada de incêndio. Janelas altas e gradeadas no poço da escada deixavam entrar a luz cin-zenta. Ela pensou se deveria trancar a porta, e decidiu dar um nó na corrente pelo lado de dentro, de modo que pu-desse abri-la se perdesse a chave.

Nas idas anteriores ao asilo, para entrevistar o Dr.

Hannibal Lecter, ela tinha entrado pela porta principal, e agora demorou um tempo para se orientar.

Subiu a escada de incêndio até o andar principal. As janelas de vidro fosco cortavam a luz do dia, e o cômodo estava em semi-escuridão. Com sua lanterna pesada, Star-ling encontrou um interruptor e acendeu a luz, três lâm-padas ainda funcionando numa luminária quebrada. As extremidades partidas dos fios de telefone estavam sobre a mesa de recepção.

Vândalos com latas de tinta *spray* haviam entrado no prédio. Um falo de três metros de altura, com testícu-los, decorava a parede da sala de recepção, junto com a inscrição: A MÃE DE FARON TOCA PUNHETA EM MIM.

A porta da sala do diretor estava aberta. Starling pa-rou na entrada. Foi ali que ela havia chegado em sua pri-meira tarefa para o FBI, quando ainda estava em treina-mento, ainda acreditava em tudo, ainda pensava que se a pessoa pudesse fazer o serviço, se pudesse resolvê-lo, seria aceita, independentemente de raça, credo, cor, nacionali-dade ou se era ou não gente fina. De tudo isso lhe restava apenas um ponto de fé. Ela acreditava que poderia fazer o serviço.

Ali, Chilton, o diretor do hospital, tinha lhe esten-dido a mão gordurosa e dado em cima dela. Ali ele tinha trocado segredos, espiado e, acreditando ser tão inteligen-te quanto Hannibal Lecter, tomado as decisões que permi-tiram Lecter escapar com um banho de sangue tão grande.

A mesa de Chilton continuava na sala, mas não ha-via cadeira, já que era suficientemente pequena para ser roubada. As gavetas estavam vazias, a não ser por um Al-ka-Seltzer esmagado. Dois arquivos permaneciam na sala.

Tinham fechaduras simples e a ex-agente técnica Starling abriu-as em menos de um minuto. Um sanduíche resseca-do num saco de papel e alguns formulários

para a clínica de metadona estavam na gaveta de baixo, junto com re-frescante bucal e um tubo de tônico capilar, um pente e algumas camisinhas.

Starling pensou no porão do asilo, parecido com uma masmorra, onde o Dr. Lecter tinha vivido durante oito anos. Não queria descer até lá. Podia usar seu celular e pedir uma unidade da polícia municipal para descer com ela. Podia pedir ao escritório de campo de Baltimore para mandar outro agente do FBI com ela. A tarde cinzenta já

ia avançada, e não havia como, mesmo agora, evitar a hora do *rush* em Washington. Se esperasse, seria pior.

Apoiou-se na mesa de Chilton, apesar da poeira, e tentou decidir. Será que realmente achava que poderia ha-ver dossiês no porão, ou será que se sentia atraída ao pri-meiro lugar em que tinha visto Hannibal Lecter?

Se a carreira de Starling no serviço policial tinha lhe ensinado alguma coisa sobre si própria, era o seguinte: ela não buscava emoções, e ficaria feliz se nunca sentisse me-do de novo. Mas *poderia* haver documentos no porão. Ela poderia descobrir isso em minutos.

Dava para lembrar o barulho das portas de segu-rança máxima quando tinha descido lá há anos. Para o caso de alguém fechar uma delas dessa vez, depois que ela passasse, ligou para o escritório de campo de Baltimore, disse onde estava e combinou telefonar de volta dentro de uma hora, para dizer se havia saído.

As luzes estavam funcionando na escada interna, onde há anos Chilton a havia levado até o porão. Ali ele explicara os procedimentos de segurança usados com Hannibal Lecter, e ali ele havia parado, debaixo daquela luz, para mostrar a foto na carteira, a foto da enfermeira cuja língua o Dr. Lecter havia comido durante uma tenta-tiva de exame físico. Se o ombro do Dr. Lecter tinha sido deslocado enquanto o dominavam, certamente haveria um raio X.

Um sopro de ar na escada tocou sua nuca, como se houvesse uma janela aberta em algum lugar.

Havia uma caixa de hambúrguer do McDonalds no patamar e guardanapos de papel espalhados. Um copo sujo de feijão. Comida para viagem. Alguns cagalhões e guardanapos de papel no canto. A luz terminava no final da escada,

antes da grande porta de aço para a ala dos vio-lentos, agora aberta e presa com um gancho junto à pare-de. A lanterna de Starling tinha cinco pilhas tamanho D e lançava um facho bastante amplo.

Apontou-a para o corredor comprido da antiga u-nidade de segurança máxima. Havia alguma coisa grande na extremidade mais distante. Era fantasmagórico ver as portas das celas abertas. O chão estava cheio de papel de pão e copos. Sobre a antiga mesa do auxiliar havia uma lata de refrigerante, escurecida pelo uso como cachimbo de *crack.*

Starling apertou os interruptores atrás do posto do auxiliar de enfermagem. Nada. Pegou seu telefone celular.

A luz vermelha parecia muito forte em meio à escuridão.

O telefone era inútil no subterrâneo, mas ela falou alto para ele.

— Barry, coloque a caminhonete na entrada lateral.

Traga uma luz de serviço. Você vai precisar de uns carri-nhos para levar esse material escada acima... Sim, desça.

Em seguida, gritou para a escuridão:

— Atenção aí. Sou da polícia federal. Se vocês es-tão morando aqui ilegalmente, estão livres para sair. Não vou prendê-los. Não estou interessada em vocês. Se volta-rem depois de eu terminar meus negócios, isso não me in-teressa. Vocês podem sair agora. Se tentarem interferir comigo sofrerão sérios danos pessoais quando eu acertar uma bala na sua bunda. Obrigada.

Sua voz ecoou pelo corredor onde tantos haviam falado sem parar até ficarem roucos e mordiam as barras quando ficavam sem dentes.

Starling lembrou-se da presença tranqüilizadora do grande auxiliar de enfermagem, Barney, quando ela tinha vindo entrevistar o Dr. Lecter. A cortesia curiosa com que Barney e o Dr. Lecter se tratavam mutuamente. Nada do Barney agora. Alguma coisa da época de escola chocou-se na sua cabeça e, por disciplina, ela se obrigou a lembrar.

Passos ecoam na memória.

Descendo a passagem que não tomamos

Em direção à porta que jamais abrimos

Para o jardim de rosas.

Jardim de rosas, certo. Sem dúvida isto não era de jeito algum o jardim de rosas.

Starling, que em editoriais recentes tinha sido enco-rajada a odiar sua arma tanto quanto a si própria, desco-briu que o toque da pistola não era odioso quando ela es-tava inquieta. Segurou a 45 de encontro à coxa e começou a andar pelo corredor, atrás da lanterna. E difícil vigiar os dois flancos ao mesmo tempo, e é imperativo não deixar alguém atrás de você. Água pingava em algum lugar.

Camas desmontadas e empilhadas nas celas. Em outras, colchões. A água ficava no centro do corredor e Starling, sempre preocupada com os sapatos, pisava num lado e no outro da poça estreita enquanto seguia. Lem-brou-se do conselho de Barney há anos, quando todas as celas estavam ocupadas.

Fique no meio.

Arquivos, certo. No centro do corredor, bem no fi-nal, um verde-oliva opaco no facho da lanterna.

Ali estava a cela que tinha sido ocupada pelo Múlti-plo Miggs, pela qual mais odiava passar. Miggs, que sus-surrava imundícies para ela e arremessava fluidos corpo-rais. Miggs, que o Dr. Lecter matou instruindo-o a engolir a própria língua vil. E quando Miggs morreu, Sammie pas-sou a morar na cela, Sammie, cuja poesia o Dr. Lecter en-corajava com um efeito espantoso sobre o poeta. Mesmo agora ela podia ouvir Sammie uivando seus versos.

QUERO IR PRA JERUSALÉM

QUERO IR COM O MAIORAL

POSSO IR COM JESUS ALÉM

SE EU FOR UM CARA LEGAL

Ela ainda tinha o laborioso texto em craiom, em al-gum lugar. Agora a cela

estava cheia de colchões empilha-dos e trouxas de roupas de cama.

E finalmente, a cela do Dr. Lecter.

A mesa forte onde ele costumava ler ainda estava aparafusada no chão no meio do cômodo. Não havia mais as prateleiras que guardavam seus livros, mas os suportes continuavam presos às paredes.

Starling deveria ir para os arquivos, mas estava fixa na cela. Ali teve o encontro mais notável de sua vida. Ali foi espantada, chocada, surpreendida.

Ali ouviu coisas a respeito de si própria, tão terri-velmente verdadeiras que seu coração ressoava como um sino grande e profundo.

Queria entrar. Queria entrar. Queria como quere-mos saltar de varandas altas, como o brilho dos trilhos nos tentam quando ouvimos o trem que se aproxima.

Starling girou a lanterna, olhou para a parte de trás da fileira de arquivos, passou a luz pelas celas próximas.

A curiosidade fez com que atravessasse a passagem.

Ficou no meio da cela onde o Dr. Hannibal Lecter tinha passado oito anos. Ocupou o espaço dele, onde o viu de pé, e esperou sentir arrepios, mas não sentiu. Colocou o revólver e a lanterna sobre a mesa dele, com cuidado para que a lanterna não rolasse, e pôs as mãos chapadas sobre a mesa, e debaixo das mãos sentiu apenas migalhas.

No geral, o efeito foi decepcionante. A cela estava tão vazia de seu ex-ocupante como a pele descartada de uma cobra. Então Starling pensou que tinha entendido alguma coisa: a morte e o perigo não precisam vir com armadilhas. Elas podem chegar no hálito doce de seu a-mado. Ou numa tarde ensolarada no mercado de peixes com *La Macarena* tocando numa caixa de som.

Aos negócios. Havia quase três metros de arquivos, quatro arquivos no total, até a altura do queixo. Cada um com cinco gavetas, com uma única fechadura de quatro pinos ao lado da gaveta de cima. Nenhuma estava tranca-da. Todas cheias de dossiês, alguns gordos, todos em pas-tas. Velhas pastas de papel marmorizado que tinham fica-do frouxas com o tempo, e outras novas, de papel pardo.

Dossiês sobre a saúde de homens mortos, datando da fundação do hospital em 1932. Estavam aproximadamen-te em ordem alfabética, com algum material empilhado atrás das pastas nas gavetas compridas. Starling folheou rapidamente, segurando a lanterna pesada no ombro, ca-minhando com os dedos da mão livre através das pastas, desejando ter trazido uma lanterna pequena que pudesse segurar entre os dentes. Assim que percebeu a or-ganização das pastas, podia pular gavetas inteiras, passan-do pelos *Js*, pelos muito poucos *Ks*, chegando ao *L* e *bam:* Lecter, Hannibal.

Tirou a pasta comprida de papel pardo, tateou ime-diatamente em busca da rigidez de um negativo de raio X, colocou a pasta em cima das outras e abriu-a para encon-trar a história da saúde do falecido I. J. Miggs. Que droga.

Miggs iria perturbá-la do outro lado da sepultura. Colocou a pasta em cima do armário e foi depressa até os *Ms.* A pasta de papel pardo de Miggs estava lá, em ordem alfabé-tica. Vazia. Erro de arquivamento? Será que alguém por acidente colocou os registros de Miggs na pasta de Hanni-bal Lecter? Ela folheou todos os *Ms* procurando um dos-siê sem pasta. Voltou para os *Js.* Consciente de um incô- modo cada vez maior. O cheiro do lugar a incomodava ainda mais. O zelador estava certo, era difícil respirar neste local. Estava na metade dos *Js* quando percebeu que o fe-dor ia... aumentando rapidamente.

Um barulho fraco na poça, atrás, e ela girou, com a lanterna preparada para um golpe, a mão entrando rápida no *blazer,* em direção à coronha da arma. Um homem alto, vestido em trapos imundos, estava no facho da luz, com um dos pés enormes e inchados na água. Uma das mãos dele estava esticada ao lado do corpo. A outra segurava um pedaço de prato quebrado. Uma das pernas e os dois pés estavam enrolados com tiras de lençol.

— Olá — disse ele, a língua grossa cheia de sapi-nho. A quase dois metros de distância Starling podia sentir o mau hálito. Atrás do paletó a mão dela afastou-se da pistola para o *spray* de Mace.

— Olá — disse Starling. — Por favor, pode ficar ali encostado nas barras?

O homem não se mexeu.

— Você é Jesus? — perguntou ele.

— Não — disse Starling. — Não sou Jesus. — A voz. Starling lembrava-se da

voz.

— Você é Jesus! — O rosto dele estava se retor-cendo. Aquela voz. Ande, pense.

— Olá, Sammie — disse ela. — Como vai? Eu es-tava pensando agora mesmo em você.

O que é que tinha o Sammie? A afirmação, apanha-da depressa, não estava exatamente em ordem. *Colocou a cabeça da mãe no prato da coleta enquanto as pessoas na igreja can- tavam "Dê o melhor que você tem para o senhor". Disse que era a melhor coisa que ele tinha. A Igreja Batista de algum lugar. Com raiva, disse o Dr. Lecter, porque Jesus demora tanto.*

— Você é Jesus? — perguntou Sammie, dessa vez implorando Ele enfiou a mão no bolso e pegou uma guimba de cigarro, boa, com mais de cinco centímetros.

Colocou-a no pedaço de prato e estendeu-a em oferenda.

— Sammie, sinto muito, eu não sou. Eu...

Sammie subitamente lívido, furioso porque ela não é Jesus, a voz ressoando no corredor úmido.

QUERO IR PRA JERUSALÉM

QUERO IR COM O MAIORAU

Ele ergueu o pedaço de prato, a ponta afiada pare-cendo uma picareta, e deu um passo na direção de Star-ling, agora com os dois pés na água e o rosto contorcido, a mão livre agarrando o ar entre os dois.

Ela sentiu os arquivos duros nas costas.

— VOCÊ PODE IR COM JESUS ALÉM... SE

FOR UM CARA LEGAL — recitou Starling, alto e claro como se gritasse para ele de um lugar distante.

— É — disse Sammie, calmo, e parou.

Starling enfiou a mão na bolsa, encontrou sua barra de chocolate.

— Sammie, eu tenho um Snickers. Você gosta de Snickers?

Ele ficou quieto. Ela colocou o Snickers numa pas-ta de papel pardo e estendeu-a como ele havia estendido o prato.

Ele deu a primeira mordida antes de tirar a embala-gem, cuspiu o papel e mordeu de novo, comendo metade da barra.

— Sammie, mais alguém esteve aqui embaixo?

Ele ignorou a pergunta, colocou o resto da barra de chocolate no prato e desapareceu atrás de uma pilha de colchões em sua antiga cela.

— Que diabo é isso? — Uma voz de mulher. —

Obrigada, Sammie.

— Quem é você? — gritou Starling.

— Não é da sua conta.

— Você mora aqui com Sammie?

— Claro que não. Só estou aqui namorando. Você

não podia deixar nós sozinhos?

— Podia. Responda a minha pergunta. Há quanto tempo você está aqui?

— Duas semanas.

— Alguém mais esteve aqui?

— Uns vagabundos que Sammie expulsou.

— Sammie protege você?

— Mexa comigo e você vai descobrir. Eu consigo andar muito bem. Consigo coisa para comer, ele tem um lugar seguro para comer. Um monte de gente faz trato desse jeito.

— Algum de vocês dois participa de um programa de auxílio em algum lugar? Querem participar? Posso dar uma ajuda.

— Ele já fez tudo isso. Você vai para o mundo, faz aquela merda toda e volta pras coisas que conhece. O que você tá procurando? O que quer?

— Uns documentos.

— Se não está aí, alguém roubou. É preciso ser in-teligente pra descobrir isso?

— Sammie? — disse Starling. — Sammie? Sammie não respondeu.

— Ele tá dormindo — disse a amiga.

— Se eu deixar um dinheiro aqui, vocês vão com-prar comida?

— Não, vou comprar bebida. A gente pode *achar* comida. Não pode achar bebida. Não deixe a maçaneta prender na sua bunda quando sair.

— Vou colocar o dinheiro na mesa.

Starling sentia vontade de correr, lembrava-se de quando deixou o Dr. Lecter, lembrava-se de se abraçar enquanto ia na direção do que, na época, era a ilha calma do organizado posto de Barney.

À luz da escada, pegou uma nota de vinte dólares na carteira. Colocou o dinheiro sobre a mesa arranhada e abandonada de Barney e prendeu-o com uma garrafa de vinho vazia. Desdobrou uma bolsa de compras de plástico e colocou dentro a pasta de Lecter contendo os registros de Miggs e a pasta vazia de Miggs.

— Tchau. Tchau, Sammie — gritou para o homem que girara pelo mundo e voltara para o inferno que co-nhecia. Queria lhe falar que esperava que Jesus viesse em breve, mas parecia idiota demais para dizer.

Subiu de novo para a luz, para continuar seu giro pelo mundo.

CAPÍTULO

12

SE EXISTEM paradas no caminho do inferno, elas devem se parecer com a

entrada de ambulâncias do Hospital Geral da Misericórdia de Maryland. Acima do uivo agonizante das sirenes, dos uivos dos agonizantes, do barulho das maças gotejantes, dos gritos e berros, as colunas de vapor saindo dos bueiros, tingidas de vermelho por um grande letreiro de néon anunciando EMERGÊNCIA, sobem como o pilar de fogo de Moisés na escuridão e transformam-se em nuvem no dia.

Barney saiu do vapor, encolhendo os ombros fortes para dentro do paletó, a cabeça redonda e de cabelos cur-tos inclinada para a frente enquanto percorria a calçada cheia de rachaduras em direção ao leste, em direção à ma-nhã.

Estava 25 minutos atrasado na saída do trabalho —a polícia tinha trazido um cafetão drogado, que gostava de brigar com mulheres. Tinha sido baleado e o enfermeiro-chefe lhe pediu que ficasse. Eles sempre pediam a Barney que ficasse quando recebiam um paciente violento.

Clarice Starling olhava para Barney de dentro do capuz de seu casaco e deu-lhe uma dianteira de meio quar-teirão do outro lado da rua antes de colocar a bolsa de lona no ombro e ir atrás. Quando ele passou pelo estacio-namento e pelo ponto de ônibus, ela ficou aliviada. Seria mais fácil seguir Barney a pé. Não tinha certeza de onde ele morava, e precisava saber antes que ele a visse.

A vizinhança atrás do hospital era calma, ocupada por operários e com mistura racial. Um bairro onde você

colocava uma tranca de direção no carro mas não precisa-va levar a bateria para casa à noite, e onde as crianças po-diam brincar do lado de fora.

Depois de três quarteirões, Barney esperou que um furgão liberasse um cruzamento e virou para o norte nu-ma rua de casas estreitas, algumas com escadas de mármo-re e jardins bem arrumados na frente. As poucas vitrines vazias estavam intactas, com os vidros limpos. As lojas começavam a abrir e havia algumas pessoas na rua. Cami-nhões estacionados durante a noite nos dois lados da rua bloquearam a visão de Starling durante meio minuto, e ela alcançou Barney antes de perceber que ele havia parado.

Estava diante dele, do outro lado da rua, quando o viu.

Talvez ele também a tivesse visto, não dava para ter certe-za.

Ele estava parado com as mãos no bolso do paletó, a cabeça para a frente, olhando por baixo das sobrance-lhas para alguma coisa que se movia no centro da rua. Ha-via um pombo morto na rua, uma das asas balançada pela brisa dos carros que passavam. O companheiro do pássa-ro morto o rodeava repetidamente, inclinando um olho na direção dele, a cabeça pequena balançando a cada passo dos pés rosados. Rodeando e rodeando, com o murmúrio baixo dos pombos. Vários carros e um furgão passaram.

O pássaro sobrevivente mal se desviava do tráfego com curtos vôos de último minuto.

Talvez Barney tivesse erguido o olhar para ela, Star-ling não tinha certeza. Precisava continuar, ou seria vista.

Quando olhou por sobre o ombro, Barney estava agacha-do no meio da rua, o braço erguido para o trânsito.

Ela virou a esquina, saindo de vista, tirou o casaco com gorro, pegou na bolsa de lona um suéter, um boné de beisebol e uma bolsa de ginástica, e se trocou rapidamen-te, enfiando o casaco e a bolsa de lona na bolsa de ginásti-ca, e escondendo o cabelo no boné. Acertou o passo com algumas faxineiras que iam para casa e virou de novo a esquina para a rua de Barney.

Ele estava com o pombo morto nas mãos. O par-ceiro do pássaro voou com barulho de asas até os fios de eletricidade e ficou vigiando. Barney colocou o pássaro morto num gramado e ajeitou suas penas. Ergueu o rosto largo para o pássaro que estava no fio e disse alguma coi-sa. Quando ele continuou seu caminho, o sobrevivente do casal desceu e continuou a circular o corpo, andando no meio da grama. Barney não olhou para trás. Quando subiu a escada de um pequeno prédio de apartamentos, cem me-tros adiante, e pegou as chaves, Starling correu por meio quarteirão para alcançá-lo antes que abrisse a porta.

— Barney. Oi.

Ele virou na escada sem muita pressa e encarou-a.

Starling havia esquecido que os olhos de Barney eram es-tranhamente separados. Viu a inteligência que havia neles e sentiu o pequeno estalo eletrônico da conexão.

Ela tirou o boné e deixou os cabelos caírem.

— Sou Clarice Starling. Lembra? Eu...

— A agente federal — disse Barney, sem expres-são. Starling juntou as mãos e confirmou com a cabeça.

— Bom, é, eu *sou* a agente. Barney, preciso falar com você. É só informal, preciso perguntar umas coisas.

Barney desceu a escada. Quando parou na calçada diante de Starling, ela ainda precisava erguer a cabeça para olhá-lo. Não se sentia ameaçada por seu tamanho, como um homem ficaria.

— Só para constar, agente Starling. você concorda que ainda não leu os meus direitos? — A voz dele era alta e áspera como a do Tarzan de Johnny Weismuller.

— Totalmente. Eu não li seus direitos. Reconheço.

— Que tal dizer isso para a sua bolsa?

Starling abriu a bolsa e falou para dentro dela, nu-ma voz alta como se ali dentro houvesse um bicho-papão:

— Eu não li os direitos de Barney, ele não tem consciência de seus direitos.

— Há um café bastante bom ali adiante — disse Barney. — Quantos chapéus você tem nessa bolsa? —perguntou ele enquanto caminhavam.

— Três.

Quando passou o furgão com placas de deficiente físico, Starling percebeu que os ocupantes a olhavam, mas os deficientes costumam sentir tesão, como é de seu direi-to. Os rapazes que ocupavam um carro no cruzamento seguinte também a olharam, mas não disseram nada por causa de Barney. Qualquer coisa que se estendesse das janelas teria atraído a atenção instantânea de Starling —ela estava atenta para a vingança dos Crips, mas os olhares de cobiça podem ser suportados.

Quando entrou com Barney na cafeteria, o furgão entrou de ré num beco para manobrar e voltou para a di-reção de onde viera.

Tiveram de esperar a liberação de um reservado na lanchonete cheia enquanto o garçom gritava em indiano para o cozinheiro, que manuseava a carne com pinças compridas e uma expressão de culpa.

— Vamos comer — disse Starling quando se senta-ram. — Por conta do Tio Sam. Como vão as coisas, Bar-ney?

— O serviço é bom.

— O que você faz?

— Sou auxiliar de enfermagem.

— Eu achava que agora você seria um enfermeiro registrado, ou talvez estivesse estudando medicina.

Barney deu de ombros e estendeu a mão para o bu-le de leite. Em seguida, olhou para Starling.

— Eles sacanearam você por ter atirado em Evel-da?

— Veremos isso. Você a conhecia?

— Vi uma vez, quando levaram o marido dela, Di-jon, para a Emergência. Ele estava morto, sangrou até

morrer antes mesmo de ser posto na ambulância. Estava vazando líquido intravenoso transparente quando chegou.

Ela não queria deixá-lo e tentou brigar com as enfermei-ras. Eu precisei... você sabe... mulher bonita, e forte tam-bém. Não foi trazida para cá depois do...

— Não, ela foi declarada morta no local.

— Foi o que pensei.

— Barney, depois de você entregar o Dr. Lecter ao pessoal do Tennessee...

— Não foram educados com ele.

— Depois de você...

— E agora estão todos mortos.

— É. Os guardiães conseguiram ficar vivos por três dias. Você durou oito anos cuidando do Dr. Lecter.

— Foram seis anos; ele estava lá antes de eu chegar.

— Como conseguiu isso, Barney? Se não se impor-ta de eu perguntar, como conseguiu durar tanto com ele?

Não foi só por ser educado.

Barney olhou para o próprio reflexo na colher, primeiro convexo, depois côncavo, e pensou por um ins-tante.

— O Dr. Lecter tinha modos perfeitos, não era rí-gido, era tranqüilo e elegante. Eu estava fazendo uns cur-sos por correspondência, e ele compartilhou sua mente comigo. Isso não quer dizer que ele não me *mataria* a qual-quer segundo se tivesse chance; uma qualidade numa pes-soa não exclui qualquer outra. Elas podem existir lado a lado, as boas e as terríveis. Sócrates disse de modo muito melhor. Num local de segurança máxima você não pode se dar ao luxo de esquecer isso, nunca. Se mantiver isso em mente, você está bem. Talvez o Dr. Lecter lamente ter me mostrado Sócrates. — Para Barney, que não tinha a desvantagem da educação formal, Sócrates era uma expe-riência nova, com a qualidade de um encontro.

— A segurança era uma coisa separada da conver-sa, uma coisa totalmente diferente — disse ele. — A segu-rança jamais era pessoal, mesmo quando eu tinha de tran-car a correspondência dele ou amarrá-lo.

— Você conversava muito com o Dr. Lecter?

— Algumas vezes ele passava meses sem dizer na-da, e algumas vezes a gente conversava; tarde da noite, quando os gritos diminuíam. De fato, eu fazia aqueles cur-sos por correspondência e não sabia de nada, e ele me mostrou todo um mundo, literalmente, de coisas: Suetô-nio, Gibbon, aquilo tudo.

Barney pegou seu copo. Estava com uma mancha de iodo alaranjado num corte recente nas costas da mão.

— Alguma vez você pensou que quando ele esca-passe poderia vir atrás de você?

Barney balançou a cabeça enorme.

— Uma vez ele me disse que, sempre que fosse

“factível”, preferia comer os rudes. “Os rudes desbraga-dos”, era como ele dizia. — Barney riu, uma visão rara.

Tinha dentes pequenos de bebê, e sua diversão parecia um tanto maníaca, como a alegria de um bebê quando sopra a papinha na cara de um tio que faz graça.

Starling se perguntou se ele não tinha ficado tempo demais no subterrâneo com os pirados.

— E você? Alguma vez se sentiu... assustada depois de ele ter fugido? Pensou que ele poderia vir atrás de vo-cê? — perguntou Barney.

— Não.

— Por quê?

— Ele disse que não faria isso.

Essa resposta pareceu estranhamente satisfatória para ambos. Os ovos chegaram. Barney e Starling estavam famintos e comeram durante alguns minutos. Depois...

— Barney, quando o Dr. Lecter foi transferido para Memphis, pedi que você tirasse os desenhos dele da cela, e você trouxe para mim. O que aconteceu com o resto do material: livros, papéis? O hospital não tem nem mesmo os registros médicos dele.

— Houve uma reviravolta enorme. — Barney fez uma pausa, batendo com o saleiro na palma da mão. —

Houve uma grande reviravolta, você sabe, no hospital. Fui despedido, um monte de gente foi mandada embora, e o material se espalhou. Não dá para dizer...

— *O que foi*? Não pude ouvir o que você disse por causa do barulho aqui. Ontem à noite descobri que o e- xemplar anotado e autografado pelo Dr. Lecter do *Dicio- nário de Cozinha de Alexandre Dumas* apareceu num leilão particular em Nova York há dois anos. Foi comprado por dezesseis mil dólares por um colecionador particular. O

certificado de propriedade usado pelo vendedor estava assinado por “Cary Phlox”. Você conhece “Cary Phlox”, Barney? Espero que conheça, porque foi ele quem preen-cheu sua ficha de emprego no hospital onde você está tra- balhando, só que assinou “Barney”. Também foi ele quem preencheu sua declaração de imposto de renda. Desculpe se perdi o que você estava dizendo antes. Quer recome- çar? Quanto ganhou pelo livro, Barney?

— Mais ou menos dez — disse Barney, olhando di-reto para ela. Starling assentiu.

— O recibo diz dez e quinhentos. Quanto ganhou por aquela entrevista para o *Tattler* depois da fuga do Dr.

Lecter?

— Mil e quinhentos.

— Legal. Bom para você. Você inventou toda a baboseira que contou para aquelas pessoas.

— Eu sabia que o Dr. Lecter não ia se importar.

Ele ficaria desapontado se eu não os sacaneasse um pou-co.

— Ele atacou aquela enfermeira antes de você ir para o manicômio?

— Foi.

— O ombro dele foi deslocado.

— Foi o que eu soube.

— Foi tirado um raio X.

— Provavelmente.

— Eu quero o raio X.

— Hummm.

— Eu descobri que os autógrafos de Lecter estão divididos em dois grupos, os escritos a tinta, ou antes do encarceramento, e os a craiom ou caneta de ponta de fel-tro, do asilo. O craiom vale mais, mas creio que você sabe disso. Barney, acho que você está com todo esse material e pensa em ir se desfazendo aos poucos, no comércio de autógrafos.

Barney deu de ombros e ficou quieto.

— Acho que você está esperando que ele volte a ser uma notícia importante. O que você *quer,* Barney?

— Quero ver cada Vermeer do mundo antes de

morrer.

— Será que preciso perguntar o que fez você se in-teressar por Vermeer?

— Nós falávamos sobre muita coisa no meio da noite.

— Falavam sobre o que ele gostaria de fazer se fi-casse livre?

— Não. O Dr. Lecter não se interessa por hipóte-ses. Não acredita em silogismo, em síntese, ou em qual-quer absoluto.

— Em que ele acredita?

— No caos. E você nem precisa acreditar nisso. É

evidente por si. Starling queria ser indulgente com Barney por enquanto.

— Você fala isso como se acreditasse. Mas o seu serviço no manicômio era manter a ordem. Você era o principal encarregado da *ordem.* Você e eu estamos no ne-gócio da ordem. O Dr. Lecter nunca se afastou de você.

— Já expliquei isso.

— Porque você jamais baixou a guarda. Ainda que de certo modo vocês confraternizassem...

— Eu não *confraternizava*. Ele não é fraterno com ninguém. Nós discutimos questões de interesse mútuo.

Pelo menos a coisa era interessante para mim quando eu descobria a respeito.

— Alguma vez o Dr. Lecter zombou de você por não saber de algo?

— Ele zombou de você?

— Não — disse ela, para não ferir os sentimentos de Barney, como se reconhecesse pela primeira vez o elo-gio implícito no escárnio do monstro. — Ele poderia ter zombado de mim, se quisesse. Sabe onde está o material, Barney?

— Há alguma recompensa para encontrá-lo?

Starling dobrou seu lenço de papel e colocou-o de-baixo do prato.

— A recompensa é eu nio acusá-lo por obstrução da justiça. Já lhe dei uma folga antes quando você colocou um microfone na minha mesa no hospital.

— Aquele microfone pertencia ao falecido Dr.

Chilton.

— *Falecido?* Como você sabe que ele é *o falecido* Dr.

Chilton?

— Bom, ele já está sete anos atrasado. Eu não o espero para breve. Deixe-me fazer uma pergunta: o que satisfaria *você,* agente especial Starling?

— Quero ver o raio X. Quero o raio X. Se há livros do Dr. Lecter, quero vê-los.

— Digamos que encontremos o material. O que aconteceria com ele depois?

— Bom, a verdade é que não tenho certeza. Talvez a Promotoria Federal pegue tudo como prova para a in-vestigação da fuga. E depois vai ficar mofando no de-pósito. Se eu examinar o material e descobrir que não há

nada de útil nos livros, e se eu disser isso, pode afirmar que o Dr. Lecter deu tudo para você. Ele está ausente há

sete anos, de modo que você pode fazer uma reivindica- ção judicial. Ele não tem parentes conhecidos. Eu reco-mendaria que qualquer material inócuo lhe fosse entregue.

Você deve saber que minha recomendação está na parte mais baixa da escala de valores burocrática. Provavelmen-te você não ficaria com o raio X ou as fichas médicas, já

que, como Mo eram dele, ele não poderia dar.

— E se eu explicar que não tenho esse material?

— O material de Lecter vai ficar realmente difícil de vender porque vamos divulgar um boletim a respeito e alertar o mercado de que confiscaremos tudo e abriremos processo pela receptação e posse. E conseguirei um man-dado de busca e apreensão para sua casa.

— Agora que você sabe onde é minha casa.

— E posso lhe dizer o seguinte: se entregar o mate-rial, não sofrerá qualquer represália por tê-lo pegado, con-siderando o que teria acontecido com ele caso o deixasse no lugar onde estava. Quanto a prometer que você irá tê-lo de volta, não posso garantir. — Starling remexeu na bolsa, fazendo uma pausa. — Sabe, Barney, tenho a sen-sação de que você não tem um diploma de medicina por-que talvez não consiga se prender às coisas. Talvez tenha o rabo preso em algum lugar. Está vendo? Agora veja só: eu nunca procurei sua ficha policial, nunca verifiquei.

— Não, só olhou meu imposto de renda e minha ficha de emprego. Estou emocionado.

— Se você tiver uma ficha, talvez a promotoria fe-deral daquela jurisdição possa dar uma palavra e apagar os registros.

Barney usou um pedaço de torrada para limpar o molho do prato.

— Já terminou? Vamos andar um pouco.

— Eu vi Sammie. Lembra que ele ficou com a cela de Miggs? Ele ainda mora lá — disse Starling quando os dois saíram.

— Pensei que o lugar tivesse sido condenado.

— E foi.

— Sammie está participando de algum programa?

— Não, ele só mora lá, no escuro.

— Acho que você deveria denunciá-lo. Ele é meio diabético, vai morrer. Sabe por que o Dr. Lecter fez Miggs engolir a língua?

— Acho que sim.

— Ele o matou por ter ofendido você. Esse foi o motivo específico. Não se sinta mal, ele poderia ter feito aquilo, de qualquer modo.

Continuaram passando pelo prédio de Barney até o gramado onde o pombo ainda rodeava o corpo do com-panheiro morto. Barney tentou afastá-lo com as mãos.

— Ande — disse ao pássaro. — Já chega de veló-rio. Vai ficar andando por aí até um gato te pegar. — O

pombo voou para longe, assobiando. Os dois não pude-ram ver para onde ele foi.

Barney pegou o pássaro morto. O corpo de plumas macias escorregou facilmente para dentro de seu bolso.

— Sabe, uma vez o Dr. Lecter falou um pouco so-bre você. Talvez na última vez em que conversei com ele, uma das últimas vezes. O pássaro me fez lembrar. Quer saber o que ele disse?

— Claro — disse Starling. Seu desjejum revirou um pouco no estômago e ela estava decidida a não recuar.

— Estávamos conversando sobre comportamento herdado. Ele estava usando a genética dos pombos rola-dores como exemplo. Eles voam alto e ficam rolando de costas para se mostrar, caindo em direção ao chão. Há os roladores rasos e os roladores profundos. Não se pode cruzar dois roladores profundos, caso contrário a prole vai rolar até o chão, bater e morrer. O que ele disse foi: “A policial Starling é uma roladora profunda, Barney. Espero que um dos pais dela não tenha sido.”

Starling teve de pensar um pouco naquilo.

— O que você vai fazer com o pássaro?

— Depenar e comer. Venha até em casa e eu lhe dou o raio X e os livros. Enquanto carregava o pacote comprido para o carro, Starling ouviu o pombo sobrevi-vente chamar uma vez, das árvores.

CAPÍTULO

13

GRAÇAS À consideração de um louco e à obsessão de ou-tro, agora Starling tinha, por um tempo, o que sempre quis, uma sala no corredor subterrâneo onde ficava a Di-visão de Ciência do Comportamento. Era amargo ter con-seguido desse modo.

Ela nunca esperou ir direto para a seção de elite da Ciência do Comportamento quando se formou na Aca-demia do FBI, mas acreditava que poderia merecer um lugar lá. Sabia que passaria vários anos primeiro em escri-tórios de campo.

Starling era boa no serviço, mas não era boa na po-lítica, e demorou anos para ver que jamais iria para a Ciên-cia do Comportamento, apesar dos desejos de seu chefe, Jack Crawford.

Um dos principais motivos permaneceu invisível para ela até que, como um astrônomo localizando um bu-raco negro, ela encontrou o subsecretário Paul Krendler através da influência nos corpos ao redor. Krendler jamais a perdoou por ter encontrado o assassino serial Jame Gumb antes dele, e não podia suportar a atenção da im-prensa sobre ela, causada por isso.

Uma vez Krendler ligou para sua casa numa noite chuvosa de inverno. Ela

atendeu o telefone vestida de roupão e com chinelos de coelhinho, o cabelo enrolado numa toalha. Iria se lembrar para sempre da data, porque foi na primeira semana da operação Tempestade no De-serto. Na época, Starling era uma agente técnica, tinha a- cabado de voltar de Nova York, onde trocara o rádio da limusine dos representantes do Iraque na ONU. O novo rádio era exatamente igual ao antigo, a não ser que trans-mitia as conversas do carro para um satélite do Departa-mento de Defesa. Tinha sido uma manobra arriscada nu-ma garagem particular, e ela ainda estava tensa.

Durante um segundo louco, pensou que Krendler tinha ligado para dizer que ela havia feito um bom serviço.

Lembrava-se da chuva batendo na janela e da voz de Krendler ao telefone, a fala meio engrolada, ruídos de bar ao fundo.

Convidou-a para sair. Disse que poderia passar lá

em meia hora. Ele era casado.

— Acho que não, Sr. Krendler — disse ela e aper-tou o botão de gravação de sua secretária eletrônica, que fez o *bip* obrigatório por lei e a linha emudeceu.

Agora, anos depois e na sala que desejava merecer, Starling escreveu com caneta seu nome num pedaço de papel e prendeu com fita adesiva à porta. Não foi engra- çado, e ela arrancou de novo o papel e jogou-o no lixo.

Havia uma correspondência em sua bandeja de en-trada. Era um questionário do *Livro Guiness de Recordes Mundiais,* que estava se preparando para citá-la como ten-do matado mais criminosos do que qualquer outra policial feminina na história dos Estados Unidos. A palavra *crimi- nosos* estava sendo usada deliberadamente, explicava o edi-tor, já que todos os mortos tinham muitas condenações por crimes e três estavam com vários mandados de prisão.

O questionário foi para o lixo, junto com seu nome.

Estava há duas horas pesquisando no computador, soprando madeixas de cabelo para longe do rosto, quando Crawford bateu na porta e enfiou a cabeça.

— Brian ligou do laboratório, Starling. O raio X de Mason e o que você pegou com Barney combinam. É o braço de Lecter. Eles vão digitalizar as imagens e

compa-rá-las, mas Brian disse que não há dúvida. Vamos mandar tudo para o arquivo de Lecter no PACV.

— E quanto a Mason Verger?

— Vamos contar a verdade. Você e eu sabemos que ele não vai partilhar informações, Starling, a não ser que consiga alguma coisa a partir da qual ele próprio possa agir. Mas se tentarmos pegar agora a pista que ele conse-guiu no Brasil, ela vai se evaporar.

— Você me disse para deixar isso de lado, e eu dei-xei.

— Você estava fazendo *alguma coisa* aqui.

— O raio X de Mason veio pela DHL Express. A DHL pegou o código de barras e a informação da etiqueta e descobriu a localização do remetente. Fica no Hotel I-barra, no Rio. — Starling levantou a mão para impedir qualquer interrupção. — Isso tudo são fontes de Nova York, por enquanto. Não foi feita qualquer indagação no Brasil.

— Mason faz seus negócios por telefone, uma quantidade enorme, através da mesa telefônica de um ser-viço de apostas esportivas em Las Vegas. Você pode ima-ginar o volume de ligações que eles recebem.

— Será que eu quero saber como você descobriu isso?

— Estritamente legítimo — disse Starling. — Bom, bastante legítimo; eu não deixei coisa alguma na casa dele.

Consegui os códigos para olhar na lista telefônica dele, só

isso. Todos os agentes técnicos os têm. Digamos que ele obstrui a justiça. Com a influência dele, durante quanto tempo teríamos de implorar por um mandado de busca?

De qualquer modo, o que você poderia fazer com ele se ele fosse condenado? Mas ele está usando um serviço de apostas *esportivas.*

— Sei — disse Crawford. — A Comissão de Jogos de Nevada poderia grampear o telefone ou espremer o serviço de apostas para o que precisamos saber, ou seja,

para onde são dados os telefonemas.

Ela assentiu.

— Eu deixei Mason em paz, como você disse.

— Dá para ver. Você pode dizer a Mason que espe-ramos ajudar através da Interpol e da embaixada. Diga-lhe que precisamos mobilizar gente por lá e começar a estru-tura para a extradição. Lecter provavelmente cometeu cri-mes na América do Sul, de modo que é melhor o extradi-tarmos antes que a polícia do Rio comece a procurar nos fichários de *canibalismo* de lá. Se é que ele está na América do Sul. Starling, você se sente mal em falar com Mason?

— Preciso entrar no clima. Você me fez passar por isso quando pegamos aquela andarilha na Virgínia Ociden-tal. O que estou dizendo, "andarilha"? Ela era uma *pessoa* chamada Fredericka Bimmel, e, sim, Mason me deixa eno-jada. Um monte de coisas me deixa enojada ultimamente, Jack.

Starling surpreendeu-se e ficou em silêncio. Nunca antes tinha se dirigido ao chefe de seção, Jack Crawford, por seu primeiro nome, jamais havia planejado chamá-lo de "Jack", e isso chocou-a. Estudou o rosto dele, um ros-to notoriamente difícil de ser decifrado.

Ele assentiu, com o sorriso torto e triste.

— Eu também, Starling. Quer uns dois comprimi-dos de antiácido para mastigar antes de falar com Mason?

Mason Verger não se incomodou em atender ao te-lefonema de Starling. Uma secretária agradeceu pelo reca-do e disse que ele ligaria mais tarde. Mas não ligou pesso-almente. Para Mason, vários degraus acima de Starling na lista de notificação, os raios X que combinavam e-ram.notícia velha.

CAPÍTULO

14

MASON SABIA que o raio X era realmente do braço do Dr.

Lecter muito antes de Starling ser informada, porque suas fontes no

Departamento de Justiça eram melhores do que as dela.

Mason foi informado através de um *e-mail* assinado com o codinome Token 287. Este é o segundo codinome do senador Parton Vellmore na Comissão Judiciária do Senado. O escritório de Vellmore recebera um *e-mail* de Cassius 199, o segundo codinome do próprio Paul Kren-dler, do Departamento de Justiça.

Mason estava empolgado. Não achava que o Dr.

Lecter estivesse no Brasil, mas o raio X provava que agora o doutor tinha um número normal de dedos na mão es-querda. Essa informação se misturava com uma nova pista vinda da Europa, sobre o paradeiro do doutor. Mason acreditava que a informação tinha vindo de dentro de al-gum serviço policial italiano, e era a dica mais forte sobre Lecter que ele teve em anos.

Não pretendia partilhar sua pista com o FBI. Gra- ças a sete anos de esforço implacável, acesso a dossiês confidenciais federais, muitas mexidas de pauzinhos, ne-nhuma restrição internacional e grandes gastos de dinhei-ro, Mason estava adiante do FBI na perseguição de Lecter.

E só passava informações para o Bureau quando precisava mamar em suas fontes.

Para manter as aparências, instruiu a secretária para ficar incomodando

Starling em busca de novidades. A ordem de Mason era ligar para ela pelo menos três vezes por dia.

Imediatamente, Mason transferiu cinco mil dólares para seu informante no Brasil, pedindo para descobrir a fonte do raio X. A verba de contingência que ele mandou para a Suíça era muito maior, e estava preparado para mandar mais ainda quando tivesse informações importan-tes.

Acreditava que sua fonte na Europa tinha encon-trado o Dr. Lecter, mas já havia sido enganado muitas ve-zes e aprendeu a ser cuidadoso. Logo viriam provas. Até

lá, para aliviar a agonia da espera, Mason se preocupava com o que aconteceria depois que o médico estivesse em suas mãos. Esses arranjos também vinham sendo feitos há

muito tempo, porque Mason era um estudante do sofri-mento...

As escolhas de Deus para infligir sofrimento não são satisfatórias para nós, tampouco são compreensíveis, a não ser que a inocência O ofenda. Sem dúvida Ele precisa de alguma ajuda para dirigir a fúria cega com que flagela a Terra.

Mason passou a entender seu papel em tudo isso no 12° ano de sua paralisia, quando se transformou em algo mirrado debaixo do lençol e sabia que jamais se le-vantaria de novo. Seus alojamentos na mansão de Muskrat Farm foram terminados e ele tinha meios, mas não meios ilimitados, porque Molson, o patriarca dos Verger, ainda comandava.

Era o Natal do ano em que o Dr. Lecter tinha fugi-do. Sujeito ao tipo de sentimentos que em geral surgem no Natal, Mason desejava amargamente ter arranjado para que o Dr. Lecter fosse morto no asilo; sabia que em algum lugar o Dr. Lecter circulava pela Terra, andando acima e abaixo dela, e muito provavelmente se divertindo.

O próprio Mason estava sob seu respirador, com um lençol macio cobrindo tudo, uma enfermeira ali perto parecendo inquieta, desejando poder se sentar. Algumas crianças pobres tinham sido levadas para cantar em Mus-krat Farm. Com permissão do médico, as janelas de Ma-son foram abertas brevemente para o ar límpido e, abaixo das janelas, segurando velas nas mãos em concha, as cri-anças cantavam.

As luzes estavam apagadas no quarto de Mason, e no ar negro acima da fazenda as estrelas pairavam próxi-mas.

“Ó cidadezinha de Belém, tão imóvel estás!”

Tão imóvel estás. *Tão imóvel estás.*

A zombaria do verso pesava sobre ele. *Tão imóvel es- tás, Mason!*

As estrelas de Natal do lado de fora da janela man-tinham seu silêncio sufocante. As estrelas não lhe diziam nada quando ele as encarava com seu olho implorante, por trás do monóculo, quando fazia gestos para elas com os dedos que era capaz de mover. Mason achava que não poderia respirar. Se estivesse sufocando no espaço, pensa-va, a ultima coisa que veria seriam as estrelas lindas, silen-ciosas e sem ar. Estava sufocando agora, pensou, seu res-pirador

não conseguia manter o ritmo, ele tinha de *esperar para respirar,* as linhas de seus sinais vitais, verde-natal, nos monitores, formando picos, pinheirinhos na floresta negra dos monitores. Picos de suas batidas cardíacas, pico sistó-lico, pico diastólico.

A enfermeira se assustou, em vias de apertar o bo-tão de alarme, em vias de pegar a adrenalina.

Zombaria dos versos, *tão imóvel estás, Mason.*

E então uma epifania no Natal. Antes que a enfer-meira pudesse apertar a campainha ou pegar um medica-mento, os primeiros arrepios ásperos da vingança de Ma-son roçaram sua mão pálida e fantasmagórica, como um caranguejo, e começaram a acalmá-lo.

Nas comunhões de Natal, por toda a terra, o devo-to acredita que, através do milagre da transubstanciação, come o corpo e o sangue de Cristo. Mason começou os preparativos para uma cerimônia ainda mais impressio-nante, sem transubstanciação necessária. Começou os ar-ranjos para que o Dr. Hannibal Lecter fosse comido vivo.

CAPÍTULO

15

A EDUCAÇÃO DE MASON foi estranha, mas perfeitamente adequada à vida que seu pai visualizava para ele e à tarefa que ele se propunha agora.

Na infância esteve num colégio interno para o qual seu pai contribuía com grandes quantias, e onde suas au-sências freqüentes eram desculpadas. Durante semanas o velho Verger conduzia a verdadeira educação de Mason, levando o garoto aos currais e aos matadouros que eram a base de sua fortuna.

Molson Verger foi pioneiro em muitas áreas da cri-ação de gado, particularmente na área da economia. Suas primeiras experiências de alimentação barata para o gado são comparáveis às de Batterham, cinqüenta anos antes.

Molson Verger adulterava a dieta dos porcos com farinha de pêlo de porco, pena de frango moída e estéreo numa quantidade considerada ousada na época. Foi visto como um visionário imprudente nos anos quarenta, quando pri-meiro tirou

a água potável dos porcos, e depois os fazia beber uma bebida alcoólica feita de estéreo animal fer-mentado, para apressar o ganho de peso. O riso parou quando seus lucros começaram a aumentar, e os concor-rentes apressaram-se em copiá-lo.

A liderança de Molson Verger na indústria de em-butidos de carne não parou aí. Ele lutou bravamente, e com verbas próprias, contra a lei de abate humanitário, seguindo estritamente o ponto de vista da economia, e conseguiu se sustentar com argumentos legais, apesar dis- so ter lhe custado muito dinheiro dado para o legislativo.

Com Mason a seu lado, supervisionou experiências em larga escala para determinar quanto tempo era possível privar os animais de comida e água antes de serem abati-dos sem perda significativa de peso.

Foi a pesquisa genética patrocinada pelos Verger que finalmente chegou às linhagens suínas belgas, de mus-culatura dupla, sem as concomitantes perdas que assola-vam os belgas. Molson Verger comprava reprodutores em todo o mundo, e patrocinava uma quantidade de progra-mas de reprodução no estrangeiro.

Mas, basicamente, os matadouros são um negócio que envolve pessoas, e ninguém entendia disso melhor do que Molson Verger. Ele conseguia dobrar a liderança dos sindicatos quando estes tentavam se aproveitar de seus lucros com exigências de salário e segurança. Nessa hora seus relacionamentos sólidos com o crime organizado ser-viram-lhe bem durante trinta anos.

Na época, Mason tinha uma grande semelhança com o pai, as sobrancelhas escuras e brilhantes acima de olhos azuis-claros, de açougueiro, e o contorno do couro cabeludo inclinado na testa, descendo da direita para a es-querda. Freqüentemente, de modo afetuoso, Molson Ver-ger gostava de segurar a cabeça do filho e simplesmente senti-la, como se estivesse confirmando a paternidade do filho através da fisionomia, assim como podia sentir o ros-to de um porco e dizer, pela estrutura óssea, sua origem genética.

Mason aprendia bem e, mesmo depois de seus fe-rimentos o terem confinado a essa cama, era capaz de to-mar boas decisões de negócios a ser implementadas por seus lacaios. Foi idéia do filho Mason conseguir com que o governo dos Estados Unidos e as Nações Unidas aba-tessem todos os porcos nativos do Haiti,

alegando o peri-go de transmissão de gripe suína africana. Em seguida, ele pôde vender ao governo grandes porcos brancos america-nos para substituir os suínos nativos. Os grandes suínos esguios, diante das condições do Haiti, morriam o mais rápido possível, e tinham de ser substituídos repetidamen-te a partir do rebanho de Mason, até que os haitianos substituíram seus porcos pelos animais pequenos e fortes da República Dominicana.

Agora, enquanto construía os motores de sua vin-gança com toda uma vida de conhecimento e experiência, Mason se sentia como Stradivarius ao se aproximar da bancada de trabalho.

Que riqueza de informações e recursos possuía em seu rosto sem face! Deitado na cama, compondo na men-te como o surdo Beethoven, ele se lembrava de ter cami-nhado pelas feiras de suínos com o pai, verificando a con-corrência, o canivetezinho de prata de Molson, sempre pronto para sair de seu colete e penetrar no lombo de um porco para verificar a profundidade da gordura, afastando-se do guincho ultrajado, digno demais para ser questiona-do, a mão de volta ao bolso, o polegar marcando o lugar na lâmina.

Mason teria rido, se tivesse lábios, ao lembrar-se do pai furando um porco 4-H concorrente, que pensava que todo mundo era amigo, enquanto a criança que era sua dona chorava. O pai da criança vindo furioso e os capan-gas de Molson levando-o para fora da barraca. Ah, houve tempos bons, engraçados.

Nas feiras de suínos Mason tinha visto porcos exó-ticos de todo o mundo. Para seu novo objetivo, ele juntou os melhores que viu.

Começou o programa de cruzamento imediatamen-te após a epifania natalina, e o centralizou numa pequena instalação para cruzamento de porcos que os Verger pos-suíam na Sardenha, litoral da Itália. Escolheu o lugar pela distância e pela conveniência com relação à Europa.

Mason acreditava — corretamente — que a primei-ra parada do Dr. Lecter fora dos Estados Unidos, depois de fugir, seria a América do Sul. Mas sempre esteve con-vencido de que a Europa era o lugar onde um homem com os gostos do Dr. Lecter iria se estabelecer— e ele contava com vigilantes todos os anos no Festival de Musi-ca de Salzburgo e em outros acontecimentos culturais.

Foi por isso que Mason mandou seus reprodutores para a Sardenha, para preparar o teatro da morte do Dr.

Lecter:

O gigantesco porco da floresta, *Hylochoerus meinert- zhageni*, de seis tetas e 38 cromossomos, bom produtor de alimentos, onívoro oportunista, como o homem. Dois metros de comprimento nas famílias das terras altas, pesa cerca de 275 quilos. O gigantesco porco da floresta é a nota fundamental de Mason.

O clássico porco selvagem europeu, *S. scrofa scrofa*, 36 cromossomos em sua forma mais pura, sem verrugas faciais, cheio de pêlos e grandes presas, um animal grande, rápido e feroz, capaz de matar uma víbora com os cascos afiados e comer a cobra como se fosse uma lingüiça.

Quando excitado, cruzando, ou protegendo os filhotes, ataca qualquer coisa que o ameace. As porcas têm doze tetas e são boas mães. No *S. scrofa scrofa,* Mason encontrou seu tema e a aparência facial adequada para proporcionar ao Dr. Lecter uma última visão infernal dele próprio sen-do consumido. (Ver *Harris on thepig,* 1881.) Comprou o porco da ilha Ossabaw pela agressivi-dade, e o Jiaxing negro pelos altos níveis de estradiol.

Houve uma nota falsa quando ele introduziu um Babirusa, *Babirousa babyrussa,* do leste da Indonésia, conhe-cido como porco-cervo, pelo tamanho exagerado das pre-sas. Era um reprodutor lento, com apenas duas tetas, e, com cem quilos, custou-lhe muito em tamanho. Mas não se perdeu tempo, já que havia outras linhagens paralelas que não incluíam o Babirusa.

Na dentição, Mason tinha pouca variedade para es-colher. Quase toda a espécie tinha dentes adequados à ta-refa, três pares de incisivos afiados, um par de caninos longos, quatro pares de pré-molares e três pares de mola-res fortes, superiores e inferiores, num total de 44 dentes.

Qualquer porco comerá um homem morto, mas

para comer um homem vivo é necessário um pouco de educação. Os empregados de Mason na Sardenha estavam se encarregando da tarefa.

Agora, depois de um esforço de sete anos e muitas gerações de animais, os resultados eram... notáveis, *n* CAPÍTULO

16

COM TODOS os atores, menos o Dr. Lecter, em seus luga-res nas montanhas Gennargentu, na Sardenha, Mason preocupou-se em registrar a morte do doutor para a pos-teridade e seu prazer pessoal. Os arranjos tinham sido fei-tos há muito tempo, mas agora devia ser dado o alerta.

Ele realizou esse negócio delicado pelo telefone, a-través da central telefônica de sua casa de apostas legítima, perto das Castaways, em Las Vegas. Seus telefonemas e-ram fiapos minúsculos perdidos no grande volume de a- ção a cada fim de semana por lá.

A voz radiofônica de Mason, sem as consoantes explosivas e as fricativas, ricocheteava da Floresta Nacio-nal perto da costa de Chesapeake até o deserto, e voltava atravessando o oceano, primeiro até Roma:

No apartamento do sétimo andar de um prédio na Via Archimede, atrás do hotel de mesmo nome, o telefone está tocando, o tilintar áspero e duplo de um telefone to-cando em italiano. No escuro, vozes sonolentas.

— *Cosa? Cosa ce?*

— *Accendi la luce, idiota.*

O abajur da mesinha-de-cabeceira se acende. Há

três pessoas na cama. O rapaz mais próximo do telefone pega-o e entrega-o a um homem corpulento no meio. Do outro lado está uma garota loura, de vinte e poucos anos.

Ela ergue um rosto sonolento para a luz, depois deixa-se cair de novo.

— *Pronto, chi? Chi parla?*

— Oreste, meu amigo. É Mason.

O homem corpulento ajeita-se, sinaliza para o rapaz pedindo um copo de água mineral.

— Ah, Mason, meu amigo, desculpe, eu estava dormindo. Que horas são aí?

— É tarde em todo o lugar, Oreste. Lembra o que eu disse que faria por você e o

que você deveria fazer por mim?

— Bem, claro.

— Chegou a hora, meu amigo. Você sabe o que eu quero. Quero um conjunto de duas câmeras, quero som de melhor qualidade do que nos seus filmes de sexo, e você precisará levar sua própria eletricidade, de modo que quero um gerador muito longe do local de filmagem.

Também quero umas belas tomadas da natureza, para quando editarmos, e sons de pássaros. Quero que verifi-que a locação amanhã e ajeite tudo. Você pode deixar o material lá, eu resolvo a segurança, e você pode voltar para Roma até a hora da filmagem. Mas esteja preparado para aparecer com um aviso de duas horas. Entende isso, Ores-te? Há um depósito esperando por você no Citybank, no EUR, entendeu?

— Mason, neste momento eu estou filmando...

— Você quer fazer isso, Oreste? Você *disse* que es-tava cansado de fazer filmes de sacanagem, filmes de as-sassinatos e aquela merda histórica para a RAI. Você re-almente quer fazer uma coisa diferente, Oreste?

— Quero, Mason.

— Então vá hoje. O dinheiro está no Citybank. Eu quero que você vá.

— Para onde, Mason?

— Sardenha. Pegue um avião até Cagliari. Tem al-guém lá que vai se encontrar com você.

O próximo telefonema foi para Porto Torres, na costa leste da Sardenha. A ligação foi breve. Não havia muito a dizer porque a maquinaria estava estabelecida há

muito tempo, e era tão eficiente quanto a guilhotina portá-til de Mason. Também era mais legítimo ecologicamente, mas não tão rápido.

II

FLORENÇA

CAPÍTULO

17

NOITE NO CORAÇÃO de Florença, a velha cidade ilumina-da artisticamente.

O Palazzo Vecchio erguendo-se da praça escura, totalmente iluminado, intensamente medieval com suas janelas em arco e as ameias como dentes de abóbora do Dia das Bruxas, a torre do sino subindo para o infinito no céu negro.

Morcegos caçarão mosquitos diante do mostrador luminoso do relógio até a alvorada, quando as andorinhas voam espantadas pelos sinos.

O investigador-chefe Rinaldo Pazzi, da Questura, capa de chuva preta em contraste com as estátuas de mármore fixadas em atos de estupro e assassinato, saiu das sombras da Loggia e atravessou a praça, o rosto pálido virando-se como um girassol para a luz do palácio. Parou no lugar onde o reformador Savonarola foi queimado e olhou para as janelas onde seu antepassado encontrou o sofrimento.

Ali, daquela janela alta, Francesco de' Pazzi foi jo-gado nu com um laço ao redor do pescoço para morrer retorcendo-se e girando de encontro à parede áspera. O

arcebispo enforcado ao lado de Pazzi, com todas as suas vestes sagradas, não deu qualquer conforto espiritual; o-lhos esbugalhados, louco enquanto engasgava, o arcebispo trincou os dentes na carne de Pazzi.

Naquele domingo, 26 de abril de 1478, toda a famí-lia Pazzi foi rebaixada por ter matado Giuliano de' Mediei e ter tentado matar Lorenzo, o Magnífico, na catedral, du-rante a missa.

Agora Rinaldo Pazzi, um Pazzi dos Pazzi, odiando o governo tanto quanto seu ancestral, desonrado e infeliz, ouvindo o machado descer sibilante, chegou a esse lugar para decidir a melhor maneira de usar uma sorte singular: O investigador-chefe Pazzi acreditava ter encontra-do Hannibal Lecter vivendo em Florença. Teve a chance de recuperar sua reputação e desfrutar as honras do servi- ço capturando o bandido. Além disso, Pazzi teve a chance de vender Hannibal

Lecter a Mason Verger em troca de mais dinheiro do que podia imaginar — se o suspeito re-almente fosse Lecter. Claro, Pazzi também estaria ven-dendo sua honra esfarrapada.

Não era à toa que Pazzi chefiava a Divisão de In-vestigação da Questura — ele era talentoso e na juventude tinha sido impulsionado por uma fome lupina de ter su-cesso na profissão. Também levava as cicatrizes de um homem que, na pressa e no calor da ambição, uma vez havia medido seu talento com a lâmina.

Escolheu esse lugar para lançar a sorte porque certa vez tinha experimentado ali um momento de epifania que o tornou famoso, e que depois o arruinou.

O sentimento italiano de ironia era forte em Pazzi: como era adequado sua revelação fatídica ter acontecido debaixo dessa janela, onde o espírito furioso de seu ante-passado ainda podia girar contra a parede! Neste mesmo lugar ele poderia mudar para sempre a sorte dos Pazzi.

Foi a caçada de outro assassino serial, *Il Mostro,* que tornou Pazzi famoso e depois deixou os corvos picarem seu coração. Aquela experiência tornou possível sua nova descoberta. Mas resolver o caso de *Il Mostro* teve gosto de cinza amarga na boca de Pazzi, e agora o inclinava na di-reção de um jogo perigoso fora da lei.

Il Mostro, o monstro de Florença, foi predador de amantes na Toscana durante dezessete anos, entre as dé-cadas de 1980 e 90. O monstro se aproximava furtivamen-te de casais abraçados nas muitas estradinhas da Toscana.

Era seu costume matar os amantes com uma pistola de pequeno calibre, arrumá-los num quadro cuidadoso, com flores, e expor o seio esquerdo da mulher. Seus arranjos tinham uma familiaridade estranha, deixavam um senti-mento de *déjà vu.*

Além disso, o monstro pegava troféus anatômicos, a não ser na única vez em que trucidou dois alemães ho-mossexuais, de cabelos compridos, aparentemente por engano.

A pressão pública para a Questura pegar *Il Mostro* foi intensa, e acabou tirando do cargo o predecessor de Rinaldo Pazzi. Quando Pazzi assumiu como investigador-chefe, parecia um homem lutando contra abelhas, com a imprensa enxameando sua sala sempre que tinha permis-são, e fotógrafos espreitando na

Via Zara atrás da sede da Questura, por onde ele tinha de sair para pegar o carro.

Os turistas que estiveram em Florença no período devem se lembrar dos cartazes pregados em toda a parte, com o olho vigilante que alertava os casais contra o mons-tro.

Pazzi trabalhou como um possesso.

Ligou para a Divisão de Ciência do Comportamen-to do FBI americano, pedindo ajuda para fazer o perfil do assassino, e lia tudo que pudesse encontrar sobre os mé-todos usados pelo FBI para estabelecer os perfis.

Usava medidas preventivas: algumas estradas e ce-mitérios usados para encontros de amantes tinham mais policiais do que amantes sentados em pares nos carros.

Não havia policiais femininas suficientes para ir junto.

Durante o tempo de calor duplas do sexo masculino se revezavam usando peruca, e muitos bigodes foram sacrifi-cados. Pazzi estabeleceu o exemplo raspando seu próprio bigode.

O monstro tinha cuidado. Ele atacava, mas suas necessidades não o forçavam a atacar com freqüência.

Pazzi percebeu que nos anos anteriores houve lon-gos períodos em que o monstro simplesmente não atacou

— um intervalo de oito anos. Avaliou isso. Dolorosamen-te, laboriosamente, tentando conseguir ajuda de funcioná-rios de todas as agências que podia ameaçar, confiscando o computador do sobrinho para usar junto com a única máquina da Questura, listou cada criminoso do norte da Itália cujos períodos de prisão coincidiam com os hiatos na série de assassinatos do *Il Mostro.* O número era de 97.

Pazzi confiscou um velho Alfa-Romeo GTV de um ladrão de banco aprisionado e, fazendo mais de cinco mil quilômetros no carro por mês, olhou pessoalmente 94 dos condenados e os interrogou. Os outros estavam incapa-citados ou mortos.

Praticamente não havia provas nas cenas dos cri-mes para ajudá-lo a diminuir a

lista. Nenhum líquido cor-poral do assassino, nenhuma impressão digital.

Um único cartucho de bala foi recuperado de um local de assassinato em Impruneta. Era uma Winchester- Western calibre 22, com marcas de extrator combinando com uma pistola semi-automática Colt, possivelmente uma Woodsman. As balas em todos os crimes eram cali- bre 22, da mesma arma. Não havia marcas de silenciador nas balas, mas um silenciador não poderia ser descartado.

Pazzi era um Pazzi, e acima de tudo ambicioso, e tinha uma esposa jovem e adorável que sempre queria mais. Os esforços lhe custaram dez quilos de seu corpo magro. Membros mais jovens da Questura observavam em particular a semelhança dele com o personagem de desenho animado, o Coiote Wile.

Quando uns engraçadinhos colocaram um progra-ma de *morph* no computador da Questura, que trocava os rostos dos Três Tenores pelos de um jumento, um porco e um bode, Pazzi ficou olhando para o *morph* durante mi-nutos e sentiu seu próprio rosto indo e voltando para as feições do jumento.

A janela do laboratório da Questura tem uma guir-landa de alho para manter longe os espíritos malignos.

Depois de visitar e interrogar seus últimos suspeitos sem qualquer solução, Pazzi ficou parado naquela janela, o-lhando para o pátio poeirento, e entrou em desespero.

Pensou na jovem esposa, nos tornozelos bonitos e rígidos dela e no trecho de penugem na parte de trás da cintura. Pensou em como os seios estremeciam e balança-vam quando ela escovava os dentes, e como ela ria ao vê-lo espiando. Pensou nas coisas que queria lhe dar. Imagi-nou-a abrindo os presentes. Ele pensava na mulher em termos visuais; ela também era perfumada e maravilhosa de se tocar, mas o visual era a primeira coisa em sua lem-brança.

Pensou no modo como queria aparecer aos olhos dela. Certamente não em seu papel atual de objeto de zombaria da imprensa — o quartel-general da Questura em Florença localiza-se num ex-hospício, e os cartunistas se aproveitavam enormemente deste fato.

Pazzi imaginava que o sucesso vinha como resulta-do da inspiração. Sua memória visual era excelente e, co-mo muitas pessoas cujo sentido primário é a visão, ele pensava na revelação como o desenvolvimento de uma imagem, primeiro borrada e depois clareando-se. Meditava do modo como a maioria de nós procura um objeto per-dido: revemos a imagem na mente e comparamos essa imagem com o que vemos, renovando mentalmente a i-magem muitas vezes por minuto, e girando-a no espaço.

Então um atentado político, uma bomba atrás do Museu Uffizi, atraiu a atenção da polícia e o tempo de Pazzi para longe do caso do *Il Mostro* durante um curto período.

Ao mesmo tempo que trabalhava no importante caso da bomba no museu, as imagens criadas pelo *Il Mos- tro* permaneciam na mente de Pazzi. Ele via os quadros do monstro na periferia da visão, assim como olhamos para o lado de um objeto para vê-lo no escuro. Particularmente, ele se demorava no casal encontrado morto na carroceria de uma *pick-up* em Impruneta, os corpos arrumados cui-dadosamente pelo monstro, enfeitados com guirlandas de flores, o seio esquerdo da mulher exposto.

Pazzi deixara o Museu Uffizi no início de uma tarde e estava atravessando a Piazza Signoria, ali perto, quando uma imagem de um mostruário de postais saltou em sua direção.

Sem ter certeza de onde a imagem vinha, ele parou no lugar exato em que Savonarola fora queimado, virou-se e olhou ao redor. Turistas apinhavam a praça. Pazzi sentiu um frio na espinha. Talvez tudo estivesse na sua cabeça, a imagem, o tranco em sua atenção. Voltou alguns passos e veio andando de novo.

Ali estava: um pequeno cartaz, sujo de cocô de mosca e deformado pela chuva, da *Primavera* de Botticelli.

A pintura original estava atrás dele, no Museu Uffizi. *Pri- mavera. A* ninfa enfeitada por guirlandas à direita, o seio esquerdo exposto, flores caindo de sua boca enquanto o pálido zéfiro saía da floresta em direção a ela.

Ali. A imagem do casal morto na carroceria da *pick- up,* com guirlandas de flores, flores na boca da garota. I-gual. Igual.

Ali, onde seu ancestral havia girado, engasgado de encontro à parede, veio a idéia, a idéia magistral que Pazzi procurava, e era uma imagem criada há quinhentos anos por Sandro Botticelli — o mesmo artista que por quarenta florins tinha pintado na parede da prisão Bargello a ima-gem de Francesco de' Pazzi enforcado, com laço no pes-coço e tudo. Como Pazzi podia resistir a essa inspiração, com sua origem tão deliciosa?

Precisou sentar-se. Todos os bancos estavam chei-os. Foi obrigado a mostrar seu distintivo e requisitar o lugar de um homem velho cujas muletas ele honestamente só viu quando o veterano levantou-se sobre o único pé e reagiu alto e com grosseria.

Pazzi estava empolgado por dois motivos. Encon-trar a imagem que *Il Mostro* usava era um triunfo, porém muito mais importante, Pazzi tinha visto uma cópia da *Primavera* em seus interrogatórios dos suspeitos de crime.

Ele fez mais do que instigar a memória; inclinou-se, folheou-a e convidou-a. Voltou ao Uffizi e ficou parado diante da *Primavera* original, mas não por muito tempo.

Foi até o mercado público e tocou o focinho do porco de bronze, 77 *Porcellino.* Foi de carro até o Ippocampo e, en-costado no capo do veículo empoeirado, com o cheiro de óleo quente no nariz, ficou olhando as crianças jogarem futebol...

Viu primeiro a escada na mente, e o patamar acima, a parte superior do cartaz da

Primavera aparecendo en-quanto ele subia; podia voltar e ver a moldura da porta por um segundo, mas nada da rua, e nenhum rosto.

Conhecendo os processos de interrogatório, ele se questionou, indo para os sentidos secundários: *Quando* viu *o cartaz, o que você* ouviu?... *Panelas fazendo barulho numa cozinha do andar térreo. Quando você subiu até o patamar e ficou parado diante do cartaz, o que você* ouviu.M *televi- são. Uma televisão numa sala de estar. Robert Stack fazendo o papel de Eliot Ness em* Gli Intoccabili. *Sentiu* cheiro *de algo cozinhando? Sim, cozinhando. Sentiu* cheiro *de alguma outra coi- sa? Eu vi o cartaz. NÃO. Não o que você* viu. *Você sentiu* chei-ro *de alguma outra coisa? Eu ainda podia sentir o cheiro do Alfa, quente dentro, ainda estava no meu nariz, cheiro de óleo quente, quente da... da Raccordo, indo rápido na auto-estrada Raccordo para onde? San Casciano. Também ouvi um cão latindo, em San Casciano, um ladrão de residências e estuprador chamado Girolamo não-sei-das-quantas.*

Naquele momento em que a conexão é feita, na-quele espasmo sináptico de conclusão em que o pensa-mento atravessa o fusível vermelho, está o nosso prazer mais agudo. Rinaldo Pazzi teve o melhor momento de sua vida.

Dentro de uma hora e meia Pazzi estava com Giro-lamo Tocca sob custódia A mulher de Tocca jogou pedras no pequeno comboio que levou seu marido.

CAPÍTULO

18

TOCCA ERA SUSPEITO digno de sonho. Na juventude tinha cumprido nove anos de prisão pelo assassinato de um homem que ele apanhou abraçando a noiva numa estrada deserta. Também foi acusado de molestar sexualmente as filhas e de outros abusos domésticos, e cumpriu sentença de prisão por estupro.

A Questura praticamente destruiu a casa de Tocca tentando encontrar provas. No final o próprio Pazzi, dan-do uma busca no terreno de Tocca, encontrou um cartu-cho de arma que foi uma das poucas peças de prova física usadas pela Promotoria.

O julgamento foi uma sensação. Aconteceu num prédio de alta segurança chamado de Bunker, onde nos anos 70 aconteciam julgamentos de terroristas, em frente à

redação do jornal *La Nazione* em Florença. O júri, cinco homens e cinco mulheres, condenaram Tocca a partir de praticamente prova nenhuma, a não ser seu caráter. A maior parte do público acreditava que ele era inocente, mas muitos diziam que Tocca era um maluco que merecia estar na cadeia. Com 65 anos, recebeu uma sentença de quarenta anos em Volterra.

Os seis meses seguintes foram de ouro. Nos últi-mos quinhentos anos nenhum Pazzi foi tão célebre em Florença, desde que Pazzo de' Pazzi voltou da primeira cruzada com lascas de pedra do Santo Sepulcro.

Rinaldo Pazzi e sua linda esposa ficaram ao lado do arcebispo no Duomo quando, no tradicional ritual de Pás- coa, aquelas mesmas lascas sagradas foram usadas para acender o pombo artificial, movido a rojão, que voou da igreja ao longo de um fio para fazer explodir uma carroça de fogos de artifício diante da multidão que aplaudia.

Os jornais reproduziram praticamente cada palavra de Pazzi enquanto ele dava crédito, com motivo, aos seus subordinados pelo enorme esforço que eles haviam feito.

A *signora* Pazzi foi consultada em questões de moda, e ela realmente parecia maravilhosa nas roupas que os costurei-ros a encorajaram a usar. O casal foi convidado para chás pródigos nos lares dos poderosos, e jantaram com um conde em seu castelo, rodeados por armaduras.

Pazzi foi mencionado para um cargo político, elogi-ado acima do barulho geral do Parlamento italiano e rece-beu a incumbência de chefiar o esforço cooperativo da Itália com o FBI americano contra a Máfia. Esse manda-do, e uma bolsa para estudar e participar de seminários de criminologia na Universidade de Georgetown, levaram o casal Pazzi a Washington, D.C. O inspetor-chefe passou bastante tempo na Divisão de Ciência do Comportamento em Quantico, e sonhou em criar uma Divisão de Ciência do Comportamento em Roma.

Então, depois de dois anos, o desastre: numa at-mosfera mais calma, uma corte de apelação, não sem pres-são pública, concordou em rever a condenação de Tocca.

Pazzi foi trazido de volta para enfrentar a investigação.

Entre os ex-colegas que deixara para trás, muitos estavam sacando suas facas contra ele.

Um júri de apelação cancelou a condenação de Tocca e repreendeu Pazzi, dizendo ao tribunal acreditar que ele tinha plantado a prova.

Seus antigos aliados em altos postos fugiram como fugiriam de um mau cheiro. Ele ainda era uma autoridade importante na Questura, mas sem possibilidades de ascen-são, e todo mundo sabia disso. O governo italiano move-se devagar, mas em breve o machado cairia.

CAPÍTULO

19

FOI NO TEMPO medonho e desgastante em que Pazzi es-perava pelo machado que viu pela primeira vez o homem conhecido entre os eruditos de Florença como Dr. Fell...

Rinaldo Pazzi, subindo a escada do Palazzo Vec-chio numa tarefa mesquinha, uma das muitas que lhe eram passadas por seus ex-subordinados na Questura enquanto desfrutavam sua queda. Pazzi via apenas as pontas de seus sapatos na pedra desgastada, e não as maravilhas da arte ao redor, enquanto subia ao lado da parede coberta de afrescos. Há quinhentos anos seu ancestral tinha sido ar-rastado por essas escadas acima, sangrando.

Num patamar, ajeitou os ombros como o homem que era, e forçou-se a encarar os olhos das pessoas nos afrescos, algumas delas parentes. Já podia ouvir o barulho no Salão dos Lírios acima, onde os diretores da Galeria Uffizi e do Comitê de Belas-Artes estavam se reunindo.

O serviço de Pazzi hoje era o seguinte: o antigo cu-rador do Palazzo Capponi estava desaparecido. Acredita-va-se que o velho tinha fugido com uma mulher, com o dinheiro de alguém ou ambas as coisas. Nas últimas qua-tro reuniões mensais ele tinha deixado de se encontrar com seus colegas ali e no Palazzo Vecchio.

Pazzi foi mandado para continuar com a investiga- ção. O investigador-chefe Pazzi, que depois da bomba no museu tinha feito palestras sobre segurança para esses mesmos diretores de rostos cinzentos da Uffizi e os membros do rival

Comitê de Belas-Artes. Agora precisava aparecer diante deles com a importância reduzida, para fazer perguntas sobre a vida amorosa de um curador. Não estava ansioso por isso.

Os dois comitês formavam uma assembléia cheia de disputas e irritações de parte a parte — há anos eles não conseguiam sequer concordar num ponto de encon-tro, já que ninguém parecia disposto a se reunir na sede do outro. Em vez disso, reuniam-se no magnífico Salão dos Lírios do Palazzo Vecchio, cada membro acreditando que a sala magnífica era adequada à sua eminência e distinção.

Uma vez estabelecidos ali, recusavam-se a se reunir em qualquer outro lugar, ainda que o Palazzo Vecchio estives-se passando por uma de suas milhares de restaurações, com andaimes, panos cobrindo as obras de arte e maqui-naria no andar debaixo.

O professor Ricci, velho colega de escola de Rinal-do Pazzi, estava no saguão do lado de fora da sala, tendo um ataque de espirros por causa do pó de reboco. Quan-do se recuperou o suficiente, revirou os olhos lacrimejan-tes para Pazzi.

— *La solita arringa* — disse Ricci. — Eles estão dis-cutindo como sempre. Você veio por causa do sumiço do curador do Capponi? Neste momento estão brigando pelo cargo dele. Sogliato quer o cargo para o sobrinho. Os eru-ditos estão impressionados com o curador temporário que eles nomearam há meses, o Dr. Fell. Querem mantê-lo.

Pazzi deixou o amigo batendo nos bolsos em busca de lenços de papel, e entrou na câmara histórica com o teto de lírios dourados. Panos pendurados em duas das paredes ajudavam a abafar o barulho.

O adepto do nepotismo, Sogliato, tinha a palavra, e a mantinha através do volume:

— A correspondência de Capponi remonta ao sé-culo XIII. O Dr. Fell poderia segurar em sua mão, em sua mão *não-italiana,* um bilhete do próprio Dante Alighieri.

Será que ele o reconheceria? Creio que *não.* Vocês o exa-minaram para avaliar seu italiano medieval, e não negarei que a linguagem dele é admirável. Para um *straniero.* Mas ele é familiarizado com as personalidades da Florença pré-

renascentista? Creio que *não.* E se ele encontrasse na Bi-blioteca Capponi um bilhete de... de Guido de Cavalcanti, por exemplo. Será que ele reconheceria? Creio que *não.*

Poderia falar disso, Dr. Fell?

Rinaldo Pazzi examinou a sala e não viu qualquer pessoa que ele reconhecesse como o Dr. Fell, mesmo ten-do examinado uma roto do homem há menos de uma ho-ra. Não viu o Dr. Fell porque o doutor não estava sentado com os outros. Pazzi escutou a voz primeiro, depois loca-lizou-o.

O Dr. Fell estava de pé, imóvel, ao lado da grande estátua de bronze de Judite e Holofernes, de costas para o homem que tinha a palavra e para o grupo. Falou sem se virar, e era difícil saber de que figura vinha a voz. De Judi-te, com a espada para sempre erguida para golpear o rei bêbado, de Holofernes, agarrado pelo cabelo, ou do Dr.

Fell, esguio e imóvel ao lado das figuras de bronze de Do-natello. Sua voz atravessava o barulho como um *laser* cor-tando fumaça, e os homens que falavam sem parar fica-ram quietos.

— Cavalcanti respondeu publicamente ao primeiro soneto de Dante em *La Vita Nuova*, onde Dante descreve seu estranho sonho com Beatrice Portinari. Talvez Caval-canti também tenha feito algum comentário particular. Se ele escreveu a algum Capponi, teria de ser para Andréa, que era mais literário do que seus irmãos. — O Dr. Fell virou-se para encarar o grupo quando quis, depois de um intervalo desconfortável para todos, menos para ele. — O

senhor conhece o primeiro soneto de Dante, professor Sogliato? *Conhece?* Ele fascinou Cavalcanti, e vale o senhor dedicar seu tempo. Em parte diz:

“As primeiras três horas da noite haviam quase passado O tempo em que cada estrela brilha sobre nós Quando Amor me apareceu de súbito

E eu ainda estremeço com a lembrança.

Amor me pareceu alegre, enquanto segurava Meu coração nas mãos, e nos seus braços Minha dama dormia, envolta num véu.

Então ele acordou-a e, trêmula e obediente, Ela comeu o coração ardente;

Chorando, eu o vi partir para longe.”

— Ouçam como ele faz uso do italiano vernacular, o que ele chamava, *vulgari eloquentia* do povo:

“Allegro mi sembrava

Amor tenendo

Meo core in mano, e ne le braccia avea

Madonna involta in un drappo dormendo.

Poi la svegliava, e desto core ardendo

Leipaventosa umilmente pascea

Appreso gir lo ne vedea piangendo.”

Nem mesmo os florentinos mais briguentos pode-riam resistir aos versos de Dante ressoando naquelas pa-redes forradas de afrescos, no claro sotaque toscano do Dr. Fell. Primeiro aplausos, e depois, por aclamação com os olhos úmidos, os membros confirmaram o Dr. Fell como curador do Palazzo Capponi, deixando Sogliato fu-megante. Pazzi não podia dizer se a vitória agradava ao doutor, porque ele virou as costas de novo. Mas Sogliato não terminara.

— Se ele é tão especialista em Dante, que fale sobre Dante ao *Studiolo.* — Sogliato sibilou o nome como se fosse a Inquisição. — Deixe-o enfrentá-los *extempore,* na próxima sexta-feira, se ele puder.

O *Studiolo,* que tinha recebido este nome por causa de uma sala particular ornamentada, era um grupo peque-no e feroz de estudiosos que havia arruinado várias repu-tações acadêmicas e se reunia com freqüência no Palazzo Vecchio. Preparar-se para eles era visto como uma tarefa considerável, apresentar-se diante deles um perigo. O tio de Sogliato apoiou sua moção, e o cunhado de Sogliato pediu uma votação, que sua irmã registrou imediatamente.

Foi aprovada. A indicação permanecia, mas, para mantê-la, o Dr. Fell precisava satisfazer ao *Studiolo.*

Os comitês tinham um novo curador para o Palaz-zo Capponi, não sentiam falta do antigo, e não deram muita importância às perguntas desanimadas de Pazzi sobre o desaparecimento do sujeito. Pazzi comportou-se admiravelmente.

Como qualquer bom investigador tinha avaliado as circunstâncias em busca de vantagens. Quem iria se bene-ficiar com o desaparecimento do velho curador? O cura-dor desaparecido era um solteirão, um estudioso res-peitável e quieto, de vida ordeira. Tinha algumas economi-as, não muitas. Tudo que possuía era seu cargo e com ele o privilégio de morar no sótão do Palazzo Capponi.

Ali estava o novo indicado, confirmado pela direto-ria depois de um interrogatório sobre história florentina e italiano arcaico. Pazzi havia examinado os formulários de candidatura do Dr. Fell, e as fichas do Serviço Nacional de Saúde.

Pazzi aproximou-se dele enquanto os membros da diretoria fechavam as pastas para ir embora.

— Dr. Fell.

— Sim, *Commendatore?*

O novo curador era pequeno e esguio. Seus óculos eram escuros na metade superior da lente e as roupas es-curas maravilhosamente cortadas, mesmo para a Itália.

— Eu gostaria de saber se o senhor conheceu seu antecessor. — As antenas de um policial experiente estão sempre afinadas para a faixa do medo. Observando cuida-dosamente o Dr. Fell, Pazzi registrou calma absoluta.

— Nunca me encontrei com ele. Li várias de suas monografias na *Nuova Antologia.* — O toscano tranqüilo do doutor era tão claro quanto sua recitação. Se havia al-gum traço de sotaque estrangeiro, Pazzi não pôde identifi-car.

— Sei que os policiais que iniciaram a investigação verificaram o Palazzo Capponi em busca de algum bilhete, uma nota de despedida, de suicídio, e não encontraram coisa alguma. Se o senhor encontrar alguma coisa no meio dos papéis, qualquer coisa pessoal, mesmo que seja trivial, poderia telefonar para mim?

— Claro, *Commendator* Pazzi.

— Os objetos pessoais dele ainda estão no Palazzo?

— Em duas malas, com um inventário.

— Vou mandar... vou passar por lá e pegá-las.

— Poderia me telefonar primeiro, *Commendatore?* Eu posso desarmar o sistema de segurança antes de sua che-gada, e lhe economizar tempo.

O sujeito é calmo demais. Ele deveria me temer um pouco.

Ele pede que eu telefone antes de ir.

O comitê havia irritado Pazzi. Ele não podia fazer coisa alguma a respeito. Agora sentia-se cutucado pela presunção desse sujeito. Cutucou de volta.

— Dr. Fell, posso lhe fazer uma pergunta pessoal?

— Se o serviço exigir, *Commendatore.*

— O senhor tem uma cicatriz relativamente nova nas costas da mão esquerda.

— E o senhor tem uma nova aliança de casamento na sua: *La VitaNuova?* — o Dr. Fell sorriu. Tinha dentes pequenos, muito brancos. No instante de surpresa de Paz-zi, antes que ele decidisse ficar ofendido, o Dr. Fell levan-tou a mão com a cicatriz e prosseguiu: — Síndrome do túnel do carpo, *Commendatore.* A História é uma profissão perigosa.

— Por que o senhor não declarou síndrome do tú-nel do carpo nos formulários do Serviço Nacional de Saú-de quando veio trabalhar aqui?

— Minha impressão, *Commendatore,* é que os danos só são relevantes se estamos recebendo pagamento por deficiência física; eu não estou. Tampouco sou deficiente.

— Então a cirurgia foi feita no Brasil, seu país de origem?

— Não foi na Itália, não recebi coisa alguma do governo italiano — disse o Dr. Fell, como se acreditasse ter respondido completamente.

Os dois foram os últimos a sair da sala de reuniões.

Pazzi tinha chegado à porta quando o Dr. Fell dirigiu-se a ele.

— *Commendator* Pazzi?

O Dr. Fell era uma silhueta preta de encontro à ja-nela alta. Atrás dele, à distância, erguia-se o Duomo.

— Sim?

— Creio que o senhor é um Pazzi dos Pazzi, estou certo?

— Sim. Como sabia? — Pazzi consideraria extre-mamente grosseira uma referência à cobertura recente nos jornais.

— O senhor lembra uma figura dos rondeis de De-lia Robbia na capela de sua família em Santa Croce,

— Ah, aquele era Andréa de' Pazzi, representado como João Batista — disse Pazzi, com um pequeno toque de prazer em seu coração ácido.

Quando Rinaldo Pazzi deixou a figura esguia para-da na sala do conselho, sua última impressão foi da extra-ordinária imobilidade do Dr. Fell. Muito em breve ele a-crescentaria outras impressões.

CAPÍTULO

20

AGORA QUE O CONTATO incessante deixou-nos calejados para tudo que é obsceno e vulgar, é instrutivo saber o que ainda nos parece maligno. O que ainda golpeia a gordura viscosa de nossa consciência submissa com força bastante para atrair nossa atenção?

Em Florença foi a exposição chamada Instrumen-tos de Torturas Atrozes, e foi ali que Rinaldo Pazzi encon-trou pela segunda vez o Dr. Fell.

A exposição, mostrando mais de vinte instrumentos clássicos de tortura com ampla documentação, foi monta-da no intimidante Forte di Belvedere, uma

fortaleza dos Mediei, do século XVI, que guarda a muralha sul da cida-de. A mostra recebeu uma multidão enorme e inesperada; a excitação saltava como uma truta dentro das calças do público.

O prazo programado era de um mês. A exposição de Instrumentos de Torturas Atrozes permaneceu seis meses, igualando o público da Galeria Uffizi e superando o do Museu do Palazzo Pitti.

Os promotores, dois taxidermistas fracassados que anteriormente sobreviviam comendo as entranhas dos troféus que montavam, tornaram-se milionários e fizeram uma turnê triunfal pela Europa com a mostra, usando seus novos *smokings.*

Os visitantes vinham principalmente em casais, de toda a Europa, aproveitando as extensas horas em fila no meio dos engenhos de dor, para ler cuidadosamente em qualquer uma das quatro línguas a proveniência e o modo de uso dos equipamentos. Ilustrações de Dürer e outros, junto com diários da época, esclareciam o público em questões como os detalhes da tortura na roda. Escrito em inglês numa placa:

Os príncipes italianos preferiam quebrar suas vítimas no chão, usando uma roda com aro de ferro como agente de pressão, e blocos debaixo dos membros, como está sendo mostrado, ao passo que no norte da Europa o método popular era amarrar a vítima na ro- da, quebrar seus membros com uma barra de ferro e depois passá-los através dos raios ao redor do perímetro da roda, com as várias fratu- ras proporcionando a flexibilidade exigida, enquanto a cabeça ainda fazendo barulho e o tronco permaneciam no centro. Este último mé- todo era um espetáculo mais satisfatório, mas a recreação poderia acabar rapidamente se um pedaço de osso entrasse no coração.

A exposição de Instrumentos de Torturas Atrozes não podia deixar de atrair um conhecedor do que há de pior na humanidade. Mas a essência do pior, a verdadeira assa-fétida do espírito humano, não é encontrada na Don-zela de Ferro ou na lâmina afiada; a Feiúra Básica é encon-trada nos rostos da multidão.

Na semi-escuridão daquela grande sala de pedra, debaixo das gaiolas dos condenados penduradas no alto, estava o Dr. Fell, conhecedor de rostos, segurando os óculos na mão cicatrizada, encostando a ponta da armação nos lábios, o rosto fascinado enquanto olhava as pessoas passando.

Rinaldo Pazzi viu-o ali.

Pazzi estava na segunda tarefa mesquinha do dia.

Em vez de jantar com a mulher, passava pela multidão para colocar novos alertas para os casais sobre o Monstro de Florença, que ele não conseguira pegar. Um daqueles cartazes estava colado acima da sua mesa, colocado ali pelos novos superiores, junto com outros cartazes de pro-curados de todo o mundo.

Os taxidermistas, cuidando juntos da bilheteria, fi-caram satisfeitos em acrescentar um pouquinho do horror contemporâneo à sua mostra, mas pediram que o próprio Pazzi colocasse o cartaz, já que nenhum dos dois parecia disposto a deixar o outro sozinho com o dinheiro. Alguns moradores da cidade reconheceram Pazzi e o vaiaram em meio ao anonimato da multidão.

Pazzi apertou tachinhas nos cantos do cartaz azul, onde aparecia o olho único, vigilante, num quadro de avi-sos perto da saída, onde atrairia mais atenção, e virou uma luz da exposição para cima dele. Observando os casais que saíam, Pazzi podia ver que muitos estavam excitados, es-fregando-se uns contra os outros no meio da turba. Não queria ver mais um arranjo montado, não queria ver mais sangue e flores.

Queria falar com o Dr. Fell — seria conveniente pegar os objetos do curador desaparecido enquanto estava tão perto do Palazzo Capponi. Mas, quando se virou do quadro de avisos, o doutor havia desaparecido. Não estava na multidão que saía. Havia apenas a parede de pedra jun-to à qual ele estivera, debaixo da gaiola onde se encontra-va um esqueleto em posição fetal, ainda implorando para ser alimentado.

Pazzi ficou chateado. Abriu caminho pela multidão até sair, mas não encontrou o doutor.

O guarda na saída reconheceu Pazzi e não disse coisa alguma quando ele passou por cima da corda e dei-xou o caminho, indo para o terreno escuro do Forte di Belvedere. Foi até o parapeito, olhando para o norte, por sobre o Amo. A velha Florença estava aos seus pés, a grande corcova do Duomo, a torre do Palazzo Vecchio erguendo-se em meio à luz.

Pazzi era uma alma muito velha, retorcendo-se na ponta de uma lança de circunstâncias ridículas. Sua cidade zombava dele.

O FBI americano terminara de enfiar a faca nas su-as costas, dizendo na imprensa que o perfil feito pelo FBI para *Il Mostro* não se parecia sequer um pouco com o ho-mem que Pazzi prendera. *La Nazione* acrescentou que Pazzi "carregara Tocca para a prisão".

A última vez em que Pazzi prendera o cartaz azul do *Il Mostro* tinha sido na América; foi um triunfo orgu-lhoso que ele pendurou na parede da Divisão de Ciência do Comportamento, e ele o autografara a pedido dos a-gentes do FBI americano. Todos sabiam a seu respeito, admiravam-no, convidavam-no. Ele e a esposa tinham sido convidados de muitos no litoral de Maryland.

De pé no parapeito escuro, olhando para sua cidade antiga, ele sentiu o cheiro do ar salgado da baía de Chesa-peake, viu a esposa na praia, calçando os tênis brancos novos.

Havia uma imagem de Florença na Divisão de Ci- ência do Comportamento, em Quantico, que lhe mostra-ram como uma curiosidade. Era a mesma vista que tinha diante de si agora, a velha Florença vista do Belvedere, a melhor vista que há. Mas não em cores. Não, era um de-senho a lápis, sombreado a carvão. O desenho estava nu-ma foto, no fundo de uma foto. Era uma fotografia do assassino serial americano, o Dr. Hannibal Lecter. Hanni-bal, o Canibal. Lecter desenhara Florença de memória, e o desenho estava pendurado em sua cela no asilo, um lugar tão triste quanto este.

Quando foi que baixou sobre Pazzi aquela idéia que vinha amadurecendo? Duas imagens, a Florença real à sua frente e o desenho do qual ele se lembrava. Colocando o cartaz do *Il Mostro* há minutos. O cartaz de Mason Verger mostrando Hannibal Lecter na parede da sala de Pazzi, com a imensa recompensa e os alertas:

O DR. LECTER PRECISARÁ ESCONDER A MÃO ES-

QUERDA, E TALVEZ TENTE ALTERÁ-LA CIRURGICAMENTE, JÁ QUE SEU TIPO DE POLIDACTILIA, O SURGIMENTO DE

DEDOS EXTRAS PERFEITOS, É EXTREMAMENTE RARO E

INSTANTANEAMENTE IDENTIFICÁVEL.

O Dr. Fell segurando os óculos junto aos lábios com a mão cicatrizada.

Um desenho detalhado desta vista na parede da sala de Hannibal Lecter.

Será que a idéia veio a Pazzi enquanto ele olhava para a cidade de Florença abaixo, ou para a escuridão aci-ma das luzes? E por que o que a atraíra fora o cheiro da brisa salgada em Chesapeake?

Estranhamente, para um homem visual, a conexão chegou com um som, o som que uma pedra faria caindo num poço.

Hannibal Lecter tinha fugido para Florença. Plop.

Hannibal Lecter era o Dr. Fell.

A voz interior de Rinaldo Pazzi lhe disse que ele poderia ter enlouquecido na gaiola de seu sofrimento; sua mente frenética poderia estar trincando os dentes contra as barras como o esqueleto na gaiola da exposição.

Sem ter lembrança de se mexer, ele se viu no Por-tão da Renascença, que ia do Belvedere para a íngreme Costa di San Giorgio, uma rua estreita que serpenteia e mergulha até o coração da velha Florença em menos de oitocentos metros. Seus passos pareciam levá-lo por sobre os pedregulhos íngremes independentemente da vontade.

Ia mais rápido do que desejava, olhando sempre à frente em busca do homem chamado Dr. Fell, porque este era o caminho para a casa dele — na metade do caminho Pazzi entrou na Costa Scarpuccia, sempre descendo, até chegar à Via de'Bardi, perto do rio. Perto do Palazzo Capponi, lar do Dr. Fell.

Bufando por causa da descida, encontrou um lugar à sombra da luz da rua, a entrada de um prédio de apar-tamentos em frente ao Palazzo. Se alguém viesse, ele po-deria se virar e fingir que estava apertando uma campai-nha.

O Palazzo estava escuro. Pazzi podia ver acima da grande porta dupla a luz vermelha de uma câmera de vigi-lância. Não tinha certeza se ela funcionava o tempo intei-ro, ou se era ligada apenas quando alguém tocava a cam-painha. Ficava bem dentro da entrada coberta. Pazzi não acreditava que ela pudesse captar a imagem ao longo da fachada.

Esperou meia hora, ouvindo a própria respiração, e o doutor não chegou. Talvez estivesse lá dentro, sem luzes acesas.

A rua estava vazia. Pazzi atravessou rapidamente e ficou perto da parede. Fracamente, um som fino veio de dentro. Pazzi encostou a cabeça nas barras frias da janela para ouvir. Um cravo, as *Variações Goldberg,* de Bach, bem tocadas.

Pazzi precisava esperar, espreitar e pensar. Era cedo demais para estragar sua busca. Precisava decidir o que fazer. Não queria bancar o idiota outra vez. Enquanto re-cuava para a sombra do outro lado da rua, seu nariz foi a última coisa a desaparecer.

CAPÍTULO

21

O MÁRTIR CRISTÃO São Miniato pegou sua cabeça cortada na areia do anfiteatro romano de Florença e levou-a de-baixo do braço até a montanha do outro lado do rio, on-de, segundo a tradição, está enterrado em sua igreja es-plêndida.

Sem dúvida, o corpo de São Miniato, ereto ou não, passou pela rua antiga onde estamos agora, a Via de' Bar-di. Agora a noite chega, e a rua está vazia, o padrão em leque das pedras do calçamento brilhando numa garoa de inverno que não é suficientemente fria para matar o cheiro dos gatos. Estamos em meio aos palácios construídos há

seiscentos anos pelos príncipes mercadores, fazedores de reis e eminências pardas da Florença renascentista. A pou-ca distância, do outro lado do rio Amo, estão as espiras cruéis da Signoria, onde o monge Savonarola foi enforca-do e queimado, e aquele grande açougue de Cristos cruci-ficados, o Museu Uffízi.

Esses locais familiares, comprimidos numa rua an-tiga, congelados na burocracia da Itália moderna, são por fora arquitetura de prisão, mas contêm espaços grandes e graciosos, salões altos e silenciosos que ninguém jamais vê, com cortinas de seda apodrecendo, manchadas de chuva, onde obras menores dos grandes mestres da Re-nascença estão penduradas no escuro há anos, e são ilu-minadas pelos raios depois que as cortinas desmoronam.

Aqui, atrás de vocês, está o palácio dos Capponi, uma família distinta durante mil anos, que rasgou o ulti-mato de um rei francês na cara dele e produziu um papa.

Agora as janelas do Palazzo Capponi estão escuras, atrás de seus portões de ferro. Os aros para as tochas es-tão vazios. Naquele vidro velho e craquelado está um bu-raco de bala dos anos 40. Chegue mais perto. Encoste a cabeça no ferro frio como fez o policial, e ouça. Você po-de ouvir fracamente um cravo. As *Variações Goldberg,* de Bach, tocadas não perfeitamente, mas muito bem, com uma compreensão envolvente da música. Tocadas não perfeitamente, mas tremendamente bem; talvez haja uma ligeira rigidez na mão esquerda.

Se você acreditasse que não corre risco, entraria lá

dentro? Entraria nesse lugar tão proeminente em sangue e glória, seguiria seu rosto através do escuro cheio de teias, em direção ao barulho exótico do cravo? Os alarmes não podem nos ver. O policial molhado, espreitando na porta, não pode nos ver. Venha...

Dentro do saguão o escuro é quase absoluto. Uma comprida escada de pedra, o corrimão frio debaixo de nossa mão que escorrega, os degraus côncavos pelas cen-tenas de anos de passos, irregulares sob nossos pés en-quanto subimos na direção da música.

A alta porta dupla do salão principal guincharia e uivaria se tivéssemos de abri-la. Para você ela está aberta.

A música vem do canto mais distante, e do canto vem a única luz, luz de muitas velas escorrendo vermelha através da porta pequena de uma capela no canto do salão.

Vamos até a música. Temos uma leve consciência de passar por grandes grupos de móveis cobertos de pano, formas vagas não totalmente imóveis à luz das velas, co- mo um rebanho adormecido. Acima de nós, as alturas da sala desaparecem na escuridão.

A luz brilha avermelhada sobre um cravo ornamen-tado, e sobre o homem conhecido pelos eruditos da Re-nascença como o Dr. Fell, o doutor elegante, de costas retas enquanto se inclina para a música, a luz refletindo-se no cabelo e nas costas do roupão de seda xadrez com um brilho que faz parecer pelúcia.

A tampa erguida do cravo é decorada com uma ce-na intricada de um banquete, e as pequenas figuras pare-cem um enxame à luz das velas, acima das cordas. Ele to-ca de olhos fechados. Não precisa da partitura. À frente, no suporte em forma

de lira, está um exemplar do tablói-de americano de escândalos, o *National Tattler.* Está do-brado para mostrar apenas o rosto na primeira página, o rosto de Clarice Starling.

Nosso músico sorri, termina a peça, repete uma vez a sarabanda por seu próprio prazer, e a última corda tan-gida por uma pena vibra até o silêncio no grande salão, ele abre os olhos, cada pupila com um ponto de luz vermelha no centro. Ele inclina a cabeça para o lado e olha para o jornal. Levanta-se sem qualquer ruído e leva o tablóide americano para a minúscula capela ornamentada, construída antes da descoberta da América. Enquanto o segura à

luz das velas e o desdobra, os ícones religiosos acima do altar parecem ler o tablóide sobre seus ombros, como se estivessem numa fila de mercearia. O tipo é Railroad Go-thic, de corpo 72. Diz: *"ANJO DA MORTE: CLARICE STARLING, A MÁQUINA DE MATAR DO FBI. "*

Rostos pintados em agonia e beatitude ao redor do altar desaparecem quando ele sopra as velas. Ao atravessar o grande salão ele não precisa de luz. Um sopro de ar en- quanto o Dr. Hannibal Lecter passa por nós. A grande porta estala, fecha-se com um ruído oco que podemos sentir no chão. Silêncio.

Passos entrando em outro cômodo. Nas ressonân-cias deste lugar as paredes parecem mais perto, o teto ain-da alto — sons agudos ecoam tardios de cima — e o ar imóvel segura o cheiro de pergaminho e velas apagadas.

O barulho de papel no escuro, os estalos de uma poltrona. O Dr. Lecter senta-se numa grande poltrona da famosa Biblioteca Capponi. Seus olhos refletem a luz vermelha, mas não brilham vermelhos no escuro, como alguns de seus prisioneiros teriam jurado. A escuridão é

completa. Ele está meditando...

É verdade que o Dr. Lecter criou a vaga no Palazzo Capponi removendo o antigo curador — um processo simples que exigiu alguns segundos de trabalho no velho e uma moldagem modesta de dois sacos de cimento — mas assim que o caminho estava livre ele conseguiu o cargo facilmente, demonstrando ao Comitê de Belle Arti uma capacidade lingüística extraordinária, traduzindo à primei-ra vista o italiano medieval e o latim dos manuscritos mais densos em letras góticas.

Encontrara uma paz que iria preservar — pratica-mente não matara ninguém, a não ser seu predecessor, durante o período em que morava em Florença. Seu cargo como tradutor e curador da Biblioteca Capponi é um prê-mio considerável para ele por vários motivos: Os espaços, a altura das salas do palácio, são importantes para o Dr. Lecter depois de anos confinado num espaço pequeno. Mais importante, ele sente uma resso-nância com o lugar; é o único prédio particular que ele já

viu e que se aproxima, em dimensão e detalhes, ao palácio de memórias que mantém desde a juventude.

Na biblioteca, essa coleção única de manuscritos e correspondências que remontam ao início do século XIII, ele pode se dar ao luxo de uma certa curiosidade a respei-to de si próprio.

O Dr. Lecter acreditava, a partir de fragmentados registros familiares, que descendia de um certo Giuliano Bevisangue, uma temível figura do século XII na Toscana, e dos Maquiavel, bem como dos Visconti. Este era o lugar ideal para pesquisa. Apesar de ter uma certa curiosidade abstrata na questão, ela não se relacionava com o ego. O

Dr. Lecter não precisa de um reforço convencional. Seu ego, como sua cota de inteligência, e o grau de sua racio-nalidade, não são mensuráveis por meios convencionais.

De fato, não há consenso na comunidade psiquiá-trica de que o Dr. Lecter deva ser considerado um ho-mem. Há muito ele tem sido visto pelos seus pares na psi-quiatria, muitos dos quais temem sua pena ácida nos jor-nais da classe, como algo totalmente Estranho. Por con-veniência, eles o chamam de “monstro”.

O monstro está sentado na biblioteca negra, a men-te pintando cores no escuro, e um ar medieval atravessan-do sua cabeça. Está pensando no policial.

Estalo de um interruptor, e uma luz baixa se acen-de.

Agora podemos ver o Dr. Lecter sentado numa mesa de refeitório do século XVI na Biblioteca Capponi.

Atrás dele está uma parede cheia de manuscritos em esca-ninhos e grandes livros encadernados de tecido remon-tando a oitocentos anos. Uma correspondência do

século XIV com um ministro da República de Veneza está empi- lhada diante dele, segura por um pequeno molde feito por Michelangelo como estudo para o seu Moisés de chifre, e diante do tinteiro há um computador *laptop* ligado para pesquisa *on line* com a Universidade de Milão.

Em vermelho e azul luminosos em meio às pilhas de pergaminho castanho e amarelo está um exemplar do *National Tattler.* E ao lado dele, a edição do *La Nazione* de Florença. O Dr. Lecter pega o jornal italiano e lê o último ataque contra Rinaldo Pazzi, provocado por uma declara- ção do FBI sobre o caso do *Il Mostro.* "Tocca jamais se ajustou ao nosso perfil", dizia um porta-voz do FBI. *La Nazione* citava a formação de Pazzi e seu treinamento na América, na famosa Academia de Quantico, e dizia que ele não deveria ter se enganado tão facilmente. O caso do *Il Mostro* não interessava em absoluto ao Dr. Lecter, mas o passado de Pazzi sim. Que infelicidade ele encontrar um policial treinado em Quantico, onde Hannibal Lecter era um caso estudado com afinco.

Quando o Dr. Lecter fitou o rosto de Rinaldo Pazzi no Palazzo Vecchio e ficou suficientemente perto para cheirá-lo, teve certeza de que Pazzi não suspeitava de coi-sa alguma, mesmo tendo perguntado sobre a cicatriz na sua mão. Pazzi nem mesmo tinha um interesse sério nele com relação ao desaparecimento do curador.

O policial o viu na exposição de instrumentos de tortura. Teria sido melhor encontrá-lo numa exposição de orquídeas.

O Dr. Lecter tinha consciência de que todos os e-lementos da epifania estavam presentes na cabeça do poli-cial, entrechocando-se aleatoriamente com os milhares de outras coisas que ele sabia.

Será que Rinaldo Pazzi deveria se juntar ao falecido curador do Palazzo Vecchio no fundo do poço? Será que o corpo de Pazzi deveria ser encontrado depois de um aparente suicídio? O *La Nazione* ficaria satisfeito em tê-lo provocado até a morte.

Agora não, refletiu o monstro, e voltou-se para seus grandes rolos de pergaminho.

O Dr. Lecter não se preocupava. Estava se delici-ando com o estilo de escrita de Neri Capponi, banqueiro e emissário a Veneza no século XV, e lia suas cartas, em voz alta de vez em quando, por seu próprio prazer, tarde da noite.

CAPÍTULO

22

ANTES DO AMANHECER Pazzi tinha nas mãos as fotografi-as tiradas para o visto de trabalho do Dr. Fell, junto com as certidões negativas de seu *permesso di soggiorno* nos arqui-vos dos Carabinieri. Além disso Pazzi recebera as excelen-tes fotos reproduzidas a partir do cartaz de Mason Verger.

Os rostos eram semelhantes, mas se o Dr. Fell era o Dr.

Hannibal Lecter, fora feito algum trabalho no nariz e nas bochechas, talvez injeções de colágeno. As orelhas pareci-am promissoras. Como Alphonse Bertillon há cem anos, Pazzi examinou as orelhas com sua lente de aumento. Pa-reciam iguais.

No computador obsoleto da Questura, ele digitou seu código de acesso à Interpol para o Programa de Apre-ensão de Criminosos Violentos, do FBI americano, e bai-xou o volumoso dossiê Lecter. Xingou seu *modem* lento e tentou ler o texto turvo na tela até que as letras saltaram em sua vista. Conhecia a maior parte do caso. Duas coisas fizeram-no prender o fôlego. Uma antiga e uma nova. A atualização mais recente citava um raio X indicando que Lecter provavelmente fizera cirurgia na mão. O item anti-go, a imagem de um relatório da polícia do Tennessee es-crito à mão, observava que enquanto matava seus guardas em Memphis, Hannibal Lecter ouvia uma fita com as *Va- riações Goldberg.*

O cartaz divulgado pela rica vítima americana, Ma-son Verger, encorajava os informantes a ligar para o nú-mero do FBI. Dava o alerta padrão sobre o fato de que o Dr. Lecter andava armado e era perigoso. Também era fornecido um número de telefone particular — logo abai-xo do parágrafo sobre a recompensa gigantesca.

A passagem aérea de Florença a Paris é ridicula-mente cara, e Pazzi teve de pagar do próprio bolso. Não confiava em que a polícia francesa lhe daria uma conexão telefônica sem se intrometer, e não conhecia outro modo de conseguir. De uma cabine telefônica da American Ex-press, perto da Ópera, ele telefonou para o número parti-cular do cartaz de Mason. Presumia que o telefonema se-ria rastreado. Pazzi falava inglês bastante bem, mas sabia que o sotaque iria denunciá-lo como italiano.

A voz era masculina, americana, muito calma.

— Poderia declarar o assunto, por favor?

— Talvez eu tenha informações sobre Hannibal Lecter.

— Sim, bem, obrigado por ter telefonado. O se-nhor sabe onde ele está agora?

— Acho que sim. A recompensa continua de pé?

— Sim, continua. Que prova tem de que é ele? O

senhor deve entender que recebemos muitos telefonemas falsos.

— Posso dizer que ele fez cirurgia plástica no rosto e operou a mão esquerda. Ainda é capaz de tocar as *Varia- ções Goldberg.* Tem documentos brasileiros.

Uma pausa. E depois:

— Por que não ligou para a polícia? Eles exigem que eu o encoraje a fazer isso.

— A recompensa vale em todas as circunstâncias?

— A recompensa é em troca de informações que levem à prisão e à condenação.

— A recompensa seria paga em... circunstâncias especiais?

— O senhor está falando de um prêmio especial pelo Dr. Lecter? Digamos, no caso de alguém que nor-malmente não poderia receber uma recompensa?

— Sim.

— Nós dois estamos indo em direção ao mesmo objetivo. Fique no telefone, por favor, enquanto faço uma sugestão. É contra a convenção internacional e a lei dos Estados Unidos oferecer um prêmio pela morte de al-guém, senhor. Fique no telefone, por favor. Posso per-guntar se está ligando da Europa?

— Sim, estou, e é só isso que vou lhe dizer.

— Bom, escute. Sugiro que entre em contato com um advogado para discutir a legalidade desse tipo de prê-mio e que não tome qualquer atitude ilegal contra o

Dr.

Lecter. Posso recomendar um advogado? Em Genebra há

um excelente para esses assuntos. Posso lhe dar um nú-mero para telefonar sem precisar pagar tarifa? Eu o acon-selho a telefonar para ele e ser franco.

Pazzi comprou um cartão telefônico e fez a ligação seguinte de uma cabine na loja de departamentos Bon Marche. Falou com uma pessoa que tinha uma voz seca e sotaque suíço. Levou menos de cinco minutos.

Mason pagaria um milhão de dólares americanos pela cabeça e as mãos do Dr. Hannibal Lecter. Pagaria a mesma quantia por informações que levassem à sua pri-são. Em particular pagaria três milhões de dólares pelo doutor vivo, sem perguntas, com discrição garantida. Os termos incluíam cem mil dólares adiantados. Para se can-didatar ao adiantamento, Pazzi teria de fornecer uma im-pressão digital positivamente identificável do Dr. Lecter, a impressão teria de ser sobre um objeto, e não uma cópia.

Se fizesse isso, ele teria o resto do dinheiro à sua disposi- ção num cofre de banco na Suíça.

Antes de sair do Bon Marche para o aeroporto, Pazzi comprou um penhoar para a mulher, de *moiré* de

seda pêssego.

CAPÍTULO

23

COMO VOCÊ se comporta quando sabe que as honras con-vencionais não passam de lixo? Quando passa a acreditar, junto com Marco Aurélio, que a opinião das gerações fu-turas não valerá mais do que a atual? Nesse caso será pos-sível se comportar bem? Será desejável se comportar bem?

Agora Rinaldo Pazzi, um Pazzi dos Pazzi, investi-gador-chefe da Questura florentina, tinha de decidir quan-to valia sua honra, ou se há uma sabedoria mais duradoura do que as considerações de honra.

Chegou de Paris na hora do jantar e dormiu um pouco. Queria perguntar à mulher, mas não podia, mas recebeu conforto dela. Ficou acordado por longo tempo depois, depois de a respiração dela se acalmar. Tarde da noite, desistiu do sono e foi caminhar e pensar.

A avareza não é desconhecida na Itália, e Rinaldo Pazzi se embebera suficientemente em seu ar nativo. Mas seu consumismo e sua ambição natural haviam crescido na América, onde cada influência é sentida mais rapida-mente, inclusive a morte de Jeová e a ascensão de Mamon.

Quando Pazzi saiu das sombras da Loggia e parou no lugar onde Savonarola fora queimado na Piazza Signo-ria, quando ergueu os olhos para a janela do Palazzo Vec-chio todo iluminado, onde seu ancestral morrera, acredi-tou que estava deliberando. Não estava. Já havia decidido.

Nós designamos um momento para a decisão, para dignificar o processo como o resultado de um pensamen-to racional e consciente. Mas as decisões são feitas de sen- timentos amalgamados; freqüentemente eles são mais um amontoado do que uma soma.

Pazzi decidira quando entrou no avião para Paris. E

decidira há uma hora, depois de a esposa, com seu penho-ar novo, ter se mostrado apenas obedientemente recepti-va. E minutos depois quando, deitado no escuro, estendeu a mão para acariciar-lhe o rosto e dar-lhe um beijo terno de boa-noite, e sentiu uma lágrima debaixo da palma. En-tão, sem perceber, ela comeu seu coração.

Honras de novo? Outra chance de suportar o hálito do arcebispo enquanto as lascas sagradas eram golpeadas para acender o foguete na bunda do pombo de pano?

Mais elogio dos políticos cujas vidas privadas ele conhecia bem demais? De que valeria ser conhecido como o polici-al que apanhara o Dr. Hannibal Lecter? Para um policial, o crédito tem vida curta. Era melhor VENDE-LO.

O pensamento rasgou e golpeou Rinaldo, deixou-o pálido e decidido, e quando o Rinaldo visual lançou sua sorte, ele estava com dois cheiros misturados na mente, o da mulher e o do litoral de Chesapeake.

VENDÊ-LO. VENDÊ-LO. VENDÊ-LO. VENDÊ-LO.

VENDÊ-LO. VENDÊ-LO.

Francesco de’ Pazzi não golpeou com mais força em 1478, quando lançou Giuliano no chão da catedral, quando em seu frenesi esfaqueou a própria coxa.

CAPÍTULO

24

A FICHA DE IMPRESSÕES digitais do Dr. Hannibal Lecter é

uma curiosidade, e uma espécie de objeto de culto. O ori-ginal está emoldurado na parede da Seção de Identificação do FBI. Segundo o costume do FBI para imprimir as mãos de pessoas com mais de cinco dedos, ele tem o po-legar e quatro dedos adjacentes na parte da frente do car-tão, e o sexto no verso.

Cópias do cartão de impressões rodaram a terra as-sim que o doutor escapou, e a impressão do polegar apa-rece ampliada no cartaz de procura-se, divulgado por Ma-son Verger, com um número suficiente de pontos indica-dos para que um examinador minimamente treinado possa fazer a comparação.

Captar impressões simples não é uma habilidade di-fícil, e Pazzi era extremamente capaz disso, e podia fazer comparações aproximadas para se certificar. Mas Mason Verger exigia uma impressão digital recente, no objeto e não retirada, para que seus especialistas examinassem com independência; Mason já fora enganado antes com im-pressões antigas retiradas há anos nos locais dos primeiros crimes do Dr. Lecter.

Mas como conseguir as impressões digitais do Dr.

Fell sem alertá-lo? Acima de tudo, não devia alarmar o doutor. O sujeito poderia desaparecer e Pazzi ficaria sem coisa alguma.

O doutor não saía com freqüência do Palazzo Cap-poni, e um mês se passaria antes da próxima reunião do Belle Arti. Tempo demais a esperar para plantar um copo d’água na casa dele, já que o Comitê jamais fornecia esse tipo de amenidades.

Uma vez que decidira vender Hannibal Lecter a Mason Verger, Pazzi tinha de trabalhar sozinho. Não po-dia se dar ao luxo de atrair a atenção da Questura para o Dr. Fell conseguindo um mandado para entrar no Palaz-zo. E o prédio era muito bem defendido com alarmes, para que ele o invadisse e tirasse impressões digitais.

A lata de lixo do Dr. Fell era muito mais limpa e mais nova do que as outras do quarteirão. Pazzi comprou uma lata nova e, na calada da noite, trocou as tampas das duas. A superfície galvanizada não era ideal e, num esfor- ço que durou a noite inteira, ele conseguiu um pesadelo pontilhista de impressões que jamais poderia decifrar.

Na manhã seguinte, apareceu de olhos vermelhos na Ponte Vecchio. Numa joalheria em cima da velha pon-te comprou um bracelete de prata largo, muito polido, e o suporte de veludo onde o objeto ficava exposto. No setor de artesãos ao sul do Amo, nas ruas estreitas em frente ao Palazzo Pitti, pediu que outro joalheiro raspasse o nome do fabricante do bracelete. O joalheiro se ofereceu para aplicar uma cobertura antimanchas sobre a prata, mas Pazzi recusou.

Temível Solliciano, a cadeia florentina na estrada para Prato.

No segundo andar da divisão feminina, Romula Cjesku, inclinada sobre um tanque de lavar roupas, ensa-boava os seios, lavando-se e enxugando-se cuidadosamen-te antes de colocar uma blusa de algodão limpa. Outra cigana, voltando da sala de visitas, falou em romani en-quanto passava por Romula. Uma ruga minúscula apare- ceu entre os olhos de Romula. Seu rosto bonito manteve o ar solene de sempre.

Ela tinha permissão de sair da ala às oito e meia da manhã, mas quando se aproximou da sala de visitas um carcereiro a interceptou e levou-a para uma sala de entre-vistas particular, no andar térreo da prisão. Lá dentro, em vez da enfermeira de sempre, Rinaldo Pazzi estava segu-rando seu bebê.

— Olá, Romula — disse ele.

Ela foi direto até o alto policial e não houve dúvida de que ele iria entregar a criança imediatamente. O bebê

queria mamar e começou a esfregar o nariz na mãe.

Pazzi apontou com o queixo para um biombo no canto da sala.

— Há uma cadeira ali atrás. Podemos conversar enquanto você dá de mamar para ele.

— Conversar sobre o quê, *dottore?*

O italiano de Romula era passável, bem como o francês, inglês, espanhol e romani. Ela falava sem afetação

— sua capacidade teatral não havia evitado esses três me-ses de cadeia por ter batido carteiras.

Foi para trás do biombo. Num saco plástico escon-dido nas roupas do bebê havia quarenta cigarros e 65 mil liras, pouco mais de 41 dólares, em notas velhas. A cigarra tinha uma escolha a fazer. Se o policial colocara aquilo no bebê, poderia acusá-la quando ela pegasse o contrabando, e revogaria todos os seus privilégios. Deliberou um mo-mento, olhando para o teto enquanto o bebê mamava. Por que ele se incomodaria com isso? Ele tinha a vantagem, de qualquer modo. Romula pegou o saco e escondeu-o na roupa de baixo. A voz do homem veio do outro lado da tela.

— Você é um incômodo aqui, Romula. Mães que estão amamentando na cadeia são uma perda de tempo.

Há pessoas doentes aqui para que as enfermeiras cuidem.

Você não odeia entregar seu bebê quando acaba a hora de visita?

O que ele podia querer? Ela sabia quem ele era, um chefe, um *pezzo da novanta,* um sacana calibre noventa.

O negócio de Romula era ganhar a vida na rua, e bater carteiras fazia parte disso. Estava com 35 anos, gas-ta, e tinha antenas como uma grande mariposa-luna. *Esse policial* — ela o examinou por cima da tela — *olha só como ele é arrumado, o anel de casamento, os sapatos brilhando, morava com a mulher mas tinha uma boa empregada — o colarinho fica onde foi posto, depois de ter sido passado a ferro. Carteira no bolso do paletó, chave no bolso direito da frente da calça, dinheiro no bolso esquerdo da frente da calça, dobrado, provavelmente com um elástico.*

O pau no meio. Ele era magro e masculino, uma pequena couve-flor na orelha e uma cicatriz de um soco perto da linha dos cabelos. Não iria lhe pedir sexo — se fosse essa a idéia, não teria trazido o bebê.

O sujeito não era grande coisa, mas ela não acreditava que ele rei- vindicasse sexo das mulheres da cadeia. Melhor não olhar seus olhos escuros e amargos enquanto o bebê estava mamando. Por que tinha trazido o bebê? Porque ele quer que ela veja seu poder, sugerir que poderia tirá-lo. O que ele quer? Informação? Ela diria qualquer coisa que ele quisesse sobre quinze ciganos que jamais tinham existi- do. Tudo bem. O que posso conseguir com isso? Veremos. Vamos mostrar um pouquinho do que sou.

Observou o rosto dele enquanto saía de trás do bi-ombo, com metade do mamilo aparecendo ao lado do rosto do bebê.

— Está quente ali atrás — disse ela. — O senhor poderia abrir uma janela?

— Posso fazer melhor do que isso, Romula. Eu poderia abrir *a porta*, e você sabe disso.

Silêncio na sala. Lá fora o barulho de Solliciano como uma dor de cabeça constante, oca.

— Diga o que quer. Há coisas que eu faria de boa vontade, mas não tudo.

Seu instinto lhe dizia, corretamente, que ele iria res-peitá-la pela bravata.

— É somente *la tua solita cosa*, a coisa que você faz sempre — disse Pazzi. — Mas quero que faça de um mo-do especial.

CAPÍTULO

25

DURANTE O DIA eles vigiaram a frente do Palazzo Cappo-ni a partir da janela fechada num apartamento do outro lado da rua — Romula, e uma cigana mais velha que aju-dava com o bebê e talvez fosse prima dela, e Pazzi, que ficava o máximo de tempo possível longe de sua sala na Questura.

O braço de madeira que Romula usava em sua pro-fissão esperava numa cadeira

do quarto.

Pazzi conseguira a permissão de usar durante o dia o apartamento de um professor que dava aula na Escola Dante Alighieri, ali perto. Romula insistiu numa prateleira para ela e o bebê na pequena geladeira.

Não precisaram esperar muito. Às nove e meia da manhã do segundo dia, a ajudante de Romula sibilou da cadeira junto à janela. Um buraco preto apareceu do outro lado da rua, quando uma das enormes portas do palácio girou para dentro.

Ali estava ele, o homem conhecido em Florença como Dr. Fell, pequeno e magro nas roupas pretas, esguio como um *vison* enquanto testava o ar junto à entrada e o-lhava a rua nas duas direções. Em seguida, apertou um controle remoto para acionar os alarmes e fechou a porta com sua grande maçaneta de ferro fundido, cheia de fer-rugem e impossível de reter impressões digitais. Carregava uma sacola de compras.

Ao ver o Dr. Fell pela primeira vez através da fresta da janela, a cigana mais velha agarrou a mão de Romula como se quisesse impedi-la, fitou-a no rosto e deu-lhe uma sacudida rápida enquanto o policial não estava o-lhando.

Pazzi soube de imediato para onde ele estava indo.

No lixo do Dr. Fell Pazzi vira os distintos papéis de embrulho da loja de comidas finas, a Vera dal 1926, na Via San Jacopo, perto da Ponte Santa Trinità. Agora o doutor ia naquela direção enquanto Romula vestia o casaco e Pazzi vigiava a janela.

— *Dunque,* são compras — disse Pazzi. Ele não conseguia se impedir de repetir as instruções para Romula pela quinta vez. — Vá indo, Romula. Espere deste lado da Ponte Vecchio. Você vai pegá-lo voltando, carregando a sacola cheia. Estarei meio quarteirão na frente dele, você

me verá primeiro. Eu vou ficar perto. Se houver algum problema, se você for presa, eu cuido disso. Se ele for a algum outro lugar, volte ao apartamento. Eu ligo para vo-cê. Ponha este passe no pára-brisa de um táxi e venha me procurar.

— *Eminenza* — disse Romula, elevando o título honorífico no irônico estilo italiano —, se houver um problema e outra pessoa me ajudar, não o machuque,

meu amigo não vai pegar nada, deixe ele ir embora.

Pazzi não esperou o elevador, desceu correndo a escada vestindo um sobretudo sebento, usando boné. É

difícil acompanhar alguém em Florença porque as calça-das são estreitas e a vida não vale coisa alguma na rua.

Pazzi tinha um *motorino* velho junto ao meio-fio, com uma dúzia de vassouras amarradas. A motoneta deu partida na primeira tentativa e, num sopro de fumaça azul, o investi-gador-chefe seguiu pela rua, o pequeno veículo saltando sobre as pedras do calçamento como um burrico a pleno trote.

Pazzi ia devagar, o tráfego feroz buzinava para ele.

Comprou cigarros, matou o tempo ficando para trás, até

ter certeza de para onde o Dr. Fell ia. No final da Via de'

Bardi o Borgo San Jacopo era de mão única, vindo na di-reção dele. Pazzi abandonou a motoneta na calçada e se-guiu a pé, virando o corpo magro de lado para atravessar a multidão de turistas na extremidade sul da Ponte Vecchio.

Os florentinos dizem que a Vera dal 1926, com sua riqueza de queijos e trufas, cheira como os pés de Deus.

Sem dúvida, o doutor se demorou lá dentro. Estava fazendo uma seleção das primeiras trufas brancas da esta- ção. Pazzi podia ver as costas dele através da vitrine, atrás do maravilhoso mostruário de presuntos e massas.

Virou a esquina e voltou, lavou o rosto na fonte que jorrava água de um rosto com bigode e orelhas de leão.

— Você precisaria se barbear, para o meu gosto —disse à fonte, por cima da bola fria de seu estômago.

O doutor estava saindo com alguns pacotes leves na sacola. Começou a voltar pelo Borgo San Jacopo na direção de casa. Pazzi adiantou-se pelo outro lado da rua.

A multidão na calçada estreita forçou Pazzi a ir para o cal- çamento, e o espelho de uma radiopatrulha dos Carabinie-ri esbarrou dolorosamente em seu relógio de pulso.

— *Stronzo! Analfabeto!* — gritou o motorista pela ja-nela, e Pazzi jurou vingança. Quando chegou à Ponte Vecchio, conseguira uma dianteira de quarenta metros.

Romula estava numa porta, o bebê aninhado no braço de madeira, a outra mão estendida para as pessoas a mão livre preparada debaixo das roupas largas para bater outra carteira que iria se somar às mais de duzentas que ela roubara durante a vida. No braço escondido estava o bracelete de prata, largo e bem polido.

Num instante a vítima passaria em meio à multidão, saindo da velha ponte. Assim que saísse da multidão para a Via de' Bardi, Romula iria ao seu encontro, fazer o que devia e misturar-se na torrente de turistas que atravessa-vam a ponte.

Romula tinha um amigo na multidão, com quem poderia contar. Não sabia coisa alguma sobre a vítima, e não confiava em que o policial fosse protegê-la. Giles Pre-vert, conhecido em algumas fichas da polícia como Giles Dumain ou Roger LeDuc, mas conhecido localmente co-mo Gnocco, esperava na multidão ao sul da Ponte Vec-chio. Gnocco vinha se exaurindo com seu vício, e o rosto começava a mostrar o crânio por baixo, mas ele ainda era musculoso e forte, e podia ajudar Romula caso o roubo desse errado.

Vestido como um funcionário público, podia se misturar à multidão, aparecendo de vez em quando como se a multidão fosse um rebanho urbano. Se a vítima pre-tendida agarrasse Romula e a segurasse, Gnocco poderia tropeçar, cair sobre a vítima e ficar embolado com ela, desculpando-se profusamente até que Romula estivesse longe. Já fizera isso antes.

Pazzi passou por ela, parou numa fila de fregueses de uma loja de sucos, de onde poderia ver.

Romula saiu do vão da porta. Avaliou com olhar experiente o tráfego na calçada entre ela e a figura esguia que vinha em sua direção. Era capaz de se movimentar maravilhosamente em meio à multidão com um bebê na frente do corpo, apoiado no braço falso, feito de madeira e lona. Tudo bem. Como sempre, ela iria beijar os dedos da mão visível e estendê-la para o rosto dele, para colocar o beijo ali. Com a mão livre, iria cutucar as costelas dele, perto da carteira, até que o homem

agarrasse o seu pulso.

Em seguida, iria se soltar dele.

Pazzi prometera que aquele homem não podia se dar ao luxo de segurá-la para a polícia, que ele desejaria se livrar dela. Em todas as suas tentativas para bater uma car-teira, ninguém jamais fora violento com uma mulher segu-rando um bebê. Freqüentemente, a vítima achava que era outra pessoa ao lado que enfiava a mão no seu paletó. A própria Romula denunciara vários passantes inocentes como batedores de carteira, para não ser apanhada.

Romula moveu-se com a multidão na calçada, libe-rou o braço escondido mas o manteve sob o braço falso que aninhava o bebê. Podia ver o homem chegando em meio ao campo de cabeças que balançavam, a dez metros e se aproximando.

Madonna! O Dr. Fell estava se desviando no meio da multidão, indo com a torrente de turistas *para cima* da Ponte Vecchio. Ele não ia para casa. Ela forçou caminho na multidão, mas não pôde alcançá-lo. O rosto de Gnoc-co, ainda à frente do doutor, olhava-a, interrogativo. Ela balançou a cabeça e Gnocco deixou-o passar. Não adian-taria coisa alguma se Gnocco batesse a carteira dele.

Pazzi rosnava ao lado dela, como se fosse sua cul-pa.

— Vá para o apartamento. Eu telefono para você.

Está com o passe de táxi para a Cidade Velha? Vá. *Vá!*

Pazzi pegou sua motoneta e empurrou-a atraves-sando a Ponte Vecchio, por sobre o Amo opaco como jade. Pensou que perdera o doutor, mas ali estava ele, do outro lado do rio, sob a arcada ao lado do Lungarno, espi-ando por um instante por cima do ombro de um dese-nhista, e em seguida prosseguindo com passos rápidos e leves. Pazzi achou que o Dr. Fell estaria indo para a Igreja de Santa Croce, e seguiu a alguma distância em meio ao tráfego infernal.

CAPÍTULO

26

A IGREJA DE Santa Croce, dos franciscanos, com o vasto interior ressoando em oito línguas enquanto as hordas de turistas passavam atrás dos guarda-chuvas

brilhantes de seus guias, procurando moedas de duzentas liras no escu-ro para que pudessem pagar pela iluminação, durante um precioso minuto em suas vidas, dos grandes afrescos nas capelas.

Romula entrou, vindo da manhã luminosa, e teve de parar perto ao túmulo de Michelangelo enquanto seus olhos ofuscados se ajustavam. Quando pôde ver que esta-va parada sobre um túmulo no chão, sussurrou: "*Mi dispia- ce*", e saiu rapidamente de sobre a lápide; para Romula, a multidão de mortos debaixo do chão era tão real quanto as pessoas acima, e talvez mais influente. Era filha e neta de leitores de espíritos e mãos, e via as pessoas acima do piso, e as pessoas abaixo, como duas multidões separadas pelo plano mortal. As de baixo, sendo mais inteligentes e mais velhas, tinham a vantagem na opinião dela.

Olhou ao redor procurando o sacristão, um homem com grande preconceito contra ciganos, e refugiou-se na primeira coluna, sob a proteção da "Madonna dei Latte", de Rossellino, enquanto o bebê focinhava seu seio. Pazzi, espreitando perto do túmulo de Galileu, encontrou-a lá.

Ele apontou com o queixo para os fundos da igreja onde, do outro lado do transepto, luzes fortes e câmeras proibidas espocavam como raios através da escuridão vas-ta e alta enquanto os temporizadores comiam notas de du- zentas liras e alguma ficha ocasional, ou 25 centavos aus-tralianos.

Repetidamente Cristo nascia, era traído, e os cravos eram pregados enquanto os grandes afrescos apareciam sob luz brilhante e mergulhavam de novo numa escuridão fechada e apinhada, enquanto a enorme quantidade de peregrinos segurava guias de turismo que eles não podiam enxergar, e o odor de corpos e de incenso subia cozi-nhando no calor das lâmpadas.

O Dr. Fell estava trabalhando na Capela Capponi, no transepto da esquerda. A gloriosa Capela Capponi fica em Santa Felicita. Esta, refeita no século XIX, interessava ao Dr. Fell porque ele podia olhar para o passado, através da restauração. Estava fazendo uma cópia, esfregando carvão num papel fino sobre uma inscrição em pedra, tão gasta que nem mesmo a iluminação oblíqua era capaz de fazê-la aparecer.

Olhando através de seu pequeno monóculo, Pazzi descobriu por que o doutor saíra de casa apenas com a bolsa de compras — ele mantinha seu material de arte atrás do altar da capela. Por um momento pensou em chamar Romula e

deixar que ela fosse embora. Talvez ele pudesse pegar impressões digitais nos materiais de arte.

Não, o doutor estava usando luvas de algodão para não sujar as mãos com o carvão.

Na melhor das hipóteses seria uma situação incô-moda. A técnica de Romula destinava-se à rua. Mas Ro-mula era óbvia, e nem de longe algo que um criminoso temeria. Era a pessoa com menor probabilidade de fazer com que o doutor fugisse. Não. Se o doutor a agarrasse, iria entregá-la ao sacristão, e Pazzi poderia intervir mais tarde.

O homem era louco. E se ele a matasse? E se ma-tasse o bebê? Pazzi fez-se as duas perguntas. Será que lu-taria com o doutor caso a situação parecesse letal? Sim.

Será que estava disposto a arriscar um ferimento menor em Romula e na criança para conseguir o dinheiro? Sim.

Eles teriam simplesmente de esperar até que o Dr.

Fell tirasse as luvas para ir lanchar. Andando de um lado para o outro ao longo do transepto, houve tempo para Pazzi e Romula sussurrarem. Pazzi identificou um rosto na multidão.

— Quem a está seguindo, Romula? É melhor me dizer. Eu já vi o rosto dele na cadeia.

— Meu amigo. Só para bloquear o caminho, se eu precisar correr. Ele não sabe de nada. Nada. É melhor para o senhor. O senhor não precisa se sujar.

Para passar o tempo, os dois rezaram em várias ca-pelas, Romula sussurrando numa língua que Rinaldo não entendia, e Pazzi com uma lista extensa de coisas pelas quais rezar, particularmente a casa no litoral de Chesapea-ke e outra coisa na qual não deveria pensar na igreja.

Doces vozes do coral que ensaiava, erguendo-se a-cima do ruído geral.

Um sino, estava na hora de fechar para o meio-dia.

Sacristãos saíram, sacudindo as chaves, prontos para esva-ziar as caixas de moedas.

O Dr. Fell levantou-se de seu trabalho e saiu de trás da *Pietà* de Andreotti na capela, tirou as luvas e vestiu o paletó. Um grupo grande de japoneses, apinhado na frente do santuário, com o suprimento de moedas exaurido, es-tava perplexo no escuro, ainda sem saber por que precisa-vam sair.

Pazzi cutucou Romula, desnecessariamente. Ela sa-bia que chegara a hora. Beijou o topo da cabeça do bebê

apoiado no braço de madeira.

O doutor vinha. A multidão iria forçá-lo a passar perto dela e, com três passos longos, a cigana foi ao en-contro dele, parou à sua frente, estendeu a mão na área de visão dele, para atrair o olhar, beijou os dedos e se prepa-rou para colocar o beijo no rosto dele, com o braço es-condido pronto para o roubo.

Luzes se acenderam quando alguém na multidão encontrou uma moeda de duzentas liras e, no momento de tocar o Dr. Fell, Romula olhou no rosto dele e sentiu-se sugada para os centros vermelhos dos dois olhos, sentiu o gigantesco vácuo frio puxar seu coração contra as coste-las, e sua mão se afastou do rosto dele para cobrir o do bebê. Ela ouviu a própria voz dizendo: *"Perdonami, perdo-nami, signore."* Depois virou-se e fugiu, enquanto o doutor a olhava durante um longo instante, até que a luz se apa-gou e ele era de novo uma silhueta contra as velas numa capela e, com passos rápidos e leves, seguiu seu caminho.

Pálido de raiva, Pazzi encontrou Romula apoiando-se na fonte, banhando a cabeça do bebê repetidamente com água benta, banhando os olhos do menino para o caso de ele ter olhado para o Dr. Fell. Xingamentos áspe-ros travaram-se em sua boca quando ele olhou o rosto chocado da mulher.

Os olhos dela estavam enormes na escuridão.

— Aquele é o demônio — disse ela. — Shaitan, fi-lho da manhã, eu o vi agora.

— Vou levar você de volta para a cadeia — disse Pazzi.

Romula olhou o rosto do bebê e suspirou, um sus-piro de matadouro, tão profundo e resignado que era ter-rível de ouvir. Tirou a larga pulseira de prata e

lavou-a em água benta.

— Ainda não — disse ela.

CAPÍTULO

27

SE RINALDO PAZZI tivesse decidido cumprir seu dever como agente da lei, poderia ter detido o Dr. Fell e desco-berto rapidamente se ele era Hannibal Lecter. Dentro de meia hora poderia ter obtido um mandado para tirar o Dr.

Fell do Palazzo Capponi e nenhum dos alarmes do palácio teriam impedido. Por sua própria autoridade poderia ter apreendido o Dr. Fell sem acusá-lo, por tempo suficiente para determinar sua identidade.

Impressões digitais tiradas no quartel-general da Questura revelariam se o Dr. Fell era o Dr. Lecter. Exa-mes de DNA confirmariam a identificação.

Agora todos esses recursos eram negados a Pazzi.

Uma vez que decidira vender o Dr. Lecter, o policial tor-nou-se um caçador de recompensa, fora-da-lei e sozinho.

Nem mesmo os informantes sob seu controle lhe eram úteis, porque se apressariam em dedurar o próprio Pazzi.

Os atrasos frustravam-no, mas ele estava decidido.

Teria de se virar com aquelas porcarias de ciganos...

— Gnocco faria isso por você, Romula? Você pode encontrá-lo?

Os dois estavam na sala do apartamento empresta-do na Via de’ Bardi, do outro lado do Palazzo Capponi, doze horas depois do acontecido na Igreja de Santa Croce.

Um abajur pequeno iluminava o quarto até a altura da cin-tura. Acima da luz, os olhos pretos de Pazzi brilhavam na semi-escuridão.

— Eu mesma vou fazer, mas não com o bebê —disse Romula. — Mas você

precisa me dar...

— Não. Não posso deixar que ele veja você duas vezes. Gnocco faria isso por você?

Romula estava sentada, curvada sobre o vestido comprido e brilhante, os seios grandes tocando as coxas, com a cabeça quase nos joelhos. O braço de madeira esta-va largado numa poltrona. No canto estava sentada a mu-lher mais velha, provavelmente prima de Romula, segu-rando o bebê. As cortinas estavam fechadas. Espiando através de uma fresta minúscula, Pazzi podia ver uma luz fraca no alto do Palazzo Capponi.

— Eu posso fazer, posso mudar minha aparência para ele não me reconhecer. Eu posso...

— Não.

— Então Esmeralda pode fazer.

— Não. — Esta voz veio do canto, a mulher mais velha falando pela primeira vez. — Eu cuido do seu bebê, Romula, até que eu morra. Mas nunca tocaria em Shaitan.

— Seu italiano era praticamente ininteligível para Pazzi.

— Sente-se direito, Romula — disse Pazzi. — *Olhe* para mim. Gnocco faria isso por você? Romula, você vai voltar para Solliciano esta noite. Faltam seis meses de pe-na para cumprir. É possível que na próxima vez em que você tirar dinheiro e cigarros das roupas do bebê você seja apanhada... eu poderia garantir seis meses a mais, por cau-sa da última vez em que você fez isso. Eu poderia facil-mente declarar que você é uma mãe inadequada. O Estado ficaria com o bebê. Mas se eu conseguir as impressões, você vai ser solta, vai receber dois milhões de liras e sua ficha vai desaparecer, e eu a ajudo com um visto para a Austrália. Gnocco faria isso por você?

Ela não respondeu.

— Você poderia encontrar Gnocco? — Pazzi sol-tou o ar pelo nariz. — *Senti,* junte suas coisas, você pode pegar seu braço falso no depósito dentro de três meses, ou talvez no ano que vem. O bebê terá de ir para o asilo dos enjeitados. A

velha pode visitar essa coisa lá.

— *Essa coisa?* Está chamando meu filho de *essa coisa, commendatore?* O nome dele é... — Ela balançou a cabeça, não querendo dizer o nome da criança para esse homem.

Romula cobriu o rosto com as mãos, sentindo os dois pulsos latejarem de encontro às bochechas, e depois falou por trás das mãos. — Eu posso encontrá-lo.

— Onde?

— Na Piazza Santo Spirito, perto da fonte. Vai ha-ver uma fogueira, e alguém terá vinho.

— Vou com você.

— Melhor não. O senhor vai arruinar a reputação dele. O senhor tem Esmeralda e o bebê aqui; sabe que vou voltar.

A Piazza Santo Spirito, uma bela praça na margem esquerda do Amo, mal freqüentada à noite, a igreja escura e trancada naquela hora, barulho e cheiro de comida da Casalinga, a *trattoria* popular.

Perto da fonte, o brilho de uma pequena fogueira e o som de um violão cigano, tocado com mais entusiasmo do que talento. Há um bom cantor de fado na multidão.

Assim que o cantor é descoberto, é empurrado para a frente e lubrificado com vinho de várias garrafas. Começa com uma canção sobre o destino, mas é interrompido com pedidos de uma música mais alegre.

Roger LeDuc, também conhecido como Gnocco,

está sentado na beira da fonte. Fumou alguma coisa. Seus olhos estão turvos, mas ele vê Romula imediatamente, na parte de trás da multidão, do outro lado da fogueira.

Compra duas laranjas num vendedor e segue-a para longe da cantoria. Os dois param debaixo de um poste, longe do fogo. Ali a luz é mais fria do que a da

fogueira, pintalgada pelas folhas que restavam num bordo resistente. A luz é

esverdeada contra a palidez de Gnocco, as sombras das folhas parecendo hematomas móveis em seu rosto en-quanto Romula olha para ele, com a mão em seu braço.

Uma lâmina salta de seu punho como uma lingua-zinha brilhante e ele descasca as laranjas, a casca penden-do numa tira comprida. Dá a ela a primeira, e Romula põe um gomo na boca enquanto ele descasca a segunda. Os dois falam rapidamente em romani. Uma vez ele deu de ombros. Ela entregou-lhe um telefone celular e mostrou os botões. Em seguida, a voz de Pazzi soou no ouvido de Gnocco. Depois de um momento, Gnocco dobrou o tele-fone e o colocou no bolso.

Romula pegou algo pendurado numa corrente ao pescoço, beijou o pequeno amuleto e pendurou-o no pes-coço do homenzinho encurvado. Ele olhou para o objeto, dançou um pouco, fingindo que a imagem santa o quei-mava, e recebeu um pequeno sorriso de Romula. Ela tirou a pulseira larga e colocou-a no braço dele. Coube facil-mente. O braço de Gnocco não era mais grosso do que o dela.

— Você pode se encontrar comigo dentro de uma hora? — perguntou Gnocco.

— Sim.

CAPÍTULO

28

NOVAMENTE NOITE E O Dr. Fell está na vasta sala de pe-dra da exposição de Instrumentos de Torturas Atrozes no Forte di Belvedere, encostado tranqüilo na parede debaixo das jaulas suspensas dos condenados.

Está registrando aspectos de danação nos rostos á-vidos dos *voyeurs,* que se comprimem ao redor dos instru-mentos de tortura e uns contra os outros numa *frottage* quente e arregalada, pêlos eriçando-se nos antebraços, ba-fo quente nas nucas e nos rostos dos outros. Algumas ve-zes o doutor encosta um lenço perfumado no rosto, pro-tegendo-se de uma *overdose* de perfumes e cio.

Os perseguidores do doutor esperam no lado de fo-ra.

Horas passam. O Dr. Fell, que jamais prestou mais do que uma atenção passageira à exposição em si, parece não se fartar da turba. Alguns sentem sua atenção e ficam constrangidos. Freqüentemente mulheres na multidão o-lham-no com interesse especial antes que o movimento de pés arrastados na fila da exposição as force a prosseguir.

Uma bagatela paga aos dois taxidermistas que adminis-tram a exposição permite que o doutor fique à vontade, intocável por trás das cordas, imóvel encostado à pedra.

Do lado de fora da saída, esperando junto ao para-peito numa garoa constante, Rinaldo Pazzi mantém sua vigília. Está acostumado a esperar.

Pazzi sabia que o doutor não iria a pé para casa.

Debaixo da colina atrás do forte, numa pequena praça, o automóvel do Dr. Fell o esperava. Era um Jaguar Saloon preto, um elegante Mark II, de trinta anos, brilhando na garoa, o melhor que Pazzi já vira, e tinha placas da Suíça.

Sem dúvida, o Dr. Fell não precisava trabalhar em troca de um salário. Pazzi anotou o número da placa, mas não podia se arriscar a passá-lo para a Interpol.

Na íngreme Via San Leonardo, entre o Forte di Belvedere e o carro, Gnocco esperava. A rua mal ilumina-da tinha altos muros de pedra de ambos os lados, prote-gendo as vilas por trás. Gnocco encontrara um nicho es-curo na frente de um velho portão, onde podia ficar fora do caminho dos turistas que desciam do forte. A cada dez minutos o celular no bolso vibrava de encontro à sua co-xa, e ele tinha de confirmar que estava no posto.

Alguns turistas seguravam mapas e programas so-bre a cabeça, protegendo-se da chuva fina, enquanto des-ciam pela calçada estreita e apinhada, com gente se derra-mando pela rua, diminuindo a velocidade dos poucos táxis que desciam do forte.

Sob a câmara abobadada onde estavam os instru-mentos de tortura, o Dr. Fell finalmente afastou-se da pa-rede onde estivera encostado, revirou os olhos para o es-queleto na jaula no alto, como se os dois compartilhassem um segredo, e atravessou a multidão em direção à saída.

Pazzi viu-o emoldurado na porta, e de novo sob uma luz forte no pátio. Seguiu-o

a alguma distância.

Quando teve certeza de que o doutor estava descendo em direção ao carro, abriu o celular e alertou Gnocco.

A cabeça do cigano saiu do colarinho como se fos-se a de uma tartaruga, olhos fundos, mostrando, como uma tartaruga, o crânio debaixo da pele. Ele enrolou a manga acima do cotovelo e cuspiu na pulseira, enxugan- do-a com um trapo. Agora que a prata estava polida com cuspe e água benta, ele manteve o braço atrás do corpo, debaixo do casaco, para que ficasse seco enquanto espiava o morro acima. Uma coluna de cabeças vinha descendo.

Gnocco abriu caminho na turba e saiu para a rua, onde poderia andar contra a corrente e poderia ver melhor. Sem alguém para ajudar, teria de fazer sozinho o esbarrão e o roubo — o que não era problema, já que ele queria fracas-sar no roubo. Lá vinha o homem magro — perto do mei-o-fio, graças a Deus. Pazzi estava trinta metros atrás do doutor, descendo.

Gnocco fez um gesto hábil, saindo do meio da rua.

Aproveitando um táxi que se aproximava e saltando como se quisesse sair do tráfego, olhou para trás a fim de xingar o motorista e esbarrou de barriga com o Dr. Fell, os de-dos enfiando-se dentro do casaco do doutor. E sentiu o braço agarrado num aperto terrível, sentiu um golpe e se retorceu para longe, livre, o Dr. Fell praticamente não di-minuindo o passo e prosseguindo na torrente de turistas.

Gnocco estava livre e afastando-se.

Pazzi alcançou-o quase de imediato, no nicho em frente ao portão de ferro. Gnocco se curvou brevemente, em seguida se empertigou, respirando com dificuldade.

— Consegui. Ele me agarrou. O *comuto* tentou me dar um soco nos bagos, mas errou.

Pazzi se abaixara, apoiando-se num dos joelhos, e estava cuidadosamente tentando tirar a pulseira do braço de Gnocco quando o cigano sentiu uma coisa quente e molhada descer pela perna e, enquanto ajeitava o corpo, um jorro quente de sangue arterial se projetou de um ras-go na frente de suas calças,

batendo no rosto e nas mãos de Pazzi, enquanto ele tentava tirar o bracelete segurando apenas pelas bordas. Sangue espirrando em toda a parte, no rosto de Gnocco enquanto ele se curvava para olhar, as pernas cedendo. Desmoronou contra o portão, agarrou-se a ele contra uma das mãos e apertou o trapo contra o lu-gar onde a perna se juntava ao corpo, tentando estancar a sangria da artéria femural cortada.

Com a sensação gélida que sempre tinha em ação, Pazzi rodeou Gnocco com o braço e o manteve virado para longe da turba, manteve-o jorrando sangue através das barras do portão, e depois deitou-o vagarosamente de lado.

Pazzi pegou o telefone celular e falou como se esti-vesse chamando uma ambulância, mas não ligou o telefo-ne. Desabotoou a capa e abriu-a como um gavião envol-vendo a presa. A multidão prosseguia atrás dele, sem pa-recer curiosa. Pazzi tirou a pulseira de Gnocco e a colocou numa pequena caixa que trazia. Em seguida, colocou o telefone celular de Gnocco no bolso.

Os lábios de Gnocco se moveram:

— *Madonna, che freddo.*

Com um grande esforço, Pazzi tirou a mão de Gnocco do ferimento, segurou-a como se quisesse conso-lá-lo, e deixou que ele sangrasse. Quando teve certeza de que Gnocco estava morto, largou-o deitado junto ao por-tão, a cabeça pousada no braço como se dormisse, e mis-turou-se à multidão em movimento.

Na praça, Pazzi olhou para o estacionamento vazio, enquanto a chuva começava a molhar as pedras do calça-mento onde esteve o Jaguar do Dr. Lecter.

Dr. Lecter — Pazzi não pensava mais nele como o Dr. Fell. Era o Dr. Hannibal Lecter.

A prova suficiente para Mason podia estar no bolso da capa de Pazzi. A prova suficiente para Pazzi pingava de sua capa sobre seus sapatos.

CAPÍTULO

29

A ESTRELA DA MANHA ia desaparecendo sobre Gênova por causa da luz no

leste quando o velho Alfa de Rinaldo Pazzi chegou ao cais. Um vento frio agitava as águas do porto. Num cargueiro ancorado alguém estava soldando, fagulhas alaranjadas caindo num chuveiro sobre a água preta.

Romula ficou no carro, protegida do vento, com o bebê no colo. Esmeralda estava espremida no pequeno banco traseiro do cupê *berlinetta*, com as pernas viradas de lado. Não falara de novo desde que se recusara a tocar em Shaitan.

Estavam tomando café preto e grosso em copos de papel e comendo *pasticcini.*

Rinaldo Pazzi entrou no escritório da Companhia de Navegação. Quando saiu de novo o sol estava alto, bri-lhando cor de laranja no casco manchado de ferrugem do cargueiro *Astra Philogenes*, que terminava de ser carregado junto ao cais. Sinalizou para as mulheres no carro.

O *Astra Philogenes*, de 27 mil toneladas, registro gre-go, podia carregar legalmente doze passageiros sem um médico de bordo na rota para o Rio. Ali, segundo Pazzi explicou a Romula, elas iriam fazer baldeação para Sydney, na Austrália, baldeação supervisionada pelo comissário do

Astra. A passagem estava paga e não era reembolsável. Na Itália, a Austrália é considerada uma alternativa atraente, onde se pode conseguir empregos, e tem uma grande po-pulação cigana.

Pazzi prometera a Romula dois milhões de liras, cerca de 250 dólares ao câmbio atual, e entregou o dinhei-ro num envelope gordo.

A bagagem das ciganas tinha muito pouca coisa.

Uma pequena valise e o braço de madeira de Romula, guardado num estojo de trompa de orquestra.

As ciganas estariam no mar, e sem possibilidades de ser contatadas, durante a maior parte do mês.

— Gnocco também vai — disse Pazzi a Romula

pela décima vez —, mas não pôde vir hoje. — Acrescen-tou que Gnocco entraria em contato com elas através da posta-restante do correio central de Sydney. — Vou man-ter a promessa que fiz a ele, como fiz com vocês — disse quando elas

pararam ao pé da rampa de embarque, com o sol da manhã lançando as sombras compridas dos três pela superfície áspera do cais.

No momento da partida, quando Romula e o bebê

já estavam subindo a rampa, a velha falou pela segunda e última vez para Pazzi.

Com olhos negros como azeitonas Kalamata, ela o encarou.

— Você deu Gnocco a Shaitan — disse em voz

baixa. — Gnocco está morto.

Curvando-se rígida, como se fosse decepar a cabeça de uma galinha, Esmeralda cuspiu cuidadosamente na sombra de Pazzi e subiu depressa a rampa, atrás de Romu-la e da criança.

CAPÍTULO

30

A CAIXA DE ENTREGA da DHL Express tinha sido bem preparada. O técnico em impressões digitais, sentado jun-to a uma mesa sob as luzes quentes da área de estar do quarto de Mason, tirou cuidadosamente os parafusos com uma chave de fenda elétrica.

A pulseira de prata, larga, estava num suporte de veludo, de joalheiro, de modo que as superfícies externas da jóia não tocassem em coisa alguma.

— Traga aqui — disse Mason.

Teria sido muito mais fácil tirar a impressão digital da pulseira na Seção de Identificação do Departamento de Polícia de Baltimore, onde o técnico trabalhava durante o dia, mas Mason estava pagando em dinheiro uma quantia muito elevada e insistiu em que o serviço fosse feito dian-te de seus olhos. Ou diante de seu olho, refletiu o técnico azedamente enquanto colocava o bracelete, com o supor-te, num prato de porcelana seguro por um auxiliar de en-fermagem.

O auxiliar segurou o prato diante do óculo de Ma-son. Não podia pousá-lo no rolo de cabelos sobre o cora- ção de Mason, porque o respirador fazia seu peito

se mo-ver constantemente para cima e para baixo.

A pulseira grossa estava manchada com uma crosta de sangue, e partículas de sangue seco caíram dela sobre o prato de porcelana. Mason examinou-a com seu olho por trás do monóculo. Não tendo carne no rosto, ele não ti-nha expressão, mas o olho estava brilhante.

— Faça o serviço — disse ele.

O técnico tinha uma cópia da frente da ficha do Dr.

Lecter no FBI. A sexta impressão, que se encontrava no verso, e a identificação, não estavam reproduzidas.

Ele aplicou o pó entre as crostas de sangue. O pó

para impressões digitais Sangue de Dragão, que ele prefe-ria, tinha uma cor muito próxima do sangue seco na pul-seira, de modo que usou um preto, aplicando-o cuidado-samente.

— Temos impressões — disse ele, parando para enxugar a cabeça debaixo das luzes quentes da área de es-tar. A luz era boa para fotografia, e ele tirou fotos das im-pressões no lugar, antes de destacá-las para comparação microscópica. — Dedo médio e polegar da mão esquerda, combinando em dezesseis pontos; seria aceita no tribunal

— disse por fim. — Não há dúvidas, é o mesmo sujeito.

Mason não estava interessado em tribunal. Sua mão pálida já se arrastava sobre a colcha em direção ao telefo-ne.

CAPÍTULO

31

MANHÃ ENSOLARADA numa pastagem nas montanhas Gennargentu, no centro da Sardenha.

Seis homens, quatro sardos e dois romanos, traba-lham debaixo de um telheiro construído de madeira corta-da da floresta ao redor. Os sons baixos que eles

fazem parecem ampliados no vasto silêncio das montanhas.

Atrás do telheiro, pendurado em caibros que ainda estão soltando a casca, está um espelho gigantesco com moldura rococó dourada. O espelho está suspenso acima de um curral com dois portões, um dando para a pasta-gem. O outro portão é partido ao meio horizontalmente, de modo que a parte de cima e a de baixo podem ser aber-tas em separado.

A área atrás desse portão é pavimentada com ci-mento, mas o resto do curral está coberto de palha limpa como se fosse um cadafalso.

O espelho, com moldura de querubins esculpidos, pode ser inclinado para dar uma visão superior do curral, assim como um espelho de uma escola de culinária permi-te que os alunos tenham a visão superior do fogão.

O cineasta, Oreste Pini, e o capataz sardo de Ma-son, um seqüestrador profissional chamado Cario, senti-ram uma aversão mútua desde o início.

Cario Deogracias era um homem atarracado, osten-toso, que usava um chapéu alpino com um tufo de pêlos de javali preso à faixa. Tinha o hábito de mastigar a carti- lagem de um par de dentes de porco que ele mantinha no bolso do colete.

Cario era um exímio praticante da antiga profissão sarda do seqüestro, e também um vingador profissional.

Se você tivesse de ser seqüestrado para exigência de resgate, os italianos ricos lhe diriam que é melhor cair nas mãos dos sardos. Pelo menos são profissionais e não irão matá-lo por acidente, ou pânico. Se seus parentes paga-rem, você pode ser devolvido sem ferimentos, sem ser estuprado e sem ser mutilado. Se não pagarem, seus pa-rentes podem esperar recebê-lo aos pedaços pelo correio.

Cario não estava satisfeito com os arranjos elabora-dos de Mason. Era experiente no ramo, e há vinte anos já

dera um homem para os porcos comerem na Toscana —um nazista aposentado, conde de mentira, que obrigara crianças de uma aldeia toscana, meninas e meninos, a manter relações sexuais com ele. Cario foi contratado pelo serviço e pegou o homem em seu próprio jardim, a três quilômetros da Badia di Passignano, e o deu de comer a cinco enormes porcos domésticos numa fazenda abaixo do Paggio alie Corti, mas para isso teve de deixar os ani-mais sem ração

durante três dias. O nazista lutava contra as amarras, implorando e suando com os pés no curral, e mesmo assim os suínos estavam tímidos quanto a come- çar a comer seus dedos que se retorciam até que Cario, com uma pontada de culpa por violar o contrato, deu ao nazista uma gostosa salada com as verduras prediletas dos porcos, em seguida cortou sua garganta para facilitar o trabalho deles.

Cario era alegre e enérgico por natureza, mas a pre-sença do cineasta o incomodava. Havia tirado o espelho de um bordel que ele possuía em Cagliari, segundo as or- dens de Mason, só para agradar a esse pornógrafo, Oreste Pini.

O espelho era um favor para Oreste, que usara es-pelhos como um instrumento predileto em seus filmes pornográficos e em um genuíno filme de tortura — no qual uma pessoa foi morta diante da câmera — que ele fizera na Mauritânia. Inspirado pela advertência impressa no retrovisor de seu carro, foi pioneiro no uso de reflexos deformados para fazer com que alguns objetos pareces-sem maiores do que o normal.

Oreste deveria usar duas câmeras e som de boa qualidade, como exigira Mason, e deveria conseguir filmar de primeira. Mason queria um *close do* rosto sem interrup- ções, afora todo o resto.

Para Cario, ele parecia embromar interminavelmen-te.

— Você pode ficar aí falando comigo que nem uma mulher, ou pode olhar o ensaio e perguntar o que não en-tender — disse Cario.

— Eu quero *filmar* o ensaio.

— *Va benne.* Arrume a sua merda e vamos começar logo. Enquanto Oreste colocava as câmeras no lugar, Ca-rio e os três sardos silenciosos que estavam com ele fazi-am seus preparativos.

Oreste, que adorava dinheiro, sempre ficava espan-tado com o que o dinheiro pode comprar.

Numa mesa comprida num dos lados do telheiro, o irmão de Cario, Matteo, desembrulhou uma trouxa de roupas usadas. Escolheu na pilha uma camisa e calças, en-quanto os outros dois sardos, os irmãos Piero e Tommaso Falcione, empurravam uma maca de ambulância lenta-mente até o telheiro. A maca estava manchada e era velha.

Matteo tinha a postos vários baldes de carne moída, uma quantidade de galinhas mortas ainda com penas e umas frutas podres, já atraindo moscas, e um balde de tri-pas e intestinos de boi.

Pôs uma calça caqui sobre a maca e começou a en-chê-la com as galinhas, um pouco de carne e fruta. A se-guir pegou um par de luvas de algodão e encheu-as com carne moída e bolotas de carvalho, preenchendo cada de-do cuidadosamente, e as colocou nas extremidades das pernas da calça. Escolheu uma camisa e abriu-a sobre a maca, enchendo-a com tripa e intestinos e melhorando os contornos com pão, antes de abotoá-la e enfiar as abas cuidadosamente dentro da calça. Um par de luvas cheias foi colocado nas extremidades das mangas. O melão que ele usou como cabeça estava coberto com uma rede de cabelo cheia de carne moída, e dois ovos cozidos ocupa-vam o lugar dos olhos. Quando terminou, o resultado pa-recia um manequim frouxo, de aparência melhor na maca do que alguns suicidas quando são virados, depois de sal-tar de um prédio. Como toque final, Matteo borrifou uma colônia pós-barba extremamente cara na frente do melão e nas luvas postas nas extremidades das mangas.

Cario apontou com o queixo para o magro assisten-te de Oreste, que estava inclinado sobre a cerca, estenden-do o microfone por cima do curral, medindo o alcance.

— Diga a esse babaca que, se ele cair, eu não vou pegá-lo. Finalmente, tudo estava pronto. Piero e Tomma-so dobraram os pés da maca até a posição mais baixa e empurraram-na para o portão do curral.

Cario trouxe da casa um gravador e um amplifica-dor. Unha uma quantidade de fitas, algumas das quais ele próprio fizera enquanto cortava as orelhas de vítimas de seqüestro para mandar pelo correio aos parentes. Cario sempre tocava as fitas para os animais enquanto eles co-miam. Não precisaria das fitas quando tivesse uma vítima de verdade para proporcionar os gritos.

Os velhos alto-falantes estavam pregados aos pos-tes debaixo do telheiro. O sol estava brilhante sobre o pasto agradável que descia até o bosque. A cerca forte que rodeava o pasto prosseguia penetrando na floresta. No silêncio do meio-dia, Oreste podia ouvir um besouro zumbindo sob as telhas.

— Você está pronto? — perguntou Cario. Oreste ligou a câmera fixa.

— *Giriamo* — gritou para seu cinegrafista.

— *Pronti!* — veio a resposta.

— *Motore!* — As câmeras estavam rodando.

— *Partito!* — O som rodava junto com o filme.

— *Azione!* — Oreste cutucou Cario.

O sardo apertou o *play* de seu gravador e teve início uma gritaria infernal, soluços, rogos. O cinegrafista estre-meceu ao ouvir o som, depois controlou-se. Os berros eram medonhos, mas formavam uma abertura adequada para os rostos que saíram do bosque, atraídos pelos gritos que anunciavam o jantar.

CAPÍTULO

32

VIAGEM DE IDA e volta a Genebra num dia, para ver o dinheiro.

O avião para Milão, um turbo-hélice barulhento da Aerospatiale, decolou em Florença no início da manhã, girando sobre os vinhedos com as largas fileiras separadas como se fossem uma maquete da Toscana. Havia algo de errado nas cores da paisagem — as novas piscinas ao lado das vilas dos estrangeiros ricos estavam com o azul erra-do. Para Pazzi, olhando pela janela do avião, as piscinas tinham o azul leitoso dos olhos de um inglês velho, um azul deslocado entre os ciprestes escuros e as oliveiras prateadas.

O ânimo de Rinaldo Pazzi subia junto com o avião, sabendo que não envelheceria ali, dependendo da vontade de seus superiores na polícia, tentando se manter para conseguir a aposentadoria.

Tivera um medo terrível de que o Dr. Lecter desa-parecesse depois de matar Gnocco. Quando Pazzi viu de novo a luz de trabalho na Santa Croce, sentiu uma espécie de salvação; o doutor acreditava estar em segurança.

A morte do cigano não causou qualquer marola na calma da Questura, e acreditou-se que era relacionada a drogas — felizmente havia seringas descartáveis no chão ao redor dele, uma visão comum em Florença, onde as

seringas eram gratuitas.

Ia ver o dinheiro. Pazzi insistira nisso.

O Rinaldo Pazzi visual lembrava-se completamente das visões: a primeira vez em que vira seu pênis ereto, a primeira vez em que viu o próprio sangue, a primeira mu-lher que viu nua, o borrão do primeiro punho que veio golpeá-lo. Lembrava-se de ter caminhado casualmente numa capela lateral de uma igreja em Siena e olhado o ros-to de Santa Catarina de Siena, inesperadamente, a cabeça mumificada na touca imaculadamente branca, repousando num relicário com a forma de uma igreja.

A visão de três milhões de dólares teve o mesmo impacto sobre ele.

Trezentos maços de notas de cem dólares em nú-meros não-seqüenciais.

Numa saleta austera como uma capela, no Crédit Suisse de Genebra, o advogado de Mason Verger mostrou o dinheiro a Rinaldo Pazzi. Foi trazido do cofre em quatro caixas fundas, com placas de latão onde estavam gravados números. O Crédit Suisse também forneceu uma máquina de contar, uma balança e um funcionário para operá-las.

Pazzi dispensou o funcionário. Pousou as mãos uma vez no topo do dinheiro.

Rinaldo Pazzi era um investigador muito compe-tente. Durante vinte anos encontrara e prendera artistas da fraude. Parado na presença daquele dinheiro, ouvindo os arranjos, não detectou qualquer tom de falsidade; se ele entregasse Hannibal Lecter, Mason iria lhe dar o dinheiro.

Sentindo um jorro de doçura, Pazzi percebeu que aquelas pessoas não estavam brincando — Mason Verger iria realmente pagar. E ele não tinha qualquer ilusão quan-to ao destino de Lecter. Estava vendendo o homem para a tortura e a morte. Para crédito de Pazzi, ele reconhecia consigo mesmo o que estava fazendo.

Nossa liberdade vale mais do que a vida do monstro. Nossa felicidade é mais importante do que o sofrimento dele, pensava com o egoísmo frio dos desgraçados. Difícil era saber se o

“nosso” era um plural majestático ou se significava Rinal-do e a esposa, e talvez não houvesse uma única resposta para isso.

Naquela sala limpa e suíça, arrumada como uma touca de freira, Pazzi fez o voto final. Virou-se de costas para o dinheiro e assentiu para o advogado, Sr. Konie. O

advogado tirou da primeira caixa cem mil dólares, contou-os e entregou a Pazzi.

O Sr. Konie falou brevemente ao telefone e entre-gou o aparelho a Pazzi. — Esta linha é codificada — disse ele.

A voz americana que Pazzi ouviu tinha um ritmo peculiar, as palavras apressadas num único fôlego e depois uma pausa, e as consoantes explosivas não existiam. A-quele som deixou Pazzi ligeiramente tonto, como se esti-vesse se esforçando para respirar junto com a pessoa que falava. Sem qualquer preâmbulo, a pergunta:

— Onde está o Dr. Lecter?

Pazzi, com o dinheiro numa das mãos e o telefone na outra, não hesitou.

— Ele é uma das pessoas que estuda o Palazzo Capponi em Florença. Ele é o... curador.

— Por favor, poderia mostrar sua identificação pa-ra o Sr. Konie e entregar a ele o telefone? Ele não dirá o seu nome no telefone.

O Sr. Konie consultou uma lista no bolso e disse algumas palavras em código, pré-combinadas, para Ma-son, depois devolveu o telefone a Pazzi.

— O senhor receberá o resto do dinheiro quando ele estiver vivo nas nossas mãos — disse Mason.— Não é

necessário pegar o doutor, mas precisa identificá-lo e co-locá-lo nas nossas mãos. Também quero sua documenta- ção, tudo o que conseguiu sobre ele. O senhor estará de volta a Florença esta noite? Receberá instruções esta noite para uma reunião perto de Florença. A reunião acontecerá

no máximo amanhã à noite. Lá o senhor receberá instru- ções do homem que pegará o Dr. Lecter. Ele perguntará

se o senhor conhece um florista. Diga que todos os floris-tas são ladrões. Está entendendo? Quero que coopere com ele.

— Não quero o Dr. Lecter na minha... eu não o quero perto de Florença quando...

— Entendo sua preocupação. Não se preocupe.

Ele não estará lá. A linha emudeceu.

Depois de alguns minutos preenchendo uma pape-lada, dois milhões de dólares foram postos à disposição de Pazzi para quando estivessem cumpridas as estipulações.

Mason Verger não poderia pegar o dinheiro de volta, mas poderia liberá-lo para Pazzi. Um funcionário do Crédit Suisse, convocado à sala de reunião, informou a Pazzi que o banco iria cobrar dele um juro negativo para facilitar um depósito ali, se ele convertesse para francos suíços e pa-gasse três por cento de juros compostos apenas sobre os primeiros cem mil francos. O funcionário deu de presente a Pazzi uma cópia do artigo 47 da *Bungdesgesetz über Banken und Sparkassen,* que regulamentava o sigilo bancário, e con-cordou em fazer uma transferência eletrônica para o Royal Bank da Nova Escócia, ou para as ilhas Caimãs, imedia-tamente depois da liberação dos fundos, se esse fosse o desejo de Pazzi.

Com a presença de um tabelião, Pazzi garantiu à

esposa o acesso alternativo à conta, no caso de sua morte.

Concluídos os negócios, apenas o funcionário do banco suíço estendeu a mão. Pazzi e o Sr. Konie não se olharam diretamente, apesar de o Sr. Konie ter dado um adeus da porta.

O último trecho da viagem para casa, o avião de Milão se desviando de uma tempestade, a hélice do lado de Pazzi parecendo um círculo escuro contra o céu cinza.

Raios e trovões enquanto se balançavam acima da velha cidade, o campanário e a cúpula da catedral debaixo deles agora, luzes se acendendo no crepúsculo antecipado, um clarão e um barulho como os que Pazzi lembrava da in-fância, quando os alemães explodiram as pontes do Amo, poupando apenas a Ponte Vecchio. E por um clarão tão curto quanto o de um relâmpago ele se lembrou de ter visto na infância um traidor capturado, acorrentado à Ma-dona das Correntes,

para rezar antes de ser morto a tiros.

Descendo através do cheiro de ozônio dos raios, sentindo o reboar dos trovões na estrutura do avião, Paz-zi, dos antigos Pazzi, voltou à sua cidade ancestral com objetivos tão velhos quanto o tempo.

CAPÍTULO

33

RINALDO PAZZI preferiria manter vigilância constante so-bre sua presa no Palazzo Capponi, mas não podia.

Em vez disso, ainda em êxtase pela visão do dinhei-ro, teve de enfiar-se nas roupas de cerimônia e se encon-trar com a mulher num concerto há muito antecipado, da Orquestra de Câmara de Florença.

O Teatro Piccolomini, uma cópia reduzida do glo-rioso Teatro La Fenice de Veneza, feito no século XIX, é

uma caixa de jóias barroca, de ouro e veludo, com queru-bins desafiando as leis da aerodinâmica no teto esplêndi-do. Além disso, é bom o teatro ser lindo, porque os ar-tistas freqüentemente precisam de toda a ajuda possível.

É injusto, mas inevitável, que a música em Florença seja julgada pelos padrões altíssimos da arte na cidade. Os florentinos são um grupo grande e bem informado de a-mantes da música, típicos da Itália, mas algumas vezes ca-recem de artistas musicais.

Pazzi enfiou-se na cadeira ao lado da mulher, em meio aos aplausos depois da abertura.

Ela deu-lhe o rosto perfumado. Ele sentiu o cora- ção crescer por dentro, olhando-a no vestido de noite, suficientemente decotado para emitir uma fragrância quente dos seios, com a partitura da música na elegante capa Gucci que Pazzi lhe dera.

— Eles ficam cem por cento melhores com o novo violista — sussurrou ela na orelha de Pazzi. O excelente tocador de viola da gambá fora trazido para substituir um músico terrivelmente inepto, primo de Sogliato, que estra-

nhamente desaparecera há algumas semanas.

O Dr. Hannibal Lecter olhou de um camarote no alto, sozinho, imaculado com a gravata branca, o rosto e a frente da camisa parecendo flutuar na caixa escura emol-durada pelas douradas esculturas barrocas.

Pazzi avistou-o quando as luzes se acenderam bre-vemente após o primeiro movimento, e num instante, an-tes que o policial pudesse olhar para outro lado, a cabeça do doutor girou como a de uma coruja, e os olhos dos dois se encontraram. Pazzi espremeu involuntariamente a mão da mulher, com força bastante para que ela o enca-rasse. Depois disso, manteve os olhos resolutamente no palco, sentindo as costas da mão quentes contra a coxa da mulher, enquanto ela segurava sua mão.

No intervalo, quando Pazzi virou-se do bar para entregar uma bebida à esposa, o Dr. Lecter estava parado ao lado dela.

— Boa noite, Dr. Fell — disse Pazzi.

— Boa noite, *Commendatore* — disse o doutor. Ele esperou com uma ligeira inclinação da cabeça até que Paz-zi teve de fazer a apresentação.

— Laura, deixe-me apresentar o Dr. Fell. Doutor, esta é a *signora* Pazzi, minha esposa.

A *signora* Pazzi, acostumada a ser elogiada por sua beleza, achou o que veio em seguida curiosamente encan-tador, apesar de seu marido não concordar.

— Obrigado por este privilégio, *Commendatore* —disse o doutor. Sua língua vermelha e pontuda apareceu por um instante antes de ele se curvar sobre a mão da *sig- nora* Pazzi, os lábios talvez mais perto da pele do que é o costume em Florença, sem dúvida suficientemente perto para que ela sentisse a respiração dele.

Os olhos dele se ergueram antes da cabeça.

— Creio que a senhora gosta particularmente de Scarlatti, *signora* Pazzi.

— Gosto sim.

— Foi agradável vê-la acompanhando a partitura.

Praticamente ninguém mais faz isso. Espero que isto aqui possa interessá-la. — Ele tirou um caderno de baixo do braço. Era uma antiga partitura em pergaminho, copiada à

mão.

— Isto é do Teatro Capranica em Roma, de 1688, o ano em que a peça foi escrita.

— *Meraviglioso!* Olhe só, Rinaldo!

— Marquei num papel transparente algumas dife-renças da partitura moderna enquanto o primeiro movi-mento era tocado — disse o Dr. Lecter.

— Talvez a senhora ache divertido continuar no segundo. Por favor, pegue. Posso recuperá-lo depois com o Sr. Pazzi. Pode ser, *Commendatore?*

O doutor olhando profundamente, profundamente enquanto Pazzi respondia.

— Se é do seu agrado, Laura — disse Pazzi. Um instante de pensamento.

— O senhor vai se apresentar ao *Studiolo,* doutor?

— Sim, na sexta-feira à noite. Sogliato mal pode esperar para me desacreditar.

— Eu precisarei estar na Cidade Velha. Então, de-volvo a partitura. Laura, o Dr. Fell vai ter de mostrar o que sabe para os dragões do *Studiolo.*

— Tenho certeza de que vai se sair *muito* bem, dou-tor — disse ela, oferecendo-lhe os grandes olhos escuros; dentro dos limites da compostura, mas quase escapando.

O Dr. Lecter sorriu, com seus pequenos dentes brancos.

— Madame, se eu fabricasse Fleur du Ciei, iria ofe-recer-lhe o Cape Diamond para usar junto. Até sexta à

noite, *Commendatore.*

Pazzi certificou-se de que o doutor voltara ao seu camarote. Não olhou para ele de novo até que se despedi-ram com um aceno distante, na escada do teatro.

— Eu lhe dei aquele Fleur du Ciei pelo seu aniver-sário — disse Pazzi.

— Sim, e eu adoro, Rinaldo — disse a *signora* Pazzi.

— Você tem um gosto maravilhoso.

CAPITULO

34

IMPRUNETA É UMA antiga cidade toscana onde foram fei-tas as telhas do Duomo. Seu cemitério é visível à noite das vilas no topo dos morros a quilômetros de distância, por causa dos lampiões eternamente acesos nas sepulturas. A luz ambiente é fraca, mas o suficiente para que os visitan-tes achem o caminho entre os mortos, ainda que seja ne-cessária uma lanterna para ler os epitáfios.

Rinaldo Pazzi chegou às cinco para as nove com o pequeno buquê de flores que planejava colocar numa se-pultura qualquer. Caminhou lentamente por um caminho de cascalho entre os túmulos.

Sentiu a presença de Cario, apesar de não vê-lo.

Cario falou do outro lado de um mausoléu mais al-to do que uma pessoa.

— O senhor conhece um bom florista na cidade?

A voz parecia de um sardo. Isso era bom, talvez ele soubesse o que estava fazendo.

— Todos os floristas são ladrões — respondeu Pazzi.

Cario veio rapidamente de trás da estrutura de mármore, sem espiar antes.

Para Pazzi ele pareceu feroz, baixo, atarracado e forte, ágil nas extremidades. Usava colete de couro e tinha um tufo de pêlo de javali no chapéu.

Pazzi avaliou que teria uns oito centímetros a mais do que Cario no tamanho do

braço, e dez a mais na altura.

O peso devia ser aproximadamente o mesmo. Cario não tinha um dos polegares. Pazzi achou que poderia encon-trar sua ficha nos registros da Questura com uns cinco minutos de trabalho. Os dois estavam iluminados por bai-xo, pelos lampiões da sepultura.

— A casa dele tem bons alarmes — disse Pazzi.

— Eu olhei. O senhor precisa apontá-lo para mim.

— Ele terá de comparecer a uma reunião amanhã à

noite, sexta-feira. Pode estar pronto até lá?

— Está bom. — Cario queria provocar o policial um pouco, estabelecer seu controle. — O senhor é capaz de andar com ele, ou tem medo? O senhor terá de fazer aquilo por que é pago. O senhor irá apontá-lo para mim.

— Não fale bobagem. Farei o que estou sendo pa-go para fazer, e você também. Ou você pode se aposentar como michê em Volterra. Como preferir.

Enquanto trabalhava, Cario era tão imune aos in-sultos quanto aos choros de dor. Viu que julgara errado o policial. Abriu as mãos.

— Diga o que preciso saber — falou, movendo-se para ficar ao lado de Pazzi, como se os dois estivessem pranteando juntos diante do pequeno mausoléu. Um casal passou pelo caminho, de mãos dadas. Cario tirou o cha-péu e os dois ficaram de cabeça baixa. Pazzi colocou suas flores na porta do túmulo. Do chapéu quente de Cario veio um cheiro, um cheiro rançoso, como salsicha de um animal inadequadamente castrado.

Pazzi ergueu o rosto para afastar o odor.

— Ele *é* rápido com a faca. Golpeia baixo.

— Ele tem revólver?

— Não sei. Nunca usou um, que eu saiba.

— Eu não quero ter de tirá-lo de um carro. Quero que ele esteja na rua, sem muita gente ao redor.

— Como vai dominá-lo?

— Isso é problema meu. — Cario colocou um den-te de animal na boca e mastigou a cartilagem, de vez em quando fazendo o dente se projetar entre os lábios.

— É problema meu também — disse Pazzi. —

Como fará isso?

— Vou atordoá-lo com uma arma de impacto, jo-gar uma rede em cima, depois posso lhe dar uma injeção.

Preciso verificar os dentes dele rápido, para o caso de ter veneno sob uma coroa.

— Ele precisa fazer uma palestra numa reunião.

Começa às sete no Palazzo Vecchio. Se na sexta-feira ele trabalhar na Capela Capponi, em Santa Croce, terá que caminhar de lá até o Palazzo Vecchio. Conhece Florença?

— Conheço bem. Você pode me dar um passe de veículo para a Cidade Velha?

— Posso.

— Eu não vou tirá-lo da igreja. Pazzi assentiu.

— É melhor que ele apareça na reunião. Depois, provavelmente, não sentirão falta dele por duas semanas.

Tenho motivos para caminhar com ele até o Palazzo Cap-poni depois da reunião...

— Não quero pegá-lo em casa. É terreno que ele conhece e eu não. Ele estará alerta, vai olhar ao redor quando chegar junto à porta. Quero que esteja na calçada aberta.

— Então escute: nós vamos sair pela porta da fren-te do Palazzo Vecchio, o lado

da Via dei Leoni estará fe-chado. Seguiremos pela Via Neri e vamos atravessar o rio na Ponte alie Grazie. Há árvores na frente do Museu Bar-dini, do outro lado, bloqueando as luzes da rua. É um lu-gar calmo nessa hora, quando a escola está fechada.

— Então digamos em frente ao Museu Bardini, mas talvez eu faça antes se tiver chance, mais perto do Palazzo, ou mais cedo no dia, se ele desconfiar e tentar fugir. Talvez a gente esteja numa ambulância. Fique com ele até que ele seja acertado, e então afaste-se rapidamente.

— Quero que ele esteja fora da Toscana antes que qualquer coisa aconteça.

— Acredite, ele sairá da face da Terra, *começando pe- los pés* — disse Cario, sorrindo de sua piada particular, pro-jetando o dente de porco através do sorriso.

CAPÍTULO

35

MANHÃ DE SEXTA-FEIRA. Um pequeno cômodo no sótão do Palazzo Capponi. Três das paredes pintadas de branco estão nuas. Na quarta há uma grande Madona da escola de Cimabue, do século XIII, gigantesca no quarto pequeno, a cabeça inclinada em direção ao angulo da assinatura como a de um pássaro curioso, e os olhos amendoados olhando para uma pequena figura adormecida debaixo do quadro.

O Dr. Hannibal Lecter, veterano de catres de pri-sões e asilos, está deitado imóvel nessa cama estreita, as mãos sobre o peito. Seus olhos se abrem e, de súbito, ele está totalmente desperto, o sonho com a irmã Mischa, há

muito morta e digerida, penetrando sem emendas na vigí-lia atual: perigo na época, perigo agora.

Saber que está em perigo não perturbou seu sonho mais do que ter matado o batedor de carteira.

Vestido para o dia agora, esguio e perfeitamente ar-rumado no terno de seda escura, ele vira os sensores de movimento para o topo da escada de serviço e desce para os grandes espaços do palácio.

Agora está livre para se mover através do vasto si-lêncio dos muitos cômodos, no que para ele é sempre uma liberdade inebriante, depois de tantos anos confinado a uma cela de porão.

Assim como as paredes cobertas de afrescos da Santa Croce ou do Palazzo Vecchio são cheias de alma, o ar da Biblioteca Capponi ressoa de presença para o Dr.

Lecter, enquanto trabalha na grande parede cheia de esca- ninhos com manuscritos. Escolhe pergaminhos enrolados, sopra a poeira, cujos grãos dançam num raio de sol como se os mortos, que agora são pó, viessem lhe contar o des-tino deles e o dele. Trabalha com eficiência, mas sem pressa indevida, colocando algumas coisas em sua pasta, juntando livros e ilustrações para a palestra que fará esta noite no *Studiolo.* Há muitas coisas que ele gostaria de ler.

O Dr. Lecter abre seu *laptop* e, conectando-se pelo Departamento de Criminologia da Universidade de Milão, verifica a *homepage* do FBI na Internet, no endereço

vvww.fbi.gov, como qualquer cidadão particular pode fa-zer. Fica sabendo que a audiência do subcomitê judiciário sobre a ação de Clarice Starling contra uma quadrilha de drogas ainda não foi marcada. Ele não tem os códigos de acesso que precisaria para olhar seu próprio dossiê no FBI. Na página dos mais procurados, seu rosto antigo o encara, flanqueado pelo de um terrorista e o de um incen-diado.

O Dr. Lecter pega o tablóide colorido numa pilha de pergaminhos e olha para a foto de Clarice Starling na primeira página, toca o rosto dela com o dedo. A lâmina brilhante aparece em sua mão como se tivesse brotado para substituir o sexto dedo. Esse tipo de canivete é cha-mado de Harpia, e tem uma lâmina serrilhada na forma de uma presa de águia. Corta com tanta facilidade o *National Tattler* quanto cortou a artéria femural do cigano — a lâ-mina penetrou no cigano e saiu tão rapidamente que o Dr.

Lecter nem precisou enxugá-la.

O Dr. Lecter corta a imagem do rosto de Clarice Starling e cola num pedaço de pergaminho em branco.

Pega uma caneta e, com facilidade fluida, desenha no pergaminho o corpo de

uma leoa alada, um grifo com o rosto de Starling. Abaixo escreve em sua caligrafia dis-tinta: *Alguma vez você pensou, Clarice, por que os filisteus não a entendem? É porque você é a resposta para a charada de Sansão: você é o mel na leoa.*

A quinze quilômetros de distância, estacionado es-condido atrás de um alto muro de pedra em Impruneta, Cario Deogracias examinava o equipamento, enquanto seu irmão Matteo treinava uma série de golpes de judô na grama macia com os outros dois sardos, Piero e Tommaso Falcione. Os dois Falcione eram rápidos e muito fortes —

Piero jogou como profissional durante pouco tempo no time de futebol de Cagliari. Tommaso já estudara para ser padre e falava um inglês razoável. Algumas vezes rezava com suas vítimas.

O furgão Fiat branco de Cario, com placas de Ro-ma, fora alugado legalmente. Para serem grudados nas la-terais já estavam a postos letreiros onde se lia: OSPEDALE

DELLA MISERICÓRDIA. As paredes e o piso estavam cober-tos com acolchoados usados em mudança, para o caso de a vítima lutar dentro do veículo.

Cario pretendia realizar o projeto exatamente como Mason desejava, mas se o plano desse errado e ele preci-sasse matar o Dr. Lecter na Itália e abortar a filmagem na Sardenha, nem tudo estava perdido. Sabia que poderia esquartejar o Dr. Lecter e ter sua cabeça e suas mãos em menos de um minuto. Se não tivesse tanto tempo assim, poderia pegar o pênis e um dos dedos, que com testes de DNA serviriam de prova. Lacrados em plástico e guarda-dos dentro de gelo, estariam nas mãos de Mason em me-nos de 24 horas, permitindo a Cario uma recompensa a-lém dos pagamentos normais.

Bem guardada atrás dos bancos estava uma peque-na motosserra, torqueses de cabo comprido, uma serra cirúrgica, facas afiadas, sacos plásticos com zíper, um tor-no Black & Decker para manter os braços do doutor imó-veis e um caixote da DHL Express com pagamento de entrega pré-pago, avaliando o peso da cabeça do Dr. Lec-ter em seis quilos e suas mãos em um quilo cada uma.

Se Cario tivesse a chance de registrar em vídeo um esquartejamento de emergência, confiava em que Mason faria um pagamento extra para ver o Dr.

Lecter esquarte-jado vivo, mesmo depois de ter entregue o milhão de dó-lares pela cabeça e as mãos do doutor. Com esse objetivo trouxera uma boa câmera de vídeo, uma fonte de luz e tripé, e ensinara a Matteo os rudimentos de operação.

Seu equipamento de captura recebera atenção igual.

Piero e Tommaso eram especialistas com a rede, agora dobrada com tanto cuidado quanto um pára-quedas. Cario tinha uma seringa hipodérmica e uma arma de dardos car-regada com acepromazina, um tranqüilizante para animais, suficiente para derrubar em segundos uma fera do tama-nho do Dr. Lecter. Cario dissera a Rinaldo Pazzi que co-meçaria com uma arma de impacto, que estava carregada e pronta, porém se tivesse a chance de colocar a agulha hi-podérmica em alguma parte das nádegas ou das pernas do Dr. Lecter, a arma de impacto não seria necessária.

Os seqüestradores só precisariam ficar com o cati-vo na parte continental da Itália durante cerca de quarenta minutos, o tempo necessário para levá-lo até o aeroporto em Pisa, onde um avião-ambulância estaria esperando. O

campo de aviação de Florença ficava mais perto, mas ali o tráfego aéreo era menor e um vôo particular mais percep-tível.

Em menos de uma hora e meia estariam na Sarde-nha, onde o comitê de recepção do doutor estava ficando cada vez mais empolgado.

Cario pesara tudo em sua cabeça inteligente e mal-dosa. Mason não era idiota. Os pagamentos eram organi-zados para que nenhum dano acontecesse com Rinaldo Pazzi — custaria dinheiro a Cario matar Pazzi e tentar reivindicar toda a recompensa. Mason não queria o incô-modo gerado por um policial morto. Melhor fazer a coisa como Mason queria. Mas Cario sentia comichões por todo o corpo em pensar o que poderia ter conseguido com al-guns golpes da serra caso ele próprio tivesse encontrado o Dr. Lecter.

Experimentou a motosserra. Ela deu a partida no primeiro puxão.

Conversou brevemente com os outros e foi para a cidade num pequeno *motorino*, armado apenas com uma faca, um revólver e uma seringa hipodérmica.

O Dr. Hannibal Lecter saiu cedo da rua barulhenta para a Farmácia di Santa

Maria Novella, um dos lugares mais perfumados da Terra. Ficou parado alguns minutos com a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados, cap-tando os aromas de sabonetes, loções e cremes maravilho-sos, e dos ingredientes nas salas de trabalho. O porteiro estava acostumado com ele, e os vendedores, normal-mente dados a uma certa arrogância, tinham-lhe grande respeito. As compras do cortês Dr. Fell, nos meses em que estava em Florença, não totalizariam mais de cem mil liras, porém as fragrâncias e essências eram escolhidas e combinadas com uma sensibilidade espantosa e gratifican-te para aqueles mercadores do aroma, que vivem de acor-do com o nariz.

Foi para preservar esse prazer que o Dr. Lecter não alterara seu nariz com qualquer rinoplastia além das inje- ções de colágeno externas. Para ele, o ar era pintado com perfumes tão distintos e vividos quanto cores, e era capaz de identificá-los em camadas como se fossem veladuras num quadro. Ali nada havia que lembrasse a cadeia. Ali o ar era música. Ali havia lágrimas pálidas de olíbano espe-rando para ser extraído, bergamota amarela, sândalo, cane-la e mimosa em concerto, sobre as notas de sustentação do âmbar-gris genuíno, almíscar, castor e essência do vea-do almiscarado.

Algumas vezes o Dr. Lecter tinha a ilusão de que podia sentir cheiro com as mãos, os braços e as boche-chas, que o odor o envolvia. Que podia sentir cheiro com o rosto e o coração.

Por motivos anatômicos, o cheiro faz brotar a me-mória mais rapidamente do que qualquer outro sentido.

Ali o Dr. Lecter tinha fragmentos e clarões de me-mória, parado sob a luz suave das grandes lâmpadas *artdeco* da farmácia, respirando, respirando. Ali nada havia da ca-deia. A não ser — o que era? — Clarice Starling, por quê?

Não o L'Air du Temps que ele captara quando ela abriu a bolsa perto das barras da jaula no manicômio. Não era isso. Aqueles perfumes não eram vendidos nesta farmácia.

Tampouco era a loção de pele que ela usava. Ah. *Sapone di mandorle.* O famoso sabão de amêndoa da farmácia. Onde ele sentira esse cheiro? Memphis, quando ela ficara parada do lado de fora da cela, quando ele tocou brevemente o dedo dela pouco antes da fuga. Starling, então. Texturas limpas e ricas. Algodão seco ao sol e passado a ferro. Cla-rice Starling, então. Envolvente e saborosa. Tediosa

na se- riedade e absurda nos princípios. Rápida em citar os dita-dos da mãe. Ummmm.

Por outro lado, as más lembranças para o Dr. Lec-ter eram associadas a odores desagradáveis, e ali na farmá-cia talvez ele estivesse mais distante do que jamais estivera das masmorras fétidas e negras que havia por trás de seu palácio da memória.

Contrariamente ao seu costume, o Dr. Lecter com-prou uma boa quantidade de sabonetes, loções e óleos de banho naquela sexta-feira cinzenta. Alguns ele levou e mandou a farmácia despachar o resto, fazendo ele mesmo as etiquetas de entrega em sua letra elaborada.

— O *dottore* gostaria de incluir um bilhete? — per-guntou o funcionário.

— Por que não? — respondeu o Dr. Lecter e enfi-ou o desenho do grifo dobrado dentro da caixa.

A Farmácia di Santa Maria Novella é ligada a um convento na Via Scala, e Cario, sempre devoto, tirou o chapéu para se esgueirar debaixo de uma imagem da vir-gem perto da entrada. Ele percebera que a pressão do ar das portas internas do saguão fazia com que as portas ex-teriores se abrissem segundos antes de uma pessoa sair.

Isso lhe dava tempo para se esconder e espiar cada vez que um cliente saía.

Quando o Dr. Lecter saiu com sua pasta fina, Cario estava bem escondido atrás de uma barraca de cartões-postais. O doutor partiu. Quando passou pela imagem da virgem, sua cabeça se ergueu, as narinas se abriram en-quanto ele olhava para a estátua e testava o ar.

Cario pensou que poderia ser um gesto de devoção.

Perguntou-se se o Dr. Lecter era religioso, como costuma acontecer com os loucos. Talvez pudesse fazer o doutor xingar Deus no final — isso agradaria a Mason. Primeiro teria de mandar o piedoso Tommaso para longe, claro.

No final da tarde, Rinaldo Pazzi escreveu uma carta para a esposa, incluindo seu esforço na criação de um so-neto, composto no início do namoro, e que na época ele fora tímido demais para mandar. Colocou junto os códi-gos necessários para

pegar o dinheiro na Suíça, além de uma carta para ela mandar a Mason, caso este tentasse ne-gar a liberação da quantia. Colocou a carta onde ela só

encontraria se estivesse examinando seus pertences.

Às seis horas foi até o Museu Bardini em seu pe-queno *motorino,* que acorrentou a um corrimão de ferro onde os últimos alunos do dia estavam pegando suas bici-cletas. Viu o furgão branco com letreiros de ambulância estacionado perto do museu, e achou que poderia ser o de Cario. Havia dois homens sentados dentro. Quando Pazzi virou as costas, sentiu o olhar deles.

Tinha bastante tempo. As luzes da rua já estavam acesas e ele caminhou devagar em direção ao rio, através das sombras negras e úteis sob as árvores do museu. Atra-vessando a Ponte alie Grazie, olhou durante um tempo para o Arno que se movia lentamente, e ruminou os últi-mos pensamentos longos que teria tempo de desfrutar. A noite seria escura. Bom. Nuvens baixas corriam para o leste por cima de Florença, passando perto da torre cruel do Palazzo Vecchio, e a brisa fazia girar a areia e excre-mentos de pombo que tinham virado pó na praça à frente da Santa Croce, por onde Pazzi passava agora, os bolsos pesados com uma Beretta 380, um cassetete de couro cha-to e uma faca para enfiar no Dr. Lecter, caso fosse neces-sário matá-lo de imediato.

A Igreja de Santa Croce fecha às seis da tarde, mas um sacristão deixou Pazzi entrar por uma porta pequena perto da frente. Não queria perguntar ao homem se o

"Dr. Fell" estava trabalhando, de modo que foi cuidadosa-mente ver. As velas nos altares junto às paredes lhe davam luz suficiente. Seguiu pela grande extensão da igreja até

que pôde enxergar o braço direito da estrutura em forma de cruz. Era difícil ver se o Dr. Fell estava na Capela Cap-poni, para além das velas votivas. Andando em silêncio pelo transepto direito, procurando. Uma grande sombra se afastou da parede da capela, e por um segundo a respi-ração de Pazzi parou. Era o Dr. Lecter, encurvado sobre a lâmpada no chão, trabalhando em suas cópias. O doutor levantou-se, espiou para o escuro como uma coruja, a ca-beça virando, o corpo imóvel, iluminado por baixo pela luz de trabalho, a sombra imensa atrás. Em seguida, a sombra se encolheu pela parede da capela enquanto ele se curvava de novo para a tarefa.

Pazzi sentiu o suor escorrer pelas costas debaixo da camisa, mas seu rosto estava frio.

Ainda faltava uma hora para a reunião no Palazzo Vecchio, e Pazzi queria chegar atrasado.

Em sua beleza severa, a capela que Brunelleschi construíra para a família Pazzi na igreja de Santa Croce é

uma das glórias da arquitetura renascentista. Ali o círculo e o quadrado estão reconciliados. É uma estrutura separada do lado de fora do santuário da Santa Croce, ao qual se pode chegar somente através de um claustro em arcos.

Pazzi rezou na Capela Pazzi, ajoelhado na pedra, observado pela figura parecida com ele no rondei de Delia Robbia no alto. Sentiu que as orações eram comprimidas pelo círculo de apóstolos no teto, e pensou que talvez elas poderiam ter escapado para o claustro escuro atrás dele e flutuado dali até o céu aberto e Deus.

Com esforço, visualizou algumas coisas boas que poderia fazer com o dinheiro que recebera em troca do Dr. Lecter. Viu-se junto com a esposa entregando moedas para algumas crianças de rua, e alguma espécie de apare-lhagem médica que os dois doariam a um hospital. Viu as ondas da Galiléia, que para ele se pareciam com as da baía de Chesapeake. Viu a mão rosada e bonita da esposa ao redor de seu pau, apertando-o para inchar ainda mais a cabeça.

Olhou ao redor, e não vendo pessoa alguma, disse em voz alta para Deus: — Obrigado, pai, por permitir que eu remova este monstro, monstro dos monstros, de vossa Terra. Obrigado em nome das almas cuja dor nós poupa-remos. — Não está claro se esse “nós” era um plural ma-jestático ou uma referência à parceria entre Pazzi e Deus, e talvez não haja uma resposta simples.

A parte dele que não era sua amiga disse-lhe que ele e o Dr. Lecter haviam matado juntos, que Gnocco era vítima de ambos, já que Pazzi não fez coisa alguma para salvá-lo, e ficou aliviado quando a morte fez sua boca pa-rar.

Havia um certo conforto na oração, refletiu Pazzi ao deixar a capela — enquanto saía do claustro escuro teve a sensação clara de que não estava sozinho.

Cario esperava sob a aba do telhado do Palazzo Piccolomini e acertou o passo

com o policial. Os dois dis-seram muito pouca coisa.

Passaram por trás do Palazzo Vecchio e confirma-ram que a saída dos fundos, para a Via dei Leoni, estava trancada, e as janelas acima fechadas.

A única porta aberta era a entrada principal do Pa-lazzo.

— Nós vamos sair por aqui, descer a escada para a Via Neri — disse Pazzi.

— Meu irmão e eu estaremos do outro lado da pra- ça, na Loggia. Vamos ficar a alguma distância atrás de vo-cês. Os outros estão no Museu Bardini.

— Eu os vi.

— Eles também viram você.

— A arma de impacto faz muito barulho?

— Não muito, não como uma pistola, mas você vai ouvir, e ele cairá rápido. — Cario não lhe disse que Piero atiraria com a arma de impacto das sombras na frente do museu, enquanto Pazzi e o Dr. Lecter ainda estivessem na luz. Cario não queria que Pazzi tentasse se afastar do dou-tor e o alertasse antes do tiro.

— Você precisa confirmar com Mason que o pe-gou. Precisa fazer isso esta noite — disse Pazzi.

— Não se preocupe. Esse escroto vai passar a noite implorando a Mason pelo telefone — disse Cario, olhan-do de lado para Pazzi, esperando vê-lo desconfortável. —

A princípio ele implorará que Mason o poupe, depois de um tempo irá implorar para morrer.

CAPÍTULO

36

CHEGOU A NOITE, e os últimos turistas foram mandados embora do Palazzo Vecchio. Muitos, sentindo o peso do castelo medieval nas costas enquanto se espalhavam pela praça, tiveram que se virar e olhar uma última vez para os

parapeitos que lembravam dentes de lanternas de Dia das Bruxas, lá no alto.

Refletores se acenderam, lavando a pedra áspera, a-fiando as sombras debaixo das altas ameias. Enquanto as andorinhas iam para seus ninhos, os primeiros morcegos apareceram, mais perturbados na sua caçada pelos guin-chos de alta freqüência das ferramentas dos restauradores do que pela luz.

Dentro do Palazzo o serviço interminável de con-servação e manutenção aconteceria durante mais uma ho-ra, a não ser no Salão dos Lírios, onde o Dr. Lecter confe-renciava com o chefe da equipe de manutenção.

O chefe, acostumado à penúria e às exigências difí-ceis do Comitê de Belle Arti, achou o doutor cortês e ex-tremamente generoso.

Minutos depois, seus trabalhadores estavam guar-dando o equipamento, levando as grandes enceradeiras e os compressores para perto das paredes e enrolando os cabos elétricos. Rapidamente montaram as cadeiras do-bráveis para a reunião do *Studiolo* — só era necessária uma dúzia — e abriram as janelas para afastar o cheiro de tinta, cera e material de dourar.

O doutor insistiu num pódio adequado, e um mó-vel grande como um, púlpito foi encontrado na antiga sala de Niccolò Maquiavel, adjacente ao salão, e trazido sobre um carrinho grande, junto com o projetor de *slides* do pa-lácio.

A pequena tela que veio com o projetor não agra-dou ao Dr. Lecter, e ele mandou-a embora. Em vez disso, tentou mostrar as imagens em tamanho natural num dos panos que protegia uma parede que estava sendo restau-rada. Após ajustar o pano e alisar as dobras, descobriu que serviria muito bem.

Em seguida, marcou o lugar em vários tomos pesa-dos que estavam sob o pódio, e parou junto à janela de costas para a sala, enquanto os membros do *Studiolo,* com seus ternos escuros e empoeirados, chegavam e sentavam-se, o tácito ceticismo dos eruditos evidente enquanto tira-vam as cadeiras do semicírculo e as arrumavam numa con-figuração que mais parecia um júri.

Olhando pela janela alta, o Dr. Lecter podia ver o Duomo e o campanário de Giotto, escuro contra o oeste, mas não o amado batistério de Dante, abaixo deles. Os refletores virados para cima impediam que visse o escuro da praça onde os assassinos o esperavam.

Assim, com os mais renomados estudiosos da Ida-de Média e da Renascença acomodados em suas cadeiras, o Dr. Lecter compôs na mente a palestra que faria. Demo-rou pouco mais de três minutos para organizá-la. O assun-to era o *Inferno* de Dante e Judas Iscariotes.

Bem de acordo com o gosto do *Studiolo* pela pré- Renascença, o Dr. Lecter começou com o caso de Pier delia Vigna, filólogo do reino da Sicília, cuja avareza o fez merecer um lugar no Inferno de Dante. Durante a primei- ra meia hora, o doutor os fascinou com as intrigas da vida real por trás da queda de delia Vigna.

— Delia Vigna foi posto em desgraça e cegado por trair a confiança do imperador através de sua avareza —disse o Dr. Lecter, aproximando-se do assunto principal.

— O peregrino de Dante encontrou-o no sétimo nível do inferno, reservado para os suicidas. Como Judas Iscario-tes, ele morreu enforcado.

“Judas, Pier delia Vigna e Ahitophel, o ambicioso conselheiro de Absalão, estão ligados em Dante pela ava-reza que ele viu neles e pela morte subseqüente por enfor-camento.

“A avareza e o enforcamento estão ligados na men-te antiga e medieval: São Jerônimo escreve que o próprio sobrenome de Judas, Iscariotes, significa “dinheiro”, ou

“preço”, enquanto o padre Origen diz que Iscariotes deri-va da expressão hebraica “por sufocação” e que o nome dele significa “Judas o Sufocado”.

De seu pódio, o Dr. Lecter olhou por cima dos ó-culos em direção à porta.

— Ah, *Commendator* Pazzi, bem-vindo. Como está

mais perto da porta, poderia fazer a gentileza de diminuir as luzes? O senhor irá se interessar por isto, *Commendatore,* uma vez que já existem dois Pazzi no *Inferno* de Dante...

— Os professores do *Studiolo* soltaram risinhos secos. —

Camicion de’ Pazzi, que assassinou um parente, e ele está

esperando a chegada de um segundo Pazzi. Mas não é o senhor, é Carlino, que será colocado ainda mais baixo no inferno por traição aos Guelfos Brancos, o partido do próprio Dante.

Um pequeno morcego voou através de uma das ja-nelas abertas e fez alguns círculos sobre as cabeças dos professores, acontecimento comum na Toscana e ignora-do por todos.

O Dr. Lecter retomou sua voz de discurso.

— Avareza e enforcamento, então, são ligados des-de a antigüidade, e a imagem aparece repetidamente na arte. — O Dr. Lecter apertou o interruptor que estava segurando e o projetor foi ligado, lançando uma imagem sobre o pano que cobria a parede. Numa rápida sucessão, outras imagens se seguiram enquanto ele falava: — Aqui está a representação mais antiga que se conhece da crucifi-cação, esculpida numa caixa de marfim na Gália, mais ou menos em 440 d.C. Inclui a morte de Judas por enforca-mento, o rosto virado para cima, em direção ao galho que o sustenta. E aqui, num relicário de Milão, do século IV, e num díptico de marfim do século IX, está Judas enforca-do. Ele *ainda* está olhando para cima.

O pequeno morcego passou diante da tela, caçando insetos.

— Neste painel das portas da catedral de Beneven-to vemos Judas enforcado com as entranhas caindo do corpo enquanto São Lucas, o médico, o descrevia nos A-tos dos Apóstolos. Aqui ele está enforcado e assediado por harpias; sobre ele, no céu, está o rosto de Caim na lua; e aqui ele está representado pelo Giotto de vocês, de novo com vísceras pendendo para fora.

“E finalmente aqui, de uma edição do século XV

do *Inferno,* está o corpo de Pier delia Vigna pendurado de uma árvore ensangüentada. Não enfatizarei o paralelo ób-vio com Judas Iscariotes.

“Mas Dante não precisava desenhar ilustrações; é o gênio de Dante Alighieri fazer Pier delia Vigna, agora no inferno, falar em sussurros tensos e tosses sibilantes, co- mo se ainda estivesse enforcado. Ouçam enquanto ele conta que arrastou, junto com os outros condenados, seu próprio cadáver para pendurar numa árvore de espinheiro:

“Surge in vermena e in pianta silvestra: l’Arpie, pascendo poi de le sue foglie, fanno dolore, e al dolor fenestra.”

O rosto normalmente branco do Dr. Lecter rubori-za enquanto ele cria para o *Studiolo* o gorgolejo das pala-vras do agonizante Pier delia Vigna, e enquanto ele aperta o controle remoto, as imagens de delia Vigna e de Judas com as entranhas para fora alternam-se no grande campo do pano pendurado.

“Come l’altre verrem per nostre spoglie, ma non però ctíalcuna sen rivesta,

ché non ègiusto aver ciò chom si toglie.

“Qui le strascineremo, e per la mesta

selva saramo i nostri corpo appesi,

ciascuno alprun de 1’ombra sua molesta.

“De modo que Dante lembra, em sons, a morte de Judas na morte de Pier delia Vigna, pelos mesmos crimes de avareza e traição.

“Ahitophel, Judas, e o Pier delia Vigna de vocês.

Avareza, enforcamento, autodestruição, com a avareza tendo tanta importância quanto o enforcamento para a autodestruição. E o que diz o anônimo suicida florentino em seu tormento no final do canto?

“Io feigibetto a me dele mie case.

“E eu... eu fiz de minha própria casa meu patíbulo.

“Na próxima ocasião talvez vocês gostassem de discutir Pietro, o filho de Dante. Incrivelmente, ele foi o único dos primeiros escritores que ligaram Pier delia Vig-na a Judas no canto treze. Creio também que seria interes-sante abordar a questão do mastigar em Dante. O conde Ugolino, mastigando a nuca do arcebispo, Satã com seus três rostos mastigando Judas, Brutos e Cássio, todos trai-dores como Pier delia Vigna. Obrigado pela sua gentil a-tenção.”

Os eruditos aplaudiram-no entusiasticamente, ao seu modo baixo e poeirento, e o Dr. Lecter manteve as luzes reduzidas enquanto se despedia deles, cada um por

seu nome, segurando livros nos braços para não ter de apertar as mãos. Enquanto saíam da luz suave do Salão dos Lírios, eles pareciam carregar o feitiço da palestra.

O Dr. Lecter e Rinaldo Pazzi, agora sozinhos na grande câmara, podiam ouvir observações sobre a palestra começando a ser feitas entre os estudiosos que desciam a escada.

— O senhor diria que salvei meu emprego, *Com- mendatore?*

— Não sou um erudito, Dr. Fell, mas qualquer um pode ver que os impressionou. Doutor, se for convenien-te, posso caminhar com o senhor até sua casa e pegar os objetos de seu predecessor.

— São duas malas, *Commendatore,* e o senhor já está

com sua pasta. Vai querer carregá-las?

— Mandarei uma radiopatrulha me pegar no Palaz-zo Capponi — Pazzi insistiria, se fosse necessário.

— Ótimo — disse o Dr. Lecter. — Vai demorar um minuto, é só pegar as coisas.

Pazzi assentiu e foi com seu telefone celular até a janela alta, jamais afastando os olhos de Lecter.

Dava para ver que o doutor estava perfeitamente calmo. Dos andares de baixo vinham sons de ferramentas elétricas.

Pazzi digitou um número, e quando Cario Deogra-cias atendeu, ele disse:

— Laura, *amore*, vou chegar em casa daqui a pouco.

O Dr. Lecter pegou os livros no pódio e os colocou numa sacola. Em seguida, virou-se para o projetor; o ven-tilador ainda zumbia, a poeira nadava no facho de luz.

— Deveria ter mostrado este a eles, não consigo imaginar por que esqueci. — O Dr. Lecter projetou outro desenho, um homem nu pendurado debaixo das ameias do palácio. — Isso irá interessá-lo, *Commendator* Pazzi, dei-xe-me vez se posso

melhorar o foco.

O Dr. Lecter mexeu na máquina, em seguida se a-proximou da imagem na parede, a silhueta negra sobre o tecido, do mesmo tamanho do enforcado.

— Está conseguindo ver isto? Não dá para ampliar mais. Foi aqui que o arcebispo o mordeu. E debaixo está

escrito o nome dele.

Pazzi não chegou mais perto do Dr. Lecter, mas enquanto se aproximava da parede sentiu cheiro de algu-ma substância química, e por um instante pensou que fos-se algo que os restauradores usavam.

— Consegue ver as letras? Diz: “Pazzi”, junto com um poema grosseiro. Este é o seu ancestral, Francesco, enforcado do lado de fora do Palazzo Vecchio, debaixo destas janelas — disse o Dr. Lecter. Ele sustentou o olhar de Pazzi através do facho de luz entre os dois. — Quanto a um assunto relacionado, *signore* Pazzi, devo lhe confes-sar: estou pensando seriamente em comer a sua mulher.

O Dr. Lecter puxou para cima de Pazzi o grande pano que cobria a parede. Pazzi lutou contra o tecido, ten-tando descobrir a cabeça enquanto o coração afundava no peito. O Dr. Lecter veio rapidamente por trás, apertando seu pescoço com força terrível e colocando uma esponja encharcada em éter sobre o pano que cobria seu rosto.

Sacudindo-se com força, com os pés e os braços emaranhados no pano, Rinaldo Pazzi ainda pôde colocar a mão na pistola enquanto os dois caíam juntos no chão.

Tentou apontar a Beretta para trás do corpo, debaixo do pano cheio de dobras, apertou o gatilho e deu um tiro a-travessando a própria coxa enquanto afundava para um redemoinho negro...

O disparo da pequena 380 por baixo do pano não fez muito mais barulho do que as marteladas nos andares de baixo. Ninguém subiu a escada. O Dr. Lecter trancou as grandes portas do Salão dos Lírios...

Enquanto voltava à consciência, Pazzi sentiu uma certa náusea e algo que o amordaçava, o gosto de éter na garganta e um peso no peito.

Descobriu que ainda estava no Salão dos Lírios, e que não podia se mexer. Rinaldo Pazzi estava amarrado com o pano e cordas, rígido como um relógio de parede, preso ao carrinho alto que os trabalhadores tinham usado para transportar o pódio. Sua boca estava presa com fita adesiva. Uma bandagem havia estancado o sangramento do tiro na coxa.

Observando, encostado ao púlpito, o Dr. Lecter lembrou-se de si próprio, amarrado de modo semelhante quando o transportavam pelo manicômio, sobre um carri-nho.

— Está me ouvindo, *signore* Pazzi? Respire fundo enquanto pode, e clareie a cabeça.

As mãos do Dr. Lecter estavam ocupadas enquanto ele falava. Ele havia trazido uma grande enceradeira para a sala e estava trabalhando com o fio grosso e cor de laranja, fazendo um nó de enforcado na extremidade do fio. O

cabo coberto de borracha guinchou enquanto ele fazia as treze voltas tradicionais.

Completou o nó de enforcado com um puxão e o colocou sobre o púlpito. A tomada se projetava das voltas na extremidade do nó.

A arma de Pazzi, suas algemas de plástico, o conte- údo de seus bolsos e de sua pasta estavam em cima do pódio.

O Dr. Lecter examinou os papéis. Colocou no bol-so da camisa o arquivo dos carabinieri contendo sua *per- messo di soggiorno*, sua licença de trabalho e as fotos e os ne-gativos de seu rosto novo.

E ali estava a partitura musical que havia empresta-do à *signora* Pazzi. Pegou a partitura e bateu com ela nos dentes. Suas narinas se abriram e ele inspirou profunda-mente, o rosto perto do de Pazzi.

— Laura, se é que posso chamá-la de Laura, deve usar um maravilhoso creme para as mãos à noite, *signore.*

Escorregadio. Frio a princípio, e depois quente. Cheiro de flores de laranja. Laura, *Vorange.* Hummmm. Não comi nada o dia inteiro. Na verdade o fígado e os rins serviriam para um jantar imediatamente, esta noite, mas o resto da carne

deve ficar pendurado por uma semana no tempo frio que está fazendo agora. Não vi a previsão do tempo, o senhor viu? Acho que isto significa “não”.

“Se me disser o que preciso saber, *Commendatore,* se-ria conveniente para mim partir sem minha refeição; a *sig- nora* Pazzi permanecerá intocada. Vou lhe fazer as pergun-tas e então veremos. Pode confiar em mim, sabe, apesar de eu imaginar que o senhor considere difícil confiar, co-nhecendo a si próprio.

“No teatro percebi que o senhor tinha me identifi-cado, *Commendatore.* O senhor se mijou quando me inclinei sobre a mão da *signora?* Quando a polícia não veio, estava claro que o senhor tinha me vendido. Foi para Mason Verger que me vendeu? Pisque duas vezes para dizer sim.

“Obrigado, imaginei que fosse. Uma vez liguei para o número que está no cartaz dele, de longe daqui, só para diversão. Os homens dele estão esperando lá fora? Hum-hum. £ um deles cheira a salsicha de porco podre? Sei. O

senhor contou a meu respeito para alguém na Questura?

Isso foi uma piscada só? Achei que sim. Agora quero que pense um minuto e diga qual é o seu código de acesso pa-ra o computador da PACV em Quantico.

O Dr. Lecter abriu seu canivete Harpia.

— Vou tirar a fita adesiva e o senhor poderá dizer.

— O Dr. Lecter estendeu o canivete. — Não tente gritar.

Acha que consegue não gritar? Pazzi estava rouco por causa do éter.

— Juro por Deus que não sei o código. Não consi-go pensar no número inteiro. Podemos ir até o meu carro, eu tenho papéis...

O Dr. Lecter girou Pazzi de frente para a tela e fi-cou passando para a frente e para trás as imagens de Pier delia Vigna enforcado e Judas enforcado com as entranhas para fora.

— O que acha, *Commendatore?* Entranhas para fora ou para dentro?

— O código está na minha caderneta de anotações.

O Dr. Lecter segurou a caderneta na frente do ros-to de Pazzi até ele encontrar a anotação, no meio de nú-meros de telefone.

— E é possível se conectar remotamente, como convidado?

— Sim — grasnou Pazzi.

— Obrigado, *Commendatore.* — O Dr. Lecter incli-nou o carrinho para trás e empurrou Pazzi até as grandes janelas.

— *Escute!'EM* tenho *dinheiro,* cara! Você vai precisar de *dinheiro* para fugir. Mason Verger não vai desistir nunca.

Nunca vai desistir. Você não pode ir para casa pegar *di- nheiro,* eles estão vigiando sua casa.

O Dr. Lecter pegou duas tábuas do andaime e co-locou-as como uma rampa sobre o peitoral baixo, e em-purrou Pazzi, sobre o carrinho, até a sacada do lado de fora.

A brisa estava fria no rosto molhado de Pazzi. Fa-lando rapidamente agora:

— Você nunca sairá vivo deste prédio. Eu tenho *dinheiro.* Eu tenho *cento e sessenta milhões de liras* em dinheiro vivo, *cem mil dólares!* Deixe-me telefonar para minha mu-lher. Eu digo para ela pegar o dinheiro e colocar no meu carro, e deixar o carro na frente do palácio.

O Dr. Lecter pegou o nó de forca em cima do pal-pito e levou para fora, arrastando o fio laranja. A outra extremidade estava presa com uma série de voltas ao re-dor da enceradeira pesada.

Pazzi ainda estava falando:

— Ela vai telefonar para mim pelo celular quando estiver lá fora, e depois vai deixar o dinheiro para você.

Tenho o passe da polícia, ela pode vir de carro pela praça até a entrada. Ela vai fazer o que eu disser. O carro *solta fumaça,* cara, você pode olhar para baixo e ver que ele vai estar ligado, a chave vai estar dentro.

O Dr. Lecter inclinou Pazzi para a frente, de en-contro à balaustrada da sacada, que chegava à altura das suas coxas.

Pazzi podia olhar para a praça embaixo e identifi-car, por entre os refletores, o lugar onde Savonarola foi queimado, onde ele havia jurado vender o Dr. Lecter para Mason Verger. Olhou para o alto, para as nuvens baixas, coloridas pelos refletores, e esperava, demais, que Deus pudesse ver.

Para baixo é a direção medonha, e ele não podia deixar de olhar para lá, esperando, contra o bom senso, que os fachos dos refletores dessem alguma substância ao ar, que de algum modo eles iriam sustentá-lo, que ele po-deria se agarrar nos fachos de luz.

A borracha laranja do nó corrediço estava fria em seu pescoço, e o Dr. Lecter parado perto dele.

— *Arrivederci, Commendatore.*

Movimento rápido da Harpia na frente de Pazzi, outro movimento cortou sua ligação ao carrinho e ele se inclinou, passou por cima da balaustrada levando atrás o fio laranja, o chão subindo rapidamente, a boca livre para gritar, e dentro do salão a enceradeira disparou pelo piso até se chocar contra a balaustrada. Pazzi sacudiu-se com a cabeça para cima, seu pescoço se quebrou e as entranhas se projetaram para fora.

Pazzi e seu prolongamento balançando e girando na frente da parede áspera do palácio iluminado, sacudin-do-se em espasmos póstumos mas sem sufocar, morto, a sombra gigantesca projetada na parede pelos refletores, balançando, com as entranhas balançando embaixo num arco mais curto, mais rápido, sua masculinidade se proje-tando das calças rasgadas numa ereção de morte.

Cario saindo rapidamente de um portal, Matteo ao lado, atravessando a praça em direção à entrada do palá-cio, empurrando turistas, dois dos quais estavam com câ-meras de vídeo apontadas para o castelo.

— É um truque — disse alguém em inglês enquan-to ele passava correndo.

— Matteo, cubra a porta dos fundos. Se ele sair, simplesmente mate-o e corte-o — disse Cario, pegando o telefone celular enquanto corria. Entrando no palácio ago-ra, subindo a escada até o primeiro andar, depois o segun-do.

As grandes portas do salão estavam escancaradas.

Dentro, Cario apontou a arma para a figura projetada na parede, correu para a varanda, deu uma busca em segun-dos no escritório de Maquiavel.

Usou o celular para entrar em contato com Piero e Tommaso, que esperavam no furgão em frente ao museu.

— Vão à casa dele, cubram a frente e os fundos.

Simplesmente matem-no e cortem-no.

Cario discou de novo.

— Matteo?

O telefone de Matteo zumbiu no bolso do peito quando ele parou, respirando ofegante, diante da porta dos fundos do palácio, que estava trancada. Havia exami-nado o telhado e as janelas escuras, experimentado a por-ta, a mão debaixo do paletó, apoiada na pistola à cintura.

Abriu o telefone.

— Pronto!

— O que você está vendo?

— A porta está trancada.

— O telhado?

Matteo olhou para cima de novo, mas não a tempo de ver os postigos da janela acima dele se abrirem.

Cario ouviu um farfalhar e um grito no telefone, e saiu correndo, descendo a escada, caindo num patamar, levantando-se de novo e correndo, passando pelo guarda em frente a entrada do palácio, pelas estátuas que flanque-avam a portaria, virando a esquina e agora indo a toda em direção aos fundos do palácio, empurrando alguns casais.

Ali atrás estava escuro, ele corria, o celular guinchando como uma pequena

criatura em sua mão. Uma figura atra-vessou correndo a rua à sua frente, envolvida em branco, corria cegamente no caminho de um *motorino.* A motoneta derrubou-a, a figura se levantou de novo e se chocou com a vitrine de uma loja do outro lado da rua estreita, bateu contra o vidro, virou-se e correu cegamente, uma aparição em branco, gritando:

“Cario, Cario”, grandes manchas se espalhando no pano que o cobria, e Cario pegou o irmão nos braços, cor-tou a algema de plástico que rodeava seu pescoço, pren-dendo o pano sobre a cabeça, o pano que era uma másca-ra de sangue. Descobriu Matteo e viu que ele estava muito cortado, no rosto, no abdome, tão fundo no peito que o ferimento parecia sugado para dentro. Cario deixou-o por tempo suficiente para correr até a esquina e olhar dos dois lados, depois voltou para junto do irmão.

Com sirenes se aproximando, luzes piscando e pre-enchendo a Piazza Signoría, o Dr. Lecter ajeitou os pu-nhos da camisa e caminhou até uma *gelatería* na Piazza dei Giudici, ali perto. Havia motocicletas e *motorinos* enfileira-dos no meio-fio.

Aproximou-se de um rapaz vestido de couro que dava partida numa grande Ducatti.

— Meu jovem, estou desesperado — disse ele com um sorriso triste. — Se eu não chegar à Piazza Bellos-guardo em dez minutos, minha mulher vai me matar. — E

mostrou ao jovem uma nota de cinqüenta mil liras. — Is-to é o que minha mulher vale para mim.

— É só isso que o senhor quer? Uma carona? O

Dr. Lecter mostrou-lhe as mãos abertas.

— Uma carona.

A motocicleta rápida costurava as linhas de trânsito na Lungarno, com o Dr. Lecter curvado atrás do jovem motociclista, tendo na cabeça um capacete extra que fedia a laquê e perfume. O motociclista sabia para onde estava indo, disparando pela Via de’ Serragli em direção à Piazza Tasso, e saiu na Via Villani, pegando a viela minúscula ao lado da igreja de São Francisco de Paula, que leva

para a estrada serpenteante que sobe até Bellosguardo, o elegante bairro residencial no morro ao sul, de onde se vê Floren- ça. O grande motor Ducatti ecoava nos muros de pedra ao lado da rua com um som que parecia lona sendo rasga-da, que agradava ao Dr. Lecter enquanto ele se inclinava nas curvas e tentava suportar o cheiro de laquê e perfume barato no capacete. Pediu que o rapaz o deixasse na en- trada da Piazza Bellosguardo, não longe da casa do conde Montalto, onde vivera Nathaniel Hawthorne. O motoci-clista enfiou o pagamento no bolso do peito da jaqueta de couro e a luz traseira da motocicleta foi se afastando rapi-damente pela estrada cheia de curvas.

Estimulado pela corrida, o Dr. Lecter caminhou mais quarenta metros até o Jaguar preto, pegou as chaves atrás do pára-choque e deu partida no motor. Estava com uma ligeira queimadura de tecido na mão, onde a luva se esfregou quando ele jogou o pano sobre Matteo e saltou sobre ele da janela do primeiro andar do palácio. Passou um pouco de Cicatrine, um ungüento antibacteriano da Itália, e sentiu-se melhor de imediato.

O Dr. Lecter procurou em meio às suas fitas de música enquanto o motor esquentava. Decidiu-se por Scarlattí.

CAPÍTULO

37

A AMBULÂNCIA AÉREA ergueu-se acima dos telhados ver-melhos e virou para o sudoeste em direção à Sardenha, enquanto a torre inclinada de Pisa aparecia acima da asa numa curva mais inclinada do que o piloto teria feito se levasse um paciente vivo.

A maca destinada ao Dr. Hannibal Lecter tinha, em vez disso, o corpo de Matteo Deogracias, que ia esfriando.

Cario, o irmão mais velho, estava sentado junto ao cadá-ver, a roupa dura de sangue.

Cario Deogracias fez o enfermeiro colocar fones de ouvido e aumentar o volume da música enquanto falava no celular com Las Vegas, onde um codificador retransmi-tia sua ligação para o litoral de Maryland...

Para Mason Verger, noite e dia são praticamente a mesma coisa. Por acaso ele

estava dormindo. Até mesmo as luzes do aquário estavam apagadas. Sua cabeça estava virada sobre o travesseiro, o único olho sempre aberto, como os da grande enguia, que também estava dormindo.

Os únicos sons eram o sibilo regular do respirador, o bor-bulho suave do oxigenador do aquário.

Acima desses ruídos constantes veio outro som, su-ave e urgente. O zumbido do telefone mais particular de Mason. Sua mão pálida caminhou sobre os dedos como um caranguejo para apertar o botão do telefone. O alto-falante ficava debaixo do travesseiro, o microfone perto da ruína que era seu rosto.

Primeiro Mason ouviu o avião no fundo, e depois uma canção enjoativa, *Gli innamorati.*

— Estou aqui. Diga.

— Foi um jogo sangrento — disse Cario.

— Conte.

— Meu irmão Matteo está morto. Agora estou com a mão em cima dele. Pazzi também está morto. O Dr. Fell matou os dois e fugiu.

Mason não respondeu de imediato.

— Você deve duzentos mil dólares ao Matteo —disse Cario. — Para a família dele. — Os contratos com os sardos sempre implicavam benefícios pelas mortes.

— Entendo.

— Vai rolar uma tremenda merda por causa do Pazzi.

— É melhor que Pazzi estivesse com alguma sujei-ra — disse Mason. — Eles vão aceitar se ele estiver sujo.

Ele estava sujo?

— A não ser por isto, não sei. E se rastrearem o Pazzi até você?

— Posso cuidar disso.

— E eu preciso cuidar de *mim mesmo* — disse Cario.

— Isto aqui é demais. Um investigador-chefe da Questura morto, não posso me livrar desse negócio.

— Você não fez nada, fez?

— Nós não fizemos nada, mas se a Questura colo-cou meu nome nisso... *Porca Madonna!* Eles vão me vigiar pelo resto da vida. Ninguém vai aceitar pagamento meu, não vou poder aparecer na rua. E quanto ao Oreste? Ele sabia quem deveria filmar?

— Não creio.

— A Questura terá identificado o Dr. Fell amanhã

ou depois de amanhã. Oreste vai somar dois e dois assim que vir o noticiário, simplesmente pela questão de tempo.

— Oreste está sendo bem pago. Oreste é inofensi-vo para nós.

— Talvez para você. Mas ele vai ser julgado em Roma no mês que vem por um caso de pornografia. Ago-ra ele tem algo para barganhar. Se já não sabe disso, deve-ria chutar algumas bundas. Você precisa de Oreste?

— Eu falo com ele — disse Mason cuidadosamen-te, os tons ricos de um anunciante de rádio saindo de seu rosto devastado. — Cario, você ainda está no jogo? Você

quer encontrar o Dr. Fell agora, não quer? Você *precisa* en-contrá-lo por causa do Matteo.

— Sim, mas à sua custa.

— Então mantenha a fazenda de pé. Consiga certi-ficados de vacina de gripe suína e cólera para os porcos.

Arranje caixotes de embarque para eles. Você tem um passaporte bom?

— Tenho.

— Estou falando de um passaporte *bom,* Cario, não uma merda qualquer do Trastevere.

— Eu tenho um bom.

— Você terá notícias minhas.

Ao encerrar a ligação dentro do avião barulhento, sem querer Cario apertou o botão de discagem automática do celular. O telefone de Matteo fez um barulho alto em sua mão morta, ainda preso no aperto do espasmo cada-vérico. Por um instante Cario pensou que o irmão levaria o telefone ao ouvido. Vendo que Matteo não poderia a-tender, Cario apertou o botão de desligar. Seu rosto se contorceu e o enfermeiro não conseguia olhar para ele.

CAPÍTULO

38

A ARMADURA DO DIABO, com seu capacete chifrudo, é

uma esplêndida peça italiana do século XV que desde 1501 está pendurada no alto da parede da Igreja de Santa Reparata, ao sul de Florença. Além dos graciosos cornos, na forma de chifres de camurça, os punhos pontudos das luvas estão presos no lugar dos sapatos, nas extremidades das grevas, sugerindo os cascos fendidos de Satã.

Segundo a lenda local, um rapaz que usava a arma-dura tomou o nome da Virgem em vão enquanto passava pela igreja, e descobriu que depois disso não podia tirar a armadura até que pedisse perdão a Nossa Senhora. Como agradecimento, ele doou a armadura para a igreja. É uma presença impressionante, e passou por uma grande prova quando um obus de artilharia explodiu na igreja em 1942.

A armadura, com as superfícies superiores cobertas por uma camada de poeira que parecia feltro, olha para o pequeno santuário agora enquanto uma missa vai chegan-do ao final. O incenso sobe, passa através da viseira vazia.

Apenas três pessoas estão ali, duas mulheres idosas, ambas vestidas de preto, e o Dr. Hannibal Lecter. Todos os três tomam a comunhão, ainda que o Dr. Lecter encos-te os lábios na taça com alguma relutância.

O padre termina a bênção e se retira. As mulheres partem. O Dr. Lecter continua com suas devoções até fi-car sozinho no santuário.

Da galeria do órgão o Dr. Lecter pode estender a mão sobre o parapeito e, inclinando-se entre os chifres, levantar a viseira empoeirada do capacete da Armadura do Diabo. Lá dentro, um anzol passado sobre a aba do gorjal suspende um barbante e um pacote que está pendurado dentro da couraça, onde ficaria o coração. Cuidadosamen-te, o Dr. Lecter retira-o.

Um pacote: passaportes brasileiros da melhor qua-lidade, identificação, dinheiro, talões de cheque, chaves.

Ele o coloca sob o braço, por dentro do paletó.

O Dr. Lecter não gosta de lamentar, mas lamenta estar deixando a Itália. Havia coisas no Palazzo Capponi que ele gostaria de ter encontrado e lido. Gostaria de tocar o cravo e talvez compor... poderia ter cozinhado para a viúva Pazzi, quando ela superasse o sofrimento.

CAPÍTULO

39

ENQUANTO O SANGUE ainda caía do corpo suspenso de Rinaldo Pazzi para fritar e soltar fumaça nos quentes refle-tores debaixo do Palazzo Vecchio, a polícia convocou o corpo de bombeiros para retirá-lo.

Os *pompieri* usaram uma extensão sobre o caminhão de escadas. Sempre práticos, e certos de que o enforcado estava morto, demoraram-se para retirar Pazzi. Era um processo delicado, exigindo que levantassem até o corpo as vísceras suspensas e o enrolassem com uma rede, antes de prender uma corda para baixá-lo ao chão.

Assim que o corpo chegou aos braços estendidos dos que estavam no chão, o *La Nazione* tirou uma foto excelente que fez muitos leitores se lembrarem das gran-des pinturas de Cristo sendo baixado da cruz.

A polícia deixou o laço da forca no pescoço até que pudessem ser tiradas impressões digitais, depois cortou o grosso fio elétrico no centro do laço, para preservar a in-tegridade do nó.

Muitos florentinos achavam que a morte fora um suicídio espetacular, decidindo que Rinaldo amarrara as próprias mãos como um suicida de cadeia, ignorando o fato de que os pés também estavam amarrados. Na pri-meira hora a rádio local informou que Pazzi cometera ha-raquiri com uma faca, além de se enforcar.

De imediato a polícia sabia que não fora assim —as amarras cortadas na sacada e o carrinho, a arma de Paz-zi que estava faltando, testemunhas contando sobre Cario ter entrado correndo no palácio e a figura ensangüentada e envolta num pano correndo cegamente atrás do Palazzo Vecchio lhes diziam que Pazzi fora assassinado.

Então o público italiano decidiu que *Il Mostro* mata-ra Pazzi.

A Questura começou com o desventurado Girola-mo Tocca, que uma vez fora acusado de ser *Il Mostro.* Pe-garam-no em casa e o levaram enquanto a mulher uivava de novo na rua. Seu álibi era sólido. Ele estava bebendo um Ramazzotti num café, à vista de um padre. Tocca foi solto em Florença e teve de voltar de ônibus para San Casciano, pagando a própria passagem.

Os funcionários do Palazzo Vecchio foram interro-gados nas primeiras horas, e o interrogatório se espalhou para os membros do *Studiolo.*

A polícia não pôde localizar o Dr. Fell. Ao meio-dia do sábado a atenção foi atraída para ele. A Questura lem-brou-se de que Pazzi fora designado para investigar o de-saparecimento do predecessor do Dr. Fell.

Um funcionário dos Carabinieri disse que nos últi-mos dias Pazzi estivera examinando uma *permesso disoggior- no.* Os registros de Fell, inclusive suas fotos, os negativos e impressões digitais tinham sido entregues a alguém que usara um nome falso, assinado com o que parecia ser a letra de Pazzi. A Itália ainda não informatizara seus regis-tros em todo o país, e os vistos ainda são mantidos em nível local.

Os registros de imigração revelaram o número do passaporte de Fell, o que chamou a atenção no Brasil.

Mesmo assim a polícia não percebeu a verdadeira identidade do Dr. Fell. Eles tiraram impressões digitais dos nós da forca e do pódio, do carrinho e da cozinha no Palazzo Capponi. Com uma quantidade de artistas dispo-níveis, um desenho do Dr. Fell foi preparado em minutos.

Domingo de manhã, hora da Itália, um perito em impressões digitais em Florença havia determinado labo-riosamente, ponto por ponto, que as mesmas impressões estavam no pódio, na forca e nos utensílios da cozinha do Dr. Fell no Palazzo Capponi.

A impressão do polegar de Hannibal Lecter, no car-taz pendurado na sede da Questura, não foi examinada.

As impressões digitais da cena do crime foram para a Interpol no domingo à noite, e chegaram à sede do FBI em Washington, D.C., junto com outros sete mil conjun-tos de impressões digitais tiradas em cenas de crimes.

Submetidas ao sistema de classificação de impressões digi-tais automatizado, as impressões de Florença registraram um choque de tamanha magnitude que um alarme audível soou na sala do diretor-assistente encarregado da seção de identificação. O policial de plantão na noite viu o rosto e os dedos de Hannibal Lecter se arrastarem para fora da impressora e ligou para o diretor-assistente em casa, que ligou primeiro para o diretor, e depois para Krendler, no Departamento de Justiça.

O telefone de Mason tocou à 1:30 da madrugada.

Ele fingiu estar surpreso e interessado.

O telefone de Jack Crawford tocou à 1:35. Ele gru-nhiu várias vezes e rolou para o lado vazio, assombrado, de sua cama matrimonial onde a falecida esposa, Bella, costumava ficar. Estava frio ali, e ele pareceu pensar duas vezes.

Clarice Starling foi a última a saber que o Dr. Lecter matara de novo. Depois de desligar o telefone, ficou dei-tada por vários minutos no escuro, e seus olhos ardiam por algum motivo que ela não percebia, mas não chorou.

Deitada no travesseiro e olhando para cima, podia ver o rosto dele na escuridão. Era o rosto antigo do Dr. Lecter, claro.

CAPÍTULO

40

O PILOTO DA AMBULÂNCIA aérea não queria descer no escuro na pista curta

e não controlada de Arbatax. Pousa-ram em Cagliari, reabasteceram e esperaram até o ama-nhecer, depois voaram pela costa num nascer do sol espe-tacular que dava um tom falso de rosa ao rosto morto de Matteo.

Um furgão com um caixão esperava na pista de Ar-batax. O piloto discutiu por causa de dinheiro e Tommaso interveio antes que Cario lhe desse um tapa no rosto.

Três horas subindo as montanhas e eles estavam em casa.

Cario caminhou sozinho até o telheiro de madeira rústica que construíra com Matteo. Tudo estava preparado ali, as câmeras no lugar para filmar a morte de Lecter. Ca-rio ficou parado abaixo da obra das mãos de Matteo e o-lhou para si mesmo no grande espelho rococó acima do curral. Olhou ao redor para as madeiras que os dois havi-am serrado juntos, pensou nas grandes mãos quadradas de Matteo segurando a serra, e um grito enorme escapou de-le, um grito de seu coração angustiado, suficientemente alto para ecoar nas árvores. Rostos com presas compridas apareceram entre os arbustos da pastagem.

Piero e Tommaso, também irmãos, deixaram-no a sós.

Pássaros cantavam no pasto de montanha.

Oreste Pinni saiu da casa abotoando a braguilha com uma das mãos e acenando com o celular na outra.

— Então vocês perderam o Lecter. Que azar.

Cario parecia não ouvi-lo.

— Escute, nem tudo está perdido. Isso ainda pode dar certo — disse Oreste Pinni. — Estou com Mason a-qui. Ele vai querer um *simulado.* Algo que possa mostrar a Lecter quando pegá-lo. Já que estamos com tudo pronto, temos um corpo... Mason disse que era apenas um capan-ga que você contratou. Mason disse que poderíamos sim-plesmente, ah, simplesmente jogá-lo por debaixo da cerca quando os porcos vierem, e tocar a música. Aqui, fale com Mason.

Cario virou-se e olhou para Oreste como se ele ti-vesse acabado de chegar da Lua. Finalmente, pegou o ce-lular. Enquanto falava com Mason, seu rosto se desanuvi-ou e uma certa paz pareceu baixar sobre ele.

Cario fechou o celular.

— Prepare-se — disse ele.

Cario falou com Piero e Tommaso e, com a ajuda do *cameraman,* levaram o caixão até o telheiro.

— Você não vai querer isso tão perto a ponto de entrar em quadro — disse Oreste. — Vamos filmar os animais se juntando, e depois seguimos em frente.

Vendo a atividade no telheiro, os primeiros porcos saíram do abrigo.

— *Giriamo!* — gritou Oreste.

Eles vieram correndo, os porcos selvagens, mar-rons e prateados, grandes, chegando à altura da cintura de um homem, com peito fundo, pêlos compridos nas cos-tas, movendo-se com a velocidade de um lobo sobre os cascos pequenos, olhos pequenos e inteligentes nos rostos infernais, músculos maciços no pescoço debaixo da cordi- lheira de pêlos eriçados, capazes de levantar um homem nas grandes presas.

— *Pronti!* — gritou o *cameraman.*

Eles não comiam há três dias, outros vinham agora numa fileira que avançava, sem se incomodar com os ho-mens atrás da cerca.

— *Motore!* — gritou Oreste.

— *Partito!* — gritou o *cameraman.*

Os porcos pararam a três metros do telheiro numa fila cerrada, uma floresta de cascos e presas, a porca grávi-da no centro. Balançavam para a frente e para trás como uma fileira de atacantes no futebol americano, e Oreste enquadrou-os com as mãos.

— *Azione!* — gritou ele para os sardos, e Cario, vindo por trás, cortou-o na fenda entre as nádegas e o fez gritar, agarrou-o pelos quadris e lançou-o de cabeça no curral. Os porcos atacaram. Oreste tentou se levantar, a-poiou-se num dos joelhos e a porca golpeou suas costelas, derrubando-o esparramado. Em seguida, estavam todos em cima dele, rosnando e guinchando. Dois animais ar-rancaram

sua mandíbula e a dividiram como um osso da sorte. Mesmo assim Oreste quase conseguiu ficar de pé e, em seguida estava caído de costas outra vez, a barriga ex-posta e aberta, os braços e as pernas balançando acima das costas dos animais, Oreste gritando sem o maxilar, sem poder formar palavras.

Cario ouviu um tiro e se virou. O *cameraman* aban-donara a câmera e tentava fugir, mas não foi suficiente-mente rápido para escapar ao tiro de Piero. Agora os por-cos estavam se acomodando, arrastando coisas para longe.

— *Azione* é o caralho — disse Cario e cuspiu no chão.

III

PARA O NOVO MUNDO

CAPÍTULO

41

UM SILENCIO CAUTELOSO rodeava Mason Verger. Seus empregados tratavam-no como se ele tivesse perdido um bebê. Quando perguntavam como se sentia, ele dizia:

— Como se tivesse acabado de pagar um monte de dinheiro para um carcamano morto.

Depois de várias horas de sono, Mason mandou que trouxessem crianças para a sala de brinquedos junto à

sua câmara, e quis conversar com uma ou duas das mais perturbadas, mas não havia crianças perturbadas para ser trazidas imediatamente, e nem tempo para que seu forne-cedor nas favelas de Baltimore perturbasse algumas para ele.

Não tendo isso, mandou seu auxiliar Cordell muti-lar carpas ornamentais e jogá-las para a enguia, até que a enguia não pudesse comer mais e entrasse para dentro da sua pedra, a água nublada de rosa e cinza, cheia de esca-mas douradas e iridescentes.

Tentou atormentar sua irmã Margot, mas ela foi pa-ra a sala de musculação e durante horas ignorou os *bips* que ele passava. Ela era a única pessoa em

Muskrat Farm que ousava ignorar Mason.

Um curto trecho de filme feito por um turista, mui-to cortado, e mostrando Rinaldo Pazzi, passou no noticiá-rio de televisão de sábado à noite, antes que o Dr. Lecter fosse identificado como o assassino. Áreas borradas da imagem poupavam detalhes anatômicos para os especta-dores.

Imediatamente, a secretária de Mason estava ao te-lefone para conseguir o filme não editado. O material che-gou por helicóptero quatro horas depois. O filme tinha uma origem curiosa:

Dos dois turistas que estavam filmando o Palazzo Vecchio no momento da morte de Rinaldo Pazzi, um en-trou em pânico e a câmera balançou para longe no mo-mento da queda. O outro turista era suíço e se mantivera firme durante todo o episódio, até mesmo fazendo uma panorâmica para a corda que balançava.

O cinegrafista amador, um funcionário de patentes chamado Viggert, teve medo de que a polícia pegasse o filme e que a RAI, a televisão italiana, o conseguisse de graça. Ligou imediatamente para seu advogado em Lau-sanne, fez os arranjos para garantir os direitos autorais sobre as imagens e, depois de uma guerra de tarifas, ven-deu-os para a ABC em troca de pagamento por cada exi-bição. Os primeiros direitos para divulgação nos Estados Unidos foram para o *New York Post*, seguido pelo *National Tattler.*

Instantaneamente, o filme ocupou seu lugar entre os espetáculos clássicos de horror — Zapruder, o assassi-nato de Lee Harvey Oswald e o suicídio de Edgar Bolger

— mas Viggert iria se arrepender amargamente de ter vendido tão rápido, antes de o Dr. Lecter ser acusado do crime.

A cópia do filme das férias de Viggert estava com-pleta. Vemos a família suíça Viggert orbitando obedien-temente os bagos do Davi na Academia, horas antes dos acontecimentos no Palazzo Vecchio.

Examinando o vídeo com seu olho único, Mason tinha pouco interesse no caro pedaço de carne que se re- torcia na extremidade do fio elétrico. A pequena aula de história que o *La Nazione* e o *Corriere de la Sera* publicaram sobre os dois Pazzi pendurados pela mesma janela com uma diferença de 520 anos também não lhe interessou. O

que o atraiu, o que ele passou repetidamente, foi o movi-mento da câmera pelo fio que se sacudia, até o balcão on-de uma figura esguia estava parada numa silhueta turva contra a luz fraca de dentro, acenando. O Dr. Lecter ace-nava para Mason com o pulso, como as pessoas dão *bye bye* para uma criança.

— *Bye bye* — respondeu Mason de sua escuridão.

— *Bye bye* — a profunda voz radiofônica tremendo de fú-ria.

CAPÍTULO

42

A IDENTIFICAÇÃO do Dr. Hannibal Lecter como o assas-sino de Rinaldo Pazzi deu alguma coisa séria para Clarice Starling fazer, graças a Deus. Ela se tornou a ligação de fato entre o FBI e as autoridades italianas. Era bom estar se esforçando numa tarefa.

O mundo de Starling mudara desde o tiroteio con-tra a quadrilha de traficantes. Ela e os outros sobreviven-tes do mercado de peixes Feliciana foram mantidos numa espécie de purgatório administrativo, dependendo de um relatório do Departamento de Justiça para um subcomitê

judiciário do Senado.

Depois de encontrar o raio X de Lecter, Starling fi-cara marcando passo como funcionária temporária alta-mente qualificada, tendo de comparecer à Academia Na-cional de Polícia, em Quantico, para substituir instrutores doentes ou em férias.

Durante o outono e o inverno Washington estivera obcecada com um escândalo na Casa Branca. Os frívolos reformadores usavam mais saliva do que a triste pecadora, e o presidente dos Estados Unidos engolira mais sapos do que de costume na tentativa de evitar o *impeachment.*

Nesse circo, a pequena questão do massacre no mercado de peixes Feliciana foi posta de lado.

Dia a dia crescia dentro de Starling um conheci-mento penoso: o serviço federal jamais seria o mesmo para ela. Estava marcada. Seus colegas exibiam cautela no

rosto quando a encontravam, como se ela estivesse com algo contagioso. Starling era suficientemente jovem para que este comportamento a surpreendesse e desapontasse.

Era bom estar ocupada — os pedidos de informa- ções sobre Hannibal Lecter, feitos pelos italianos, chega-vam aos montes na Divisão de Ciência do Comportamen-to, geralmente em duplicata — uma cópia era mandada para o Departamento de Estado. E Starling respondia de boa vontade, atulhando as linhas de fax e mandando os dossiês de Lecter por *e-mail*. Estava surpresa ao ver como o material periférico se espalhara nos sete anos desde a fuga do doutor.

Seu pequeno cubículo no porão da Divisão de Ci- ência do Comportamento estava atulhado de papéis, faxes da Itália, cópias de documentos italianos.

O que poderia mandar e que fosse de maior valor para os italianos? O item que interessava a eles era o pedi-do feito pelo computador da Questura, alguns dias antes da morte de Pazzi, para ter acesso ao dossiê de Lecter no PACV em Quantico. A imprensa italiana ressuscitou com ele a reputação de Pazzi, afirmando que este estava traba-lhando em segredo para capturar o Dr. Lecter e recuperar sua honra.

Por outro lado, pensava Starling, que informação sobre a morte de Pazzi poderia ser útil aqui, caso o doutor voltasse aos Estados Unidos?

Jack Crawford não costumava estar na sala para a-conselhá-la. Ficava muito no tribunal e, à medida que sua aposentadoria se aproximava, depunha em muitos casos abertos. Cada vez mais tirava licenças e quando estava na sala parecia cada vez mais distante.

A idéia de não ter seu conselho provocava surtos de pânico em Starling.

Em seus anos no FBI, Starling vira muita coisa. Sa-bia que se o Dr. Lecter matasse de novo nos Estados U-nidos as trombetas da flatulência soariam no Congresso, um rugido enorme surgiria no Departamento de Justiça, e num instante começaria a sanha para cortar cabeças. A alfândega e a patrulha de fronteira seriam os primeiros a sofrer por tê-lo deixado entrar.

A jurisdição local onde o crime ocorresse exigiria tudo que se relacionasse com Lecter, e o esforço do FBI iria centrar-se no Bureau local. Depois, quando o doutor atacasse de novo em outro lugar, tudo se movimentaria.

Se Lecter fosse apanhado, as autoridades brigariam pelo crédito como ursos ao redor de uma foca ensangüen-tada.

O serviço de Starling era se preparar para a even-tualidade da vinda dele, quer viesse algum dia ou não, dei-xando de lado todo o conhecimento cauteloso do que a-conteceria ao redor da investigação.

Fez a si mesma uma simples pergunta que soaria piegas para os carreiristas do serviço: como poderia fazer exatamente o que havia jurado? Como poderia proteger os cidadãos e pegá-lo, se ele viesse?

Obviamente, o Dr. Lecter tinha bons documentos e dinheiro. Ele era brilhante em se esconder. É só ver a ele-gante simplicidade de seu primeiro esconderijo depois da fuga de Memphis — ele se hospedou num hotel quatro estrelas perto de uma grande clínica de cirurgia plástica em St. Louis. Metade dos hóspedes tinha o rosto coberto por bandagens. Ele cobriu o próprio rosto e viveu em grande estilo com o dinheiro de um defunto.

Em meio às centenas de pedaço de papel, ela estava com os recibos do serviço de quarto do hotel em St.

Louis. Astronômicos. Uma garrafa de Bâtard-Montrachet custando 125 dólares. Como o gosto deve ter sido bom depois de todos aqueles anos de comida da cadeia!

Ela pedira cópias de tudo que havia em Florença, e os italianos mandaram. Pela qualidade da impressão, pen-sou que eles deviam fazer cópias com alguma espécie de soprador de fuligem.

Não havia ordem em lugar algum. Ali estavam os papéis pessoais do Dr. Lecter tirados do Palazzo Capponi.

Algumas anotações sobre Dante em sua letra familiar, um bilhete para a faxineira, um recibo de duas garrafas de Bâ-tard-Montrachet e alguns *tartufi bianchi* da mercearia flo-rentina Vera dal 1926. O mesmo vinho de novo, e o que era a outra coisa?

O *Bantam New College Italian &English Dictionary* de Starling informou-lhe que *tartufi bianchi* eram trufas bran-cas. Ela telefonou para o *chefes,* um bom restaurante italia-no em Washington e perguntou a respeito. Teve de des-ligar o

telefone depois de cinco minutos enquanto ele fa-lava sem parar sobre o gosto das iguarias.

Gosto. O vinho, as trufas. Gosto em todas as coi-sas era uma constante nas vidas do Dr. Lecter na América e na Europa, entre sua vida como um bem-sucedido mé-dico e um monstro fugitivo. Seu rosto podia ter mudado, mas os gostos não, e ele não era um homem que negasse prazeres a si próprio.

Gosto era uma área sensível para Starling, porque tinha sido na área do gosto que o Dr. Lecter a tocara pela primeira vez, elogiando-a pelo livro de bolso e zombando de seus sapatos baratos. De que foi que a havia chamado?

De uma caipirazinha bem lavada e com um pouco de gos-to.

Foi o gosto que ficou lhe provocando comichões na ronda cotidiana de sua vida institucional, com seus e-quipamentos puramente funcionais em arranjos utilitários.

Ao mesmo tempo, sua fé na *técnica* estava morrendo e deixando espaço para outra coisa.

Starling estava cansada da técnica. A crença na téc-nica é a religião dos negócios perigosos. Para enfrentar um bandido armado num tiroteio ou lutar contra ele na poeira é preciso acreditar que a técnica perfeita, o treinamento duro, garantirão que você seja invencível. Isso não é ver-dade, particularmente nos tiroteios. Você pode avaliar as chances a seu favor, mas se entrar num número suficiente de tiroteios, num deles você será morto.

Starling já vira isso.

Tendo passado a duvidar da religião da técnica, pa-ra onde poderia ir?

Em suas dificuldades, na monotonia incômoda de seus dias, ela começou a olhar para a forma das coisas.

Começou a dar crédito a suas reações viscerais às coisas, sem quantificá-las ou restringi-las a palavras. Mais ou me-nos nessa época percebeu uma mudança em seus hábitos de leitura. Antes ela teria lido uma legenda antes de olhar para uma foto. Agora não. Algumas vezes simplesmente não lia legenda.

Durante anos lera às escondidas publicações sobre moda, sentindo-se culpada como se fossem pornografia.

Agora começava a admitir para si própria que havia algo naquelas fotos que lhe dava fome. Dentro da moldura de sua mente, galvanizada pelos luteranos contra a ferrugem corruptora, ela sentia-se como se estivesse cedendo a uma perversão deliciosa.

De qualquer modo, com o tempo, ela teria chegado à sua tática, mas foi ajudada pelo mar de mudanças por dentro: isso apressou-a na direção da idéia de que o gosto do Dr. Lecter pelas coisas raras, coisas que tinham um mercado pequeno, poderiam ser a barbatana dorsal do monstro, cortando a superfície e tornando-o visível. U-sando e comprando listas computadorizadas de clientes, Starling poderia descobrir uma de suas identidades alterna-tivas. Para fazer isso, precisava conhecer suas preferências.

Precisava conhecê-lo melhor do que qualquer outra pes-soa no mundo.

De que coisas eu sei que ele gosta? Ele gosta de música, vi- nho, livros, comida. E gosta de mim.

O primeiro passo no desenvolvimento do gosto é

estar preparado para dar crédito à própria opinião. Nas áreas de comida, vinho e musica, Starling teria de seguir os precedentes do doutor, procurando o que ele usava no passado, mas pelo menos numa área ela era pelo menos igual a ele. Automóveis. Starling era fanática por automó-veis, como poderia comprovar qualquer pessoa que visse o seu carro.

O Dr. Lecter possuíra um Bentley turbinado antes de cair em desgraça. Turbinado, não envenenado. Turbi-nado sob medida com um ventilador de deslocamento positivo tipo Rootes, de modo que não tinha retardamen-to de turbo. Ela percebeu rapidamente que o mercado de Bentleys feitos sob encomenda é tão pequeno que o dou-tor correria um certo risco para voltar a ele.

O que Lecter compraria agora? Starling entendia o sentimento do qual ele gostava. Um V8 aspirado de gran-de deslocamento, e sem picos. O que ele compraria no mercado atual?

Sem dúvida, um Jaguar XJR seda turbinado. Ela passou faxes para os

distribuidores de Jaguar das costas leste e oeste pedindo relatórios semanais de venda.

De que outra coisa o Dr. Lecter gostava e sobre a qual Starling conhecia muito?

Ele gosta de mim, pensou.

Com que rapidez ele reagira às dificuldades pela qual ela estava passando! Mesmo considerando o atraso de usar um serviço tortuoso de correspondência para lhe es-crever. Uma pena que a máquina de registro postal não servisse como pista — ficava num lugar tão público que qualquer ladrão poderia usá-la.

Com que rapidez o *National Tattler* chegava à Itália?

Foi naquele jornal que ele viu a encrenca de Starling, um exemplar foi encontrado no Palazzo Capponi. Será que o tablóide escandaloso tinha um *site* na Internet? Além dis-so, se ele possuía um computador na Itália, poderia ter lido um resumo do tiroteio no *site* público do FBI. O que poderia ser descoberto no computador do Dr. Lecter?

Nenhum computador estava listado entre os obje-tos pessoais no Palazzo Capponi.

Mesmo assim, ela vira *alguma coisa*. Pegou as fotos da biblioteca do Palazzo Capponi. Ali estava uma imagem da linda mesa onde ele escrevera para ela. Sobre a mesa estava um computador. Nas fotos seguintes o objeto de-saparecera.

Com seu dicionário, Starling compôs com enorme dificuldade um fax para a Questura em Florença: *Fra le cosepersonali del dottor Lecter, cè un computer portati- le?*

E assim, com pequenos passos, Clarice Starling começou a perseguir o Dr. Lecter pelos corredores do gosto dele, com mais confiança em suas pisadas do que era totalmente justificável.

CAPÍTULO

43

CORDELL, O ASSISTENTE de Mason Verger, com um e-xemplo emoldurado

sobre a mesa, reconheceu de imedia-to a letra distinta. O timbre era do Hotel Excelsior em Florença, Itália.

Tal como acontece com um número cada vez mai-or de pessoas ricas na era do Unabomber, Mason tinha seu próprio fluoroscópio para correspondência, semelhan-te ao usado no correio dos Estados Unidos.

Cordell calçou luvas e verificou a carta. O fluoros-cópio não mostrou qualquer fio ou bateria. Seguindo as instruções rígidas de Mason, ele usou uma copiadora para copiar a carta e o envelope, segurando-os com pinças, e trocou de luvas antes de pegar a cópia e entregar a Mason.

Na letra familiar e elaborada do Dr. Lecter:

Caro Mason,

Obrigado por ter oferecido uma recompensa tão gigantesca pe- la minha captura. Eu gostaria que você a aumentasse. Como um sistema de alerta antecipado, o prêmio funciona melhor do que um radar. EU inclina as autoridades de toda a parte a abrir mão de seu dever e me procurar particularmente, com os resultados que você

vê.

Na verdade, estou escrevendo para refrescar sua memória na questão de seu antigo nariz. Na sua inspiradora entrevista contra as drogas, publicada há algum tempo no Ladies' Home Journal, *você afirma que deu o seu nariz, junto com o resto do rosto, para alimentar os cachorros, Skippy e Spot, que viviam abanando o rabo aos seus pés. Não foi bem assim: você mesmo o comeu, como aperiti- vo. Pelo som crocante quando você mastigou, eu diria que tinha uma consistência semelhante à de moela de galinha — "tem gosto de gali- nha!", foi seu comentário na hora. Eu me lembrei desse som num bistrô, quando um francês comia salada de moela.*

Você não lembra disso, Mason?

Por falar em galinha, na terapia você me contou que, en- quanto subvertia crianças carentes no seu acampamento de verão, ficou sabendo que o chocolate irrita a sua uretra. Também não se lembra disso, lembra?

Você não acha provável que tenha me contado todo tipo de coisas de que não se lembra agora?

Há um paralelo inevitável entre você e Jezebel, Mason. Sen- do um aplicado estudante da Bíblia, você irá se lembrar de que os cães comeram o rosto de Jezebel, bem como o resto do corpo, depois que os eunucos a atiraram pela janela.

O seu pessoal poderia ter me assassinado na rua. Mas você

me queria vivo, não é?Pelo aroma dos seus capangas, é óbvio que você planejava me divertir. Mason, Mason. Já que quer tanto me ver, deixe-me lhe dar algumas palavras de consolo, e você sabe que jamais minto.

Antes de morrer, você verá meu rosto.

Sinceramente,

Dr. Hannibal Lecter.

PS. Mas eu me preocupo com a possibilidade de você não vi- ver tanto assim, Mason. Você deve evitar as novas cepas de pneu- monia, pois é muito suscetível (e continuará). Eu recomendaria uma vacinação imediatamente, junto com injeções de imunização para hepatite A e B. Não quero perdê-lo antes da hora.

Mason parecia meio sem fôlego quando terminou de ler. Esperou, esperou, e depois de um bom tempo disse alguma coisa a Cordell, mas ele não conseguiu ouvir.

Cordell se inclinou para perto e foi recompensado com um jorro de cuspe quando Mason falou de novo:

— Telefone para Paul Krendler. E entre em conta-to com o treinador dos porcos.

CAPÍTULO

44

O MESMO HELICÓPTERO que trazia diariamente jornais italianos para Mason Verger também trouxe o subsecretá-rio Paul Krendler a Muskrat Farm.

A presença maligna de Mason, de seu quarto escuro com os aparelhos sibilando e suspirando, e da enguia sempre se movendo já incomodaria Krendler o bastante, mas além disso ele teve de assistir repetidamente ao vídeo da morte de Pazzi.

Por sete vezes Krendler observou os Viggert em volta do Davi, viu Pazzi mergulhar e suas entranhas caí-rem. Pela sétima vez, Krendler esperou que as entranhas do Davi também caíssem.

Finalmente, as luzes fortes se acenderam no alto da área de estar, acima da cabeça de Krendler, fazendo seu couro cabeludo brilhar através do corte à escovinha, com pêlos que iam rareando.

Os Verger têm uma compreensão sem paralelo da glutonice, de modo que Mason começou com o que Krendler queria para si próprio. Mason falava do escuro, as frases medidas pelos golpes de seu respirador.

— Não preciso ouvir... toda a sua plataforma...

quanto dinheiro será necessário?

Krendler queria falar em particular com Mason, mas não estavam sozinhos no quarto. Uma figura de om-bros largos, fantasticamente musculosa, pairava numa si-lhueta negra contra o aquário luminoso. A idéia de um guarda-costas ouvindo-os enervou Krendler.

— Eu preferiria que ficássemos só nós dois. Você

se importaria em pedir que ele saísse?

— Esta é minha irmã, Margot — disse Mason. —

Ela pode ficar. Margot saiu do escuro, com as calças de ciclista sibilando.

— Ah, desculpe — disse Krendler, meio se levan-tando da poltrona.

— Olá — disse Margot. Mas, em vez de tomar a mão estendida de Krendler, pegou duas nozes na tigela sobre a mesa e, apertando-as juntas na mão até estalarem ruidosamente, voltou para a semi-escuridão na frente do aquário, onde presumivelmente comeu-as. Krendler pôde ouvir as cascas caindo no chão.

— Certo, vamos ouvir isso — disse Mason.

— Para eu derrotar Lowenstein no vigésimo sétimo distrito, um mínimo de dez milhões de dólares. — Kren-dler cruzou as pernas e olhou para algum ponto no escu-ro. Não sabia se Mason podia vê-lo. — Vou precisar disso apenas para a mídia. Mas eu lhe garanto que ele é vulnerá-vel. Estou em posição de saber.

— Qual é o negócio dele?

— Digamos apenas que a conduta dele foi...

— Bom, é dinheiro ou boceta?

Krendler não se sentia confortável em dizer “boce-ta” na frente de Margot, ainda que isso não parecesse in-comodar Mason.

— Ele é casado e tem um caso antigo com uma pessoa da Corte Estadual de Apelações. Essa pessoa deu algumas sentenças em favor de contribuintes dele. Prova-velmente as sentenças são coincidência, mas quando a TV

condená-lo é só disso que precisarei.

— Essa pessoa é uma mulher? — perguntou Mar-got.

Krendler confirmou com a cabeça. Sem ter certeza se Mason podia vê-lo, acrescentou:

— É. Uma mulher.

— Que pena — disse Mason. — Seria melhor se ele fosse *veado,* não é, Margot? Mesmo assim, você não pode jogar essa merda no ventilador, Krendler. Ela não pode partir de você.

— Montamos um plano que oferece aos eleitores...

— Você próprio não pode jogar a merda — repetiu Mason.

— Só vou me certificar de que o Conselho da Ma-gistratura saiba onde procurar, de modo que a coisa fique grudada em Lowenstein quando bater nele. Você está di-zendo que pode me ajudar?

— Posso ajudar com metade.

— Cinco?

— Não vamos simplesmente jogar a palavra assim:

“cinco”. Digamos com o respeito que a coisa merece: *cinco milhões de dólares.* O Senhor me abençoou com esse dinhei-ro. E com ele farei a Sua vontade: você só irá recebê-lo se Hannibal Lecter cair limpo nas minhas mãos. — Mason respirou durante alguns segundos. — Se isso acontecer, você será o Sr. Deputado Krendler do vigésimo sétimo distrito, sem qualquer dúvida, e a única coisa que lhe pedi-rei é que se oponha à lei de abate humanitário. Se o FBI pegar Lecter, se os policiais o agarrarem em algum lugar e ele acabar ganhando uma injeção letal, foi bom conhecer você.

— Não posso fazer nada se uma jurisdição local pegá-lo. Ou se o pessoal de Crawford tiver sorte e pegá-lo, não posso controlar isso.

— Em quantos estados com pena de morte o Dr.

Lecter poderia ser acusado? — perguntou Margot. Sua voz era áspera mas profunda como a de Mason, devido aos hormônios que tomara.

— Três estados. Ele cometeu múltiplos homicídios em primeiro grau em cada um deles.

— Se ele for preso, quero que seja processado ao nível estadual — disse Mason. — Nada de acusação de seqüestro, violações de direitos civis, nenhuma violação interestadual. Quero que ele saia com vida. Quero-o numa prisão estadual, e não numa penitenciária federal de segu-rança máxima.

— Preciso perguntar por quê?

— Não, a não ser que você queira que eu diga. Isso não tem a ver com a lei de abate humanitário— disse Ma-son e deu um risinho. A conversa o exaurira. Fez um ges-to para Margot.

Ela levou uma prancheta até a luz e leu o que havia anotado.

— Queremos tudo o que você conseguir, e quere-mos antes que a Divisão de

Ciência do Comportamento receba. Queremos os relatórios da Ciência do Comporta-mento assim que forem preenchidos, e queremos os códi-gos de acesso do PACV e do Centro Nacional de Infor-mações sobre Crimes,

— Você teria de usar um telefone público cada vez que acessasse o PACV — disse Krendler, ainda falando para o escuro, como se a mulher não estivesse lá. — Co-mo poderia fazer isso?

— *Eu* posso fazer isso — disse Margot.

— Ela pode fazer — sussurrou Mason do escuro.

— É programadora de aparelhos de musculação de aca-demias. É o negociozinho dela, para que não precise viver à custa do *irmão.*

— O FBI tem um sistema fechado, e parte dele é

criptografada. Você teria que se conectar como *host,* exa-tamente como eu disser, e baixar as informações para um *laptop* programado no Departamento de Justiça — disse Krendler. — Então, se o PACV esconder um rastreador na sua máquina, ele simplesmente voltaria para o Depar-tamento de Justiça. Compre um *laptop* veloz, com um *mo- dem* veloz, em dinheiro vivo, num fornecedor que trabalhe com grande volume, e não mande pelo correio qualquer certificado de garantia. Consiga um *zip drive* também. Fi-que fora da Internet com ele. Vou precisar dele de uma hora para outra, e vou querê-lo de volta quando tiverem terminado. Vocês terão notícias minhas. Certo, é isso. —

Krendler levantou-se e juntou seus papéis.

— Não é *exatamente* isso, Sr. Krendler... — aparteou Mason. — Lecter não precisa aparecer. Ele tem dinheiro para se esconder para sempre.

— Como ele tem dinheiro? — perguntou Margot.

— Ele tinha clientes velhos e muito ricos — disse Krendler. — Conseguiu que passassem para seu nome uma grande quantidade de dinheiro e ações, e escondeu tudo muito bem. O Imposto de Renda não conseguiu descobrir. Eles exumaram os corpos de dois dos benfeito-res para ver se Lecter os havia matado, mas não puderam descobrir coisa alguma. Os exames de toxina deram nega-tivo.

— De modo que ele não vai ser preso num assalto à mão armada, ele tem dinheiro — disse Mason. — Você

precisa atraí-lo para fora do esconderijo. Pense em manei-ras.

— Ele deve saber de onde veio o ataque em Flo-rença — disse Krendler.

— Claro que sim.

— Então ele vai estar atrás de você.

— Não sei — disse Mason. — Ele gosta de mim como sou. Fique pensando, Krendler. — Mason começou a cantarolar.

Tudo o que o subsecretário Krendler ouviu foram murmúrios enquanto saía pela porta. Mason costumava cantarolar hinos enquanto estava planejando: *Você tem a melhor isca, Krendler, mas discutiremos isso depois de você ter feito um depósito bancário incriminador — quando você me pertencer.*

CAPÍTULO

45

APENAS A FAMÍLIA permanece no quarto de Mason, irmão e irmã.

Luz e música suaves. Música do norte da África, um *oud* e percussão. Margot está sentada no sofá, cabeça baixa, cotovelos nos joelhos. Poderia ser uma arremessa-dora de martelo descansando, ou uma halterofilista des-cansando na academia depois de malhar. Respira um pou-co mais rápido do que o aparelho de Mason.

A música termina e ela se levanta, vai até a cama dele. A enguia tira a cabeça do buraco na rocha artificial para ver se do céu prateado e ondulado poderá chover carpas de novo esta noite. A voz áspera de Margot está o mais suave possível.

— Você está acordado?

Num instante Mason tornou-se presente atrás de seu olho sempre aberto.

— Está na hora de falar a respeito do... — uma respiração sibilante — ...do que

Margot quer? Sente-se aqui no colo do Papai Noel.

— Você sabe o que quero.

— Diga.

— Judy e eu queremos ter um neném. Nós quere-mos ter um neném Verger, o nosso neném.

— Por que não compra uma criança chinesa? São mais baratas do que leitões.

— É uma coisa boa a fazer. Talvez façamos isso.

— O que papai dirá... *Para um herdeiro, confirmado co- mo meu descendente no Laboratório Cellmark ou num equivalente através de exame de DNA, todas as minhas propriedades indo para o meu filho amado, Mason, depois de minha morte.* Filho amado, Mason, sou eu. *Na ausência de um herdeiro, o único beneficiário será a Convenção Batista Sulista com cláusulas especificas relativas à Universidade Baylor em Waco, Texas.* Você realmente dei-xou papai puto com esse negócio de botar as aranhas para brigar, Margot.

— Talvez você não acredite, Mason, mas não é pe-lo dinheiro; bom, é um pouquinho, mas você não quer um herdeiro? Seria seu herdeiro também, Mason.

— Por que você não encontra um sujeito legal e dá

uma trepadinha com ele, Margot? Não creio que tenha esquecido como é.

A música marroquina cresce de novo, as repetições obsessivas do *oud* no ouvido dela, como fúria.

— Eu me estraguei, Mason. Fiz meus ovários enco-lherem com todas as coisas que tomei. E quero que Judy faça parte disso. Ela quer ser a mãe natural. Mason, você

disse que se eu o ajudasse... você me prometeu um pouco de esperma.

Os dedos de aranha de Mason fizeram um gesto.

— Sirva-se. Se ainda estiver aí.

— Mason, há todas as chances de que você ainda tenha esperma viável, e poderíamos dar um jeito de colhê-lo sem dor...

— *Colher* meu esperma viável? Parece que você an-dou falando com alguém.

— Só com a clínica de fertilidade, é confidencial.

— O rosto de Margot se suavizou, mesmo à luz fria do aquário. — Nós poderíamos ser realmente boas para uma criança, Mason, fizemos curso de criação de filhos, Judy vem de uma família grande e tolerante, e há um grupo de apoio para casais de mulheres que querem ter filhos.

— Você costumava me fazer gozar quando éramos crianças, Margot. Me fazia gozar que nem um morteiro. E

rapidinho também.

— Você *me machucou* quando eu era pequena, Ma-son. Você me machucou e deslocou o meu cotovelo, me obrigando a tornar o outro... ainda não consigo levantar mais de quarenta quilos com o braço esquerdo.

— Bom, você não queria pegar o chocolate. Eu disse que vamos falar a respeito, irmãzinha, quando esse serviço terminar.

— Vamos só fazer um exame em você agora— dis-se Margot. — O doutor pode tirar uma amostra indolor...

— Que *indolor!* Não posso sentir nada lá embaixo, de qualquer modo. Você poderia chupar até ficar com a cara azul e não seria como foi na primeira vez. Mas já

mandei pessoas fazerem isso e nada acontece.

— O médico pode tirar uma amostra indolor, só

para ver se você tem esperma móvel. Judy já está tomando Clomid. Estamos mapeando o ciclo dela, há muita coisa a fazer.

— Não tive o prazer de conhecer Judy em todo es-se tempo. Cordell diz que ela tem as pernas arqueadas. Há

quanto tempo vocês têm um *caso,* Margot?

— Cinco anos.

— Por que não traz ela aqui? Nós poderíamos... *fa- zer alguma coisa,* por assim dizer.

Os tambores do norte da África terminam com um golpe final e deixam um silêncio que ressoa no ouvido de Margot.

— Por que não resolve sozinho sua pendência com o Departamento de Justiça? — disse ela perto do buraco do ouvido dele. — Por que não tenta entrar numa cabine telefônica com a porra do seu *laptop?* Por que não paga a mais uns carcamanos de merda para pegar o sujeito que transformou sua cara em comida de cachorro? *Você disse que ia me ajudar, Mason.*

— E vou. Só preciso pensar no momento certo, Margot esmagou duas nozes e deixou as cascas caí-rem sobre o lençol de Mason.

— Não demore demais para pensar, meu doce. —

As calças de ciclista sibilaram como vapor quando ela saiu do quarto.

CAPÍTULO

46

ARDELIA MAPP cozinhava quando sentia vontade, e quan-do cozinhava o resultado era extremamente bom. Seus ancestrais eram uma mistura de jamaicanos e *gullah,* e no momento Mapp estava fazendo galinha marinada, salpi-cando com um pimenteiro escocês que ela segurava cui-dadosamente pela haste. Recusava-se a pagar a mais para comprar galinhas já em pedaços, e deixara Starling ocupa-da com o cutelo e a tábua de carne.

— Se você deixar os pedaços inteiros, Starling, eles não vão pegar o tempero como pegam se você cortá-los

— explicou, não pela primeira vez. — Aqui — disse ela, pegando o cutelo e partindo um pedaço com tanta força que lascas de sangue se grudaram em seu avental. — As-sim. O que você está fazendo jogando esses pescoços fo-ra?

Ponha essa coisinha bonitinha de volta aqui.

E um minuto depois:

— Estive no correio hoje. Fui mandar os sapatos para minha mãe — disse Mapp.

— Eu também estive no correio, poderia ter levado os sapatos.

— Você *ouviu* alguma coisa no correio?

— Não.

Mapp assentiu, sem surpresa.

— Disseram que eles estão interceptando a sua cor-respondência.

— Quem?

— Diretriz confidencial do inspetor postal. Você

não sabia disso, sabia?

— Não.

— Então descubra de algum outro modo. Não po-demos denunciar meu colega do correio.

— Certo. — Starling pousou o cutelo por um mo-mento. — Meu Deus, Ardelia.

Starling estivera junto ao balcão do correio com-prando selos, sem perceber coisa alguma nos rostos fe-chados dos funcionários, a maioria deles afro-americanos, vários dos quais ela conhecia. Sem dúvida, alguém queria ajudá-la, mas havia uma grande chance de sofrer penalida-des criminais e perder a aposentadoria. Sem dúvida, a tal pessoa confiava mais em Ardelia do que em Starling. Jun-to com a ansiedade, Starling sentiu um clarão de felicidade por ter recebido um favor da rede de informações afro-americana. Talvez isso expressasse um julgamento tácito de legítima defesa na morte de Evelda Drumgo.

— Agora pegue aquelas cebolinhas e esmague com o cabo da faca e me entregue aqui. Esmague tudo — disse Ardelia.

Quando terminou os preparativos, Starling lavou as mãos, foi para a ordem absoluta da sala de Ardelia e sen-tou-se. Ardelia apareceu dentro de um minuto, secando as mãos numa toalha de pratos.

— Que tipo de babaquice infernal é essa? — per-guntou Ardelia.

Era costume das duas xingar antes de abordar al-guma coisa verdadeiramente maligna, um equivalente do final do século a assobiar no escuro.

— Não entendo porra nenhuma — disse Starling.

— *Quem é* o filho da puta que está remexendo minha cor-respondência? Esse é que é o negócio.

— A sala do inspetor postal é o máximo aonde o meu pessoal pode ir.

— Não é o tiroteio, não é Evelda. Se estão olhando minha correspondência, tem de ser por causa do Dr. Lec-ter.

— Você entregou tudo que ele já lhe mandou. Vo-cê e Crawford cuidaram disso.

— Verdade. Se é o DRP do Bureau que está me vi-giando. Posso descobrir, acho. Se é o DRP do Departa-mento de Justiça, não sei.

O Departamento de Justiça e sua subsidiária, o FBI, têm Departamentos de Responsabilidade Profissional se-parados, que teoricamente cooperam entre si e algumas vezes entram em choque. Esses conflitos são conhecidos internamente como concursos de mijo à distância, e algu-mas vezes os agentes apanhados no meio se afogam. Além disso, o secretário do Departamento de Justiça, um cargo de indicação política, pode entrar no jogo a qualquer mo-mento e tomar conta de um caso importante.

— Se eles sabem de alguma coisa que Hannibal Lecter está aprontando, se acham que ele está perto, preci-sam deixar que você saiba para se proteger. Starling, algu-ma vez você... sentiu-o por perto?

Starling balançou a cabeça.

— Não me preocupo muito com ele. Não desse

modo. Eu me acostumei há muito, e nem penso. Sabe da-quela sensação de chumbo, aquela sensação cinza e pesada quando você está com medo de alguma coisa? Nem tenho isso. Simplesmente acho que eu saberia, se tivesse um problema.

— O que *você faria,* Starling? O que faria se o visse na sua frente? De súbito? Você tem isso na cabeça? Mete-ria o cacete nele?

— No instante em que pudesse tirá-lo de dentro da braguilha, eu enfiaria o porrete na bunda dele.

Ardelia gargalhou.

— E depois?

O sorriso de Starling desapareceu.

— Isso é com ele.

— Você seria capaz de atirar nele?

— Para manter minhas tripas no lugar, está brin-cando comigo? Meu *Deus,* espero que isso nunca aconteça, Ardelia. Eu ficaria feliz se ele voltasse para a cadeia sem que ninguém mais ficasse machucado, inclusive ele. Mas vou lhe dizer, algumas vezes acho que, se algum dia ele for acuado, eu gostaria de ser a primeira a partir para cima dele.

— Nem diga isso.

— Comigo ele teria uma chance melhor de sair vi-vo. Eu não atiraria nele só por medo. Ele não é o lobiso-mem. O negócio simplesmente ficaria por conta dele.

— Você tem medo dele? É melhor que tenha *muito* medo.

— Sabe o que é de dar medo, Ardelia? É de dar medo quando alguém conta a verdade. Eu gostaria de vê-lo escapar da pena de morte. Se ele conseguir isso, e se for posto numa instituição, há bastante interesse acadêmico para fazer com que seja muito bem tratado. E não vai ter problemas com colegas de quarto. Se ele estivesse em ca-na, eu agradeceria pelo bilhete que me mandou. Não se pode desperdiçar um homem que é suficientemente malu-co para dizer a verdade. .....

— Há um motivo para alguém estar monitorando sua correspondência. Eles têm uma ordem judicial que está em algum lugar, lacrada. Ainda não estamos sendo vigiadas pela polícia, nós saberíamos — disse Ardelia. —

Eu não estranharia nada se esses filhos da puta soubessem que ele está vindo e não contassem a você. Fique atenta amanhã.

— O Sr. Crawford teria contado à gente. Eles não podem montar grande coisa contra Lecter sem colocar a mim e o Dr. Crawford dentro.

— Jack Crawford é *passado*, Starling. Você tem um ponto fraco aí. E se eles montarem alguma coisa contra *você!* Por saber o que diz, por não ter deixado Krendler dar em cima de você? E se alguém quiser sacanear você? Ei, agora estou falando sério sobre dar cobertura para a mi-nha fonte.

— Há alguma coisa que possamos fazer pelo seu colega do correio? Nós precisamos fazer alguma coisa?

— Quem você acha que vem jantar?

— *Certo, Ardelia!*... Espere um minuto, pensei que *eu* vinha jantar.

— Você pode trazer alguém.

— Eu gostaria.

— Sem problema, garota. Na verdade o prazer é

meu.

CAPÍTULO

47

QUANDO CRIANÇA Clarice Starling se mudou de uma casa de tábuas que gemia ao vento para o Orfanato Luterano, com seus sólidos tijolos vermelhos. A moradia modesta do início de sua infância tinha uma cozinha quente onde ela podia dividir uma laranja com o pai. Mas a morte sabe onde ficam as casas pequeninas, onde vivem pessoas que fazem trabalho perigoso em troca de pouco dinheiro. Seu pai saiu de casa na velha caminhonete para a patrulha no-turna que

o matou.

Starling foi embora de sua casa adotiva montada numa égua, enquanto estavam matando os cordeiros, e encontrou uma espécie de refugio no Orfanato Luterano.

As estruturas institucionais, grandes e sólidas, fizeram-na sentir-se em segurança a partir de então. Os luteranos po-diam ser escassos em calor e laranjas, e pródigos em Jesus, mas as regras eram as regras, e se você as entendesse, tudo estava bem.

Enquanto o desafio fossem os exames competitivos e impessoais, ou fazer o serviço na rua, ela sabia que podia garantir seu lugar. Mas Starling não tinha dom para a polí-tica institucional.

Agora, enquanto saía de seu velho Mustang no iní-cio do dia, as altas fachadas de Quantico não eram mais o grande seio de tijolos de seu refugio. Na atmosfera febril do estacionamento, até mesmo as portas pareciam tortas.

Queria ver Jack Crawford, mas não havia tempo.

As filmagens na Hogan’s Alley começaram assim que o sol se ergueu.

A investigação do massacre no mercado de peixes Feliciana exigia uma «constituição filmada, na área de tiro de Hogan’s Alley, em Quantico, avaliando-se cada tiro, cada trajetória.

Starling tinha de fazer seu papel. O furgão disfarça-do que eles usaram era o original, com massa ainda não pintada tapando os últimos buracos de bala. Repetidamen-te eles saíram do velho furgão, repetidamente o agente que fazia o papel de John Brigham caía de cara e o que fazia Burke se retorcia no asfalto. O processo, usando munição barulhenta de festim, deixou-a exausta.

Terminaram no meio da tarde.

Starling pendurou seu equipamento da SWAT e en-controu Jack Crawford na sala dele.

Voltara a se dirigir a ele como Sr. Crawford, e ele parecia cada vez mais vago e distante de todo o mundo.

— Quer um Alka-Seltzer, Starling? — disse ele quando a viu parada junto à porta. Crawford ingeria uma quantidade enorme de remédios no transcorrer do dia.

Além disso, estava tomando Ginkgo Biloba, Saw Palmet-to, erva-de-são-joão e aspirina infantil. Tomava tudo nu-ma determinada ordem, sobre a palma da mão, a cabeça recuando como se estivesse engolindo uma dose de bebi-da alcoólica. Nas últimas semanas começara a pendurar o paletó do terno no escritório e a vestir uma suéter que sua falecida esposa, Bella, tinha tricotado. Parecia muito mais velho do que qualquer lembrança que ela tivesse do pró-prio pai.

— Sr. Crawford, parte da minha correspondência está sendo aberta. Eles não são muito bons em fazer isso.

Parece que estão tirando a cola com vapor de uma chalei-ra.

— Sua correspondência está sendo examinada des-de que Lecter lhe escreveu.

— Eles só passavam os pacotes pelo fluoroscópio.

Isso estava bem, mas posso ler minha própria correspon-dência pessoal. Ninguém me disse nada.

— Não é o nosso DRP que está fazendo isso.

— E também não é um pé-rapado qualquer, Sr.

Crawford. É alguém suficientemente grande para conse-guir um mandado de interceptação Título Três sob sigilo.

— Mas parece que são amadores que estão abrin-do? — Ela ficou quieta tempo suficiente para que ele a-crescentasse: — É melhor que você tenha percebido desse modo, não é, Starling?

— Sim, senhor.

Ele comprimiu os lábios e assentiu.

— Vou ver isso. — Em seguida, arrumou seus

frascos de remédio na gaveta de cima da mesa. — Vou falar com Karl Schreimer, do Departamento de Justiça, vamos resolver isso.

Schreimer não valia coisa alguma. Os boatos diziam que iria se aposentar no final do ano, todos os colegas de Crawford estavam se aposentando.

— Obrigada, senhor.

— Alguém nas suas aulas para policiais é muito promissor? Vale a pena falar com alguém que está sendo recrutado?

— Na perícia, ainda não posso dizer; eles são tími-dos comigo com relação a crimes sexuais. Há uns dois atiradores muito bons.

— Esses já nos deram mais do que o bastante. —

Ele encarou-a rapidamente. — Não estou falando de vo-cê.

No final daquele dia representando a morte de John Brigham, Starling foi até o túmulo dele no Cemitério Na-cional de Arlington Pousou a mão na lápide, ainda áspera do cinzel. De repente, teve nos lábios a sensação clara de beijar a testa dele, fria como mármore e áspera de pólvora, quando se aproximou pela última vez do caixão e colocou na mão do amigo morto, debaixo da luva branca, a ultima medalha que ela recebera como campeã de pistola de combate.

Agora caíam folhas em Arlington, salpicando o ter-reno apinhado. Com a mão na lápide de John Brigham, olhando para os hectares de sepulturas, Starling se pergun-tou quantos como ele tinham sido desperdiçados pela es-tupidez, pelo egoísmo e pela barganha de homens velhos e cansados.

Quer acredite em Deus ou não, se você for um guerreiro, Arlington é um lugar sagrado, e a tragédia não é

morrer, e sim ser desperdiçado.

Ela sentia uma ligação com relação a Brigham que não era menos forte por os dois não terem sido amantes.

Abaixada sobre um dos joelhos, ao lado da lápide, ela lembrou. Ele pediu-lhe alguma coisa gentilmente e ela dis-se não, e então ele perguntou se os dois poderiam ser a-migos, e falou a sério, e ela disse sim, e falou a sério.

Ajoelhada em Arlington, ela pensou na sepultura do pai muito longe. Não a visitava desde quando se formara na faculdade, quando foi até a sepultura contar-lhe. Ima-ginou se estaria na hora de voltar.

O pôr-do-sol através dos galhos negros de Arling-ton era tão laranja quanto a laranja que ela dividiu com o pai; o clarim distante a fez estremecer, com a lápide fria debaixo da mão.

CAPÍTULO

48

PODEMOS VÊ-LO ATRAVÉS do vapor de nossa respiração

— na noite clara sobre a Terra Nova um brilhante ponto de luz pairando em Órion, depois passando devagar lá no alto, um Boeing 747 enfrentando um vento de frente de 160 quilômetros por hora em direção oeste.

Lá na terceira classe, onde viajam os pacotes de tu-rismo, os 52 participantes da Old World Fantasy, uma vi-agem por onze países em dezessete dias, estão voltando para Detroit e Windsor, no Canadá. O espaço para os ombros é de cinqüenta centímetros. O espaço para os quadris entre os braços das poltronas é de cinqüenta cen-tímetros. Isso é cinco centímetros a mais de espaço do que um escravo tinha em Middle Passage.

Os passageiros estão recebendo sanduíches gelados de carne escorregadia e queijo processado, e respiram os peidos e as exalações uns dos outros num ar economica-mente reprocessado, uma variação do princípio de estru-me e bebida alcoólica estabelecido pelos mercadores de gado e de porcos nos anos 50.

O Dr. Hannibal Lecter está no centro da fileira do meio da terceira classe, com crianças de ambos os lados e uma mulher segurando um bebê, junto ao corredor. De-pois de tantos anos em celas e amarras, o Dr. Lecter não gosta de ficar confinado. Um joguinho de computador no colo do menino ao lado faz um barulho incessante.

Como muitos outros espalhados nos lugares mais baratos, o Dr. Lecter usa um distintivo amarelo brilhante com CAN-AM TOURS escrito em grandes letras verme-lhas e, como os turistas, usa imitações de agasalhos espor-tivos. Seu agasalho tem a insígnia do Toronto Maple Le-afs, um time de hóquei. Por debaixo da roupa, uma quan-tidade considerável de dinheiro está presa ao corpo.

O Dr. Lecter passou três dias com o grupo de turis-tas, tendo comprado seu lugar com um corretor em Paris que vendia cancelamentos de última hora por motivo de doença. O homem que deveria estar na sua poltrona foi para a casa no Canadá num caixão, após o coração ter fa-lhado ao subir a cúpula da Catedral de São Pedro.

Quando chegar a Detroit, o Dr. Lecter deve enfren-tar o controle de passaporte e a alfândega. Ele pode ter certeza de que as autoridades alfandegárias e da Imigração em cada grande aeroporto do mundo ocidental foram a-lertadas para identificá-lo. Onde sua foto não está grudada à parede do setor de controle de

passaportes, está espe-rando sob o botão de alarme de cada computador da Alfândega e da Imigração.

Com tudo isso, ele acha que pode desfrutar de uma certa sorte: as fotos que as autoridades estão usando po-deriam ser de seu rosto antigo. O passaporte falso que usou para entrar na Itália não tem uma ficha correspon-dente no país de origem para proporcionar sua imagem atual: na Itália, Rinaldo Pazzi tentara simplificar a própria vida e satisfazer Mason Verger pegando o arquivo dos Carabinieri, inclusive a foto e o negativo usado no *permesso de soggiorno* e na licença de trabalho do “Dr. Fell”. O Dr.

Lecter encontrou-os na pasta de Pazzi e destruiu.

A não ser que Pazzi tivesse tirado fotos do “Dr.

Fell” de algum esconderijo, há uma boa chance de que não exista qualquer imagem do rosto atual do Dr. Lecter no mundo. Não é muito diferente do rosto antigo — um pouco de colágeno acrescentado ao redor do nariz e das bochechas, cabelo modificado, óculos — mas é suficien-temente diferente se não for atraída atenção para ele. Para a cicatriz nas costas da mão foi usado um cosmético durável e um bronzeador.

No Aeroporto Metropolitano de Detroit ele espera que o Serviço de Imigração divida os recém-chegados em duas filas, com passaportes americanos e estrangeiros. Ele escolhera a cidade de fronteira para que a fila de passapor-tes estrangeiros estivesse cheia. Esse avião está repleto de canadenses. O Dr. Lecter acha que pode passar junto com o rebanho, desde que o rebanho o aceite. Ele percorreu alguns locais históricos e algumas galerias com esses turis-tas, voou na mesma classe do avião, mas há limites: não pode comer aquela lavagem junto com eles.

Cansados e com os pés doloridos, com nojo das próprias roupas e das dos companheiros, os turistas se refocilam nos sacos de refeição, e tiram dos sanduíches a alface preta de frio.

Não querendo atrair atenção, o Dr. Lecter espera até que os outros passageiros tenham engolido aquela co-mida lamentável, espera até que tenham ido ao banheiro e que a maioria adormeça. Lá na frente passa um filme ve-lho. Mesmo assim, ele espera com a paciência de uma pí-ton. Ao seu lado, o menino adormeceu sobre o jogo de computador. Na parte superior do avião largo, as

luzes de leitura vão se apagando.

Então, e só então, com um olhar furtivo ao redor, o Dr. Lecter tira de baixo da poltrona à frente seu lanche, embalado numa elegante caixa amarela enfeitada de mar-rom, vinda da Casa Fauchon, o serviço de bufê francês.

Está amarrada com duas fitas de gaze de seda em cores complementares. O Dr. Lecter fez uma provisão de patê

de *foie gras* com trufas maravilhosamente aromáticas e fi-gos da Anatólia ainda chorando das hastes cortadas. Tam-bém tem meia garrafa de um St. Estephe do qual gosta muito. O laço de seda cede com um sussurro.

O Dr. Lecter está para saborear um figo, segura-o diante dos lábios, as narinas se abrem para o aroma, deci-dindo se irá comê-lo inteiro numa gloriosa mordida ou apenas a metade, quando o jogo de computador ao seu lado solta um *bip.* E de novo. Sem virar a cabeça, o doutor esconde o figo e olha para o garoto ao lado. Os cheiros de trufa *, foie gras* e conhaque saem da caixa aberta.

O garotinho fareja o ar. Seus olhos estreitos, bri-lhantes como os de um roedor, deslizam de lado para o lanche do Dr. Lecter. Ele fala com a voz cortante de um irmãozinho competitivo:

— *Ei, moço. Ei, moço.* — Ele não vai parar.

— O que é?

— *É uma daquelas refeições especiais?*

— Não é.

— *O que é que o senhor tem aí, então?* — O garoto vi-rou o rosto para o Dr. Lecter numa expressão de lisonja.

— *Me dá um pedaço?*

— Eu gostaria muito — respondeu o Dr. Lecter, percebendo que debaixo da cabeça grande do garoto o pescoço tinha apenas a grossura de um filé de porco. —

Mas você não gostaria. É *fígado.*

— *Salsichão de fígado! Que incrível! Minha mãe não vai se importar. Manhê!*
— Criança desnaturada, que adora salsi-chão de fígado e ou geme ou grita.

A mulher que segurava o bebê junto ao corredor despertou de súbito.

Viajantes na fileira da frente, com as cadeiras incli-nadas para trás a ponto de o Dr. Lecter poder sentir o cheiro dos cabelos, olham através da fenda entre as pol-tronas.

— Nós estamos tentando dormir aqui.

— *Manheeê, posso comer um pedaço do sanduíche dele?*

O bebê no colo da mãe acordou e começou a cho-rar. A mãe enfiou um dos dedos na parte de trás da fralda, voltou com resultado negativo, e deu uma chupeta ao be-bê.

— O que o senhor está tentando *dar* a ele, moço?

— É fígado, madame — disse o Dr. Lecter o mais baixo possível. — Eu não dei...

— *Salsichão de fígado, meu preferido, eu quero, ele* disse *que eu poderia ter um pouco se...* — A criança esticou a última palavra num gemido de partir a cabeça.

— Moço, se o senhor vai dar alguma coisa para o meu *filho,* será que eu podia ver?

A aeromoça, com o rosto inchado de um cochilo interrompido, parou ao lado da poltrona da mulher en-quanto o bebê uivava.

— Está tudo bem aí? Posso lhe trazer alguma coi-sa? Esquentar uma mamadeira?

A mulher pegou uma mamadeira com tampa e en-tregou à aeromoça. Em seguida, acendeu a luz de leitura e, enquanto procurava um bico, gritou para o Dr. Lecter:

— Poderia passar para mim? Se o senhor está ofe-recendo para o meu *filho,* quero ver. Sem ofensa, mas é

que ele tem estômago delicado.

Normalmente deixamos nossas crianças pequenas na creche, em meio a estranhos. Ao mesmo tempo, em nossa culpa, criamos paranóia com relação aos estranhos e incutimos medo nas crianças. Em momentos assim, um monstro genuíno precisa tomar cuidado, até mesmo um monstro tão indiferente às crianças quanto o Dr. Lecter.

Ele passou a caixa da Fauchon para a mãe.

— Ei, belo pão — disse ela, cutucando-o com o dedo que tinha entrado na fralda.

— Madame, *pode ficar* com ele.

— Eu não quero a *bebida* — disse ela e olhou ao redor esperando uma gargalhada. — Eu não sabia que deixavam a gente trazer a própria bebida. Isso é uísque?

Eles *deixam* você beber isto no avião? Acho que vou ficar com esta fita, se o senhor não quiser.

— *Senhor,* o senhor não pode abrir esta bebida al-coólica no avião — disse a aeromoça. — Vou guardá-la para o senhor, pode pedir de volta na saída.

— É claro. Muito obrigado — disse o Dr. Lecter.

O Dr. Lecter podia superar o ambiente onde se en-contrava, podia fazer tudo aquilo desaparecer. O barulho do jogo de computador, os roncos e peidos não eram coi-sa alguma comparados aos gritos infernais que ele conhe-cera nas alas de criminosos violentos. A poltrona não era mais apertada do que as amarras. Como fizera tantas vezes em sua cela, recostou a cabeça, fechou os olhos e se reti-rou para o alívio no silêncio de seu palácio da memória, um lugar que, na maior parte, é bastante bonito.

Durante esse curto tempo, o cilindro de metal que uiva para o leste contra o vento contém um palácio de mil cômodos.

Como uma vez visitamos o Dr. Lecter no Palazzo Capponi, agora iremos com ele ao palácio de sua mente...

O saguão é a capela normanda de Palermo, severa, linda e eterna, com uma única lembrança da mortalidade no crânio gravado no piso. A não ser que esteja com grande pressa para pegar informações no palácio, o Dr.

Lecter costuma parar aqui como faz agora, para admirar a capela. Mais atrás, distante e complexa, luminosa e escura, fica a vasta estrutura criada pelo Dr. Lecter.

O palácio da memória era um sistema mnemônico bem conhecido dos antigos eruditos, e muita informação foi preservada neles através da Idade das Trevas, enquanto vândalos queimavam os livros. Como os eruditos anterio-res, o Dr. Lecter armazena em seus milhares de cômodos uma quantidade enorme de informações associada a obje-tos. Mas, diferentemente dos antigos, o Dr. Lecter tem um segundo objetivo para esse palácio; algumas vezes ele vive ali. Passou anos em meio às coleções exóticas, enquanto seu corpo estava amarrado numa ala para criminosos vio-lentos, com gritos fazendo as barras de aço zumbirem como a harpa do inferno.

O palácio de Hannibal Lecter é vasto, até mesmo para os padrões medievais. Traduzido para o mundo tan-gível, ele poderia rivalizar com o palácio Topkapi em Is-tambul, em tamanho e complexidade.

Nós o alcançamos enquanto os chinelos rápidos de sua mente passam do saguão para o grande salão das esta- ções. O palácio é construído segundo as regras descober-tas por Simonides de Ceos, e elaborado por Cícero qui- nhentos anos depois; é arejado, com teto alto, mobiliado com objetos e quadros vividos, marcantes, algumas vezes chocantes e absurdos, e freqüentemente belos. As obras expostas são bem espaçadas e bem iluminadas como num grande museu. Mas as paredes não têm as cores neutras dos museus. Como Giotto, o Dr. Lecter pintou afrescos nas paredes de sua mente.

Ele decidiu pegar o endereço da casa de Clarice Starling enquanto está no palácio, mas não tem pressa, por isso pára ao pé de uma grande escadaria onde estão os bronzes do Riace. Esses grandes guerreiros de bronze, atribuídos a Fídias, resgatados do fundo do mar em nosso tempo, são a peça central de um espaço coberto de afres-cos que poderia desenrolar toda a obra de Homero e Só-

focles.

Se quisesse, o Dr. Lecter podia mandar que os ros-tos de bronze declamassem versos de Meleagro, mas hoje ele só quer olhá-los.

Mil cômodos, quilômetros de corredores, centenas de fatos ligados a cada objeto que decora cada cômodo, um descanso agradável esperando o Dr. Lecter sempre que opta por se retirar para lá.

Mas isto compartilhamos com o doutor: nas abó-badas de nossos corações e nossos cérebros, o perigo es-pera. Nem todas as câmaras são adoráveis, claras e altas.

Há buracos no piso da mente, como no piso de uma masmorra medieval — calabouços fétidos, celas em forma de garrafa, na rocha sólida, com o alçapão no topo, onde as pessoas esqueciam. Deles nada escapa em voz baixa para nos tranqüilizar. Um tremor, alguma traição de nos-sos guardas, e fagulhas de lembrança fazem disparar os gases nocivos — coisas presas há anos voam livres, pron- tas para explodir em dor e nos levar a um comportamento perigoso...

Temerosos e maravilhados, seguimos enquanto ele anda com passo leve e rápido ao longo do corredor que criou, através de um perfume de gardênias, a presença de grandes esculturas nos pressionando, e a luz das pinturas.

Seu caminho vira à direita, passando por um busto de Plínio e subindo a escada até o salão dos endereços, um cômodo cheio de estátuas e pinturas numa ordem fixa, bem espaçadas e bem iluminadas, como Cícero recomen-da.

Ah... a terceira alcova a partir da porta, à direita, é

dominada por uma pintura de São Francisco dando uma mariposa de comer a um estorninho — *starling*, em inglês.

No chão à frente da pintura há uma imagem de tamanho real em mármore pintado: um desfile no Cemitério Na-cional de Arlington, liderado por Jesus, com 33 anos, diri-gindo uma caminhonete Ford modelo T 1927, conhecido como *“tin lizzie”*, com J. Edgar Hoover de pé na carroceria usando um *tutu* de bailarina e acenando para uma multidão invisível. Ao lado dele, Clarice Starling marcha carregando um rifle Enfield 308 sobre o ombro.

O Dr. Lecter parece satisfeito em vê-la. Há muito tempo obteve o endereço da casa de Starling com a Asso-ciação de Alunos da Universidade da Virgínia. Ele guarda o endereço naquele quadro vivo, e agora, para seu próprio prazer, pega os números e o nome da rua onde Starling mora.

Tindal, 3327

Arlington, VA, 22308

O Dr. Lecter pode se movimentar com velocidade espantosa pelos vastos salões de seu palácio da memória.

Com seus reflexos e a força, a capacidade de apreensão e velocidade da mente, o Dr. Lecter está bem armado con-tra o mundo físico. Mas há lugares ali dentro aonde ele não pode ir em segurança, onde as regras de lógica de Cí-cero, de espaço e de luz ordenados, não se aplicam...

Decidiu visitar sua coleção de tecidos antigos. Para uma carta que está escrevendo a Mason Verger, ele quer rever um texto de Ovídio falando sobre óleos faciais per-fumados, que está ligado à tecelagem.

Prossegue caminhando sobre uma interessante pas-sadeira Kilim de trama lisa, em direção ao salão de teares e têxteis.

No mundo do 747 a cabeça do Dr. Lecter está en-costada na poltrona, os olhos estão fechados. A cabeça balança suavemente enquanto a turbulência sacode o avi- ão.

No fim da fila o bebê terminou a mamadeira e ain-da não dormiu. Seu rosto fica vermelho. A mãe sente o corpinho se tensionar dentro do cobertor, depois relaxar.

Não há dúvida do que aconteceu. Ela não precisa enfiar o dedo na fralda. Na fila da frente alguém diz “Meu Deus!”.

Outra camada de cheiro é acrescentada ao fedor de vestiário de atletas do avião. O garotinho sentado ao lado do Dr. Lecter, acostumado aos hábitos do bebê, continua a comer o lanche do Fauchon.

Dentro do palácio da memória os alçapões se abrem, os cala- bouços bocejam

seu fedor medonho...

Alguns animais conseguiram sobreviver ao fogo de artilharia e metralhadora que deixou mortos os pais de Hannibal Lecter e destruiu a vasta floresta que cercava sua propriedade.

O grupo de desertores que usava a remota cabana de caça comia o que podia encontrar. Uma vez acharam um pequeno cervo em estado miserável, magro, com uma flecha espetada, e que conse- guira encontrar comida debaixo da neve e sobreviver. Guiaram-no para o acampamento para não ter de carregá-lo.

Hannibal Lecter, com seis anos, ficou olhando através de uma fenda no celeiro enquanto eles traziam o animal que resistia e revirava a cabeça para se livrar da corda amarrada no pescoço. Eles não queriam disparar um tiro, e conseguiram derrubá-lo golpeando as pernas finas e partiram sua garganta com o machado, xingando uns aos outros em várias línguas para que trouxessem uma tigela antes que o sangue fosse desperdiçado.

Não havia muita carne no animal magro, e em dois dias, talvez três, com seus sobretudos compridos, os hálitos fedendo e sol- tando vapor, os desertores vieram pela neve até a cabana de caça, para destrancar o celeiro e de novo escolher entre as crianças aninha- das sobre a palha.

Nenhuma havia congelado, por isso pegaram uma viva.

Tatearam a coxa, o braço e peito de Hannibal Lecter, e em vez dele escolheram sua irmã, Mischa, e a levaram. Para brincar, disseram. Ninguém que era levado para brincar voltava.

Hannibal agarrou-se a Mischa com toda a sua força, agar- rou-se a Mischa com o braço magro até que os homens bateram a porta pesada do celeiro contra ele, deixando-o atordoado e quebrando seu braço.

Levaram-na pela neve ainda manchada de sangue do cervo.

Ele rezou demais para ver Mischa outra vez, a oração con- sumia sua mente de seis anos, mas não abafou o som do machado.

Sua oração para vê-la de novo não ficou totalmente desatendida —

ele viu alguns dos dentes de leite de Mischa na fossa fétida que seus captores usavam, entre a cabana onde dormiam e o celeiro onde man- tinham as crianças cativas, que eram seu sustento em 1944, depois do colapso da frente oriental.

Desde essa resposta parcial à sua oração, Hannibal Lecter não se incomodou com qualquer consideração sobre a divindade, além de reconhecer como suas modestas atividades de predador empalideci- am diante das de Deus, que em ironia não tem rival, e cuja malícia arbitrária está além de qualquer medida.

Neste avião em alta velocidade, a cabeça balançan-do suavemente no encosto da poltrona, o Dr. Lecter está

suspenso entre a última visão de Mischa atravessando a neve ensangüentada e o som do machado. Está seguro ali, e não pode suportar. No mundo do avião brota de seu rosto suado um grito curto, fino e agudo, penetrante.

Passageiros se viram, alguns acordam. Alguns, na fi-leira à sua frente, estão rosnando:

— Garoto, meu Deus, qual *é o problema* com você?

Meu Deus!

Os olhos do Dr. Lecter se abrem, olham direto em frente, há uma mão sobre ele. É a mão do garotinho.

— O senhor teve um pesadelo, não foi? — A cri-ança não está amedrontada, nem se importa com as re-clamações das filas na frente.

— Eu também tenho pesadelos um monte de ve-zes. Não estou rindo do senhor.

O Dr. Lecter respirou várias vezes, a cabeça apoia-da no encosto. Em seguida sua compostura voltou, como se a calma rolasse do alto da testa para cobrir o rosto. Ele inclinou a cabeça para o garoto e disse num tom de voz confidencial:

— Você está certo em não comer esta lavagem, sa-be? Nunca coma isso.

As companhias aéreas não fornecem mais papel timbrado. Num perfeito controle sobre si mesmo, o Dr.

Lecter pegou vários papéis timbrados de hotel no bolso do peito e começou uma carta para Clarice Starling. Pri-meiro esboçou o rosto dela. Agora o desenho está numa coleção particular da Universidade de Chicago e disponí-vel aos estudiosos. Nele Starling parece uma criança, e seu cabelo, como o de Mischa, está grudado ao rosto com lá-grimas...

Podemos ver o aeroplano através do vapor de nos-sa respiração, um brilhante ponto de luz no céu claro da noite. Veja-o atravessar a estrela Polar, para além do pon-to sem volta, seguindo agora num grande arco em direção ao amanhã no Novo Mundo.

CAPÍTULO

49

As PILHAS DE PAPÉIS, dossiês e disquetes no cubículo de Starling alcançavam uma massa crítica. Sua requisição de mais espaço não foi atendida. *Chega.* Com a ousadia dos condenados, ela exigiu uma sala espaçosa no porão em Quantico. A sala estava destinada a se tornar o laboratório fotográfico particular da Divisão de Ciência do Compor-tamento assim que o Congresso destinasse alguma verba.

Não tinha janelas, mas havia uma quantidade de pratelei-ras e, tendo sido construída para ser um laboratório foto-gráfico, dispunha de cortinas duplas de blecaute em vez de uma porta.

Algum anônimo vizinho de sala imprimiu um car-taz em letras góticas onde estava escrito CASA DE HANNI- BAL e pregou-o com alfinete na cortina da entrada. Com medo de perder a sala, Starling levou o cartaz para dentro.

Quase de imediato encontrou uma quantidade e-norme de material na Biblioteca de Justiça Criminal da Columbia College, onde mantinham uma Sala Hannibal Lecter. A faculdade tinha documentos originais do traba-lho médico e psiquiátrico do doutor, e transcrições de seu julgamento e dos processos contra ele. Na primeira visita à biblioteca Starling esperou 45 minutos enquanto os fun-cionários caçavam sem sucesso as chaves da Sala Lecter.

Na segunda ocasião encontrou um indiferente aluno de pós-graduação encarregado do material, ainda não catalo-gado.

A paciência de Starling não estava melhorando na sua quarta década de vida.

Com o chefe de seção Jack Crawford apoiando-a na Promotoria Federal, conseguiu uma ordem judicial para levar toda a coleção da faculdade para a sua sala no porão em Quantico. Oficiais de justiça federais fizeram a mudança num único furgão.

A ordem judicial criou ondas, como ela temia. Fi-nalmente, as ondas trouxeram Krendler...

No final de duas longas semanas, Starling estava com a maior parte do material da biblioteca organizado em seu precário Centro Lecter. No final de uma tarde de sexta-feira, ela lavou o rosto e as mãos do pó e da sujeira dos livros, apagou as luzes e sentou-se no chão, no canto, olhando para os livros e papéis que ocupavam muitos me-tros de prateleira. É possível que tenha cochilado por um momento...

Um cheiro despertou-a, e ela teve consciência de que não estava sozinha. Era cheiro de graxa de sapato.

A sala estava em semi-escuridão, e o subsecretário Paul Krendler movia-se devagar ao longo das prateleiras, espiando os livros e as fotos. Não se incomodara em bater

— não havia onde bater nas cortinas, e Krendler não era inclinado a bater em portas, especialmente de agências subordinadas. Ali, naquele porão de Quantico, estava de-finitivamente visitando uma favela.

Uma parede da sala era dedicada ao Dr. Lecter na Itália, com uma grande foto de Rinaldo Pazzi pendurado na janela do Palazzo Vecchio com as entranhas fora do corpo. A parede oposta era destinada a crimes nos Esta-dos Unidos, dominada por uma fotografia tirada pela polí-cia, mostrando o arqueiro caçador que o Dr. Lecter mata-ra há anos. O corpo estava pendurado num painel com ganchos e tinha todos os ferimentos das ilustrações medi-evais do Homem Ferido. Muitos dossiês de casos estavam empilhados nas prateleiras junto com registros civis de processos criminais abertos contra o Dr. Lecter por famí-lias das vítimas.

Os livros pessoais do Dr. Lecter, de seu trabalho como médico, estavam numa ordem idêntica ao arranjo de seu antigo consultório psiquiátrico. Starling os arrumara examinando com uma lente de aumento fotos que a polí-cia fizera no consultório.

Boa parte da luz na sala escura vinha através de um raio X da cabeça e do pescoço do doutor, que brilhava numa caixa de luz presa à parede. A outra luz vinha de um computador numa mesa de canto. O tema do protetor de tela era “Criaturas Perigosas”. De vez em quando o com-putador rosnava.

Ao lado da máquina estavam os resultados da com-pilação de Starling. Os pedaços de papel arduamente reu-nidos, recibos, notas de despesas que revelavam como o Dr. Lecter levara sua vida privada na Itália — e na Améri-ca, antes de ser mandado para o manicômio. Era um catá-logo aproximado de seus gostos.

Usando um *scanner* como mesa, Starling arrumou um cenário que tinha sobrevivido da casa dele em Balti-more — louça, prata, cristais, guardanapos de um branco radiante, uma vela — meio metro quadrado de elegância em contraste com as coisas grotescas penduradas na sala.

Krendler pegou a grande taça de vinho e bateu nela com a unha.

Ele jamais sentira a carne de um criminoso, jamais lutara com um no chão, e pensava no Dr. Lecter como uma espécie de bicho-papão da mídia e uma oportunida- de. Podia ver sua própria foto associada a um arranjo as-sim no Museu do FBI, logo que Lecter estivesse morto.

Podia ver o enorme valor de campanha. Aproximou o nariz do perfil em raio X do crânio amplo do doutor, e quando Starling falou com ele, deu um pulo suficiente pa-ra manchar o raio X com oleosidade do nariz.

— Posso ajudá-lo, Sr. Krendler?

— Por que está sentada aí no escuro?

— Estou pensando, Sr. Krendler.

— O pessoal do Congresso quer saber o que esta-mos fazendo com relação a Lecter.

— Isto é o que estamos fazendo.

— Coloque-me em dia, Starling. Coloque-me em dia rapidamente.

— O senhor não preferiria que o Sr. Crawford...

— Onde Crawford *esta?*

— O Sr. Crawford está no tribunal.

— Creio que ele está perdendo o pique. Você não acha?

— Não, senhor, não acho.

— O que está fazendo aqui? Recebemos uma re-clamação da faculdade onde você pegou esse material to-do. A situação poderia ter sido abordada de um modo me-lhor.

— Nós juntamos aqui tudo o que pudemos encon-trar com relação ao Dr. Lecter, tanto objetos quanto regis-tros. As armas dele estão na Seção de Armas de Fogo e Instrumentos, mas temos duplicatas. Temos tudo que res-tou dos papéis pessoais dele.

— Qual é o sentido disso? Você está pegando um tarado ou escrevendo um tratado? — Krendler fez uma pausa para guardar essa rima em seu cartucho verbal. —

Se, digamos, um figurão do Partido Republicano numa sindicância judiciária me perguntar o que *você,* agente espe-cial Starling, está fazendo para pegar Hannibal Lecter, o que devo lhe contar?

Starling acendeu todas as luzes. Podia ver que Krendler ainda estava comprando ternos caros ao mesmo tempo que economizava dinheiro nas camisas e gravatas.

As protuberâncias de seus pulsos peludos se projetavam dos punhos.

Starling olhou um instante através da parede, para além da parede, para o sempre, e se recompôs. Obrigou-se a ver Krendler como uma turma de alunos na Academia de Polícia.

— Sabemos que o Dr. Lecter tem uma identidade falsa muito boa — começou ela. — Deve ter pelo menos mais uma identidade sólida, talvez várias. Ele é cuidadoso nesse sentido. Não vai cometer um erro idiota.

— Prossiga.

— Ele é um homem de gostos muito cultivados, alguns exóticos, na comida, no vinho, na música. Se vier para cá, vai querer essas coisas. Terá de consegui-las. Não vai recusá-las a si mesmo.

“O Sr. Crawford e eu examinamos os recibos e os papéis que restaram da vida do Dr. Lecter em Baltimore, antes de ele ser preso pela primeira vez, e os recibos que a polícia italiana pôde fornecer, processos de credores de-pois de sua prisão. Fizemos uma lista de algumas coisas das quais ele gosta. Pode ver aqui: no mês em que o Dr.

Lecter serviu o pâncreas do flautista Benjamin Raspail a outros membros da diretoria da Orquestra Filarmônica de Baltimore, ele comprou duas caixas de *bordeaux* Château Petrus a três mil e seiscentos dólares por caixa. Comprou cinco caixas de Bâtard-Montrachet a mil e cem dólares a caixa, e uma variedade de vinhos mais baratos.

“Ele pediu o mesmo vinho no serviço de quarto em St. Louis depois de fugir, e comprou-o na Vera dal 1926

em Florença. É um negócio muito raro. Estamos verifi-cando importadores e comerciantes para informar sobre vendas.

“No Iron Gate em Nova York ele encomendou pa-tê de *foie gras* categoria A, a duzentos dólares o quilo, e no Grande Central Oyster Bar comprou ostras verdes do Gi-ronde. A refeição para a diretoria da Filarmônica começou com essas ostras, seguido por pâncreas, um sorvete e de-pois... o senhor pode ler aqui na *Town & Country* o que eles comeram. — Ela leu rapidamente em voz alta. — *O*

notável guisado escuro e brilhante, cujos ingredientes jamais foram determinados, sobre arroz ao açafrão. O gosto era sombriamente empolgante, com grandes tons graves que só poderiam ser a redução vasta e cuidadosa que o fond *pode dar.* Nenhuma vítima jamais foi identificada como parte do guisado. Blablablá, a coisa continua... aqui o artigo descreve em detalhes o distinto serviço de mesa que ele usou. Estamos verificando com-pras em cartão de crédito nos fornecedores de porcelana e cristal. Krendler fungou.

— Veja, aqui neste processo judicial, ele ainda deve um candelabro Steuben, e a Galeazzo Motor Company, de Baltimore, abriu um processo para retomar o

Bentley dele.

Estamos rastreando vendas de Bentleys, novos e usados.

Não existem muitos. E as vendas de Jaguares turbinados.

Mandamos faxes para fornecedores de caça para restau-rante, perguntando sobre compras de javalis, e emitiremos um boletim uma semana antes de as perdizes de pernas vermelhas chegarem da Escócia.

Ela digitou no teclado e consultou uma lista, depois se afastou da máquina quando sentiu o hálito de Krendler perto demais, atrás dela.

— Pedi verbas para comprar a cooperação de al-guns dos principais cambistas que vendem ingressos para eventos culturais em Nova York e São Francisco... há u-mas duas orquestras e quartetos de cordas dos quais ele gosta particularmente. Prefere a sexta ou sétima fileira, e sempre se senta junto do corredor. Distribuí as melhores fotos que temos dele ao Lincoln Center, ao Kennedy Cen-ter e às principais salas de filarmônicas. Talvez o senhor pudesse nos ajudar a conseguir isso no orçamento do De-partamento de Justiça, Sr. Krendler. — Quando ele não respondeu, ela continuou: — Estamos verificando novas assinaturas de alguns jornais culturais que ele assinava no passado: antropologia, lingüística, *Physical Review,* matemá-tica, música.

— Ele contrata prostitutas sadomasoquistas, esse tipo de coisa? Prostitutos? Starling podia sentir o deleite de Krendler com a pergunta.

— Não que saibamos, Sr. Krendler. Ele foi visto com várias mulheres bonitas em concertos em Baltimore, há anos, duas delas figuras proeminentes nas festas de ca-ridade locais. Anotamos as datas de aniversários delas, para rastrear compras de presentes. Que saibamos ne-nhuma jamais foi incomoda da, e nenhuma jamais con-cordou em falar sobre ele. Não sabemos coisa alguma so-bre suas preferências sexuais.

— Sempre achei que ele fosse homossexual.

— Por que diz isso, Sr. Krendler?

— Toda essa frescura de arte. Musica de câmara e comida metida a besta. Não é nada pessoal, se é que você

tem simpatia por esse tipo de gente, ou amigos assim. O

que importa, o que estou exigindo de você, Starling, é o seguinte: é *melhor* que eu veja alguma cooperação aqui.

Não existem pequenos feudos. Quero cópias de cada 302, quero cada cartão de ponto, quero cada pista. Está enten-dendo, Starling?

— Sim, senhor. Junto à porta, ele disse:

— Certifique-se de que sim. Talvez você tenha a chance de melhorar sua situação aqui. Sua suposta carreira precisaria de toda a ajuda possível.

O futuro laboratório fotográfico já estava equipado com exaustores. Olhando-o no rosto, Starling ligou-os, sugando para fora o cheiro de sua loção após barba e sua graxa de sapato. Krendler passou pelas cortinas sem dizer adeus.

O ar dançava na frente de Starling como o tremular do calor na área de exercícios de tiro.

No corredor Krendler ouviu a voz de Starling atrás dele.

— Vou acompanhá-lo até lá fora, Sr. Krendler.

Krendler estava com um carro e um motorista es-perando. Ele ainda não se encontrava no nível de trans-porte executivo onde tinha de se conformar com um seda Mercury Grand Marquis.

Antes que ele pudesse chegar ao carro, sob o dia claro, ela disse:

— Espere, Sr. Krendler.

Krendler virou-se, tentando imaginar o que seria.

Poderia haver um brilho de algo ali. Uma rendição irada?

Sua antena se ergueu.

— Estamos aqui ao ar livre — disse Starling. —

Nenhum equipamento de escuta ao redor, a não ser que o senhor esteja com um.

— Atacou-a uma ansiedade à qual não podia resistir. Para trabalhar com os livros empoeira-dos estava usando uma camisa de brim frouxa sobre um bustiê apertado.

Não deveria fazer isso. *Foda-se.*

Ela soltou os fechos da blusa e abriu-a.

— Vê, não estou usando um gravador. — Também não estava usando sutiã. — Talvez esta seja a única vez em que conversaremos em particular, e quero lhe fazer uma pergunta. Há anos venho fazendo o serviço e toda a vez que pôde, o senhor me sacaneou. O que há com o senhor, Sr. Krendler?

— Será bem-vinda para conversar comigo sobre is-so... eu arrumo um horário para você, se quiser...

— Estamos falando agora.

— Deduza você, Starling.

— É porque eu não quis sair com o senhor? Foi quando eu disse para o senhor voltar para a sua esposa em casa?

Ele encarou-a de novo. Ela realmente não estava usando um gravador.

— Não tente ser mais do que é, Starling... esta ci-dade está cheia de bocetas caipiras.

Ele entrou ao lado do motorista e bateu no painel.

O carro grande se afastou. Seus lábios se moveram, como se ele quisesse ter emoldurado aquilo: “bocetas caipiras como você”.

Havia muita falação política no futuro de Krendler, pelo que acreditava, e ele queria afiar seu caratê verbal e pegar o jeito de morder com o som.

CAPÍTULO

50

— PODERIA FUNCIONAR, tenho certeza— disse Krendler para o escuro cheio

de zumbidos onde estava Mason. —

Há dez anos não teria sido possível, mas ela pode movi-mentar listas de clientes naquele computador como se fos-se merda passando por dentro de um ganso. — Ele se remexeu do sofá sob as luzes fortes da área de estar.

Krendler podia ver Margot silhuetada contra o a-quário. Agora estava acostumado a dizer palavrões na frente dela, e gostava disso. Apostava que Margot queria ter um pau. Sentia vontade de dizer *pau* na frente de Mar-got, e pensava num modo:

— Foi assim que ela estabeleceu os campos de inte-resse e emparelhou as preferências de Lecter. Provavel-mente ela seria capaz de lhe dizer para que lado da cueca ele bota o pau.

— Por falar nisso, Margot, faça entrar o Dr. Doe-mling — disse Mason. O Dr. Doemling estivera esperan-do na sala de brinquedos em meio aos gigantescos animais de pelúcia. Mason podia vê-lo no vídeo examinando o escroto de pelúcia da grande girafa, assim como os Viggert haviam orbitado o Davi. Na tela ele parecia muito menor do que os brinquedos, como se tivesse se comprimido, para conseguir se enfiar numa infância que não era a sua.

Visto sob as luzes da área de estar de Mason, o psi-cólogo era uma pessoa seca, extremamente limpa mas es-camosa, com caspa seca no couro cabeludo cheio de pin-tas e uma chave da Phi Beta Kappa na corrente do relógio.

Sentou-se diante de Krendler, do outro lado da mesinha de centro, e parecia familiarizado com a sala. Havia um buraco de bicho na maçã virada para o seu lado na tigela de frutas e nozes. O Dr. Doemling virou o buraco para outro lado. Atrás dos óculos, seus olhos acompanharam Margot com um espanto beirando o pasmo quando ela pegou mais duas nozes e voltou para seu lugar perto do aquário.

— O Dr. Doemling é chefe do Departamento de Psicologia na Universidade de Baylor. Ele ocupa a Cátedra Verger — disse Mason a Krendler. — Perguntei a ele que tipo de ligação pode haver entre o Dr. Lecter e a agente do FBI Clarice Starling. Doutor...

Doemling adiantou-se na sua poltrona como se ela fosse um banco de testemunhas, e virou a cabeça para Mason como viraria para um júri. Krendler

podia vê-lo com a atitude prática, cautelosa, de uma testemunha espe-cializada que ganhava dois mil dólares por dia.

— O Sr. Verger obviamente conhece minhas quali-ficações, o senhor gostaria de ouvi-las? — perguntou Do-emling.

— Não — respondeu Krendler.

— Revisei as anotações de Starling relativas às en-trevistas que ela fez com Hannibal Lecter, as cartas que ele mandou para ela e o material que o senhor enviou para mim, falando do passado de ambos — começou Doe-mling.

Krendler encolheu-se diante disso, Mason falou:

— O Dr. Doemling assinou um contrato de sigilo.

— Cordell colocará os seus *slides* num monitor quando o senhor quiser, doutor — disse Margot.

— Primeiro algumas informações. — Doemling

consultou suas notas. — Nós *sabeeemos* que Hannibal Lec-ter nasceu na Lituânia. Seu pai era um conde, título que remontava ao século X, sua mãe uma italiana nascida na classe alta, uma Visconti. Durante a retirada alemã da Rús-sia, alguns *panzers* nazistas que passavam atiraram contra a propriedade deles perto de Vilnius, e mataram os pais e a maioria dos empregados. Depois disso, as crianças desa-pareceram. Eram duas, Hannibal e a irmã. Não sabemos o que aconteceu à irmã. O fato é que Lecter era um órfão, como Clarice Starling.

— Coisa que eu contei *a você* — disse Mason impa-ciente.

— Mas o que o senhor concluiu a partir disso? —perguntou o Dr. Doemling. — Não estou propondo uma espécie de solidariedade entre dois órfãos, Sr. Verger. Isto não tem a ver com solidariedade. A solidariedade não en-tra aqui. E a misericórdia é largada sangrando na poeira.

Escutem. O que uma experiência comum de se ser órfão dá ao Dr. Lecter é simplesmente a capacidade de entendê-la e, em última instância, de controlá-la. Tudo isto tem a ver com *controle.*

“A tal de Starling passou a infância em instituições, e a partir do que vocês me contam ela não evidencia qual-quer relação pessoal estável com um homem. Ela mora com uma ex-colega de escola, uma jovem afro-americana.

— Isso é muito provavelmente uma coisa sexual —disse Krendler.

O psiquiatra nem sequer se dignou a olhar para Krendler, que foi automaticamente desconsiderado.

— Nunca se pode dizer com certeza por que al-guém mora com outra pessoa.

— É uma das coisas que se escondem, como diz a Bíblia— disse Mason.

— Starling parece bem gostosa, para quem gosta de trigo integral — sugeriu Margot.

— Acho que a atração parte de Lecter, não dela —disse Krendler. — Vocês a viram, ela é bastante fria.

— Ela *é* fria, Sr. Krendler? — Margot pareceu estar se divertindo.

— Você acha que ela é lésbica, Margot? — pergun-tou Mason.

— Como eu posso saber? O que quer que ela seja, ela trata disso como coisa pessoal; foi a minha impressão.

Acho que ela *é* durona, e mantém aquela cara de poucos amigos. Mas eu não diria que *é* fria. Nós não conversamos muito, mas foi o que captei da conversa. Isso foi antes de que *você* precisasse que eu o *ajudasse,* Mason; você me tirou da reta, lembra? Não creio que ela seja uma mulher fria.

As garotas com a aparência de Starling precisam manter uma certa distância porque os *panacas* ficam dando em ci-ma delas o tempo todo.

Nesse ponto Krendler sentiu que Margot o encarou um pouco além do necessário, ainda que ele só pudesse vê-la em silhueta.

Que curiosas, as vozes nesta sala. O tom cauteloso e burocrata de Krendler, a fala pedante de Doemling, os tons profundos e sonoros de Mason com suas consoantes explosivas mal pronunciadas e as sibilantes escorrendo, e Margot,

voz rouca e baixa, falada com dureza como um cavalo se ressentindo contra o freio na boca. Debaixo de tudo isso, a aparelhagem ofegante que proporciona respi-ração a Mason.

— Eu tenho uma idéia sobre a vida particular dela, com relação à aparente fixação no pai — prosseguiu Do-emling. — Vou abordar isso em breve. Bom, nós temos três documentos do Dr. Lecter relativos a Clarice Starling.

Duas cartas e um desenho. O desenho é o do relógio da crucificação que ele fez enquanto estava no manicômio.

— O Dr. Doemling ergueu os olhos para a tela. — O *slide,* por favor.

De algum lugar fora da sala, Cordell colocou o de-senho extraordinário no monitor do alto. O original é em carvão sobre papel de embrulhar carne. A cópia de Mason foi feita numa copiadora heliográfica, e as linhas têm um tom azulado de hematoma.

— Ele tentou patentear isso — disse o Dr. Doe-mling. — Como podem ver, aqui está Cristo crucificado num mostrador de relógio, e seus braços giram para dizer a hora, como nos relógios do Mickey Mouse. É interes-sante porque o rosto, a cabeça pendendo para a frente, é

de Clarice Starling. Ele desenhou na época das entrevistas.

Aqui está uma fotografia dela, vocês podem ver. *Cordell,* não é? Cordell, ponha a foto, por favor.

Não havia dúvida, a cabeça de Jesus era a de Star-ling.

— Outra anomalia é que a figura está pregada na cruz através dos pulsos, e não das palmas das mãos.

— Isto é necessário — disse Mason. — É preciso passar o prego através dos pulsos e usar grandes arruelas de madeira, caso contrário eles afrouxam e começam a soltar. Idi Amin e eu descobrimos isso do modo mais difí-cil, quando reencenamos esse negócio na Páscoa em U-ganda. Nosso Salvador na verdade foi pregado através dos pulsos. Todas as pinturas sobre a crucificação estão erra-das. É uma tradução errada da Bíblia hebraica para a lati-na.

— Obrigado — disse o Dr. Doemling sem sinceri-dade. — A crucificação representa claramente um objeto de veneração destruído. Observem que o braço que forma o ponteiro dos minutos está no número seis, cobrindo re-catadamente as partes pudendas. O ponteiro das horas está no nove, ou pouco depois. Nove é uma referência clara à hora tradicional em que Jesus foi crucificado.

Margot não conseguiu evitar uma interferência.

— E quando a gente junta seis e nove, percebam que o resultado é sessenta e nove, uma figura popular na relação sexual. — Em resposta ao olhar afiado de Doe-mling, ela quebrou suas nozes e as cascas caíram com ba-rulho no chão.

— Agora vamos pegar as cartas do Dr. Lecter para Clarice Starling. Cordell, poderia colocá-las? — O Dr.

Doemling pegou um ponteiro a *laser* no bolso. — Vocês podem ver que a letra, fluente e elaborada, executada com uma caneta-tinteiro de ponta quadrada, é tão regular como se fosse escrita a máquina. Esse tipo de letra é encontrado nas bulas papais da Idade Média. É muito bonita, mas es-tranhamente regular. Nada há de espontâneo aqui. Ele está planejando. Ele escreveu esta primeira pouco depois de ter escapado matando cinco pessoas. Vamos ler o tex-to: *Bom, Clarice, os cordeiros pararam de gritar?*

Você me deve uma informação, você sabe, e é disso que eu gostaria.

Um anúncio na edição nacional do Times *e do* Internati-onal Herald-Tribune *no dia primeiro de cada mês servirá. Me- lhor colocá-lo no* China Mail *também.*

Não me surpreenderei se a resposta for sim e não. Por en- quanto os cordeiros vão parar. Mas, Clarice, você se julga com toda a misericórdia da balança das masmorras em Threave; você terá de aprender repetidamente a merecer o silêncio abençoado. Porque é a dificuldade que a impulsiona, ver a dificuldade, e a dificuldade não terminará, jamais.

Não tenho planos de acabar com você, Clarice, já que o mundo é mais interessante com você nele. Certifique-se de estender a mim a mesma cortesia...

O Dr. Doemling empurrou os óculos sem aro para o topo do nariz e pigarreou.

— Este é um exemplo clássico do que chamei, em minha obra publicada, de

avunculismo; algo que está come- çando a ser citado amplamente na literatura profissional como *Avunculismo de Doemling.* Possivelmente será incluído no próximo *Diagnosticai and Statistical Manual.* Pode ser de-finido para os leigos como o ato de se posicionar como um patrono sábio e atento para conseguir um objetivo pessoal.

“Pelas anotações do caso percebo que a pergunta sobre os gritos dos cordeiros refere-se a uma experiência da infância de Clarice Starling, os cordeiros que eram aba-tidos no rancho em Montana, a casa onde ela nasceu —prosseguiu o Dr. Doemling em sua voz seca.

— Ela estava trocando informações com Lecter—disse Krendler. — Ele sabia alguma coisa sobre o assassi-no serial Búfalo Bill.

— A segunda carta, escrita sete anos mais tarde, é

uma carta de condolências e apoio — disse Doemling. —

Ele provoca-a com referências aos pais, a quem ela apa-rentemente venera. Chama o pai dela de “guarda noturno morto” e a mãe de “camareira”. E em seguida investe-os de qualidades excelentes que ela pode imaginar que eles tivessem, e prossegue listando essas qualidades para des-culpar os fracassos dela na carreira. Isso tem a ver com cair nas graças dela, tem a ver com controle.

“Creio que a tal de Starling pode ter tido uma liga- ção duradoura com o pai, uma *imago,* que a impede de formar com facilidade relacionamentos sexuais e pode incliná-la em direção ao Dr. Lecter numa espécie de trans-ferência, que em sua perversidade ele aproveitaria de ime-diato. Na segunda carta ele a encoraja de novo a contatá-lo através de um anúncio pessoal, e dá um codinome.

Meu Deus, o sujeito não parava! A inquietação e o tédio eram tortura para Mason porque ele não podia se remexer.

— Certo, ótimo, bom, doutor — interrompeu Ma-son. — Margot, abra a janela um pouco. Tenho uma nova fonte a respeito de Lecter, Dr. Doemling. Alguém que conhece Starling e Lecter e viu os dois juntos, e esteve mais perto de Lecter do que qualquer outra pessoa. Quero que o senhor fale com ele.

Krendler remexeu-se no sofá, as entranhas come- çando a estremecer enquanto via para onde aquilo estava indo.

CAPÍTULO

51

MASON FALOU no seu interfone e uma figura alta entrou na sala. Era tão musculoso quanto Margot, e estava vesti-do de branco.

— Este é Barney— disse Mason.— Ele foi encar-regado da ala de prisioneiros violentos no Manicômio Ju-diciário de Baltimore, durante seis anos, enquanto Lecter esteve lá. Agora trabalha para mim.

Barney preferiria ficar na frente do aquário com Margot, mas o Dr. Doemling quis que ficasse na luz. Ele ocupou um lugar ao lado de Krendler.

— *Barney,* não é? Agora, *Barney,* qual é sua forma- ção profissional?

— Sou EPL.

— O senhor é um *enfermeiro prático licenciado**. Bom para o senhor. Só isso?

— Tenho diploma de Ciências Humanas do United States Correspondence College— disse Barney, sem ex-pressão.— E um certificado de freqüência da Cummings Scholl of Mortuary Science. Sou qualificado como auxiliar de legista. Trabalhei nisso durante a noite enquanto fazia a escola de enfermagem.

— Você cursou a escola de enfermagem trabalhan-do como auxiliar de necrotério?

— Sim, removendo corpos de locais de crime e a-judando em autópsias.

— E antes disso?

— Estive no Corpo de Fuzileiros Navais.

— Sei. E enquanto estava trabalhando no Manicô-mio Judiciário você viu Clarice Starling e Hannibal Lecter interagindo; o que quero dizer é: você viu os dois conver-sando?

— Pareceu-me que eles...

— Comecemos com exatamente *o que* você viu, e não o que você *pensou* sobre

o que viu. Podemos fazer is-so?

Mason interrompeu:

— Ele é inteligente o bastante para dar uma opini- ão. Barney, você conhece Clarice Starling?

— Sim.

— Você conheceu Hannibal Lecter durante seis anos.

— Sim.

— O que havia entre eles?

A princípio Krendler teve dificuldade para entender a voz aguda e rouca de Barney, mas foi Krendler quem fez a pergunta pertinente:

— Lecter agia de modo diferente nas entrevistas com Starling, Barney?

— Sim. Na maior parte das vezes ele simplesmente não reagia aos visitantes. Algumas vezes ele abria os olhos por tempo suficiente para insultar algum acadêmico que estivesse tentando captar seu cérebro. Ele fez um pro-fessor visitante chorar. Ele era duro com Starling, mas reagia a ela mais do que à maioria das pessoas. Ele se inte-ressava por ela. Ela o intrigava.

— Como?

Barney encolheu os ombros.

— Ele dificilmente via mulheres. Ela é realmente bonita...

— Não preciso da sua opinião sobre isso — disse Krendler. — É só isso que você sabe?

Barney não respondeu. Olhou para Krendler como se os hemisférios esquerdo e direito do cérebro de Kren-dler fossem dois cães amarrados juntos. Margot quebrou outra noz.

— Prossiga, Barney — disse Mason.

— Eles eram francos um com o outro. Ele conse-gue desarmar os outros, nesse sentido. A gente tem a sen-sação de que ele não vai anuir com relação à mentira.

— De que ele não vai *o quê?* — perguntou Kren-dler.

— Anuir — disse Barney.

— A-N-U-I-R — disse Margot Verger no escuro.

— Admitir, *baixar a cabeça*, Sr. Krendler.

Barney prosseguiu:

— O Dr. Lecter disse algumas coisas desagradáveis sobre ela, e depois algumas coisas agradáveis. Ela pôde enfrentar as coisas ruins e depois desfrutar as boas, sa-bendo que não era besteira. Ele a achava encantadora e divertida.

— *Você pode julgar o que Hannibal Lecter achava "diver- tido* ? — perguntou o Dr. Doemling. — Como pode dizer isso, *enfermeiro Barney?*

— Ouvindo-o rir, Dr. Doemling. Nós aprendemos isso na escola de enfermagem, numa aula chamada "A Cura e a Aparência Alegre".

Ou Margot fungou ou o aquário atrás dela fez o ba-rulho.

— Fique frio, Barney. Conte o resto — disse Ma-son.

— Sim, senhor. Algumas vezes eu e o Dr. Lecter conversávamos tarde da noite, quando o lugar ficava cal-mo. Conversávamos sobre os cursos que eu estava fazen-do e outras coisas...

— Você estava fazendo algum curso de *psicologia* por correspondência, por acaso? — teve de dizer Doe-mling.

— Não, senhor, não considero que psicologia seja ciência. Nem o Dr. Lecter. — Barney prosseguiu rapida-mente, antes que o respirador de Mason lhe permitisse fazer uma censura. — Só posso repetir o que o doutor me disse; ele podia ver no que ela estava *se tornando.* Ela era encantadora, como um filhote de animal, um filhote que vai crescer para virar um grande felino. Um filhote com quem você não poderá brincar mais tarde. Ela possuía a honestidade do filhote, dizia ele.

Tinha todas as armas, em miniatura e crescendo, e tudo que ela sabia até então era brincar de luta com outros filhotes. Isso o divertia.

“O modo como o negócio começou entre os dois revela alguma coisa. No início ele foi cortês, mas pratica-mente a desconsiderou. Depois, quando Starling estava saindo, outro prisioneiro jogou sêmen no rosto dela. Isso perturbou o Dr. Lecter, deixou-o embaraçado. Foi a única vez em que eu o vi perturbado. Ela também percebeu e tentou usar aquilo contra ele. Acho que ele admirou a au-dácia dela.

— Qual foi a atitude dele com relação ao outro pri-sioneiro, o que jogou o sêmen? Eles tinham algum tipo de relacionamento?

— Não exatamente. O Dr. Lecter simplesmente matou-o naquela noite.

— Eles estavam em celas separadas? — perguntou Doemling. — Como ele fez isso?

— Separados por três celas, em lados opostos do corredor. No meio da noite, o Dr. Lecter falou com ele durante um tempo, e depois mandou que ele engolisse a própria língua.

— Então Clarice Starling e Hannibal Lecter se tor-naram... amigos? — perguntou Mason.

— Dentro de uma espécie de estrutura formal —disse Barney. — Eles trocavam informações. O Dr. Lecter deu idéias sobre o assassino serial que ela estava caçando, e ela pagou por isso com informações pessoais. O Dr.

Lecter me disse que pensava que Starling podia ter cora-gem demais para seu próprio bem, um “excesso de zelo”, foi como ele definiu. Achava que ela poderia trabalhar perto demais da beira do abismo se achasse que sua tarefa exigisse isso. E uma vez ele disse que ela tinha “a praga do gosto”. Não sei o que significa.

— Dr. Doemling, ele quer trepar com ela, matá-la, comê-la ou o quê? — perguntou Mason, exaurindo as possibilidades que ele podia ver.

— Provavelmente todas as três hipóteses — disse o Dr. Doemling. — Eu não gostaria de prever a ordem em que ele quer realizar esses atos. Este é o fardo do

que pos-so lhe dizer. Não importa como os tablóides... e as menta-lidades dignas dos tablóides... possam querer romantizar isso e tentar transformar o caso em *A bela e a fera.* O obje-tivo dele é a degradação de Starling, o sofrimento e a mor-te dela. Ele reagiu a ela duas vezes, quando ela foi insulta-da com o sêmen no rosto e quando foi ofendida pelos jornais, após ter atirado naquelas pessoas. Ele vem disfar- çado de mentor, mas é a *perturbação* que o excita. Quando a história de Hannibal Lecter for escrita, e vai ser, isso será

registrado como um caso de *Avunculismo de Doemling.* Para atraí-lo ela precisa estar perturbada.

Um franzido aparecera no espaço largo e flexível entre os olhos de Barney.

— Posso colocar uma coisa aqui, Sr. Verger, já que me perguntou? — Ele não esperou a permissão. — No manicômio, o Dr. Lecter reagiu a Starling quando ela se manteve firme, ficou ali parada enxugando o rosto e fez o seu serviço. Nas cartas ele a chama de guerreira, e lembra que ela salvou aquela criança no tiroteio. Ele admira a co-ragem e a disciplina dela. E diz que não tem planos de a-cabar com ela. Uma coisa que ele *não faz é* mentir.

— Este *é* exatamente o tipo de raciocínio de tablói-de do qual eu estava falando — disse Doemling. — Han-nibal Lecter não tem emoções como admiração ou respei-to. Ele não sente calor ou afeto. Esta é uma ilusão román-tica, e mostra os perigos de ter pouca informação.

— Dr. Doemling, o senhor não se lembra de mim, lembra? — disse Barney. — Eu estava encarregado da ala quando *o senhor* tentou falar com o Dr. Lecter. Um monte de gente tentou, mas foi o senhor quem saiu chorando, pelo que lembro. Depois ele resenhou seu livro no *Ameri- can Journal of Psychiatry.* Eu não poderia culpar o senhor se a resenha o fez chorar.

— Já basta, Barney — disse Mason. — Providencie meu almoço.

— Um autodidata de meia tigela, não há coisa pior

— disse Doemling quando Barney saiu da sala.

— O senhor não me disse que havia entrevistado Lecter, doutor — disse Mason.

— Na época ele estava catatônico, não havia o que conseguir.

— E isso fez o senhor chorar.

— Não *é* verdade.

— E o senhor desconsidera o que Barney diz.

— Ele estava tão enganado quanto a garota.

— Barney provavelmente também sente tesão por Starling — disse Krendler.

Margot riu consigo mesma, mas suficientemente al-to para que Krendler ouvisse.

— Se você quer tornar Clarice Starling atraente pa-ra o Dr. Lecter, deixe que ele a veja *perturbada*— disse Do-emling. — Deixe que o dano que ele *vir* sugira o que ele poderia *fazer.* Vê-la ferida de algum modo simbólico irá

incitá-lo do mesmo modo que vê-la se masturbando.

Quando a raposa ouve um coelho gritar, ela vem corren-do, mas não para prestar socorro.

CAPÍTULO

52

— Eu NÃO POSSO entregar Clarice Starling— disse Kren-dler quando Doemling saiu. — Posso lhe dizer onde ela está e o que está fazendo, mas não posso controlar as tare-fas do Bureau. E se o Bureau colocá-la como isca, eles vão lhe dar cobertura, pode acreditar.

Krendler apontou o dedo em direção à escuridão de Mason, para enfatizar.

— Você não pode interferir nessa ação. Você não poderia sair dessa cobertura e interceptar Lecter. A tocaia entregaria o seu pessoal imediatamente. Segundo: o Bure-au não vai partir para a ação a não ser que ele faça contato de novo com ela, ou que haja evidência de que ele está

perto; Lecter escreveu para ela antes, e nunca se aproxi-mou. Seriam necessárias no mínimo doze pessoas para tocaiá-la, isso sai caro. Seria melhor se você não a tivesse tirado da berlinda no caso do tiroteio. Vai ser uma confu-são, reverter

tudo e tentar colocá-la naquilo de novo.

— Deveria, seria, poderia — disse Mason, conse-guindo pronunciar o *S* bastante bem. — Margot, procure o jornal de Milão, o *Corriere delia Sera,* o exemplar de sába-do, um dia depois de Pazzi ser morto, verifique o primeiro item na coluna de recados pessoais, leia para nós.

Margot levantou a folha para a luz.

— Está em inglês, dirigido a A. A Aaron. Diz: *En- tregue-se para as autoridades mais próximas. Os inimigos estão per- to. Hannah.* Quem é Hannah?

— É o nome da égua que Starling tinha na infância

— disse Mason. — É um aviso de Starling para Lecter.

Na carta ele disse como ela poderia entrar em contato.

Krendler estava de pé.

— Que *droga.* Ela não poderia saber do que aconte-ceu em Florença. Se ela sabia disso, deve saber que estou mostrando o material para você.

Mason suspirou e perguntou-se se Krendler era su-ficientemente esperto para ser um político útil.

— *Ela* não sabia de nada. Coloquei o anúncio no *La Nazione,* no *Corriere delia Sera,* e no *International Herald- Tribune,* para ser publicado um dia *depois* de partirmos para cima do Lecter. Desse modo, se falhássemos, ele pensaria que Starling tentou ajudá-lo. Continuaremos a ter uma ligação com ele através de Starling.

— Ninguém viu isso.

— Não. Exceto talvez Hannibal Lecter. Talvez ele agradeça a ela, por correspondência, pessoalmente, quem sabe? Agora, escute: você ainda está verificando a corres-pondência dela?

Krendler assentiu.

— Sem dúvida. Se ele mandar alguma coisa, você

ficará sabendo antes dela.

— Ouça atentamente, Krendler: pelo modo como esse anúncio foi encomendado e pago, Clarice Starling jamais poderia provar que *não* o colocou, e isso é crime. É

atravessar os limites. Você pode se aproveitar disso contra ela, Krendler. Você sabe como o FBI caga e anda quando você está por baixo. Você pode ser carne de cachorro. Ela não vai conseguir sequer um porte de arma. Ninguém vai vigiá-la, a não ser eu. E Lecter saberá que ela está por aí, sozinha. Primeiro tentaremos algumas outras coisas.—

Mason fez uma pausa para respirar e depois continuou:—

Se não funcionarem, faremos como Doemling diz, e ire-mos "perturbá-la" com este anúncio. *Perturbá-la*, que in-ferno, você pode parti-la ao meio com isso. Guarde a me-tade que tem a boceta, é o meu conselho. A outra metade é o diabo da honestidade. Nossa! Eu não pretendia blas-femar.

CAPÍTULO

53

CLARICE STARLING correndo sobre folhas secas num par-que estadual da Virgínia a uma hora de sua casa, um local predileto, sem sinal de qualquer outra pessoa nesse dia de semana de outono, uma folga extremamente necessitada.

Corria por um caminho familiar nos morros cobertos de florestas ao lado do rio Shenandoah. O ar era aquecido pelo sol da manhã nos topos, e nos vales ficava subita-mente frio. Algumas vezes o ar era quente em seu rosto e frio nas pernas ao mesmo tempo.

Nesses dias a terra não estava totalmente imóvel debaixo de Starling enquanto ela andava; parecia mais fir-me quando corria.

Starling correndo pelo dia claro, clarões luminosos de luz dançando através das folhas, o caminho pintalgado e em outros lugares listrado com as sombras dos troncos ao sol baixo da manhã. À sua frente três cervos começa-ram a correr,

duas fêmeas e um macho com chifres gran-des, liberando o caminho num salto único de levantar o coração, as caudas brancas erguidas brilhando na semi-escuridão da floresta profunda. Animada, Starling também saltou.

Imóvel como uma figura numa tapeçaria medieval, Hannibal Lecter estava sentado entre as folhas secas no morro acima do rio. Podia ver 150 metros do caminho, o binóculo protegido contra o reflexo com um envoltório de papelão feito em casa. Primeiro viu os cervos saltar e passar por ele subindo o morro, e depois, pela primeira vez em sete anos, viu Clarice Starling inteira.

Abaixo do binóculo seu rosto não mudou de ex-pressão, mas as narinas se abriram inspirando profunda-mente, como se pudessem captar o cheiro dela a essa dis-tância.

A respiração trouxe-lhe o cheiro de folhas secas com um leve toque de canela, das folhas mofando por baixo, e das sementes da floresta apodrecendo suavemen-te, um sopro de bolotas de coelho a metros de distância, o almíscar selvagem e profundo de uma pele de esquilo em frangalhos debaixo das folhas, mas não o cheiro de Star-ling, que ele poderia ter identificado em qualquer lugar.

Viu os cervos saltando à frente, viu-os pulando muito de-pois de terem sumido da visão dela.

Starling ficou em seu campo de visão por menos de um minuto, correndo com facilidade, sem lutar contra o chão. Uma mochila mínima no alto dos ombros com uma garrafa d’água. Com a luz da manhã por trás borrando sua silhueta como se ela tivesse sido salpicada de pólen. A-companhando-a, o binóculo do Dr. Lecter captou um cla-rão de sol sobre a água atrás dela, que o deixou vendo pontos luminosos durante minutos. Ela desapareceu en-quanto o caminho se afastava para baixo, e sua nuca foi a última coisa que ele viu, o rabo-de-cavalo balançando co-mo a cauda de um cervo.

O Dr. Lecter continuou imóvel, não fez qualquer tentativa de segui-la. Tinha claramente na cabeça a ima-gem de Starling correndo. Ela correria em sua mente en-quanto ele quisesse. A primeira visão real em sete anos, sem contar as fotos nos tablóides, sem contar vislumbres distantes de uma cabeça num carro. Ele se recostou nas folhas com as mãos atrás da cabeça, observando a folha-gem rala de um bordo estremecer de encontro ao céu, céu tão escuro que era quase púrpura. Púrpura, púrpura, o ra-mo de muscardíneas selvagens que ele colhera enquanto

subia para esse lugar era púrpura, começando a murchar a partir das frutas gordas, poeirentas, ele comeu várias, es-premeu algumas na palma da mão e lambeu o suco como uma criança lamberia a mão escancarada. Púrpura, púrpura.

Púrpura a berinjela na horta.

Não havia água quente na cabana de caça durante o meio do dia, e a babá de Mischa levava a velha banheira de cobre para a horta junto à cozinha, para que o sol aquecesse o banho da menina de dois anos. Mischa ficava sentada na banheira brilhante, em meio aos legumes sob o sol quente, com borboletas brancas ao redor. A água dava apenas para cobrir as pernas gorduchas, mas seu irmão solene, Hannibal, e o grande cachorro, recebiam ordens estritas de vigiá-la enquanto a babá entrava para pegar uma manta.

Para alguns dos serviçais Hannibal Lecter era uma criança assustadora, assustadoramente intensa, que sabia das coisas de um modo sobrenatural, mas não assustava a velha babá, que conhecia seu serviço, e não assustava Mischa, que colocava as mãos de bebê

em forma de estrela na bochecha dele e ria para seu rosto. Mischa estendeu a mão para além dele, em direção à berinjela, que a menina adorava olhar ao sol. Seus olhos não eram castanhos como os do irmão Hannibal, e sim azuis, e enquanto olhavam para a berinjela, seus olhos pareciam atrair a cor da planta, escurecer com ela. Han- nibal Lecter sabia que a cor era a paixão da irmã. Depois de ela ser carregada de volta para dentro edea ajudante de cozinha vir recla- mando para virar a água da banheira na horta, Hannibal ajoelha- va-se ao lado da fileira de pés de berinjela, a superfície das bolhas de sabão do banho cheias de reflexospurpúreos e verdes, até explodirem no chão coberto de ladrilhos. Pegava seu pequeno canivete e cortava a haste de uma berinjela, lustrava-a com o lenço, sentindo o legume quente do sol nos braços, quente como um animal, até o quarto de Mischa e colocava onde ela poderia ver. Mischa adorava o púrpura escuro, adorava a cor aubergine *enquanto viveu.*

Hannibal Lecter fechou os olhos para ver de novo os cervos saltando na frente de Starling, para vê-la saltan-do pelo caminho, traçada em ouro com o sol por trás, mas este era o cervo errado, era o pequeno cervo com a flecha, esforçando-se, esforçando-se contra a corda amarrada no pescoço enquanto os homens o guiavam até o machado, o pequeno cervo que eles comeram antes de comer

Mischa.

E não conseguiu mais ficar imóvel e se levantou, as mãos e a boca manchadas das moscardíneas purpúreas, a boca curvada para baixo como uma máscara grega. Procurou Starling lá embaixo no caminho. Respirou fundo pelo na-riz e captou o cheiro limpo da floresta. Olhou para o lugar onde Starling havia desaparecido. O caminho dela parecia mais luminoso do que a floresta ao redor, como se ela ti-vesse deixado um lugar brilhante para trás.

Subiu rapidamente até o cume da encosta e desceu pelo outro lado, em direção ao estacionamento de um *camping* próximo, onde deixara sua *pick-up*. Queria sair do parque antes que Starling voltasse ao automóvel que esta-va a três quilômetros de distância, no estacionamento principal, perto da cabine do guarda que estava fechada durante a estação.

Seriam pelo menos quinze minutos antes que ela pudesse correr até o carro.

O Dr. Lecter estacionou ao lado do Mustang e dei-xou o motor ligado. Teve várias oportunidades de exami-nar o carro dela no estacionamento de uma mercearia per-to de onde Starling morava. Foi o adesivo de desconto anual para o Parque Estadual, no pára-brisa do velho Mustang de Starling, que alertou Hannibal Lecter para este lugar, e ele tinha comprado mapas do parque e o explora-do à vontade.

O carro estava trancado, rebaixado sobre as rodas largas como se estivesse dormindo. O carro dela o diverti-a. Era ao mesmo tempo extravagante e terrivelmente efi-ciente. Na maçaneta cromada, mesmo se curvando para perto, ele não sentiu cheiro algum. Desdobrou uma haste de aço e enfiou-a na porta acima da tranca. Alarme? Sim?

Não? *Clic*. Não.

O Dr. Lecter entrou no carro, no ar que era inten-samente Clarice Starling. O volante era grosso e coberto de couro. Tinha a palavra MOMO no centro. Ele olhou para a palavra com a cabeça inclinada como a de um pa-pagaio, e seus lábios formaram as sílabas “MO MO”.

Recostou-se no banco, olhos fechados, respirando, as sobrancelhas levantadas, como se estivesse ouvindo um concerto.

Então, parecendo ter vontade própria, a ponta ro-sada de sua língua apareceu, como uma pequena cobra abrindo caminho para sair do rosto. Sem jamais alterar a expressão, como se não tivesse consciência dos próprios movimentos, ele se inclinou para a frente, encontrou pelo cheiro o volante de couro, e colocou a língua curva ao re-dor dele, envolvendo com a língua reentrâncias para os dedos na parte interna do volante. Sentiu o gosto do local lustroso, o ponto das duas horas, onde a palma da mão dela costumava se apoiar. Depois se recostou no banco, a língua de volta para onde morava, e sua boca fechada mo-veu-se como se ele saboreasse um vinho., Respirou fundo e prendeu o fôlego enquanto saía e trancava o Mustang de Clarice Starling. Não exalou, segurou-a na boca e nos pulmões até que sua velha *pick-up* estivesse fora do parque.

CAPÍTULO

54

UM VELHO AXIOMA da ciência do comportamento é que os vampiros são territorialistas, ao passo que os canibais se espalham pelo país.

A existência nômade exercia pouca atração sobre o Dr. Lecter. Seu sucesso em evitar as autoridades devia-se muito à qualidade das identidades falsas e do cuidado que tinha em mantê-las, e em seu acesso imediato ao dinheiro.

O movimento aleatório e freqüente nada tinha a ver com isso.

Com duas identidades alternativas estabelecidas há

muito, cada uma delas com crédito excelente, e mais uma terceira para lidar com veículos, ele não teve problemas em montar um ninho confortável nos Estados Unidos uma semana depois de chegar.

Escolhera Maryland, cerca de uma hora de viagem ao sul da fazenda de Mason Verger, a Muskrat Farm, e razoavelmente conveniente para a música e o teatro em Washington e Nova York.

Nada nos negócios visíveis do Dr. Lecter atraía a-tenção, e cada uma das suas identidades principais teria tido boa chance de sobreviver a uma auditoria padroniza-da. Depois de visitar um de seus cofres em Miami, ele alu-gou de um alemão, durante um ano, uma casa agradável e isolada no litoral de Chesapeake. Usando dois telefones num apartamento barato na Filadélfia, que repassavam as

ligações diretamente, ele era capaz de obter boas referên- cias sempre que necessárias, sem deixar o conforto de sua casa nova.

Sempre pagando em dinheiro, rapidamente obteve com cambistas ingressos para a sinfônica e para as apre-sentações de balé e ópera que lhe interessavam.

Dentre as características desejáveis da casa nova es-tava uma generosa garagem dupla com uma oficina, e bo-as portas que se abriam verticalmente. Ali o Dr. Lecter estacionava seus dois carros, uma *pick-up* Chevrolet de seis anos, com uma estrutura tubular e um torno preso à car-roceria, que ele comprou de um bombeiro e pintor de pa-redes, e um seda Jaguar turbinado, para o qual ele fez um *leasing numa.* empresa de Delaware. A *pick-up* oferecia uma aparência diferente de um dia para o outro. O equipamen-to que ele podia colocar na carroceria ou na estrutura tu-bular incluía uma escada de pintor, tubos, PVC, uma chur-rasqueira e um tanque de butano.

Com os arranjos domésticos adiantados, ele se deu ao luxo de uma semana de musica e museus em Nova York, e mandou catálogos das exposições mais interessan-tes para seu primo, o grande pintor Balthus, na França.

Na Sothebys em Nova York comprou dois excelen-tes instrumentos musicais, ambos raridades. O primeiro era um cravo flamengo do final do século XVIII, quase idêntico ao Dulkin de 1755 do Smithsonian, com um te-clado superior para permitir a execução de Bach. O ins-trumento era um digno sucessor do *gravicembalo* que ele tivera em Florença. A outra compra foi um antigo instru-mento eletrônico, um *theremin,* construído nos anos 30

pelo próprio professor Theremin. Há muito tempo o *the- remin* tinha fascinado o Dr. Lecter. Na infância ele havia construído um. É um instrumento tocado com os gestos das mãos vazias num campo eletrônico. Através do gesto é possível evocar a voz do instrumento.

Agora ele estava totalmente acomodado e podia se divertir...

Depois da manhã passada na floresta o Dr. Lecter voltou para casa, nesse agradável refugio no litoral de Maryland. A visão de Clarice Starling correndo sobre as folhas caídas no caminho estava bem estabelecida no pa-lácio de memória da sua mente. Para ele é uma fonte de prazer, alcançável em menos de um segundo a partir do saguão. O Dr. Lecter vê Starling correndo, e tal é a quali-dade de sua memória visual que ele pode procurar novos detalhes na cena, pode

ouvir os cervos de cauda branca, grandes e saudáveis, saltando encosta acima, passando por ele, pode ver os calos nos cotovelos dos animais, um car-rapicho de capim no pêlo da barriga do que está mais pró-ximo. Guardou essa lembrança numa sala ensolarada do palácio, o mais distante possível do pequeno cervo ferido...

De novo em casa, de novo em casa, a porta da ga-ragem bancando com um zumbido quieto atrás de sua *pick-up,*

Quando a porta se levantou de novo ao meio-dia, o Jaguar preto saiu, levando o doutor vestido para a cidade.

O Dr. Lecter gostava muito de fazer compras. Foi diretamente para a Hammacher Schlemmer, fornecedora de acessórios finos para o lar, esportes e equipamento de culinária, e ali se demorou. Ainda com o clima da floresta, usou uma trena de bolso para verificar as dimensões de três grandes cestos de piquenique, todos de vime laquea-do, com tiras de couro costuradas e sólidos fechos de la- tão. Por fim, escolheu o cesto de tamanho médio, já que só precisava levar coisas para uma pessoa.

Dentro do cesto havia uma garrafa térmica, copos, louça forte e talheres de aço inoxidável. O cesto já vinha com os acessórios e você era obrigado a comprá-los. Em paradas sucessivas na Tiffany e na Christofle, o doutor pôde substituir os pesados pratos de piquenique por por-celana francesa Gien pintada com padrões campestres, com folhas e pássaros. Na Christofle obteve um conjunto de talheres de prata do século XIX, da sua preferência, em padrão Cardinal, com a marca do fabricante estampada na concha das colheres, e o rabo-de-rato de Paris na parte inferior dos cabos. Os garfos eram bastante curvos, com dentes bem espaçados, e as facas tinham uma empunha-dura agradável e comprida. As peças se ajustavam à mão como uma boa pistola de duelo. Em termos de cristais, o doutor ficou em dúvida quanto aos tamanhos para seus copos de aperitivo, e escolheu um *ballon* chaminé para co-nhaque, mas quanto aos copos de vinho não havia dúvida.

O doutor escolheu Riedel, que comprou em dois tama-nhos com bastante espaço para o nariz dentro da borda.

Na Christofle também encontrou um serviço de mesa em Unho branco, e maravilhosos guardanapos de damasco, com uma minúscula rosa de damasco, como uma gota de sangue, bordada no canto. O Dr. Lecter pen-sou em se fartar

de damasco, e comprou seis guardanapos, para que estivesse sempre equipado, à medida que as pe- ças tivessem de ser lavadas.

Comprou dois bons fogareiros a gás portáteis, de 35 mil BTUs, do tipo que restaurantes usam para cozinhar à mesa, uma exótica frigideira de cobre e uma *fait-tout* de cobre para preparar molhos, ambas feitas para a Dehillerin de Paris, e dois batedores. Não pôde encontrar facas de cozinha de aço-carbono, que ele preferia ao aço inoxidá-vel, também não conseguiu encontrar algumas das facas de uso especial que ele fora forçado a deixar na Itália.

A última parada foi numa empresa de suprimentos médicos, não muito longe do Mercy General Hospital, onde encontrou após barganha uma serra de autópsia S-tryker quase nova em folha, que podia ser presa muito bem no cesto de piquenique, no lugar onde antes ficariam as garrafas térmicas. Ainda estava na garantia e vinha com lâminas de uso geral e cranianas, além de uma chave cra-niana, para praticamente completar sua *batterie de cuisine.*

As portas duplas do Dr. Lecter estão abertas para o ar límpido da manhã A baía se estende cinza e prata sob a lua e as sombras móveis das nuvens. Ele serviu-se com um copo de vinho de seu novo jogo de cristal e colocou-o sobre um castiçal ao lado do cravo. O buquê do vinho se mistura ao ar salgado, e o Dr. Lecter pode desfrutá-lo sem sequer tirar as mãos do teclado.

Ele já possuiu cravos, virginais e outros antigos ins-trumentos de teclado. Prefere o som e a sensação do cra-vo; como não é possível controlar o volume das cordas tangidas por penas, a música chega como uma experiência, súbita e inteira.

O Dr. Lecter olha para o instrumento, abrindo e fechando as mãos. Aproxima-se do cravo recém-adquirido como se aproximaria de uma bela desconhecida usando uma observação leve e interessante — toca uma ária escri-ta por Henrique VIII, “Verde cresce o azevinho”.

Encorajado, ensaia a “Sonata em si bemol maior”

de Mozart. Ele e o cravo ainda não são íntimos, mas as respostas do instrumento às suas mãos lhe dizem que em breve os dois irão se unir. A brisa se eleva e as velas dan- çam, mas os olhos do Dr. Lecter estão fechados para a luz, seu rosto está erguido e ele toca. Bolhas voam da mão de Mischa, em forma de estrela, enquanto ela as solta com acenos na brisa acima da banheira e, quando ele ataca

o terceiro movimento, voando leve através da floresta, Cla-rice Starling corre, corre com o barulho das folhas debaixo dos pés, o barulho do vento alto nas árvores, e os cervos saltam à frente dela, um macho e duas fêmeas, saltando sobre o caminho como salta o coração. Subitamente o chão está mais frio, e os homens maltrapilhos empurram o pequeno cervo para fora da floresta, o animal está com uma flecha, esforçando-se contra a corda enrolada no pes-coço, os homens empurrando-o, ferido, para não terem de carregá-lo até o machado, e a música pára com um ruído plangente sobre a neve, o Dr. Lecter agarrando as bordas do banco de piano. Ele respira fundo, respira fundo, colo-ca as mãos no teclado, força uma frase, depois duas, que terminam em silêncio.

Ouvimos brotar dele um grito agudo e crescente que pára tão abrupto quanto a música. Ele fica sentado durante longo tempo com a cabeça inclinada sobre o te-clado. Levanta-se sem qualquer som e sai da sala. Não é

possível dizer onde ele está na casa escura. O vento de Chesapeake ganha força, chicoteia as chamas das velas até

que elas se apagam, canta através das cordas do cravo no escuro — agora uma música acidental, agora um grito fino de muito tempo atrás.

CAPÍTULO

55

EXPOSIÇÃO REGIONAL de Facas e Armas de Fogo, no auditório do Memorial de Guerra. Hectares de mesas, uma planície de armas, principalmente pistolas e fuzis de assal-to. Os fachos vermelhos de miras a *laser* piscam no teto.

Poucos verdadeiros fãs da vida ao ar livre vêm à

exposição de armas, por uma questão de gosto. Hoje em dia as armas são pretas, e as exposições de arma são sem graça, sem cor, tão sem alegria quanto a paisagem interna de muitos que as freqüentam.

Olhe para esta multidão: atarracados, forçando as vistas, irritados, gordos, de coração resinoso. Eles são o principal perigo contra o direito de um cidadão particular possuir uma arma de fogo.

As armas que preferem são armas de assalto com produção em massa, de

construção barata a partir de mol-des e destinadas a proporcionar alto poder de fogo para tropas ignorantes e destreinadas.

Em meio às barrigas de cerveja, ao branco frouxo e pastoso dos atiradores que vivem longe do sol, movia-se o Dr. Hannibal Lecter, imperialmente esguio. As armas de fogo não o interessavam. Foi diretamente para o mostruá-rio do principal mercador de facas da exposição.

O nome do mercador é Buck, e ele pesa 160 quilos.

Buck tem um monte de espadas de fantasia e cópias de itens medievais e bárbaros, mas tem as melhores facas de verdade, e também cassetetes, e num instante o Dr. Lecter identificou a maioria dos itens que estavam na sua lista, coisas que ele tivera de deixar na Itália.

— Posso ajudá-lo? — Buck tem bochechas amigá-veis e uma boca amigável, e olhos malignos.

— Sim. Vou querer aquela Harpia, por favor, e uma Spyderco reta, serrilhada, com lâmina de quatro pole-gadas, e aquela de esfolar, ali atrás.

Buck juntou o material.

— Quero uma serra boa para caça. Não esta, a boa.

Deixe-me ver aquele cassetete de couro chato, o preto...

— Dr. Lecter avaliou a curvatura do cabo. — Vou querer este.

— Mais alguma coisa?

— Sim. Gostaria de uma Spyderco Civilian, não es-tou vendo aqui.

— Não é muita gente que conhece. Eu nunca te-nho mais de uma no estoque.

— Só preciso de uma.

— São duzentos e vinte dólares, posso vendê-la pa-ra o senhor por cento e noventa com a caixa.

— Ótimo. O senhor tem facas de cozinha de aço-carbono?

Buck balançou sua cabeça enorme.

— O senhor terá de encontrar isso numa loja de usados. É onde compro as minhas. É possível amolar uma dessas com a parte de baixo de um prato.

— Faça um pacote e estarei de volta para pegá-lo dentro de alguns minutos. Não era comum que pedissem a Buck que fizesse um pacote, e ele o fez com as sobran-celhas erguidas.

Tipicamente, essa exposição de armas não era uma exposição, era um bazar. Havia algumas mesas com obje- tos empoeirados da Segunda Guerra Mundial, que come- çavam a parecer antiquíssimos. Era possível comprar fuzis M-l, máscaras de gás com o vidro dos óculos craquelado, cantis. Havia os estandes de sempre com objetos nazistas.

Era possível comprar um verdadeiro cartucho de gás Zy-klon B, se isso fosse de seu gosto.

Não havia praticamente coisa alguma das guerras da Coréia ou do Vietnã, e absolutamente nada da Tempesta-de no Deserto.

Muitos dos compradores usavam roupa camuflada, como se só estivessem brevemente de volta das frentes de combate para comparecer à exposição de armas, e havia mais roupas camufladas à venda, inclusive a vestimenta completa para um atirador de elite ou um arqueiro caça-dor que precisasse se esconder inteiramente.

Uma grande subdivisão da exposição era dedicada ao equipamento para caça com arcos.

O Dr. Lecter estava examinando essa vestimenta quando percebeu uniformes por perto. Pegou uma luva de arqueiro. Virando-se para segurar a marca do fabricante diante da luz, pôde ver que os dois policiais ao seu lado eram do Departamento de Caça e Pesca da Virgínia, que mantinham um estande de conservação da natureza na exposição.

— Donnie Barber— disse o mais velho dos dois guardas, apontando com o queixo.— Se alguma vez você

levá-lo ao tribunal, me avise. Eu adoraria tirar aquele filho da puta da floresta de

uma vez por todas. — Os dois esta-vam observando um homem de cerca de trinta anos na outra extremidade da mostra de arcos. Ele estava de frente para os dois, assistindo a um vídeo. Donnie Barber usava roupa camuflada, a blusa amarrada na cintura. Usava uma camiseta caqui, sem manga, para mostrar as tatuagens, e um boné de beisebol virado ao contrário.

O Dr. Lecter afastou-se devagar dos policiais, o-lhando para vários objetos expostos. Parou num mostruá-rio de miras a *laser* para pistolas, a um corredor de distân-cia, e através de uma treliça cheia de coldres pendurados, observou o vídeo que atraía a atenção de Donnie Barber.

Era um vídeo sobre a caça de cervos com arco e flecha.

Aparentemente alguém fora da câmara estava a-tormentando um cervo ao longo de uma cerca, através de um terreno coberto de mato, enquanto o caçador pegava o arco. O caçador estava atento a qualquer som. Sua respi-ração ficou mais rápida. Ele sussurrou para o microfone.

— O negócio não vai ficar melhor do que está.

O cervo saltou quando a flecha o acertou, e bateu duas vezes na cerca antes de pular por cima do arame e se afastar correndo.

Olhando, Donnie Barber sacudiu-se e rosnou para a flechada.

Agora o caçador do vídeo estava para esfolar o cer-vo. Começou pelo que ele chamou de “ANNus”, Donnie Barber parou o vídeo e voltou repetida-mente para o momento da flechada, até que o concessio-nário falou com ele.

— Foda-se, babaca— disse Donnie Barber. — Eu não compraria merda nenhuma de você.

No estande ao lado ele comprou algumas flechas amarelas, de pontas largas e com uma barbatana fina co-mo navalha atravessando a ponta. Havia uma urna de concurso e, com sua compra, Donnie Barber recebeu um cupom. O prêmio era uma licença de dois dias para caçar cervos.

Donnie Barber preencheu seu cupom e enfiou-o na urna. Ficou com a caneta do vendedor enquanto desapa-recia com o pacote comprido no meio da multidão de ra-pazes vestidos com roupas camufladas.

Assim como os olhos de um sapo captam movi-mento, os olhos do vendedor percebiam qualquer pausa na multidão que passava. O homem na frente dele agora estava absolutamente imóvel.

— Esta é a sua melhor besta? — perguntou o Dr.

Lecter ao vendedor.

— Não. — O homem pegou uma caixa debaixo do balcão. — Esta é a melhor. Gosto mais da recurva do que da composta, se você tiver de carregá-la a tiracolo. Tem um molinete que você pode acionar com uma furadeira elétrica ou usar no manual. O senhor sabe que não pode usar uma besta para caçar cervos na Virgínia a não ser que seja deficiente? — disse o homem.

— Meu irmão perdeu um braço e está ansioso para matar alguma coisa com o outro — disse o Dr. Lecter.

— Ah, saquei.

Em cinco minutos, o doutor comprou uma besta excelente e duas dúzias de quadrelos, as flechas curtas e grossas usadas com esse tipo de arma.

— Faça um pacote — disse o Dr. Lecter.

— Preencha este cupom e talvez o senhor ganhe uma caça ao cervo. Licença de dois dias — disse o vende-dor.

O Dr. Lecter preencheu o cupom para o sorteio e enfiou-o na urna. Assim que o vendedor começou a falar com outro cliente, o Dr. Lecter virou-se de novo para ele.

— Irmão! — disse ele. — Esqueci de colocar o número do meu telefone no cupom do sorteio. Posso?

— Claro, vá em frente.

O Dr. Lecter tirou a tampa da urna e pegou os dois cupons de cima. Acrescentou mais uma informação falsa ao seu e olhou longamente para a tira que estava embaixo, piscando uma vez, como uma máquina fotográfica sendo acionada.

CAPÍTULO

56

A SALA DE MUSCULAÇÃO de Muskrat Farm é toda em pre-to e cromado *high-tech,* com um ciclo completo de máqui-nas Nautilus, pesos avulsos, equipamento de aeróbica e um bar de sucos.

Barney praticamente terminara sua sessão, ia esfri-ando numa bicicleta, quando percebeu que não estava so-zinho. Margot Verger tirava seus agasalhos no canto. Usa-va *short* elástico e uma camiseta curta por cima de um sutiã

esportivo, e agora acrescentou um cinturão para levanta-mento de peso. Barney ouviu ruído de pesos no canto.

Ouviu-a respirando enquanto fazia aquecimento.

Barney estava pedalando a bicicleta sem qualquer resistência, enxugando a cabeça com uma toalha, quando ela se aproximou entre duas seqüências.

Margot olhou para os braços dele, olhou para os dela. Eram praticamente iguais.

— Quanto você faz no supino? — perguntou ela.

— Não sei.

— Acho que sabe.

— Uns cento e sessenta e cinco, mais ou menos.

— *Cento e sessenta e cinco?* Não creio, garotão. Não creio que consiga levantar cento e sessenta e cinco no su-pino.

— Talvez você esteja certa.

— Tenho uma nota de cem dólares que diz que vo-cê não consegue levantar cento e sessenta e cinco.

— Aposta contra o quê?

— Contra cem dólares, que diabo você pensa? E

vou ficar de olho. Barney encarou-a e franziu a testa elás-tica.

— Certo.

Os dois colocaram as placas. Margot contou as do lado que Barney havia colocado, como se ele pudesse en-ganá-la. Ele reagiu contando com cuidado elaborado as que Margot havia colocado.

Deitado no banco, agora, com Margot de pé junto à

sua cabeça, usando os *shorts* elásticos. O ponto de junção entre as coxas e o abdome da mulher era cheio de nós como uma moldura barroca, e seu torso maciço parecia chegar quase ao teto.

Barney acomodou-se, sentindo o banco nas costas.

As pernas de Margot cheiravam a ungüento frio. As mãos dela pousavam de leve sobre a barra, unhas pintadas de coral, mãos elegantes para ser tão fortes.

— Pronto?

— Sim. — Barney empurrou o peso em direção ao rosto dela, que estava curvada sobre ele.

Não foi muito difícil. Ele pousou o peso no suporte à frente de Margot. Ela tirou o dinheiro da bolsa de ginás-tica.

— Obrigado — disse Barney.

— Eu faço mais agachamentos do que você — foi só o que ela disse.

— Eu sei.

— Como sabe?

— Eu posso mijar de pé.

A nuca maciça dela ficou ruborizada.

— Eu também.

— Cem pratas? — perguntou Barney.

— Me faça uma vitamina — disse ela.

Havia uma tigela de frutas e nozes no bar. Enquan-to Barney preparava vitaminas no liquidificador, Margot pegou duas nozes e quebrou-as na mão.

— Você pode fazer só com uma noz, sem ter outra contra a qual espremer? — perguntou Barney. Ele que-brou dois ovos na borda do liquidificador e os jogou den-tro.

— Você consegue? — perguntou Margot e entre-gou-lhe uma noz. A noz estava na mão aberta de Barney.

— Não sei. — Ele limpou o espaço à sua frente sobre o balcão e uma laranja rolou para o lado de Margot.

— Opa, desculpe.

Ela pegou-a no chão e recolocou na tigela.

O punho grande de Barney fechou-se. Os olhos de Margot foram do punho dele para o rosto, depois para um e para outro, enquanto o pescoço dele ficava encordoado com a força, o rosto vermelho. Ele começou a tremer, de seu punho saiu um som fraco, estalado. Margot ficou per-plexa, ele moveu o punho trêmulo para cima do liquidifi-cador e o barulho ficou mais alto. Uma gema e uma clara de ovo caíram no liquidificador. Barney ligou o aparelho e lambeu as pontas dos dedos. Margot riu, mesmo sem que-rer.

Barney colocou as vitaminas em copos. Vistos da outra extremidade da sala, eles poderiam ser praticantes de luta-livre ou halterofilistas de duas divisões diferentes.

— Parece que você *precisa* fazer tudo que os ho-mens fazem, não é? — perguntou ele.

— Não algumas das coisas idiotas.

— Gostaria de entrar para o Clube do Bolinha? O

sorriso de Margot desapareceu.

— Não me venha com piadinhas machistas para cima de mim, Barney. Ele balançou a cabeça enorme.

— Me desafie.

CAPÍTULO

57

NA CASA DE HANNIBAL OS arranjos de objetos cresciam, enquanto dia após dia Clarice Starling tateava, abrindo caminho pelos corredores do gosto do Dr. Lecter: Rachel DuBerry era um pouco mais velha do que Dr. Lecter, e o conhecera quando atuava como patrona da Sinfônica de Baltimore. Era muito bonita, como Starling podia ver nas fotos da *Vogue* da época. Isso ocorreu dois maridos ricos atrás. Agora ela era a Sra. Franz Rozencranz, da Tecela-gem Rozencranz. Sua secretária social completou a liga- ção.

— Agora simplesmente mando o dinheiro para a orquestra, minha cara. Estamos muito distantes para que eu me envolva ativamente — disse a Starling a Sra. Ro-zencranz, *née* DuBerry. — Se é alguma questão sobre im-postos, posso lhe dar o número de nossos contadores.

— Sra. Rozencranz, quando participava da comis-são da filarmônica e da Westover School, a senhora co-nheceu o Dr. Hannibal Lecter.

Um silêncio considerável.

— Sra. Rozencranz?

— Acho melhor eu pegar o seu número e ligar para você de volta através da mesa telefônica do FBI.

— Sem dúvida.

Quando a conversa foi retomada:

— Sim, conheci Hannibal Lecter socialmente há

anos, e desde então a imprensa acampou na minha porta.

Ele era um homem extraordinariamente encantador, abso- lutamente singular. Do tipo que deixava uma garota arre-piando, se é que sabe o que quero dizer. Levei anos para acreditar no outro lado dele.

— Alguma vez ele lhe deu algum presente, Sra. Ro-zencranz?

— Em geral eu recebia um bilhete no aniversário, mesmo depois de ele estar sob custódia. Alguma vezes um presente, antes de ficar incomunicável. Ele dá os presentes *mais* exóticos.

— E o Dr. Lecter deu o famoso jantar de aniversá-rio para a senhora. Com os anos dos vinhos combinando com sua data de nascimento.

— Sim — disse ela. — Susie disse que foi a festa mais notável desde o Baile Preto e Branco de Truman Ca-pote.

— Sra. Rozencranz, se tiver notícias dele, poderia por favor ligar para o número do FBI que vou lhe dar?

Outra coisa que gostaria de lhe perguntar *é* se tem alguma data que seja especial para o Dr. Lecter. E também preciso pedir sua data de nascimento.

Um gelo distinto ao telefone.

— Imagino que esta informação lhe seja facilmente disponível.

— Sim, senhora, mas há algumas incoerências entre as datas de seu seguro social, sua certidão de nascimento e sua carteira de motorista. Na verdade, nenhuma delas é

igual à outra. Desculpe, mas nós estamos rastreando enco-mendas de mercadorias de alto nível com relação aos ani-versários dos notórios conhecidos do Dr. Lecter.

— “Notórios conhecidos”. Agora eu sou uma “no-tória conhecida”, que termo medonho. — A Sra. Rozen- cranz deu um risinho. Ela era de uma geração de coque-téis e cigarro, e tinha voz profunda.

— Agente Starling, quantos anos tem?

— Trinta e dois, Sra. Rozencranz. Farei trinta e três dois dias antes do Natal.

— Só direi, com toda a gentileza, que espero que você tenha uns dois “notórios conhecidos” na sua vida.

Eles realmente ajudam a passar o tempo.

— Sim, madame, e a sua data de nascimento?

A Sra. Rozencranz finalmente deu a informação correta, caracterizando-a como “a data com a qual o Dr.

Lecter é familiarizado”.

— Se é que posso perguntar, senhora, eu posso en-tender a mudança no ano, mas por que no mês e no dia?

— Eu queria ser de Virgem, combina melhor com o Sr. Rozencranz. Na época estávamos namorando.

As pessoas que o Dr. Lecter conhecera enquanto morava numa jaula viam-no de um modo um tanto dife-rente: Starling resgatara Catherine, filha da ex-senadora Ruth Martin, do porão infernal da casa do assassino serial Jame Gumb. E, se não tivesse sido derrotada na eleição seguinte, a senadora Martin poderia ter feito muito por Starling. Foi calorosa com ela ao telefone, deu-lhe notícias de Catherine, e quis saber notícias dela.

— Você nunca me pediu nada, Starling. Se algum dia quiser um emprego...

— Obrigada, senadora Martin.

— E quanto àquele desgraçado do Lecter, não, eu teria notificado ao Bureau, claro, se tivesse ouvido falar dele. E colocarei o seu número aqui, perto do telefone.

Charlsie sabe como cuidar da correspondência. Espero não ter notícias dele. A última coisa que aquele sacana fa-lou para mim em Memphis foi *“eu adoro a sua roupa”*. Ele fez a coisa mais cruel que alguém já me fez, sabe o que foi?

— Sei que ele atormentou a senhora.

— Quando Catherine estava desaparecida, quando estávamos desesperados e ele disse que possuía informa- ções sobre Jame Gumb. Eu estava implorando e ele me perguntou, ele olhou no meu rosto com aqueles olhos de cobra e perguntou se eu havia amamentado Catherine.

Queria saber se eu havia *amamentado* com meus seios. Eu disse que sim. E então ele disse: “trabalho de dar sede, não é?” Aquilo simplesmente trouxe tudo de volta, eu se-gurando-a quando ela era bebê, com sede, esperando que ela ficasse cheia, aquilo me rasgando mais do que qualquer coisa que eu já tivesse sentido, e ele *simplesmente sugou minha dor.*

— De que tipo era, senadora Martin?

— De que tipo... perdão?

— Que tipo de roupa a senhora estava vestindo, a que agradou ao Dr. Lecter?

— Deixe-me pensar... um conjunto Givenchy azul-marinho, muito bem cortado — disse a senadora Martin, um pouco incomodada com as prioridades de Starling. —

Quando você mandá-lo de novo para a cadeia, venha me ver, Starling, vamos cavalgar um pouco.

— Obrigada, senadora, lembrarei disso.

Dois telefonemas, cada qual abordando um lado do Dr. Lecter, um mostrava seu encanto, o outro suas esca-mas. Starling anotou: *Datas dos vinhos combinando com aniversários,* coisa que já estava em seu pequeno programa. Fez uma anotação para acrescentar *Givenchy* à lista de mercadorias caras. Co-mo um ultimo pensamento anotou *amamentação ao seio,* sem qualquer motivo que pudesse imaginar, e não havia tempo para pensar nisso porque seu telefone vermelho tocava.

— É da Ciência do Comportamento? Estou ten-tando entrar em contato com Jack Crawford. Aqui é o xerife Dumas, do condado de Clarenton, Virgínia.

— Xerife, sou assistente de Jack Crawford. Ele está

no tribunal hoje. Eu posso ajudá-lo. Sou a agente especial Starling.

— Preciso falar com Jack Crawford. Temos um su-jeito no necrotério que foi cortado para ser *comido,* estou falando com o departamento certo?

— Sim, senhor. Aqui é a comi... Sim, senhor, sem dúvida. Se me disser exatamente onde está, vou para aí e alertarei o Sr. Crawford assim que ele terminar o testemu-nho.

O Mustang de Starling queimou pneu suficiente em segunda marcha para fazer o fuzileiro naval que montava guarda em Quantico franzir a testa para ela, balançar o dedo e se controlar para não rir.

CAPÍTULO

58

O NECROTÉRIO do condado de Clarenton, no norte da Virgínia, fica ligado ao hospital através de um corredor curto com exaustor no teto e largas portas duplas em cada extremidade, para facilitar o acesso dos mortos. Um poli-cial do xerife estava parado diante dessas portas para im-pedir a entrada dos cinco repórteres e cinegrafistas que se apinhavam em volta.

Atrás dos repórteres, Starling ficou na ponta dos pés e levantou o distintivo bem alto. Quando o policial viu e confirmou com a cabeça, ela mergulhou através do gru-po. *Flashes* espocaram e uma luz para filmagem se acendeu atrás dela.

Silêncio na sala de autópsia, apenas o barulho de instrumentos colocados numa bandeja de metal.

O necrotério do condado tem quatro mesas de au-tópsia, de aço inoxidável, cada qual com sua própria ba-lança e sua pia. Duas das mesas estavam cobertas, os len- çóis estranhamente deformados pelos restos que havia por baixo. Uma necropsia de rotina do hospital estava aconte-cendo na mesa mais próxima das janelas. O patologista e sua assistente faziam algo delicado e não ergueram a cabe- ça quando Starling entrou.

O guincho fino de uma serra elétrica preencheu a sala, e num instante o patologista colocou cuidadosamente de lado o tampo de um crânio, levantou um cérebro nas mãos em concha e em seguida colocou-o na balança. Ele sussurrou o

peso para o microfone que usava, examinou o órgão no prato da balança, cutucou-o com um dedo enlu-vado. Quando viu Starling por cima do ombro de sua as-sistente, largou o cérebro na cavidade aberta do peito do cadáver, jogou as luvas de borracha numa lata de lixo co-mo um garoto atirando tiras de elástico e rodeou a mesa até ela.

Starling achou meio arrepiante apertar a mão dele.

— Clarice Starling, agente especial do FBI.

— Sou o Dr. Hollingsworth, legista, patologista hospitalar, cozinheiro chefe e lavador de garrafas. — Hol-lingsworth tinha olhos azuis luminosos, brilhantes como ovos bem descascados. Falou com a assistente sem afastar os olhos de Starling. — Marlene, passe um *bip* para o xeri-fe e para a UTI cardíaca e descubra aqueles restos, por favor.

Segundo a experiência de Starling, os legistas cos-tumavam ser inteligentes, mas com freqüência eram tolos e incautos na conversa casual e gostavam de contar vanta-gem. Hollingsworth acompanhou o olhar de Starling.

— Está se perguntando sobre aquele cérebro? Ela assentiu e mostrou as mãos abertas para ele.

— Nós não somos descuidados aqui, agente espe-cial Starling. É um favor que eu faço ao papa-defuntos não colocando o cérebro de volta no crânio. Neste caso eles vão ter o caixão aberto e um velório demorado, e não é possível impedir que o material do cérebro escorra para o travesseiro, por isso enchemos o crânio com alguma coisa e fechamos de volta, e coloco uma trava em cima das duas orelhas, para que a parte superior do crânio não escorregue. A família recebe o corpo inteiro de volta, todo mundo fica feliz.

— Entendo.

— Diga se entende *aquilo.* — Atrás de Starling, a assistente do Dr. Hollingsworth havia retirado os lençóis que cobriam as mesas de autópsia.

Starling virou-se e viu tudo numa única imagem que perduraria enquanto vivesse. Lado a lado, nas mesas de aço inoxidável, estavam um cervo e um homem. Do cervo se projetava uma flecha amarela. A flecha e as ga-lhadas do cervo tinham levantado a cobertura do lençol como se fossem paus de uma

barraca.

O homem tinha uma flecha amarela, mais curta e mais grossa, atravessando a cabeça de lado a lado, sobre as pontas das orelhas. Ainda usava uma peça de vestuário, um boné de beisebol virado ao contrário, preso à cabeça pela flecha.

Olhando-o, Starling sentiu uma crise absurda de ri-so, e reprimiu-a tio rápido que poderia parecer perplexi-dade. A posição semelhante dos dois corpos, de lado em vez de na posição anatômica, revelava que tinham sido corta-dos.de modo quase idêntico, o lombo e os rins re-movidos com precisão e economia junto com os peque-nos filés que ficam abaixo da coluna vertebral.

Os pêlos de cervo sobre aço inoxidável. A cabeça elevada pelas galhadas sobre o bloco de metal que servia de travesseiro, a cabeça virada e o olho branco como se tentasse olhar para trás, para a flecha brilhante que o havia matado. Deitada de lado sobre o próprio reflexo naquele lugar de ordem obsessiva, a criatura parecia mais selva-gem, mais estranha aos homens do que um cervo jamais pareceu na floresta.

Os olhos do homem estavam abertos, um pouco de sangue saía de seus condutos lacrimais como se fosse cho-ro.

— É estranho vê-los juntos — disse o Dr. Hol-lingsworth. — Os corações pesavam exatamente a mesma coisa. — Ele olhou para Starling e viu que ela estava bem.

— Uma diferença no homem é que dá para ver onde as costelas curtas foram separadas da coluna e os pulmões puxados por trás. Quase parecem asas, não é?

— A Águia Sangrenta — murmurou Starling, de-pois de pensar um momento.

— Nunca vi isso antes.

— Nem eu — disse Starling.

— Há um termo para isso? De que foi que você

chamou?

— Águia Sangrenta. Aparece na literatura em Quantico. É um costume sacrificai

nórdico. Cortar através das costelas curtas e puxar os pulmões para fora, amassá-los para fazer com que pareçam asas. Havia um neoviking fazendo isso em Minnesota nos anos 30.

— Você vê muito disso... não quero dizer *disso,* mas desse tipo de coisa.

— Algumas vezes sim.

— Está um pouco fora da minha linha. Nós rece-bemos mais assassinatos comuns... pessoas que levam tiro ou facada... mas quer saber o que acho?

— Gostaria muito, doutor.

— Acho que o homem... o documento de identida-de diz que ele se chama Donnie Barber... matou o cervo ilegalmente ontem, um dia antes do início da temporada; sei que foi então que ele morreu. A flecha combina com o resto de seu equipamento de caça com arco. Ele estava cortando o animal às pressas. Eu não fiz teste de antígeno no sangue nas mãos dele, mas é sangue de cervo. Ele só ia pegar o que os caçadores de cervo chamam de costado, e começou a fazer um serviço às pressas, esse corte peque-no e serrilhado aqui. Em seguida teve uma grande surpre-sa, esta flecha através da cabeça. Da mesma cor, mas um tipo diferente de flecha. Sem chanfro na parte de trás. Vo-cê reconhece?

— Parece um quadrelo de besta — disse Starling.

— Uma segunda pessoa, talvez a pessoa com a bes-ta, terminou de retalhar o cervo, fazendo um serviço mui-to melhor, e depois, por Deus, fez o mesmo com o ho-mem. Olhe com que precisão a pele está refletida aqui, como as incisões são *decisivas.* Nada é desperdiçado ou perdido. Michael DeBakey não poderia fazer melhor. Não há qualquer sinal de interferência sexual em qualquer dos dois. Eles simplesmente foram cortados para servir como comida.

Starling tocou os lábios com os nós dos dedos. Por um segundo o patologista pensou que ela estava beijando um amuleto.

— Dr. Hollingsworth, os fígados estavam faltando?

Houve um tempo pequeno antes que ele respon-desse, olhando por cima dos óculos.

— O fígado do *cervo* está faltando. Aparentemente o fígado do Sr. Barber não era grande coisa. Foi parcial-mente tirado e examinado, há uma incisão ao longo da veia porta. O fígado tem cirrose e é descolorido. Continua no corpo, gostaria de ver?

— Não, obrigada. E quanto ao timo?

— A moleja, sim, está faltando nos dois casos. A-gente Starling, ninguém disse o nome ainda, disse?

— Não — replicou Starling —, ainda não.

Veio um sopro de ar da porta e um homem esguio e abatido, com paletó de *tweed* esporte e calça caqui, ficou parado junto à porta.

— Xerife, como vai o Carleton? — perguntou Hol-lingsworth. — Agente Starling, este é o xerife Dumas. O

irmão do xerife está lá em cima, na UTI cardíaca.

— Ele está se segurando. Dizem que continua está-vel, que ele está "protegido", o que quer que isso signifi-que. — Em seguida, o xerife gritou para fora. — Entre aqui, Wilburn.

O xerife apertou a mão de Starling e apresentou o outro homem.

— Este é o policial Wilburn Moody, ele é um guar-da-caça.

— Xerife, se o senhor quiser ficar perto de seu ir-mão, nós poderíamos subir — disse Starling.

O xerife Dumas balançou a cabeça.

— Eles só vão me deixar vê-lo daqui a uma hora e meia. Sem ofensa, moça, mas eu mandei chamar Jack Crawford. Ele vem?

— Ele está retido no tribunal, estava no banco de testemunhas quando chegou seu telefonema. Espero que tenhamos notícias dele em breve. Nós realmente aprecia-mos que o senhor tenha telefonado tão rápido.

— O velho Crawford foi meu professor na Aca-demia Nacional de Polícia em Quantico, há milênios. É

um sujeito incrível. Se ele mandou você, deve saber o que está fazendo. Quer continuar?

— Por favor, xerife.

O xerife pegou um bloco de anotações no bolso do paletó.

— O indivíduo aqui com uma flecha na cabeça é

Donnie Leo Barber, branco, trinta e dois anos, reside num *trailer* no Trails End Park, em Cameron. Que eu saiba, não tem emprego. Foi expulso da Força Aérea há quatro anos.

Tem uma carcaça de avião e aluga o motor com a FAA Já

foi mecânico de avião. Já pagou multa por disparar arma de fogo nos limites da cidade, pagou multa por invadir área proibida na última temporada de caça. Admitiu ser culpado de caçar cervos no condado de Summit. Quando foi isso, Wilburn?

— Há duas temporadas ele conseguiu a licença de volta. O sujeito é conhecido do departamento. Não se incomoda em procurar a caça depois de atirar. Se ela não cair, ele só espera outra e... uma vez...

— Conte o que você encontrou hoje, Wilburn.

— Bom, eu estava indo pela estrada rural 47, mais ou menos um quilômetro e meio a oeste da ponte, por volta das sete desta manhã quando o velho Peckman sina-lizou para eu parar. Ele estava respirando com dificuldade e segurando o peito. Ele só conseguia abrir e fechar a bo-ca e apontar para o mato. Eu andei, há... não mais do que cento e cinqüenta metros na mata fechada, e ali estava es-se tal de Barber, esparramado de encontro a uma árvore com uma flecha atravessada na cabeça e aquele cervo ali, também flechado. Eles estavam mortos pelo menos desde ontem.

— Ontem de manhã cedo, eu diria, pela temperatu-ra — disse o Dr. Hollingsworth.

— Bom, a temporada só abriu *esta* manhã— disse o guarda-caça. — Esse tal de Donnie Barber tinha um equi-pamento de subir em árvore, que ele ainda não havia montado. Parecia que tinha ido para lá ontem, se preparar para hoje, ou então foi caçar ilegalmente. Não sei por que outro motivo ele levaria o arco, se estava só preparando o lugar. E aí veio esse belo cervo e ele simplesmente não resistiu. Já vi gente fazer isso um monte de vezes. Esse tipo de comportamento é tão comum quanto rastros de porcos. E aí o outro pegou ele enquanto ele estava cor-tando o bicho. Não consegui saber nada pelos rastros, ca-iu uma chuva tão forte que a trilha simplesmente desapa-receu...

— Foi por isso que tiramos algumas fotos e retira-mos os corpos — disse o xerife Dumas. — O velho Peckman é dono da floresta. Esse tal de Donnie tinha uma licença legítima de caça, para começar hoje e durando dois dias, com a assinatura de Peckman. Peckman sempre vendia uma licença por ano, e ele anunciava, tinha alguns corretores. Donnie também tinha uma carta no bolso de trás, dizendo *Parabéns, você ganhou uma licença de caça ao cervo.*

Esses papéis estão molhados, Srta. Starling. Nada contra os seus colegas, mas estou me perguntando se vocês não deveriam fazer a coleta de digitais no seu laboratório. Nas flechas também, o negócio todo estava molhado quando chegamos lá. Tentamos não tocar em nada.

— A senhorita quer levar essas flechas, agente Star-ling? Como gostaria que eu as tirasse? — perguntou o Dr.

Hollingsworth.

— Se o senhor segurá-las com retratores e serrar junto à pele do lado da pena e puxar o resto, eu mando para o meu departamento — disse Starling, abrindo sua maleta.

— Não creio que ele tenha lutado, mas você quer raspas internas das unhas?

— Eu preferiria cortar as unhas para fazer teste de DNA Não preciso de que sejam identificadas por dedo, mas separe as de cada mão, por favor, doutor.

— Vocês podem fazer PCR-STR?

— Eles podem, no laboratório principal. Teremos alguma coisa para o senhor, xerife, em três ou quatro dias.

— Vocês podem identificar aquele sangue de cer-vo?— perguntou o guarda Moody.

— Não, só podemos dizer se é sangue animal —disse Starling.

— E se encontrassem a carne de cervo na geladeira de alguém — sugeriu o guarda Moody. — Vocês gostari-am de saber se a carne veio daquele cervo, não é? Algu-mas vezes *nós* precisamos identificar cervos através do sangue para um processo de carne ilegal. Cada cervo é

diferente do outro. A gente não pensa nisso, não é? Nós precisamos mandar o sangue para Portland, Oregon, para o Departamento de Caça e Pesca do Oregon. Eles podem dizer, se a gente esperar o suficiente. Eles voltam com um

"Este é o cervo número 1", ou então chamam de "cervo A", com o número do caso, você sabe, cervos não têm nome. Isso *nós* sabemos.

Starling gostou do velho rosto de Moody, marcado pelo tempo.

— Vamos chamar este de "cervo fulano de tal", guarda Moody. É útil saber sobre o Oregon. Talvez te-nhamos de fazer alguns negócios com eles, obrigado —disse ela, e sorriu para ele até que ele ruborizou e ficou remexendo o chapéu.

Quando ela curvou a cabeça para remexer na bolsa, o Dr. Hollingsworth examinou-a pelo prazer que isso lhe dava. O rosto de Starling se iluminou por um momento, ao falar com o velho Moody. A pinta em sua bochecha parecia pólvora queimada. Ele quis perguntar, mas decidiu não fazê-lo.

— Em que vocês colocaram os papéis, não foi em plástico, não é? — perguntou ela ao xerife.

— Sacos de papel pardo. Um saco de papel pardo nunca estraga muito o material — o xerife esfregou a nuca com a mão e olhou para Starling. — Você sabe por que chamei o seu departamento: porque eu queria Jack Craw-ford aqui. Fico feliz por você ter vindo, agora que lembro quem você é. Ninguém falou "canibal" do lado de fora desta sala porque a imprensa iria botar a floresta abaixo num instante. Eles só sabem que pode ter sido um aciden-te de caça. Talvez tenham ouvido dizer que um corpo foi mutilado. Eles não sabem que Donnie Barber foi cortado para ser comido. Não há muitos canibais assim, agente Starling.

— Não, xerife. Não muitos.

— É um trabalho medonhamente bem-feito.

— Sim, senhor.

— Talvez eu esteja pensando nele porque aparece tanto nos jornais. Você acha que isso parece coisa de Hannibal Lecter?

Starling ficou olhando uma aranha de pernas com-pridas se esconder no dreno da mesa de autópsia que es-tava vazia.

— A sexta vítima do Dr. Lecter foi um arqueiro ca- çador— disse Starling.

— Ele o comeu?

— Aquele, não. Deixou-o pendurado num gancho e com todo tipo de ferimento. Deixou-o parecendo uma ilustração de medicina medieval chamada Homem Ferido.

Ele é interessado em coisas da Idade Média.

O patologista apontou para os pulmões espalhados nas costas de Donnie Barber.

— Você disse que isto era um ritual antigo.

— Creio que sim — disse Starling. — Não sei se o Dr. Lecter fez isso. Se fez, a mutilação não é um fetiche, esse tipo de arranjo não é uma coisa compulsiva nele.

— O que é, então?

— É uma extravagância — disse ela, tentando ver se os dissuadia com a palavra exata. — É uma *extravagân- cia,* e foi isso que o fez ser apanhado na última vez.

CAPÍTULO

59

O LABORATÓRIO de DNA era novo, cheirava a novo, e o pessoal era mais jovem do que Starling. Era algo com que teria de se acostumar, pensou com um

temor. Muito em breve ela estaria um ano mais velha.

Uma moça com um crachá onde estava escrito A.

BENNING assinou o recebimento das duas flechas que Starling trouxe.

A Benning tivera algumas más experiências em re-ceber material de provas, a julgar por seu alívio evidente quando viu os dois mísseis presos cuidadosamente com arame encapado à prancha de evidências de Starling.

— Você não vai querer saber o que vejo algumas vezes quando abro essas coisas — disse A Benning. —

Você precisa entender que não posso lhe dizer coisa al-guma em, digamos, cinco minutos...

— Não — retrucou Starling. — Não há material de referência do Dr. Lecter. Ele escapou há muito tempo e os artefatos foram poluídos, manuseados por mais de cem pessoas.

— O tempo do laboratório é valioso demais para examinar cada amostra, como, por exemplo, catorze pêlos tirados de um quarto de motel. Se você me trouxer...

— Escute — disse Starling. — Depois fale. Eu pedi que a Questura na Itália me mandasse uma escova de den-tes que eles acham que pertencia ao Dr. Lecter. Você po-de tirar da escova algumas células epiteliais das bochechas.

Faça um exame integral e repetições curtas seguidas. Esse quadrelo esteve na chuva, duvido que você consiga muita coisa com ele, mas olhe aqui...

— Desculpe, acho que não entendeu... Starling for- çou um sorriso.

— Não se preocupe, A. Benning, nós vamos nos dar bem. Veja, as duas flechas são amarelas. O quadrelo é

amarelo porque foi pintado à mão, não foi um trabalho malfeito, mas está meio irregular. Olhe aqui, com que se parece isto debaixo da tinta?

— Talvez um pêlo do pincel?

— Talvez. Mas olhe como é curvo na direção de uma das extremidades e tem um pequeno bulbo na ponta.

E se for uma pálpebra?

— Se tiver o folículo...

— Certo.

— Olhe, eu posso fazer o exame... três cores ao mesmo tempo... na mesma linha no gel e conseguir para você três áreas de DNA de uma vez. O tribunal exige treze áreas, mas dois dias bastarão para saber se é ele.

— A. Benning, eu sabia que você poderia me aju-dar.

— Você é Starling. Quer dizer, a agente especial Starling. Eu não queria começar com o pé esquerdo. Vejo um monte de materiais realmente feios que os policiais mandam. Essa reação não tem coisa alguma a ver com você.

— Eu sei.

— Eu pensava que você fosse mais velha. Todas as garotas, as mulheres, sabem a seu respeito, quero dizer, todo mundo sabe, mas você é meio... — A Benning olhou para o outro lado — meio especial para nós. — A. Ben- ning ergueu seu polegarzinho gorducho. — Boa sorte com o Outro. Se não se importa de eu dizer isso.

CAPÍTULO

60

CORDELL, O MORDOMO de Mason Verger, era um homem grande com feições exageradas que poderia ter sido boni-to, se tivesse mais animação no rosto. Tinha 37 anos e jamais poderia trabalhar de novo nas empresas de saúde da Suíça, ou ter qualquer emprego lá que o pusesse em contato íntimo com crianças.

Mason pagava a ele um grande salário para se en-carregar de sua ala, com a responsabilidade de cuidar dele e alimentá-lo. Descobrira que Cordell era absolutamente confiável e capaz de qualquer coisa. Cordell testemunhara atos de

crueldade em vídeo — enquanto Mason entrevis-tava criancinhas — que teriam levado qualquer outra pes-soa à fúria ou às lágrimas.

Hoje Cordell estava um pouco preocupado com a única questão que lhe era sagrada, o dinheiro.

Ele deu sua batida familiar na porta e entrou no quarto de Mason. Estava completamente escuro, a não ser pelo aquário luminoso. A enguia soube que ele estava ali e levantou-se do buraco, esperando.

— Sr. Verger?

Um momento enquanto Mason acordava.

— Preciso mencionar uma coisa. Tenho de fazer um pagamento extra em Baltimore esta semana, para a mesma pessoa de quem falamos antes. Não é nenhum tipo de emergência, mas seria prudente. Aquela criança negra, o Franklin, comeu um pouco de veneno de rato e esteve em condição *crítica* no início desta semana. Ele está

dizendo à madrasta que foi sua sugestão que ele envene-nasse o gato para impedir que a polícia o torturasse. Por isso o garoto deu o gato a um vizinho e tomou ele mesmo o veneno de rato.

— Isto é absurdo — disse Mason. — Eu não tive coisa alguma a ver com isso.

— Claro que é absurdo, Sr. Verger.

— Quem está reclamando, a mulher com quem vo-cê pega as crianças?

— Ela é uma das pessoas que têm de ser pagas i-mediatamente.

— Cordell, você não interferiu com o sacaninha, não é? Eles não encontraram coisa alguma nele no hospi-tal, encontraram? Eu vou descobrir, você sabe.

— Não, senhor. Na sua casa? Nunca, eu juro. O

senhor sabe que eu não sou idiota. Adoro meu trabalho.

— Onde está o *Franklin?*

— No Hospital da Misericórdia de Maryland.

Quando ele sair vai para um orfanato. O senhor sabe que a mulher com que ele morava foi expulsa da lista dos lares de adoção por fumar maconha. Ela é uma das que está

reclamando do senhor. Talvez tenhamos de lidar com ela.

— Crioula viciada, não deve ser muito problema.

— Ela não tem com quem ficar. Acho que precisa ser tratada com cuidado. Com luvas de pelica. A funcioná-ria do serviço social quer que ela feche a boca.

— Vou pensar nisso. Vá em frente e pague a moça do serviço social. — Mil dólares?

— Simplesmente certifique-se de que ela só receba isso.

Deitada no sofá de Mason no escuro, as bochechas rígidas com lágrimas secas, Margot Verger ouvia Cordell e Mason falando. Estivera tentando fazer Mason ser razoá-vel quando ele adormeceu. Obviamente Mason pensava que Margot tinha ido embora. Ela abriu a boca para respi-rar baixinho, tentando soltar o ar no mesmo ritmo do res-pirador dele. Uma pulsação de luz cinzenta entrou no quarto quando Cordell saiu. Margot ficou deitada no sofá.

Esperou quase vinte minutos, até que a bomba se acomo-dasse no ritmo do sono de Mason, antes de sair do quarto.

A enguia viu-a sair, mas Mason não.

CAPÍTULO

61

MARGOT VERGER e Barney vinham passando tempo jun-tos. Não falavam muito, mas assistiam a jogos de futebol na sala de recreação, *Os Simpsons* e concertos algumas ve-zes na TV educativa. E juntos acompanharam *Eu, Claudi-us.* Quando o turno de Barney fez com que ele perdesse alguns episódios, os dois encomendaram a fita.

Margot gostava de Barney, gostava de sentir-se co-lega dele. Ele era a única pessoa que ela conhecia e que era legal assim. Barney era muito inteligente, e havia nele uma coisa meio espiritual. Ela gostava disso também.

Margot tivera uma boa formação em ciências hu-manas, bem como em informática. Barney, autodidata, tinha opiniões que iam do infantil ao penetrante. Ela era capaz de proporcionar contexto para ele. A educação de Margot era uma planície ampla e aberta, definida pela ra-zão. Mas a planície ficava no topo de sua mentalidade, assim como o mundo da terra plana repousa numa tarta-ruga.

Margot Verger fez Barney pagar pela piada sobre se agachar para fazer xixi. Ela acreditava que tinha pernas mais fortes do que as dele, e o tempo provou que estava certa. Fingindo dificuldade com pesos menores, ela o atra-iu para uma aposta em exercícios de agachamento, e ga-nhou seus cem dólares de volta. Além disso, usando a vantagem de seu peso menor, venceu-o em flexões com apenas um braço, mas só vencia com o braço direito, já

que o esquerdo era mais fraco devido a um ferimento de infância resultante de uma luta com Mason.

Algumas vezes à noite, depois do turno de Barney com Mason, os dois malhavam juntos, ajudando-se. Era uma malhação séria, praticamente em silêncio, a não ser pela respiração. Algumas vezes só diziam boa-noite, enquanto ela pegava a bolsa de ginástica e desaparecia em direção aos alojamentos familiares, fora dos limites para os funcionários.

Nessa noite, ela chegou ao ginásio preto e cromado vindo diretamente do quarto de Mason, com lágrimas nos olhos.

— Ei, ei — disse Barney. — Você está bem?

— É só merda de família, o que é que posso dizer?

Estou bem.

Ela malhou feito um demônio, com peso demais, repetições demais. A certa altura, Barney veio e pegou um haltere com ela e balançou a cabeça.

— Você vai acabar distendendo alguma coisa.

Margot ainda estava pedalando numa bicicleta er-gométrica quando ele parou e foi para baixo do chuveiro quente da sala de musculação, deixando a água levar o dia comprido pelo ralo abaixo. Era um banheiro comunitário, de academia, com quatro chuveiros no alto e mais alguns extras ao nível da cintura e das coxas. Barney gostava de abrir dois ao mesmo tempo e convergir os jorros para seu corpo grande.

Logo estava envolto numa névoa densa que afasta-va tudo, menos o barulho da água na cabeça. Barney gos-tava de pensar no chuveiro: nuvens de vapor. *As nuvens.*

Aristófanes. O Dr. Lecter explicando sobre o lagarto mi-jando em Sócrates. Ocorreu-lhe que, antes de ficar preso sob o martelo implacável da lógica do Dr. Lecter, alguém como Doemling poderia ter feito gato e sapato dele.

Quando ouviu outro chuveiro sendo aberto, pres-tou pouca atenção e continuou a se esfregar. Outras pes-soas usavam a sala, mas principalmente de manhã cedo e no final da tarde. A etiqueta masculina é prestar pouca atenção a outras pessoas que tomem banho num banheiro atlético comunitário, mas Barney imaginou quem seria.

Esperou que não fosse Cordell, que lhe dava arrepios. Era raro outra pessoa usar essas instalações à noite. Quem, diabo, *seria?* Barney virou-se para deixar a água bater na nuca. Nuvens de vapor, fragmentos da pessoa ao lado a-parecem entre os vagalhões como fragmentos de afresco numa parede. Aqui um ombro forte, ali uma perna. Uma mão bonita esfregando um pescoço e um ombro muscu-losos, unhas cor de coral, era a mão de Margot. Aqueles dedos dos pés tinham unhas pintadas. Aquela era a perna de Margot.

Barney recolocou a cabeça contra o jato pulsante do chuveiro e respirou fundo. Ao lado a figura se virando, esfregando-se de modo metódico. Lavando o cabelo ago-ra. Aquela era a barriga chata e ondulada de Margot, os seios pequenos apoiados nos grandes peitorais, mamilos erguidos para o jato d’água, aquela era a virilha de Margot, cheia de nós na junção entre corpo e coxa, e aquela tinha de ser a boceta de Margot, emoldurada num corte estilo *mohawk,* louro.

Barney respirou o mais fundo que pôde e prendeu o fôlego... podia sentir que estava desenvolvendo um pro-blema. Ela brilhava como um cavalo, bombeada até o li-mite pela malhação intensa. À medida que o interesse de Barney ficou

mais evidente, ele virou-lhe as costas. Talvez pudesse simplesmente ignorá-la até que ela fosse embora.

A água do chuveiro ao lado se fechou. Mas agora veio a voz dela.

— Ei, Barney, quanto está valendo o jogo dos Pa-triots?

— Com... com o meu *bookmaker* você pode conse-guir Miami e cinco e meio. — Ele olhou por cima do om-bro. Ela estava se enxugando logo além do alcance do chuveiro de Barney. Seu cabelo estava grudado na cabeça.

O rosto parecia fresco agora, e as lágrimas haviam sumi-do. Margot tinha pele excelente.

— Então você vai apostar? — disse ela. — O bolo que estão fazendo na sala de Judy...

Barney não conseguiu prestar atenção ao resto. O

corte *mohawk* de Margot, cravejado de gotas, emoldurava o rosa. O rosto de Barney ficou quente e ele teve uma tre-menda ereção. Estava perplexo e perturbado. Aquela sen-sação gélida veio sobre ele. Jamais sentira atração por ho-mens. Mas, apesar de todos os másculos, Margot certa-mente não era um homem, e ele gostava dela.

Afinal de contas, que merda era essa de entrar no chuveiro com ele?

Fechou a água e encarou-a, molhado. Sem pensar a respeito, colocou a mão grande no rosto dela.

— Pelo amor de Deus, Margot — falou, com a respiração densa na garganta.

Ela olhou para baixo, para ele.

— Que *droga*, Barney. Não...

Barney esticou o pescoço e se inclinou para a fren-te, tentando beijá-la suavemente em qualquer lugar do ros-to sem tocá-la com o membro, mas tocou mesmo assim.

Enquanto se afastava, ela olhou para baixo, para o fio de líquido cristalino que se esticava entre ele e sua barriga lisa, e acertou-o no peito largo com um antebraço digno de um zagueiro de futebol americano, os pés de Barney perderam o apoio e ele caiu sentado no chão do banheiro.

— Seu escroto de merda— sibilou ela. — Eu devia saber. Veado! Pegue essa coisa e enfie...

Barney se levantou e saiu do chuveiro, vestindo as roupas molhadas, e saiu da sala de musculação sem dizer uma palavra.

O alojamento de Barney ficava num prédio separa-do da casa, nos antigos estábulos cobertos com telha de ardósia que atualmente eram garagens com apartamentos na parte de cima. Tarde da noite ele estava sentado catan-do milho no *laptop*, trabalhando num curso de correspon-dência pela Internet. Sentiu o chão tremer quando alguém sólido veio subindo a escada.

Uma batida leve na porta. Quando ele abriu, Mar-got ficou ali parada, usando um suéter e um boné de ma-lha.

— Posso entrar um minuto?

Barney olhou para os pés durante alguns segundos antes de se afastar da porta.

— Barney. Olha, desculpe pelo que aconteceu. Eu meio que entrei em pânico. Quero dizer, eu fiz merda e depois entrei em pânico. Eu estava gostando de nós ser-mos amigos.

— Eu também.

— Eu achava que podíamos ser, você sabe, colegas.

— Margot, qual é! Eu disse que seríamos amigos, mas não sou um eunuco. Você entrou comigo na porra do chuveiro. Você pareceu boa, não posso evitar isso. Você

entra no chuveiro nua e eu vejo juntas duas coisas de que realmente *gosto.*

— Eu e uma boceta — disse Margot. Os dois fica-ram surpresos ao rir juntos.

Ela veio e deu-lhe um abraço que poderia ter ma-chucado um homem menos forte.

— Olhe, se eu quisesse um cara, teria de ser você.

Mas essa não é a minha. Realmente não é. Não é agora e nunca será.

Barney confirmou com a cabeça.

— Eu sei. É só que o negócio fugiu ao controle.

Eles ficaram quietos durante um minuto, abraçados.

— Quer tentar ser amigo? — perguntou ela. Ele pensou durante um minuto.

— É. Mas você vai ter de me ajudar um pouco. O

trato é o seguinte: eu vou fazer um tremendo esforço para esquecer o que vi no chuveiro, e você não vai mostrar mais aquilo para mim. E também não me mostre nenhum peito, já que estamos falando nisso. Que tal?

— Eu posso ser um bom colega, Barney. Venha até

em casa amanhã. Judy cozinha, eu cozinho.

— É, mas talvez você não cozinhe melhor do que eu.

— Veremos.

CAPÍTULO

62

O DR. LECTER ERGUEU uma garrafa de Château Pétrus para a luz. Um dia antes ele a pusera de pé, para o caso de ter algum sedimento. Em seguida, olhou para o relógio e decidiu que estava na hora de abrir o vinho.

Isto era algo que o Dr. Lecter considerava um risco sério, maior do que ele gostava de correr. Não queria ser apressado. Queria desfrutar a cor do vinho numa garrafa de cristal. E se, depois de tirar a rolha cedo demais, ele decidisse que não havia mais o hálito sagrado do vinho para ser perdido na garrafa de

cristal? A luz revelou um pouco de sedimento.

Tirou a rolha com cuidado, como se estivesse fa-zendo trepanação num crânio, e colocou o vinho no ins-trumento especial para derramar, que usava uma rosca sem fim para inclinar a garrafa pouco a pouco. Que o ar salgado trabalhasse um tempo, e então ele decidiria.

Acendeu um fogo de carvões grandes e serviu-se de uma bebida, Lillet, e um pedaço de laranja sobre gelo, en-quanto pensava no *fond* em que vinha trabalhando há dias.

O Dr. Lecter seguia a orientação inspirada de Alexandre Dumas para fazer seu caldo. Havia apenas três dias, de-pois de voltar da caça ao cervo, acrescentara à panela do caldo um corvo gordo que vinha se alimentando de fruti-nhas de junípero. Pequenas penas pretas nadam nas águas calmas da baía. As penas primárias ele guardou para fazer plectros para o seu cravo.

Então o Dr. Lecter esmagou outras frutas de juní-pero e começou a amassar cebolinhas numa panela de co-bre. Com um nó cirúrgico bem-feito, amarrou um maço de ervas finas com um barbante de algodão e jogou o cal-do por cima, na panela. O filé que o Dr. Lecter levantou da tigela de cerâmica estava escuro do marinado, pingan-do. Ele o enxugou e virou a extremidade pontuda em sua direção, e o amarrou para tornar o diâmetro constante em toda a extensão da carne. Com o tempo o fogo estava a-dequado, com uma área bem quente. O filé sibilou sobre a grelha, e uma fumaça azul atravessou o jardim, movendo-se como se acompanhasse a musica nos alto-falantes do Dr. Lecter. Ele estava tocando a comovente composição de Henrique VIII, “Se o verdadeiro amor reinasse”.

Mais tarde naquela noite, com os lábios manchados pelo vermelho Château Pétrus, um pequeno copo de cris-tal de Château d’Yquem cor de mel sobre o candelabro, o Dr. Lecter toca Bach. Em sua mente Starling corre sobre as folhas. O cervo salta à frente dela e sobe correndo a encosta passando pelo Dr. Lecter, que está sentado imóvel no morro. Correndo, correndo, ele está na “Segunda Vari-ação” das *Variações Goldberg,* a luz da vela brincando sobre suas mãos móveis — um lampejo na música, um clarão de neve ensangüentada e dentes sujos, dessa vez não mais do que um relâmpago que desaparece com um som distinto, um *toe* sólido, uma flecha de besta atravessando um crânio

— e temos a floresta agradável de novo, a música que flui; e Starling, delineada numa luz polinizada, corre para longe das vistas, seu rabo-de-cavalo balançando como a cauda de um cervo e, sem outra interrupção, ele toca o movi-mento até o final, e o silêncio doce em seguida é tão rico quanto o Château d'Yquem.

O Dr. Lecter ergue o copo diante da vela. A chama lampeja por trás como o sol lampejou sobre a água, e o próprio vinho é da cor do sol invertia! sobre a pele de Cla-rice Starling. O aniversário dela está chegando, refletiu o doutor. Ele se perguntou se ainda havia uma garrafa de Château d'Yquem para o aniversário dela. Talvez fosse necessário um presente para Clarice Starling, que dentro de três semanas teria vivido tanto quanto Cristo.

CAPÍTULO

63

No MOMENTO em que o Dr. Lecter levantou o vinho para a vela, A. Benning, que trabalhava até tarde no laboratório de DNA levantou o último gel para a luz e olhou para as linhas de eletroforese pintalgadas de vermelho, azul e a-marelo. A amostra era de células epiteliais da escova de dentes trazida do Palazzo Capponi no malote diplomático italiano.

— Hmmmm hum hum hum — fez ela e ligou para

o número de Starling em Quantico.

Eric Pickford atendeu.

— Oi, posso falar com Clarice Starling, por favor?

— Ela já foi embora e eu sou o encarregado. Em que posso ajudá-la?

— Você tem o número do *bip* dela?

— Ela está no outro telefone. O que é?

— Poderia dizer a ela que é Benning, do laborató-rio de DNA? Por favor, diga que a escova de dentes e a pálpebra da flecha combinam. É o Dr. Lecter. E peça para ela me telefonar.

— Passe o número da sua extensão. Claro, vou di-zer a ela agora. Obrigado. Starling não estava na outra li-nha. Pickford ligou para Paul Krendler em casa.

Quando Starling não ligou para A Benning no labo-ratório, a técnica ficou um pouco desapontada. A. Ben-ning dedicara um bocado de horas extras. Foi embora muito antes de Pickford ter ligado para Starling em casa.

Mason soube uma hora antes de Starling. Falou brevemente com Paul Krendler, demorando-se, deixando que as respirações chegassem. Sua mente estava muito clara.

— Está na hora de afastar Starling, antes que eles comecem a pensar em agir e a coloquem como isca. É

sexta-feira. Você tem o fim de semana. Comece a se me-xer, Krendler. Dê a dica aos carcamanos sobre o anúncio e tire-a a tempo, está na hora de ela ir. E... Krendler?

— Eu gostaria que nós simplesmente...

— Só faça isso. E quando você receber aquele ou-tro cartão-postal das Caimãs, haverá um número novo escrito debaixo do selo.

— Certo, eu vou... — disse Krendler e ouviu o si-nal de linha.

A conversa curta foi estranhamente cansativa para Mason. Finalmente, antes de afundar num sono entrecor-tado, chamou Cordell e disse:

— Mande buscar os porcos.

CAPÍTULO

64

É MAIS COMPLICADO mover fisicamente um porco semi-selvagem contra a vontade do que seqüestrar um homem.

Os porcos são mais difíceis de segurar do que os homens, e os grandes são mais fortes do que um homem, e não podem ser intimidados com uma arma. Deve-se conside-rar as presas se você quiser manter a integridade de seu abdome e suas

pernas.

Os porcos com presas grandes estripavam instinti-vamente quando lutavam com as espécies que andavam de pé, como homens e ursos. Naturalmente eles não cortam os tendões da vítima, para impedir seus movimentos, mas podem rapidamente aprender esse comportamento.

Se você precisar manter o animal vivo, não pode atordoá-lo com choque elétrico, já que os porcos tendem à fibrilação coronária fatal.

Cario Deogracias, o mestre dos porcos, tinha a pa-ciência de um crocodilo. Ele tinha experimentado sedação com os animais, usando a mesma acepromazina que pla-nejara usar com o Dr. Lecter. Agora sabia exatamente o quanto era necessário para aquietar um porco selvagem de cem quilos, e os intervalos de dosagem que iriam mantê-lo quieto até mesmo por catorze horas sem qualquer efeito colateral duradouro.

Como a empresa Verger era exportadora e impor-tadora em larga escala de animais, e parceira estabelecida do Departamento de Agricultura em programas experi-mentais de reprodução, o caminho dos porcos de Mason foi fácil. O formulário de serviço veterinário 17-129 foi mandado por fax ao Serviço de Inspeção de Animais e Plantas em Riverdale, Maryland, como é necessário, junto com os documentos veterinários da Sardenha, e um pa-gamento de 39 dólares e cinqüenta centavos para cinqüen-ta tubos de sêmen congelado que Cario queria trazer.

As permissões para os suínos e o sêmen vieram também por fax, junto com uma isenção da quarentena usual para suínos em Key West, e uma confirmação de que um inspetor encarregado liberaria a carga no Aeropor-to Internacional Baltimore-Washington.

Cario e seus auxiliares, os irmãos Piero e Tommaso Falcione, juntaram os caixotes. Eram excelentes caixotes com portas deslizantes em cada extremidade, lixados e almofadados por dentro. No último minuto eles se lem-braram de encaixotar também o espelho de bordel. Algu-ma coisa na moldura rococó ao redor dos porcos refleti-dos deliciava Mason nas fotografias.

Cuidadosamente, Cario dopou dezesseis suínos —cinco porcos criados no mesmo curral e onze porcas, uma delas prenha, nenhuma no cio. Quando os animais esta-vam inconscientes, ele fez um exame físico detalhado.

Testou com o dedo os dentes afiados e as pontas das grandes presas. Segurou nas mãos os rostos terríveis, o-lhou para os minúsculos olhos vítreos e ouviu atentamen-te para certificar-se de que as vias aéreas estavam limpas, e amarrou os tornozelos pequenos e elegantes. Em seguida, arrastou-os sobre lonas até os caixotes e fechou as portas.

Os caminhões gemiam descendo as montanhas

Gennargentu, indo para Cagliari. No aeroporto esperava um Airbus cargueiro operado pelas Count Fleet Airlines, especialistas em transportar cavalos de corrida. Geralmen- te esse avião carregava cavalos americanos para disputar páreos em Dubai. Agora estava levando um cavalo, apa-nhado em Roma. O cavalo não quis ficar parado quando sentiu o cheiro dos porcos selvagens, e relinchou e escoi-ceou na baia almofadada até que a tripulação teve de des-carregá-lo e deixá-lo para trás, o que causou muita despesa posterior para Mason, que teve de mandar o cavalo para casa sozinho e pagar uma compensação para evitar um processo.

Cario e seus auxiliares foram junto com os porcos na área de carga pressurizada. A cada meia hora, sobre o mar encapelado, Cario visitava cada porco individualmen-te, colocava a mão no couro peludo e sentia a batida do coração selvagem.

Mesmo que fossem bons e estivessem famintos, dezesseis porcos não poderiam consumir o Dr. Lecter in-teiramente de uma só vez, Tinham levado um dia para consumir totalmente o cineasta.

No primeiro dia Mason queria que o Dr. Lecter os visse comer seus pés. Lecter seria mantido com soro sali-no durante a noite, esperando a segunda etapa.

Mason prometera a Cario uma hora com ele no in-tervalo.

Na segunda etapa, os porcos poderiam esvaziá-lo e consumir a carne ventral e o rosto em uma hora, enquanto o primeiro turno dos porcos maiores e da fêmea prenha recuasse e viesse a segunda onda. Mas aí a diversão já teria terminado.

CAPÍTULO

65

BARNEY JAMAIS estivera no celeiro antes. Chegou por uma porta lateral abaixo das fileiras de arquibancadas que rode-avam três lados de uma antiga área de exposição. Vazia e silenciosa a não ser pelo murmúrio dos pombos nos cai-bros, a área de exposição ainda tinha um ar de expectativa.

Atrás do pódio do leiloeiro estendia-se o celeiro aberto.

Grandes portas duplas davam para a área dos estábulos e o depósito de arreios. Barney ouviu vozes e gritou:

— Olá!

— No depósito de arreios, Barney, entre. — A voz profunda de Margot.

O depósito era um lugar alegre, cheio de arreios pendurados e celas graciosas. Cheiro de couro. A luz quente do sol atravessando janelas empoeiradas logo abai-xo dos caibros do telhado fazia subir o cheiro de couro e feno. Um jirau aberto num dos lados se ligava com o jirau de feno do celeiro.

Margot estava guardando as almofaças e alguns barbicachos. Seu cabelo era mais claro do que o feno, os olhos tão azuis quanto os selos de inspeção de carne.

— Oi — disse Barney junto à porta. Ele achou que a sala era meio cenográfica, montada para as crianças que visitavam a fazenda. Com o pé-direito alto e a luz inclina-da das janelas lá em cima, parecia uma igreja.

— Oi, Barney. Espere aí e nós vamos comer dentro de uns vinte minutos. A voz de Judy Ingram veio do jirau, lá em cima.

— Barneeey. Bom dia. Espere para ver o que tere-mos para o almoço. Margot, quer comer do lado de fora?

Todos os sábados era hábito de Margot e Judy es-covar os gordos pôneis Shetland destinados às crianças que visitavam a fazenda. As duas sempre levavam um ces-to de piquenique para o almoço.

— Vamos experimentar do lado sul do celeiro, ao sol — disse Margot.

Todo mundo parecia um pouco alegre demais.

Uma pessoa com a experiência de Barney no hospital sabe que a alegria excessiva não é boa para quem a demonstra.

A sala de arreios era dominada por um crânio de cavalo, colocado um pouco acima da altura das cabeças na parede, com o bridão e os antolhos, e enfeitado com as cores de corrida dos Verger.

— Aquele é Fleet Shadow, ganhou a corrida de Lodgepoles em 52, o único vencedor que meu pai já teve

— disse Margot. — Meu pai era pão-duro demais para mandar empalhá-lo. — Ela olhou para o crânio. — Parece bastante com Mason, não é?

No canto havia uma fornalha com fole. Ali Margot acendera um fogo para espantar o frio. Sobre o fogo havia uma panela com alguma coisa que cheirava a sopa.

Sobre uma bancada havia um conjunto completo de ferramentas de ferra-dor. Ela pegou um martelo de fer-rador, de cabo curto e cabeça grande. Com seus braços e peitos fortes, a própria Margot podia ter sido um ferrador, ou um ferreiro com peitorais particularmente pontudos.

— Quer jogar as mantas para mim? — gritou Judy para baixo. Margot pegou uma pilha de mantas recém-lavadas e, com um movimento ágil do braço, mandou-a para o jirau.

Sentindo o olhar atento de Margot, Barney não o-lhou para o traseiro de Judy. Havia alguns fardos de feno com mantas de cavalos dobradas em cima, para servir de assentos. Margot e Barney sentaram-se.

— Você não vai poder ver os pôneis. Eles foram para o estábulo em Lester — disse Margot.

— Ouvi os caminhões hoje cedo. Por quê?

— Negócios de Mason. — Um pequeno silêncio.

Eles sempre tinham sido tranqüilos com relação ao silên-cio, mas não desta vez. — Bom, Barney.

A gente chega a um ponto onde não pode falar mais, a não ser que vá fazer alguma coisa. É neste ponto que estamos?

— Como quando se tem um caso, ou algo do tipo

— disse Barney. A analogia infeliz pairou no ar.

— *Caso* — disse Margot. — Tenho para você uma coisa tremendamente melhor do que isso. E você sabe do que estamos falando.

— Mais ou menos.

— Mas se você decidisse que *não* quer fazer uma determinada coisa, e mais tarde a coisa acontecesse de qualquer modo, você entende que jamais poderia jogar isso de volta para mim, certo? — Ela bateu na palma da mão com o martelo de ferrador, talvez distraída, obser-vando-o com olhos azuis de açougueiro.

Barney já tinha visto muitos rostos na vida, e per-maneceu vivo sabendo interpretá-los. Viu que ela estava dizendo a verdade.

— Sei disso.

— Do mesmo modo se nós fizéssemos alguma coi-sa. Vou ser extremamente generosa uma vez, e só uma vez. Mas será o bastante. Quer saber o quanto?

— Margot, nada vai acontecer durante o meu tur-no. Não enquanto eu estiver recebendo o dinheiro dele para cuidar dele.

— *Por quê,* Barney?

Sentado sobre o fardo de feno, ele encolheu os ombros grandes.

— Trato é trato.

— Você chama aquilo de *trato?* Isto é um *trato. Cin- co milhões de dólares, Barney.* Os mesmos cinco que Krendler deve ganhar por estar vendendo o FBI, se é que você quer saber.

— Nós estamos falando de pegar sêmen de Mason suficiente para engravidar

Judy.

— Também estamos falando de outra coisa. Você

sabe que se tirar a porra de Mason e deixá-lo vivo, ele vai pegá-lo, Barney. Você não vai poder fugir suficientemente rápido. Você iria para os porcos.

— Eu iria para o quê?

— O que é, Barney? *Semper Fi,* como está escrito no seu braço?

— Quando aceitei o dinheiro dele, disse que cuida-ria dele. Enquanto eu trabalhar para ele, não vou lhe fazer mal.

— Você não precisa... *fazer* qualquer coisa com ele, a não ser coisas de medicina, depois de ele estar morto.

Eu não posso tocá-lo lá. Talvez você precise me ajudar com Cordell.

— Se você matar Mason, só vai conseguir um lote

— disse Barney.

— Se nós conseguirmos cinco centímetros cúbicos, mesmo com uma contagem de esperma baixa, mas dentro do normal, podemos tentar cinco inseminações, podemos fazer *in vitro*... a família de Judy é realmente fértil.

— Você pensou em comprar Cordell?

— Não. Ele jamais manteria o acordo. A palavra dele não valeria merda nenhuma. Cedo ou tarde, ele iria me sacanear. Ele terá de sair fora.

— Você pensou um bocado nisso.

— Sim. Barney, você precisa controlar o posto de enfermagem. Vai estar passando uma fita de *backup* nos monitores, há um registro de cada segundo. Vai haver TV

ao vivo, mas sem estar sendo gravada. Nós... eu enfio a mão dentro da concha do respirador e imobilizo o peito dele. O monitor vai mostrar o respirador ainda funcio-nando. Quando o ritmo cardíaco e a pressão sangüínea mostrarem

mudança, você entra correndo e ele vai estar inconsciente. Você pode tentar ressuscitá-lo o quanto qui-ser. A única coisa é que você, por acaso, não vai me per-ceber. Só vou apertar o peito dele até ele estar morto. Vo-cê já fez um número grande de autópsias, Barney. O que eles procuram quando suspeitam de sufocamento?

— Hemorragia atrás das pálpebras.

— Mason não tem pálpebra.

Ela havia lido bastante e estava acostumada a com-prar qualquer coisa, qualquer um.

Barney encarou-a, mas fixou o martelo na visão pe-riférica enquanto dava a resposta:

— Não, Margot.

— Se eu deixasse você me comer, você faria isso?

— Não.

— Se eu comesse *você*, você faria isso?

— Não.

— Se você não trabalhasse aqui, se você não tivesse responsabilidade médica para com ele, você faria?

— Provavelmente não.

— É ética ou covardia?

— Não sei.

— Vamos descobrir. Você está despedido, Barney.

Ele assentiu, não particularmente surpreso.

— E, Barney? — Ela levantou um dedo até os lá-bios. — Shh. Você me dá sua palavra? Preciso dizer que eu poderia matá-lo usando aquele antecedente na

Califór-nia? Não preciso dizer isso, preciso?

— Você não precisa se preocupar. *Eu* preciso me preocupar. Não sei como Mason deixa as pessoas irem embora. Talvez elas simplesmente desapareçam.

— Você também não precisa se preocupar. Vou di-zer a Mason que você teve hepatite. Você não conhece muita coisa sobre os negócios dele, a não ser que ele está

tentando ajudar a lei, e ele sabe que nós conhecemos seu antecedente, e deixará você ir embora.

Barney se perguntou quem o Dr. Lecter tinha a-chado mais interessante na terapia: se Mason Verger ou a irmã dele.

CAPÍTULO

66

ERA NOITE QUANDO O comprido caminhão prateado es-tacionou junto ao celeiro de Muskrat Farm. Eles estavam atrasados, com os nervos à flor da pele.

Os arranjos no Aeroporto Internacional Baltimore- Washington tinham corrido bem a princípio, o inspetor encarregado do Departamento de Agricultura carimbou o embarque de dezesseis suínos. O inspetor era especialista em suínos e nunca vira qualquer coisa como eles.

Então Cario Deogracias olhou dentro do caminhão.

Era um transporte para animais vivos e fedia a tal, com os traços de muitos ex-ocupantes. Cario não quis deixar seus porcos serem descarregados. O avião esperou enquanto o motorista furioso, Cario e Piero Falcione encontravam outro caminhão mais adequado a transportar caixotes, lo-calizaram um caminhão de limpeza com mangueira a va-por e limparam a vapor a área de carga. Assim que chega-ram ao portão principal de Muskrat Farm, um último in-cômodo. O guarda verificou a tonelagem do caminhão e se recusou a deixá-los entrar, citando um limite de peso na ponte ornamental. Fez com que dessem a volta até a en-trada de serviço, através da Floresta Nacional. Galhos de árvores raspavam no caminhão alto que seguia devagar os últimos três quilômetros.

Cario gostou do celeiro grande e limpo de Muskrat Farm. Gostou da pequena empilhadeira que carregou gen-tilmente os caixotes até as baias dos pôneis.

Quando o motorista do caminhão trouxe até as gaiolas um aguilhão elétrico, de usar em gado, e se ofere-ceu para dar um choque no porco para ver até que ponto ele estava drogado, Cario arrancou o instrumento dele e assustou-o tanto que o sujeito ficou com medo de pedi-lo de volta.

Cario deixaria os grandes suínos se recuperarem dos sedativos na semi-escuridão, sem permitir que saíssem dos caixotes até estarem de pé e alertas. Tinha medo de que os que acordassem primeiro pudessem morder um outro adormecido. Qualquer figura de pé os atraía quando o rebanho não estava cochilando junto.

Piero e Tommaso tinham de ser duplamente cuida-dosos desde que o rebanho comera o cineasta Oreste, e mais tarde seu assistente congelado. Os homens não podi-am ficar no curral ou no pasto junto dos porcos. Os suí-nos não ameaçavam, não rangiam os dentes como porcos selvagens, simplesmente ficavam vigiando com a terrível objetividade do suíno, e iam chegando até estarem sufici-entemente próximos para atacar.

Cario, igualmente objetivo, não descansou até ter examinado com uma lanterna a cerca que envolvia a pas-tagem e o bosque de Mason, junto à grande Floresta Na-cional.

Cario escavou o chão com seu canivete e examinou o húmus da floresta debaixo das árvores e encontrou bo-lotas de carvalho. Ele ouvira gaios cantando na parte final do caminho, e achou que provavelmente haveria bolotas de carvalho. Sem dúvida, havia carvalhos brancos aqui na área cercada, mas não muitos. Ele não queria que os por-cos encontrassem comida no chão, coisa que aconteceria facilmente na grande floresta.

Mason tinha mandado construir na parte aberta do celeiro uma barreira forte com um portão dividido hori-zontalmente, como o portão de Cario na Sardenha.

Por trás da segurança dessa barreira, Cario poderia alimentá-los, jogando roupas cheias de galinhas mortas, pernas de carneiro e legumes.

Eles não eram domesticados, mas não tinham me-do de homens ou de barulho. Nem mesmo Cario podia entrar no curral. Um porco não é como outros animais.

Há neles uma fagulha de inteligência e uma objetividade terrível. Estes não eram de jeito algum hostis. Simples-mente gostavam de comer homens. Tinham pés leves co-mo um touro miúra, e podiam ser rápidos como um cão pastor, e seus movimentos ao redor dos guardiões tinham a qualidade sinistra da premeditação. Piero tivera um mo-mento de grande risco tentando tirar de um porco que se alimentava uma camisa que eles achavam que poderiam usar de novo.

Jamais houvera porcos assim, maiores do que o ja-vali selvagem europeu, e tão violentos quanto ele. Cario sentia que os havia criado, sabia que a coisa que eles fari-am, o mal que destruiriam, seria todo o crédito do qual ele jamais precisaria na outra vida.

À meia-noite todos estavam dormindo no celeiro: Cario, Piero e Tommaso dormiam sem sonhar no jirau do depósito de arreios, os porcos roncavam nos caixotes, on-de seus elegantes pezinhos começavam a trotar nos so-nhos, e um ou dois estremeceram sobre a lona limpa. O

crânio do cavalo de corrida, Fleet Shadow, observava tudo fracamente iluminado pelo fogo de carvão na fornalha.

CAPÍTULO

67

ATACAR UM AGENTE do FBI com a evidência falsa criada por Mason era um grande salto para Krendler. Deixou-o meio sem fôlego. Se o procurador-geral o apanhasse, iria esmagá-lo como uma barata.

A não ser por seu risco pessoal, a questão de Clari-ce Starling não tinha para Krendler o mesmo peso de des-truir um homem. Um homem tinha família para sustentar

— Krendler sustentava sua família, por mais cobiçosa e ingrata que ela fosse.

E Starling, definitivamente, precisava ir embora.

Deixada em paz, seguindo os fios com as habilidades mi-nuciosas e mesquinhas de uma mulher, Clarice Starling encontraria Hannibal Lecter. Se isso acontecesse, Mason Verger não daria coisa alguma a Krendler.

Quanto antes ela perdesse seus recursos e fosse posta lá fora como isca, melhor.

Krendler destruíra carreiras antes em sua ascensão ao poder, primeiro como promotor estadual ativo na polí-tica, e mais tarde no Departamento de Justiça. Sabia por experiência própria que destruir a carreira de uma mulher é mais fácil do que prejudicar um homem. Se uma mulher recebe uma promoção que mulheres não deveriam ter, o modo mais eficiente é dizer que ela conseguiu aquilo dor-mindo com alguém.

Seria impossível fazer essa acusação pegar no caso de Clarice Starling, pensava Krendler. De fato, ele não conseguia pensar em ninguém mais *necessitado* de uma foda numa estrada de terra. Algumas vezes ele pensava nesse ato abrasivo enquanto retorcia o dedo dentro do nariz.

Krendler não poderia explicar sua animosidade contra Starling. Era visceral, e pertencia a um lugar dentro dele aonde não podia ir. Um lugar com capas de poltrona e lâmpada no teto, maçanetas, manivelas de janela e uma garota com a cor de Starling, mas não com o senso dela, e com as calcinhas ao redor de um dos tornozelos pergun-tando qual era o problema dele, que diabo, e por que ele não vinha fazer o que devia, será que ele era *algum tipo de veado, algum tipo de veado, algum tipo de veado?*

Se você não soubesse como Starling era uma vaga-bunda, refletiu Krendler, o desempenho dela preto no branco era muito melhor do que as poucas promoções indicariam — isso ele tinha de admitir. As recompensas dela tinham sido satisfatoriamente poucas: acrescentando gotas aleatórias de veneno à ficha dela no correr dos anos, Krendler pudera influenciar a comissão de carreira do FBI a ponto de bloquear várias tarefas dignas de promoção que ela poderia ter conseguido, e a atitude independente de Starling, sua língua afiada, tinha ajudado sua causa.

Mason não esperaria pelo depoimento do caso do Mercado de Peixe Feliciana. E não havia garantia de que qualquer merda colaria em Starling numa audiência. A morte de Evelda Drumgo e dos outros era resultado de uma falha de segurança, obviamente. Tinha sido um mila-gre Starling poder salvar aquele bastardozinho. Mais um para o Estado alimentar. Seria fácil arrancar a casca de fe-rida daquele acontecimento feio, mas era um modo pouco eficaz de destruir Starling.

Melhor fazer do modo de Mason. Seria rápido e ela estaria lá fora. O momento

era propício:

Um axioma de Washington, provado mais vezes do que o Teorema de Pitágoras, declara que, na presença de oxigênio, um peido alto com culpado óbvio cobrirá muitas emissões pequenas na mesma sala, desde que sejam pra-ticamente simultâneas.

Assim, o julgamento de *impeachment* estava distrain-do o Departamento de Justiça o suficiente para que ele mandasse Starling para o espaço.

Mason queria alguma cobertura de imprensa para que o Dr. Lecter visse. Mas Krendler devia fazer com que a cobertura parecesse um acidente infeliz. Felizmente es-tava se aproximando uma ocasião que lhe serviria bem: o aniversário do FBI.

Krendler mantinha uma consciência domada, com a qual se penitenciar.

Agora ela o consolava: se Starling perdesse o em-prego, no máximo algum antro de sapatões onde Starling morava teria de se virar sem a grande parabólica para cap-tar os esportes. No máximo ele estava dando espaço para um canhão solto rolar por sobre a amurada e nunca mais ameaçar alguém.

Um “canhão solto” por sobre a amurada iria “parar de balançar o barco”, pensou ele, satisfeito e reconfortado como se duas metáforas navais fizessem uma equação ló-gica. O fato de que o barco que balança transporta o ca-nhão não o incomodava nem um pouco.

Krendler tinha a vida de fantasia mais ativa que sua imaginação permitisse. Agora, para seu prazer, visualizou Starling velha, tropeçando nas tetas, aquelas pernas boni-tas transformadas em algo cheio de veias azuis e calom-bos, subindo e descendo com dificuldade a escada, carre-gando roupa para a lavanderia, afastando o rosto das manchas nos lençóis, trabalhando pela vaga na pensão de propriedade de um casal de fanchonas velhas e peludas.

Imaginou a coisa seguinte que lhe diria e, no topo dos calcanhares de seu triunfo veio com um “sua boceta caipira”.

Armado com as idéias do Dr. Doemling, ele queria ficar perto de Starling, depois de ela ser desarmada, e dizer sem mover a boca: “Você tem idade para ainda estar tre-pando com o seu paizinho, até mesmo para um lixo bran-co do Sul.” Ele

repetiu a frase na mente, e pensou em a-notá-la em seu caderno.

Krendler tinha o instrumento, o tempo e o veneno de que precisava para esmagar a carreira de Starling e, en-quanto se preparava para isso, foi tremendamente ajudado pelo acaso e pelo correio italiano.

CAPÍTULO

68

O CEMITÉRIO Battle Creek, perto de Hubbard, Texas, é

uma pequena cicatriz na cobertura cor de leão do centro do Texas em dezembro. Neste momento o vento está as-sobiando, e sempre assobiará. Não dá para esperar que pare.

O novo trecho do cemitério tem lápides lisas para que fique fácil cortar a grama. Hoje um balão prateado em forma de coração dança sobre a sepultura de uma menina que morreu no dia do nascimento. Na parte mais antiga do cemitério eles cortam a grama dos caminhos todas as vezes, e passam entre as lápides com o cortador de grama sempre que podem. Pedaços de fita, hastes de flores secas, estão misturados no solo. Nos fundos do cemitério há um monturo de adubo para onde vão as flores velhas. Entre o balão que dança em forma de coração e o monturo há

uma retroescavadeira em ponto morto, com um rapaz ne-gro nos controles, outro no chão, protegendo um fósforo contra o vento enquanto acende um cigarro.,.

— Sr. Closter, eu queria que o senhor estivesse aqui quando fizéssemos isso, para ver o que vamos enfrentar.

Tenho certeza de que o senhor desencorajará os familia-res, para que não olhem — disse o Sr. Greenlea, gerente da Funerária Hubbard. — Aquele caixão, e quero de novo elogiá-lo por seu gosto, aquele caixão será digno de ser apresentado, e é só isso que eles precisam ver. Fico feliz em lhe dar o desconto profissional. O meu pai, que já está

morto, repousa num exatamente assim.

Ele balançou a cabeça para o operador da retroes-cavadeira e a garra da máquina

tirou um pedaço da sepul-tura cheia de mato, afundada.

— O senhor tem certeza com relação à lápide, Sr.

Closter?

— Sim — disse o Dr. Lecter. — Os filhos estão mandando fazer uma lápide para a mãe e o pai.

Eles ficaram parados sem falar, o vento balançando as pernas das calças, até que a retroescavadeira parou a uns sessenta centímetros de profundidade.

— É melhor prosseguirmos com as pás — disse o Sr. Greenlea. Os dois trabalhadores desceram no buraco e começaram a tirar a terra com movimentos fáceis, treina-dos. — Cuidado — disse o Sr. Greenlea. — Para come- çar, aquele caixão não era grande coisa. Totalmente dife-rente do que ele vai receber agora.

De fato, o caixão barato, de compensado, desmo-ronara sobre o ocupante. Greenlea mandou os cavadores limpar a terra ao redor e enfiar uma lona sob a base do caixão, que ainda estava intacta. O caixão foi levantado sobre essa lona e posto na traseira de uma caminhonete.

Na mesa sobre cavaletes da garagem da Funerária Hubbard, os pedaços da tampa afundada foram tirados para revelar um esqueleto de bom tamanho.

O Dr. Lecter examinou-o rapidamente. Uma bala marcara a costela mais curta sobre o fígado e havia uma fratura afundada e um buraco de bala no alto da têmpora esquerda. O crânio, cheio de musgo e matéria grudada, apenas parcialmente exposto, tinha inalares bons e altos que ele já vira antes.

— A terra não deixa muito — disse o Sr. Greenlea.

Os restos apodrecidos de calças e os trapos de uma camisa de *cowboy* cobriam os ossos. As presilhas de madre-pérola da camisa tinham caído através das costelas. Um chapéu de *cowboy,* de feltro, repousava sobre o peito. Havia um rasgo na aba e um buraco na copa.

— O senhor conhecia o falecido? — perguntou o Dr. Lecter.

Nós só compramos esta funerária e assumimos o cemitério como acréscimo ao

nosso grupo em 1989 —disse o Sr. Greenlea. — Moro aqui agora, mas a sede da nossa empresa fica em St. Louis. O senhor quer tentar preservar as roupas? Eu poderia ceder-lhe um terno, mas não creio...

— Não. Escove os ossos, nada de roupa a não ser o chapéu, a fivela e as botas, coloque num saco os ossos pequenos das mãos e dos pés, e os enrole na melhor mor-talha de seda, junto com o crânio e os ossos compridos. O

senhor não precisa arrumá-los, é só juntar tudo. Se ficar com a lápide isso vai compensá-lo por fechar tudo de no-vo?

— Sim, se o senhor assinar aqui. E lhe dou cópias daqueles outros — disse o Sr. Greenlea, tremendamente satisfeito com o caixão que havia vendido. A maioria dos agentes funerários que viessem pegar um corpo teriam transportado os ossos numa caixa de papelão e vendido para a família um caixão próprio.

Os papéis para exumação trazidos pelo Dr. Lecter estavam em perfeito acordo com o Código de Segurança e Saúde do Texas, seção 711.004, como ele sabia que estari-am, já que ele próprio os fez, baixando os requerimentos e os formulários da Biblioteca Legal da Associação de Con-dados do Texas.

Os dois trabalhadores, gratos pela comporta de carga da caminhonete alugada pelo Dr. Lecter, empurra-ram o novo caixão para o lugar e prenderam-no ao único outro item que estava na caminhonete, um baú vertical para roupas.

— É uma idéia tremendamente boa, carregar seu próprio armário. Evita amarrotar as roupas cerimoniais numa mala, não é? — disse o Sr. Greenlea.

Em Dallas, o doutor tirou do baú uma caixa de vio-la e colocou dentro dela o saco de ossos envolto em seda, com o chapéu se acomodando muito bem na parte inferi-or, com o crânio abrigado dentro. Jogou o caixão nos fun-dos do cemitério de FishTrap e devolveu o veículo aluga-do no Aeroporto Dallas — Fort Worth, onde despachou a caixa de viola direto para a Filadélfia.

IV

OCASIÕES NOTÁVEIS NO

CALENDÁRIO DO PAVOR

CAPÍTULO

69

NA SEGUNDA-FEIRA, Clarice Starling tinha de verificar as compras exóticas no fim de semana, e houve problemas no seu sistema que exigiram a ajuda de um técnico de in-formática do setor de engenharia. Mesmo com as listas severamente podadas a duas ou três das safras mais espe-ciais de cinco vinicultores, a redução a duas fontes de *foie gras* americano e cinco fornecedores de comidas especiais, o número de compras era formidável. As ligações das lojas de bebida que usavam o número de telefone constante no boletim tinham de ser digitadas à mão.

Baseada na identificação do Dr. Lecter no assassi-nato do caçador na Virgínia, Starling reduziu a lista para as compras na Costa Leste, a não ser pelo *foie gras* de Sono-ma. A Fauchon em Paris se recusou a cooperar. Starling não pôde entender o que a pessoa da Vera dal 1926, em Florença, disse ao telefone, e mandou um fax pedindo ajuda à Questura para o caso de o Dr. Lecter encomendar trufas brancas.

No fim do trabalho na segunda-feira, 17 de dezem-bro, Starling tinha doze possibilidades para seguir. Eram combinações de compras com cartões de crédito. Um homem comprara uma caixa de Pétrus e um Jaguar turbi-nado, ambos com o mesmo American Express.

Outro fez um pedido de uma caixa de Bâtard- Montrachet e uma caixa de ostras verdes da Gironde.

Starling repassou cada possibilidade junto com o Bureau local, para que fossem examinadas.

Starling e Eric Pickford trabalhavam em turnos se-parados, mas que se sobrepunham para que houvesse al-guém na sala durante as horas de funcionamento das lojas.

Era o quarto dia de Pickford no serviço, e passou parte dele programando seu telefone de discagem automá-tica. Não rotulou os botões.

Quando Pickford saiu para o café, Starling apertou o primeiro botão do telefone dele. O próprio Paul Kren-dler atendeu.

Ela desligou e sentou-se em silêncio. Estava na ho-ra de ir para casa. Girando a cadeira devagar, repetidamen-te, olhou para todos os objetos da Casa de Hannibal. Os raios X, os livros, a mesa arrumada para uma pessoa. De-pois passou pela cortina.

A sala de Crawford estava aberta e vazia. A suéter que a falecida esposa tricotara para ele continuava pendu-rada num cabideiro de canto. Starling estendeu a mão para a suéter, praticamente não a tocou, pendurou seu casaco no ombro e começou a longa caminhada até o carro.

Nunca mais veria Quantico de novo.

CAPÍTULO

70

NA NOITE DE 17 de dezembro, a campainha de Clarice Starling tocou. Dava para ver o carro de um oficial de jus-tiça federal atrás do Mustang em sua entrada de veículos.

O oficial de justiça era Bobby, que a levara do hos-pital para casa depois do tiroteio no Feliciana.

— Oi, Starling.

— Oi, Bobby. Entre.

— Eu gostaria, mas primeiro preciso lhe dizer: te-nho uma intimação aqui que preciso entregar a você.

— Bom, ora, entregue dentro de casa, onde está

quente— disse Starling, sentindo-se meio entorpecida.

A intimação, com o timbre do Departamento de Justiça, exigia que ela comparecesse a uma audiência na manhã seguinte, 18 de dezembro, às nove da manhã, no edifício J. Edgar Hoover.

— Quer uma carona amanhã? — perguntou o ofi-cial de justiça. Starling balançou a cabeça.

— Obrigada, Bobby. Vou no meu carro. Quer um café?

— Não, obrigado. Sinto muito, Starling. — Sem dúvida, o oficial de justiça queria ir embora. Houve um silêncio sem jeito. — A sua orelha está com aparência boa

— disse ele por fim.

Ela acenou enquanto ele dava a ré, saindo da entra-da de veículos.

A carta simplesmente dizia para Starling compare-cer. Não era dado qualquer motivo.

Ardelia Mapp, veterana das guerras internas do FBI e um espinho no flanco da rede de camaradagem entre os rapazes, imediatamente preparou para ela o chá medicinal mais forte de sua avó, renomado por melhorar o estado mental. Starling sempre tivera pavor do chá, mas não ha-via como se livrar dele.

Mapp bateu com o dedo no timbre da carta.

— O secretário-geral não *precisa* dizer coisa alguma a você— disse Mapp entre goles de chá. — Se o nosso Departamento de Responsabilidade Profissional tivesse acusações, ou se o Departamento de Responsabilidade Profissional do Departamento de Justiça tivesse alguma coisa contra você, eles teriam de informar, teriam de lhe mostrar documentos. Teriam de lhe dar uma droga de um 645 ou um 644 com as acusações bem ali, e se fosse maté-ria criminal, você teria um advogado, revelação integral, tudo que os bandidos merecem, certo?

— Certíssimo.

— Bom, desse jeito você não recebeu nada adian-tado. O secretário-geral é um cargo político, ele pode as-sumir qualquer caso.

— Ele assumiu este.

— Com Krendler soprando fumaça pela bunda de-le. O que quer que seja, se você quiser entrar com um processo de oportunidades iguais, tenho todos os núme-ros. Agora, escute, Starling, você precisa dizer a eles que quer que tudo seja gravado. O secretário-geral não usa depoimentos assinados. Lonnie Gains entrou naquela confusão com eles por causa disso. Eles mantêm um re-gistro do

que você diz, e algumas vezes o registro muda depois de você dizer. Nem sempre você vê uma transcri- ção.

Quando Starling ligou para Jack Crawford, ele pa-recia que estava dormindo.

— Não sei o que é, Starling — disse ele. — Vou dar uns telefonemas. O que sei é que estarei lá amanhã.

CAPÍTULO

71

MANHÃ, E A GAIOLA de concreto armado do edifício Ho-over matutando sob um céu leitoso.

Nesta era de carros-bombas, a entrada da frente e o pátio ficam fechados na maior parte do dia, e o edifício é

cercado por antigos automóveis do Bureau, como uma improvisada barreira contra ataques.

A polícia municipal segue uma política idiota, pre-enchendo multas para alguns dos carros da barreira dia após dia, o maço de papéis crescendo sobre os limpadores de pára-brisa e rasgando-se ao vento para depois voarem pela rua.

Um mendigo que se aquecia sobre uma grade na calçada gritou para Starling e levantou a mão enquanto ela passava. Um dos lados de seu rosto estava laranja do iodo de alguma emergência hospitalar. Ele estendeu um copo de isopor, gasto nas bordas. Starling enfiou a mão na bolsa procurando um dólar. Deu-lhe dois, inclinando-se para o ar quente e rançoso e o vapor.

— Deus a abençoe — disse ele.

— Preciso disso — disse Starling. — Qualquer coi-sa ajuda.

Starling comprou um copo grande de café no Au Bon Pain, no lado do edifício Hoover que dava para a rua 10, como tinha feito tantas vezes no passar dos anos.

Queria o café depois de um sono inquieto, mas não queria precisar mijar durante a audiência. Decidiu que tomaria a metade.

Viu Crawford pela vitrine e alcançou-o na calçada.

— Quer dividir esse café, Sr. Crawford? Eles me dão outro copo.

— É descafeinado?

— Não.

— É melhor não, vou ficar nervoso demais. Ele pa-recia abatido e velho. Uma gota transparente pendia na ponta de seu nariz. Os dois ficaram fora do tráfego de pe-destres que ia para a entrada lateral do escritório do FBI.

— Não sei o que é esta reunião, Starling. Ninguém mais do tiroteio no Feliciana foi chamado, que eu saiba.

Vou ficar com você.

Starling passou-lhe um lenço de papel e os dois en-traram no fluxo constante que chegava para o turno da manhã. Starling achou que os funcionários pareciam es-tranhamente bem-vestidos.

— Nonagésimo aniversário do FBI. Bush vem falar hoje — lembrou Crawford

Havia quatro caminhões de conexão de TV via sa-télite na rua lateral.

Uma equipe de câmera da WFUL-TV estava prepa-rada na calcada, filmando um rapaz de cabelo à escovinha que falava num microfone de mão. Um assistente de pro-dução, parado em cima do veículo, viu Starling e Craw-ford chegando em meio à turba.

— É ela, é ela, com capa de chuva azul-marinho —gritou ele.

— Lá vamos nós — disse o de corte à escovinha.

— Rodando.

A equipe abriu caminho na torrente de pessoas para colocar a câmera no rosto de Starling.

— Agente especial Starling, pode comentar sobre a investigação do massacre do Mercado de Peixes Feliciana?

O relatório foi submetido? Você está sendo acusada de matar os cinco... — Crawford tirou seu chapéu de chuva e, fingindo abrigar os olhos das luzes, conseguiu bloquear as lentes da câmera por um momento. Apenas a porta de segurança impediu a equipe de TV.

Os filhos da puta foram informados.

Uma vez dentro da segurança, eles pararam no cor-redor. A névoa do lado de fora cobrira Starling e Craw-ford com minúsculas gotas. Crawford engoliu a seco um comprimido de Ginkgo Biloba.

— Starling, acho que eles podem ter escolhido hoje por causa de toda a agitação com *impeachment* e o aniversá-rio. O que quer que eles façam, pode passar no meio da confusão.

— Então por que informar a imprensa?

— Porque nem todo mundo nesta audiência está

cantando pela mesma partitura. Você tem dez minutos, quer ajeitar a maquiagem?

CAPÍTULO

72

RARAMENTE STARLING subia até o sétimo andar, o andar executivo do edifício J. Edgar Hoover. Ela e os outros membros de sua turma de formandos haviam se reunido lá há sete anos para ver o diretor parabenizar Ardelia Mapp como oradora da turma, e uma vez um diretor-assistente a havia convocado a aceitar sua medalha de campeã de pistola de combate.

O tapete da sala do diretor-assistente Noonan era o mais fundo que ela já vira. Na atmosfera gorducha de pol-tronas de couro da sala de reuniões havia o cheiro distinto de cigarros. Starling se perguntou se eles haviam jogado as guimbas pela descarga e ventilado o ar antes que ela che-gasse.

Três homens levantaram-se quando ela e Crawford entraram na sala, e um permaneceu sentado. Os de pé e-ram o ex-chefe de Starling, Clint Pearsal, de Buzzard’s Po-int, o escritório de campo de Washington; o diretor-assistente

Noonan, do FBI; e um homem alto e ruivo num terno de seda. Sentado estava Paul Krendler, do gabinete do secretário-geral. Krendler virou a cabeça para ela, sobre o pescoço comprido, como se a estivesse localizando pelo cheiro. Quando a encarou, ela pôde ver as duas orelhas redondas do sujeito ao mesmo tempo. Estranhamente, um oficial de justiça federal que ela não conhecia estava para-do no canto da sala.

Geralmente o pessoal do FBI e do Departamento de Justiça são cuidadosos com a aparência, mas aqueles homens estavam arrumados para a TV. Starling percebeu que mais tarde eles deveriam aparecer nas cerimônias lá

embaixo, com o ex-presidente Bush. Caso contrário, ela teria sido convocada ao Departamento de Justiça, e não ao edifício Hoover.

Krendler franziu a testa ao ver Jack Crawford junto de Starling.

— Sr. Crawford, não creio que seu comparecimen-to seja necessário para este procedimento.

— Eu sou o supervisor imediato da agente especial Starling. Meu lugar é aqui.

— Não creio — disse Krendler. Em seguida, ele se virou para Noonan. — Clint Pearsal é oficialmente o che-fe dela, ela só está emprestada a Crawford. Creio que a agente Starling deva ser interrogada em particular— disse ele. — Se precisarmos de informações adicionais, pode-mos pedir que o chefe de seção Crawford fique num lugar onde possamos encontrá-lo.

Noonan confirmou com a cabeça.

— Sem dúvida, suas informações serão bem-vindas, Jack, depois de ouvirmos o testemunho indepen-dente de... da agente especial Starling. Jack, quero que vo-cê fique esperando. Se quiser ficar na sala de leitura da biblioteca, esteja à vontade. Eu o chamo.

Crawford levantou-se.

— Diretor Noonan, será que posso dizer...

— Você *pode* sair, é isso que você *pode* fazer — dis-se Krendler. Noonan levantou-se.

— Espere aí, por favor, esta reunião é minha, Sr.

Krendler, até que eu passe para o senhor. Jack, você e eu nos conhecemos há muito. O cavalheiro do Departamen-to de Justiça foi nomeado há bem pouco tempo para en- tender isso. Você terá direito de se pronunciar. Agora dei-xe-nos e permita que Starling fale por si própria. — Em seguida Noonan inclinou-se para Krendler e disse alguma coisa no ouvido dele, que fez seu rosto ficar vermelho.

Crawford olhou para Starling. Tudo que ele podia fazer era ficar puto da vida.

— Obrigada por ter vindo, senhor — disse ela. O

oficial de justiça guiou Crawford para fora.

Ao ouvir a porta fechar atrás de si, Starling emper-tigou-se e enfrentou os homens sozinha.

A partir daí, os procedimentos seguiram com a de-senvoltura de uma amputação do século XVIII.

Noonan era a mais alta autoridade do FBI na sala, mas o secretário-geral poderia sobrepujá-lo, e aparente-mente o secretário mandara Krendler como seu plenipo-tenciário.

Noonan pegou o dossiê a sua frente.

— Poderia se identificar, por favor, para os regis-tros?

— Agente especial Clarice Starling. *Há* um registro, diretor Noonan? Eu ficaria satisfeita se houvesse.

Quando ele não respondeu, ela disse:

— O senhor se importa se eu gravar os procedi-mentos? — Ela pegou na bolsa um pequeno gravador Nagra.

Krendler falou:

— Geralmente esse tipo de reunião preliminar a-conteceria na sala do secretário-

geral do Departamento de Justiça. Estamos fazendo aqui porque é da conveniência de todo mundo, com a cerimônia de hoje, mas as regras do departamento se aplicam. Esta é uma questão com al-guma sensibilidade diplomática. Nada de gravar.

— Diga do que ela *é* acusada, Sr. Krendler — pediu Noonan.

— Agente Starling, você é acusada de revelar ile-galmente material importante para um criminoso fugitivo

— disse Krendler, com o rosto sob controle cuidadoso.

— Especificamente, é acusada de colocar este anúncio em dois jornais italianos alertando o fugitivo Hannibal Lecter de que ele estava correndo perigo de ser capturado.

O oficial de justiça trouxe para Starling uma página borrada do *La Nazione.* Ela virou-a para a janela, a fim de ler o material circulado:

A A Aaron— Entregue-se às autoridades mais pró-ximas, os inimigos estão perto. Hannah.

— Como você responde?

— Eu não fiz isso. Nunca vi isso antes.

— Como responde ao fato de que a carta usa o co-dinome “Hannah”, que só era conhecido do Dr. Hannibal Lecter e deste Bureau? O codinome que Lecter pediu que você usasse?

— Não sei. Quem encontrou isto?

— Por acaso o serviço de documentos em Langley viu enquanto estava traduzindo a cobertura do *La Nazione* sobre Lecter.

— Se o código é um segredo dentro do Bureau, como é que o serviço de documentos de Langley reconhe-ceu no jornal? A CIA controla o serviço de documentos.

Vamos perguntar quem chamou a atenção deles para

“Hannah”.

— Tenho certeza de que o tradutor era familiariza-do com o dossiê.

— *Tão* familiarizado assim? Duvido. Vamos per-guntar quem sugeriu que ele prestasse atenção a isso. Co-mo eu saberia que o Dr. Lecter estava em Florença?

— Foi você quem encontrou o pedido da Questu-ra, em Florença, para acesso ao dossiê de Lecter no PACV

— disse Krendler. — O pedido chegou vários dias antes do assassinato de Pazzi. Não sabemos quando você des-cobriu. Por que outro motivo a Questura em Florença estaria perguntando sobre Lecter?

— Que motivo eu teria para avisá-lo? Diretor No-onan, por que isto é uma questão para o Departamento de Justiça? Estou preparada para fazer um exame de polígra-fo a qualquer momento. Tragam o equipamento para cá.

— Os italianos registraram um protesto diplomáti-co por causa da tentativa de aviso a um conhecido crimi-noso no país deles— disse Noonan. Ele indicou o homem ruivo ao seu lado. — Este é o Sr. Montenegro, da embai-xada da Itália.

— Bom dia, senhor. E como os *italianos* descobri-ram? — perguntou Starling. — Não foi a partir de Lan-gley?

— A queixa diplomática faz com que a bola caia no nosso lado da quadra — disse Krendler antes que Monte-negro pudesse abrir a boca. — Queremos limpar isso para satisfazer as autoridades italianas, para minha satisfação e a do secretário, e queremos isso imediatamente. É melhor para todo mundo se olharmos todos os fatos juntos. O

que há entre você e o Dr. Lecter, Srta. Starling?

— Interroguei o Dr. Lecter várias vezes sob as or-dens do chefe de seção Crawford. Desde a fuga do Dr.

Lecter recebi duas cartas dele em sete anos. Vocês estão com ambas.

— Na verdade, temos mais coisas — disse Kren-dler. — Recebemos isto ontem. O que mais você pode ter recebido, não sabemos. — Ele enfiou a mão atrás do

cor-po e pegou uma caixa de papelão, com muitos selos e muito manuseada pelos correios.

Krendler fingiu desfrutar as fragrâncias que vinham da caixa. Indicou a etiqueta de embarque com o dedo, sem se incomodar em mostrar a Starling.

— Endereçada a sua casa em Arlington, agente es-pecial Starling. Sr. Montenegro, poderia nos dizer o que são esses itens?

O diplomata italiano remexeu os itens enrolados num papel de seda, com as abotoaduras brilhando.

— Bom, são loções, *sapone di mandork,* o famoso sa-bão de amêndoa de Santa Maria Novella, em Florença, da farmácia de lá, e alguns perfumes. O tipo de coisa que as pessoas dão de presente quando se apaixonam.

— Esse material foi examinado em busca de toxi-nas e irritantes, certo, Clint? — perguntou Noonan ao ex-supervisor de Starling.

Pearsal pareceu envergonhado.

— Sim. Não há nada errado com eles.

— Um presente de amor— disse Krendler com al-guma satisfação. — Agora temos o bilhete apaixonado.—

Ele desdobrou o pedaço de pergaminho da caixa e ergueu-o, revelando a foto do rosto de Starling, que saíra no ta-blóide, com o corpo de uma leoa alada. Virou a folha para ler a letra elaborada do Dr. Lecter: “Alguma vez você pen-sou, Clarice, por que os filisteus não a entendem? É por-que você é a resposta para a charada de Sansão: você é o mel na leoa.”

— *Il mele dentro la leonessa,* que interessante — disse Montenegro, arquivando a frase em algum lugar para usá-la mais tarde.

— É *o que?* — perguntou Krendler.

O italiano desconsiderou a pergunta, vendo que Krendler jamais ouviria a musica da metáfora do Dr. Lec-ter, tampouco sentiria suas evocações táteis em qualquer outro lugar.

— O secretário-geral quer continuar a partir daqui, por causa das ramificações internacionais — disse Kren-dler. — O lado para onde a coisa irá, acusações adminis-trativas ou criminais, depende do que descobrirmos em nossa sindicância que está acontecendo. Se for criminal, agente especial Starling, o caso será entregue à Seção de Integridade Pública do Departamento de Justiça, e a SIP

irá levá-lo a julgamento. Você será informada com bastan-te tempo para se preparar. Diretor Noonan...

Noonan respirou fundo e deu o golpe do machado.

— Clarice Starling, estou colocando-a sob licença administrativa enquanto esta questão estiver sendo decidi-da. Você entregará as suas armas e identificação do FBI.

Está revogado seu acesso às instalações federais que não sejam públicas. Será acompanhada para fora do prédio.

Por favor, entregue agora suas armas e a identificação para o agente especial Pearsal. Venha.

Caminhando até a mesa, Starling viu durante alguns segundos os homens como se fossem pinos de boliche numa disputa de tiros. Ela poderia matar os quatro antes que um deles sacasse sua arma. O momento passou. Ela pegou sua 45, olhou firme para Krendler enquanto soltava o pente na mão, colocou o pente sobre a mesa e ejetou a bala que estava na câmara da pistola. Krendler pegou-a no ar e apertou-a até ficar com os nós dos dedos brancos.

Em seguida, foram o distintivo e a carteira de identidade.

— Você tem outro revólver? — perguntou Kren-dler. — E uma espingarda?

— Starling? — insistiu Noonan.

— Trancados no meu carro.

— Mais algum equipamento tático?

— Um capacete e um colete.

— Oficial de justiça, pegue essas coisas quando a-companhar a Srta. Starling até o veículo — disse Krendler.

— Você tem um celular codificado?

— Sim.

Krendler ergueu as sobrancelhas para Noonan.

— Entregue-o — disse Noonan.

— Quero dizer uma coisa, acho que tenho direito.

Noonan olhou para o relógio.

— Vá em frente.

— Isto é uma armação. Acho que Mason Verger está tentando capturar o Dr. Lecter sozinho com objetivos de vingança pessoal. Acho que ele o deixou escapar por pouco em Florença. Acho que o Sr. Krendler pode estar em conluio com Verger e quer que os esforços do FBI contra o Dr. Lecter funcionem a favor de Verger. Acho que Paul Krendler, do Departamento de Justiça, está ga-nhando dinheiro com isto, e acho que está disposto a me destruir com este objetivo. O Sr. Krendler já se compor-tou de modo inadequado comigo antes, e está agindo ago-ra tanto por desprezo quanto por interesse financeiro. Es-ta semana mesmo ele me chamou de “boceta caipira”. De-safio o Sr. Krendler, diante deste grupo, a fazer um teste com detetor de mentiras, junto comigo, abordando esses assuntos. Estou à sua disposição. Podemos fazer agora.

— Agente especial Starling, é uma sorte você não estar sob juramento aqui hoje... — começou Krendler.

— *Me coloque* sobre juramento. E se coloque tam-bém.

— Quero lhe garantir que, se não houver provas, você poderá ser plenamente reintegrada sem qualquer pre-juízo — disse Krendler em sua voz mais gentil. — En-quanto isso receberá pagamento e permanecerá com direi-to a seguro e benefícios médicos. A licença administrativa, em si, não é punitiva, agente Starling, use-a como melhor lhe aprouver. — Krendler adotou um tom confidencial.

— De fato, se quisesse aproveitar este hiato para tirar esta sujeira da bochecha, tenho certeza de que o departamento médico...

— Não é sujeira — disse Starling. — É pólvora.

Não é de espantar que você não reconheça.

O oficial de justiça estava esperando, a mão esten-dida para ela.

— Sinto muito, Starling — disse Clint Pearsal, com as mãos cheias do equipamento dela.

Starling olhou-o e depois afastou a vista. Paul Krendler veio em sua direção enquanto os outros homens esperavam que o diplomata, Montenegro, saísse primeiro da sala. Krendler começou a dizer alguma coisa entre os dentes, ele já estava com a frase pronta: “Starling, você

tem idade para ainda ser...

— Desculpe. — Era Montenegro. O alto diplomata havia se afastado da porta e vindo até ela. — Desculpe —repetiu Montenegro de novo, olhando no rosto de Kren-dler até ele se afastar, com a cara retorcida.

“Sinto muito por isto estar acontecendo com vo-cê— disse ele. — Espero que seja inocente. Prometo que vou pressionar a Questura em Florença para descobrir como a *inserzione,* o anúncio, foi pago no *La Nazione.* Se você pensar em alguma coisa para tentar descobrir na... na minha esfera da Itália, por favor diga e insistirei nisso.

Montenegro entregou-lhe um cartão, pequeno, rígi-do e com gravura em relevo, e pareceu não perceber a mão estendida de Krendler enquanto saía da sala.

Repórteres, que tiveram a permissão de passar pela entrada principal para a cerimônia de aniversário que ia acontecer em seguida, apinhavam o pátio. Alguns pareci-am saber quem procurar.

— Você precisa segurar meu cotovelo? — pergun-tou Starling ao oficial de justiça.

— Não, senhora, não — disse ele e abriu caminho para ela através dos

microfones e das perguntas gritadas.

Dessa vez o repórter de cabelo à escovinha parecia saber o assunto. As perguntas que ele gritou foram:

— É verdade que foi suspensa do caso de Hannibal Lecter? Prevê que será feita alguma acusação criminal con-tra você? O que diz com relação às acusações italianas?

Na garagem, Starling entregou seu colete à prova de balas, o capacete, a espingarda e o revólver de reserva. O

oficial de justiça esperou enquanto ela descarregava a pe-quena pistola e a limpava com um pano embebido em ó-leo.

— Vi você atirar em Quantico, agente Starling —disse ele. — Cheguei às quartas-de-final entre os oficiais de justiça. Eu limpo a sua 45 antes que ela seja guardada.

— Obrigada.

O oficial esperou um tempo depois de Starling en-trar no carro. Disse alguma coisa acima do barulho do Mustang. Ela baixou a janela e ele repetiu:

— Odeio que isso esteja acontecendo com você.

— Obrigada. Obrigada por ter dito isso.

Um carro da imprensa estava esperando perto da saída da garagem. Starling forçou o Mustang a fim de dei-xá-lo para trás e ganhou uma multa por excesso de veloci-dade a três quarteirões do edifício J. Edgar Hoover. Fotó-grafos tiraram fotos enquanto o patrulheiro municipal preenchia a multa.

O diretor-assistente Noonan estava sentado à sua mesa depois da reunião, esfregando as marcas deixadas pelos óculos nas laterais do nariz.

Ter se livrado de Starling não o incomodava tanto

— ele acreditava que havia nas mulheres um elemento emocional que freqüentemente não se adequava ao Bure-au. Mas doía-lhe ver Jack Crawford

cortado. Jack era um dos seus. Talvez Jack tivesse uma queda pela tal de Starling, mas isso acontece — a mulher de Jack estava morta, e coisa e tal. Uma vez Noonan teve uma semana em que não conseguia se impedir de olhar para uma atraente este-nógrafa, e teve de se livrar dela antes que a garota causasse alguma encrenca.

Colocou os óculos e pegou o elevador até a biblio-teca. Encontrou Jack Crawford na área de leitura, numa poltrona e com a cabeça encostada na parede. Noonan pensou que ele estava dormindo. O rosto de Crawford estava cinzento e suado. Ele abriu os olhos e ofegou.

— Jack? — Noonan deu um tapinha em seu om-bro, depois tocou o rosto pálido. Em seguida sua voz res-soou na biblioteca: — Ei, bibliotecária, chame os médicos!

Crawford foi para a enfermaria do FBI, e depois para a Unidade de Tratamento Intensivo do Jefferson Memorial.

CAPÍTULO

73

KRENDLER NÃO PODERIA pedir uma cobertura de im-prensa melhor.

O nonagésimo aniversário do FBI uniu-se a um passeio dos jornalistas pelo novo centro de administração de crises. O noticiário televisivo aproveitou-se desse aces-so pouco comum ao edifício J. Edgar Hoover, a C-SPAN

transmitiu integralmente as observações do ex-presidente Bush, junto com as do diretor, na programação ao vivo. A CNN transmitiu trechos dos discursos ao vivo e as redes fizeram cobertura para os jornais noturnos. Era como se os dignitários tivessem desfilado pelo tablado ocupado por Krendler nesse momento. O jovem de cabelo à esco-vinha, parado perto do palco, fez a pergunta:

— Sr. Krendler, é verdade que a agente especial Clarice Starling foi suspensa da investigação de Hannibal Lecter?

— Creio que seria prematuro, e injusto para com a agente, comentar isto no momento. Só direi que o Depar-tamento de Justiça está investigando a questão

Lecter.

Não foi feita acusação contra ninguém.

A CNN também sentiu o cheiro.

— Sr. Krendler, fontes noticiosas na Itália estão di-zendo que o Dr. Lecter pode ter recebido informações impróprias de uma fonte do governo alertando-o para fu-gir. É esta a base para a suspensão da agente especial Star-ling? É por isso que o gabinete do secretário-geral está

envolvido, em vez de o Departamento de Responsabilida-de Profissional?

— Não posso comentar sobre notícias do estran-geiro, Jeff. *Posso* dizer que o Departamento de Justiça está

investigando alegações que até agora não foram provadas.

Temos tanta responsabilidade para com nossos policiais quanto para com nossos amigos do estrangeiro. — Kren-dler ergueu o dedo como um Kennedy. — O caso Hanni-bal Lecter está em boas mãos, não somente nas mãos de Paul Krendler, mas de especialistas convocados de todas as disciplinas do FBI e do Departamento de Justiça. Es-tamos com um projeto que poderemos revelar com o de-vido tempo, quando tiver rendido frutos.

O lobista alemão que era senhorio do Dr. Lecter pusera na casa um enorme aparelho de televisão Grun-ding, e tentara fundi-lo com a decoração colocando um de seus menores bronzes de Leda e o Cisne em cima do apa-relho ultramoderno.

O Dr. Lecter estava assistindo a um documentário chamado *Uma breve história do tempo,* sobre o grande astrofí-sico Stephen Hawking e sua obra. Ele o assistira muitas vezes antes. Esta era sua parte predileta, quando a xícara de chá cai da mesa e se espatifa no chão.

Retorcido na cadeira de rodas, Hawking fala com sua voz gerada por computador:

“De onde vem a diferença entre o passado e o futuro? As leis da ciência não distinguem entre o passado e o futuro. No entanto, há

uma grande diferença entre o passado e futuro na vida comum.

“Você pode ver uma xícara de chá cair de uma mesa e se partir em pedaços no chão. Mas jamais verá a xícara se juntar de novo e saltar de volta para a mesa.”

O filme, passado de trás para a frente, mostra a xí-cara juntando-se de novo sobre a mesa. Hawking prosse-gue:

“O aumento da desordem, ou da entropia, i o que distingue o passado do futuro, dando uma direção para o tempo.”

O Dr. Lecter admirava enormemente a obra de Hawking e a acompanhava, com o máximo de atenção possível, nas publicações especializadas em matemática.

Sabia que Hawking já tinha acreditado que o universo pa-raria de se expandir e iria se encolher de novo, e que a en-tropia poderia se reverter. Mais tarde, Hawking disse que estava enganado.

Lecter era bastante capaz na área da alta matemáti-ca, mas Stephen Hawking está num plano totalmente dife-rente do resto de nós. Durante anos Lecter brincara com o problema, querendo que Hawking estivesse certo da primeira vez, que o universo em expansão parasse, que a entropia se consertasse, para que Mischa, comida, ficasse inteira de novo.

Tempo. O Dr. Lecter parou a fita de vídeo e trocou para um canal de noticiário.

Os acontecimentos da televisão e do noticiário que envolvem o FBI são listados diariamente no *site* público do FBI. O Dr. Lecter visitava o *site* da Web todo dia para certificar-se de que ainda estavam usando sua antiga foto-grafia entre os dez mais procurados. Assim ficou sabendo do aniversário do FBI a tempo de sintonizar a televisão.

Sentou-se numa grande poltrona, vestido de *smokings* plas-trom, e viu Krendler mentindo. Observou Krendler com os olhos semicerrados, segurando a taça de conhaque de-baixo do nariz e girando o conteúdo lentamente. Não via aquele rosto pálido desde que Krendler estivera perto de sua jaula em Memphis há sete anos, logo antes da fuga.

Num noticiário local de Washington, viu Starling receber uma multa de trânsito,

com microfones grudados à janela de seu Mustang. Neste momento, o noticiário de televisão “acusava Starling de violar a segurança dos Esta-dos Unidos” no caso Lecter.

Os olhos castanhos do Dr. Lecter arregalaram-se diante da visão, e nas profundezas de suas pupilas voaram fagulhas ao redor da imagem que ele fazia do rosto da mu-lher. Segurou as feições dela inteiras e perfeitas na mente, muito tempo depois de Starling desaparecer da tela, e fun-diu-a com outra imagem, Mischa. Apertou-as juntas até

que, a partir do núcleo de plasma vermelho da fusão, voa-ram fagulhas para cima, carregando a imagem única para o leste, para o céu da noite, para girar com as estrelas sobre o mar.

Agora, caso o universo se contraísse, se o tempo revertesse e as xícaras de chá se juntassem, poderia haver um lugar para Mischa no mundo. O lugar mais digno que o Dr. Lecter conhecia: o lugar de Starling. Mischa poderia ter tido o lugar de Starling no mundo. Se isso acontecesse, se esse tempo voltasse, o desaparecimento de Starling dei-xaria para Mischa um lugar tão brilhante e limpo quanto a banheira de cobre no jardim.

CAPÍTULO

74

O DR. LECTER estacionou sua *pick-up* a um quarteirão do Hospital da Misericórdia e limpou as moedas antes de co-locá-las no parquímetro. Com um macacão acolchoado do tipo que os trabalhadores usam para o frio, e um boné de aba comprida por causa das câmeras de segurança, passou pela entrada principal.

Fazia mais de quinze anos desde que estivera na-quele hospital, mas a disposição básica parecia não ter mudado. Ver aquele lugar onde começara a trabalhar co-mo médico não significava coisa alguma para ele. As áreas de segurança no andar de cima tinham passado por uma renovação superficial, mas deviam ser praticamente iguais a quando ele trabalhava aqui, segundo as plantas do regis-tro imobiliário.

Um passe de visitante apanhado na portaria permi-tiu que chegasse aos andares dos pacientes. Caminhou pelo corredor lendo os nomes de pacientes e médicos nas portas dos quartos. Ali era a unidade de convalescença pós-operatória, para

onde os pacientes vinham quando eram liberados da UTI depois de uma cirurgia cardíaca ou craniana.

Olhando o Dr. Lecter caminhar pelo corredor, dava para pensar que ele lia muito lentamente, enquanto seus lábios se moviam sem sons e ele cocava a cabeça de vez em quando, como um simplório. Depois, sentou-se na sala de espera onde podia ver o corredor. Esperou uma hora e meia entre mulheres velhas que contavam tragédias familiares e suportou um programa de prêmios na televi-são. Finalmente, viu o que esperava: um cirurgião ainda com jaleco verde, fazendo a ronda sozinho. Este seria... O

cirurgião estava indo ver um paciente do... Dr. Silverman.

O Dr. Lecter levantou-se e coçou a cabeça. Pegou um jornal amarfanhado numa mesinha de canto e saiu da sala de espera. Outro paciente de Silverman estava a dois quar-tos adiante. O Dr. Lecter entrou. O quarto estava em se-mi-escuridão, o paciente satisfatoriamente adormecido, a cabeça e o lado do rosto coberto por bandagens. Na tela do monitor, um verme de luz saltava constantemente.

O Dr. Lecter tirou rapidamente seu macacão acol-choado para revelar um jaleco cirúrgico. Calçou protetores sobre o sapato, colocou um gorro, máscara e luvas. Tirou do bolso um saco de lixo branco e desdobrou.

O Dr. Silverman veio falando por sobre o ombro com alguém no corredor. *Havia uma enfermeira vindo com ele?*

Não.

O Dr. Lecter pegou o cesto de lixo e começou a jo-gar o conteúdo no saco, de costas para a porta.

— Desculpe, doutor, vou sair do caminho — disse o Dr. Lecter.

— Tudo bem — respondeu o Dr. Silverman, pe-gando a prancheta ao pé da cama. — Faça o que for ne-cessário.

— Obrigado — disse o Dr. Lecter e girou o casse-tete de couro de encontro à base do crânio do cirurgião, apenas um movimento rápido do pulso, na verdade, e pe-gou-o pelo peito enquanto ele desmoronava. É sempre surpreendente ver o Dr. Lecter levantar um corpo; tama-nho por tamanho, ele é tão forte quanto uma

formiga. O

Dr. Lecter carregou o Dr. Silverman para o quarto do pa- ciente e tirou as calças dele. Sentou o Dr. Silverman no vaso.

O cirurgião ficou ali com a cabeça pendendo para a frente, sobre os joelhos. O Dr. Lecter levantou-o o sufici-ente para olhar suas pupilas e tirar vários crachás presos na frente de sua vestimenta cirúrgica.

Em seguida substituiu o passe de visitante pelas credenciais do doutor, viradas de cabeça para baixo. Colo-cou o estetoscópio do cirurgião no pescoço, jogando-o elegantemente de lado, e a elaborada lente cirúrgica do médico foi para o topo de sua cabeça. O cassetete de cou-ro entrou na manga.

Agora estava pronto para penetrar no coração do Misericórdia.

O hospital cumpre rígidas diretrizes federais para o manuseio de drogas narcóticas. Nos andares dos pacien-tes, os armários de medicamentos em cada posto de en-fermagem ficam trancados. Duas chaves, guardadas pela enfermeira de plantão e sua primeira assistente, são neces-sárias para entrar. E é mantido um registro rígido.

No bloco cirúrgico, a área mais segura do hospital, cada sala recebe as drogas para os procedimentos seguin-tes alguns minutos antes de o paciente ser trazido. As dro-gas para o anestesista são colocadas perto da mesa de ope-rações num armário que tem uma área refrigerada e uma à

temperatura ambiente.

O estoque de medicamentos é mantido num dis-pensário cirúrgico separado, perto da sala de lavagem. Ali estão uma quantidade de preparativos que não seriam en-contrados no dispensário geral lá embaixo, os sedativos poderosos e os exóticos sedativos hipnóticos que tornam possíveis cirurgias de coração aberto e de cérebro num paciente consciente e capaz de responder a perguntas.

Sempre há alguém no dispensário durante o dia de trabalho, e os armários não são fechados enquanto os farmacêuticos estão lá dentro. Numa cirurgia cardíaca de emergência não há tempo de ficar procurando chave. U-sando sua máscara, o Dr. Lecter empurrou as portas de vaivém para as salas de cirurgia.

Num esforço para criar um clima alegre, o bloco ci-rúrgico fora pintado em várias cores luminosas que até

mesmo os agonizantes considerariam um insulto. Adiante do Dr. Lecter vários médicos davam assinaturas no balcão e seguiam para a sala de lavagem. O Dr. Lecter pegou a prancheta de ponto e moveu uma caneta sobre ela, sem assinar coisa alguma.

A programação mostrava uma remoção de tumor cerebral na sala D, marcada para começar em vinte minu-tos, a primeira do dia. Na sala de lavagem ele tirou as lu-vas e colocou-as nos bolsos, lavou-se cuidadosamente, até

os cotovelos, secou as mãos, passou talco e calçou as luvas de novo. Para o corredor agora. O dispensário deveria ser a próxima porta à direita. Não. Era uma porta pintada em cor de abricó, com o letreiro GERADORES DE EMERGÊN- CIA, e adiante as portas duplas da suíte B. Uma enfermeira parou junto dele.

— Bom dia, doutor.

O Dr. Lecter tossiu por trás da máscara e murmu-rou um bom-dia. Em seguida, virou-se de novo para a sala de lavagem, murmurando como se estivesse esquecendo alguma coisa. A enfermeira ficou olhando-o um momento e depois entrou no teatro de operações. O Dr. Lecter ti-rou as luvas e jogou-as no cesto de lixo. Ninguém estava prestando atenção. Pegou outro par. Seu corpo estava na sala de lavagem, mas de fato ele corria pelo saguão de seu palácio de memória, passando pelo busto de Plínio e su-bindo a escada até o salão da arquitetura. Numa área bem iluminada dominada pelo modelo da Catedral de St. Paul feito por Christopher Wren, as plantas do hospital espera-vam sobre uma mesa dobrável. As plantas das salas cirúr-gicas do Misericórdia, linha por linha, vindas do registro de imóveis de Baltimore. Ele estava ali. O dispensário fi-cava lá. Não. Os desenhos estavam errados. Os projetos deviam ter mudado depois de as plantas terem sido arqui-vadas. Os geradores eram mostrados no outro lado, numa imagem espelhada da suíte A, do outro lado do corredor.

Talvez as legendas estivessem trocadas. Tinha de ser. Ele não podia se dar ao luxo de ficar procurando.

Saiu da sala de lavagem e seguiu pelo corredor até a suíte A Porta à esquerda. O letreiro dizia RESSONÂNCIA MAGNÉTICA. Em frente. A porta seguinte era o dispensá-rio. Eles haviam dividido o espaço da planta num labora-tório de ressonância magnética e uma área separada para guardar medicamentos.

A pesada porta do dispensário estava aberta, presa num retentor. O Dr. Lecter entrou rapidamente na sala e fechou-a.

Um farmacêutico gorducho estava agachado, colo-cando algo numa prateleira

baixa.

— Posso ajudá-lo, doutor?

— Sim, por favor.

O rapaz começou a se levantar, mas não chegou a ficar de pé. Barulho do cassetete e o farmacêutico soltou o ar enquanto se dobrava no chão.

O Dr. Lecter levantou a aba de seu jaleco cirúrgico e enfiou-a debaixo do avental de jardineiro que estava u-sando por baixo.

Examinando as prateleiras rápido, lendo etiquetas à

velocidade da luz; *Ambien*, *amobarbital*, *Amytal*, *hidrato de cloro, Dalmane, fluorazepan*, *Halcion* e dezenas de frascos fo-ram entrando em seus bolsos. Em seguida chegou à gela-deira, lendo e pegando, *midazolan, Noctec, escopolamina, pento- tal, quazepan, solziden.* Em menos de quarenta segundos o Dr. Lecter estava de volta ao corredor, fechando a porta-do dispensário.

Passou de novo pela sala de lavagem e olhou-se no espelho, para ver se não havia calombos nas roupas. Sem pressa, voltou pela porta de vaivém, o crachá deliberada-mente virado de cabeça para baixo, usando a máscara e com os óculos sobre os olhos, as lentes binoculares levan-tadas, pulsação 72, trocando cumprimentos carrancudos com outros médicos, descendo pelo elevador, para baixo, para baixo, ainda de máscara, olhando para uma prancheta que pegara ao acaso.

Os visitantes que chegavam podiam achar estranho ele usar a máscara cirúrgica até ter descido toda a escada e estar longe das câmeras de segurança. Pessoas na rua po-diam se perguntar por que um médico teria uma *pick-up* tão velha e mal cuidada.

De volta ao bloco cirúrgico, um anestesista, depois de espiar impaciente pela porta do dispensário, descobriu o farmacêutico ainda inconsciente, e passaram-se mais quinze minutos antes que sentissem a falta dos medica-mentos.

Quando voltou a si, o Dr. Silverman havia caído no chão ao lado do vaso sanitário, com as calças abaixadas.

Não se lembrava de ter entrado naquele cômodo, e não tinha idéia de onde se encontrava. Pensou que poderia ter tido um acidente cerebral, possivelmente um pequeno co-lapso ocasionado pela tensão de um mal-estar digestivo.

Movia-se muito devagar, com medo de deslocar um coá-gulo. Arrastou-se pelo chão até conseguir colocar a mão no corredor. Um exame revelou uma pequena concussão.

O Dr. Lecter fez mais duas paradas antes de ir para casa. Numa agência de correio do subúrbio de Baltimore parou por tempo suficiente para pegar um pacote que en-comendara pela Internet numa empresa de suprimentos funerários. Era um *smoking* com a camisa e a gravata já

instalados, o conjunto aberto nas costas.

Tudo de que precisava agora era o vinho, alguma coisa realmente, realmente festiva. Para isso teve de ir a Annapolis. Teria sido ótimo fazer a viagem no Jaguar.

CAPÍTULO

75

KRENDLER ESTAVA vestido para correr no frio, e teve de abrir o zíper do agasalho de corrida para não se esquentar demais quando Eric Pickford telefonou para ele em sua casa em Georgetown.

— Eric, vá até a cafeteria e me ligue de um telefone público.

— Perdão, Sr. Krendler?

— Faça apenas o que eu digo.

Krendler tirou a faixa de cabeça e as luvas e jogou-as sobre o piano da sala de estar. Com um dos dedos ca-tou milho tocando tema de *Dragnet* até que a conversa foi retomada:

— Starling era uma técnica, Eric. Não sabemos se ela grampeou os telefones. Vamos manter em segurança os negócios do governo.

— Sim, senhor.

“O negócio é que Starling ligou para mim, Sr.

Krendler. Ela queria suas coisas, até aquele passarinho estúpido, que bebe no copo. Mas ela me disse uma coisa que bateu. Disse para descontar o último dígito dos códi-gos postais das assinaturas suspeitas de revistas, se a dife-rença for três ou menos. Disse que o Dr. Lecter podia usar várias agências de correio que fossem convenien-temente próximas.

— E?

— Desse jeito consegui uma coisa. O *Journal of Neu- rophysiology* vai para um código postal, e o *Physica Scripta* e a *ICARUS* vão para outro. Eles ficam a uns dezesseis qui-lômetros de distância. As assinaturas são em nomes dife-rentes, pagas com vale postal.

— O que é *ICARUS?* ?

— É o jornal internacional de estudos do sistema solar. Ele assinava há vinte anos. As agências de correio são em Baltimore. Geralmente entregam as publicações mais ou menos no dia 10 de cada mês. Consegui mais uma coisa, há um minuto, a venda de uma garrafa de Château...

o que é que é, *Yuckum?*

— É. Pronuncia-se I-quem. E daí?

— Uma loja de vinhos finos em Annapolis. Colo-quei a compra no computador e bateu com a lista de datas que Starling havia digitado. O programa combinou com o aniversário de Starling. É o ano em que eles fizeram o vi-nho, o ano em que ela nasceu. A pessoa pagou trezentos e vinte e cinco dólares em dinheiro e...

— Isso foi antes ou depois de você falar com Star-ling?

— Logo depois, há um minuto...

— Então ela não sabe.

— Não. Eu deveria ligar...

— Você está dizendo que o vendedor ligou para você por causa da compra de uma garrafa?

— Sim, senhor. Ela tem anotações aqui, só existem três garrafas daquelas na Costa Leste. Ela notificou todos os três comerciantes. É preciso admirar isso.

— Quem comprou... qual era a aparência da pesso-a?

— Branca, estatura mediana e de barba. Estava to-do encasacado.

— A loja de vinho tem câmera de segurança?

— Sim, senhor, foi a primeira coisa que perguntei.

Falei que íamos mandar alguém pegar a fita. Ainda não fiz isso. O funcionário da loja de vinhos não tinha lido o bo-letim de alerta, mas contou ao dono porque foi uma com-pra muito incomum. O dono correu para fora a tempo de ver o sujeito. Ele acha que era o sujeito, indo embora nu-ma *pick-up* velha. Cinza, com um torno na traseira. Se for Lecter, acha que ele vai tentar mandar o vinho para Star-ling? É melhor nós a alertarmos.

— Não. Não diga a ela.

— Posso mandar a notícia para o boletim do

PACV e para o dossiê Lecter?

— *Não* — disse Krendler, pensando rápido. —

Você recebeu uma resposta da Questura sobre o compu-tador de Lecter?

— Não, senhor.

— Então não pode colocar no boletim do PACV

até termos certeza de que Lecter também não o está len-do. Ele poderia ter o código de acesso de Pazzi. Ou Star-ling poderia estar lendo o boletim e dando a dica para ele de algum modo, como fez em Florença.

— Ah, *certo.* Sei. O escritório de campo de Annapo-lis pode pegar a fita.

— Deixe tudo isso estritamente comigo. Pickford ditou o endereço da loja de vinhos.

— Continue examinando as assinaturas — instruiu Krendler. — Você pode contar a Crawford sobre as assi-naturas quando ele voltar ao trabalho. Ele vai organizar a cobertura das agências de correio depois do dia 10.

Krendler ligou para o número de Mason e começou a correr a partir de sua casa em Georgetown, indo para o Rock Creek Park.

Na escuridão que se aproximava só eram visíveis sua faixa de cabeça branca Nike, os tênis brancos Nike e a faixa branca na lateral de seu agasalho escuro Nike, como se não houvesse ninguém no meio das marcas.

Era uma corrida rápida, de meia hora. Ele ouviu o barulho de uma hélice de helicóptero assim que avistou o heliporto perto do zoológico. Pôde se enfiar debaixo das lâminas que giravam e alcançar o degrau sem sequer dimi-nuir a corrida. A ascensão do helicóptero a jato deixou-o empolgado, a cidade, os monumentos iluminados baixan-do enquanto a aeronave levava-o para as alturas que ele merecia, para Annapolis, para a fita e para Mason.

CAPÍTULO

76

— QUER FOCALIZAR essa porra, Cordell? — Na profunda voz radiofônica de Mason, com consoantes sem lábios,

“focalizar” e “porra” soavam mais como “rocalizar” e

“rorra”.

Krendler estava parado ao lado de Mason na parte escura do quarto, a melhor posição para ver o monitor elevado. No calor do quarto de Mason ele baixara o agasa-lho de corrida até a cintura, com as mangas amarradas ao redor, expondo sua camiseta de Princeton. A faixa de ca-beça e os tênis brilhavam à luz do aquário.

Na opinião de Margot, Krendler tinha ombros de galinha. Os dois mal se haviam cumprimentado quando ele chegou.

Não havia contador de fita ou de tempo na câmera na loja de bebidas, e os negócios no Natal estavam agita-dos. Cordell fazia a fita correr rapidamente de cliente para cliente através de um monte de compras. Mason passava o tempo sendo desagradável.

— O que você disse quando entrou na loja de be-bidas com o agasalho de corrida e mostrou o distintivo, Krendler? Disse que estava na olimpíada especial? — Ma-son era muito menos respeitoso desde que Krendler vinha depositando os cheques.

Krendler não poderia ser insultado quando seus in-teresses estavam em jogo.

— Falei que estava disfarçado. Que tipo de vigilân-cia você colocou sobre Starling agora?

— Diga a ele, Margot — Mason parecia querer e-conomizar seu fôlego escasso para os insultos.

— Trouxemos doze homens da nossa segurança

em Chicago. Eles estão em Washington. Três equipes, um membro de cada uma delas tem registro como policial no estado de Illinois. Se a polícia pegar vocês agarrando o Dr.

Lecter podem dizer que o reconheceram e que é uma pri-são de cidadão, e coisa e tal. A equipe que o capturar irá

entregá-lo a Cario. Em seguida, eles voltam para Chicago e *é* só disso que vão saber.

A fita estava correndo.

— Espere um minuto, Cordell, volte trinta segun-dos — disse Mason. — Olhe para isto.

A câmera da loja de bebidas cobria a área que ia da porta da frente até a caixa registradora.

Na imagem turva e silenciosa do videoteipe, entrou um homem usando boné, uma jaqueta grossa e mitenes.

Tinha suíças grandes e usava óculos de sol. Ele virou as costas para a câmera e fechou cuidadosamente a porta depois de entrar.

O comprador demorou um momento para explicar ao funcionário o que queria e seguiu o homem até fora das vistas, para as prateleiras dos vinhos. Três minutos se arrastaram. Finalmente, voltaram para o ângulo da câmera.

O funcionário tirou pó da garrafa e a acolchoou antes de colocar numa sacola. O comprador tirou apenas a mitene da direita e pagou em dinheiro. A boca do funcionário mexeu-se enquanto ele dizia “obrigado” as costas do ho-mem que se afastava.

Uma pausa de alguns segundos e o funcionário gri-tou para alguém fora da câmera. Um homem atarracado entrou na imagem e saiu correndo pela porta.

— Aquele é o dono, o sujeito que disse que viu a *pick-up*.

— Cordell, você pode copiar essa fita e ampliar a cabeça do comprador?

— Vai demorar um segundo, Sr. Verger. Vai ficar granulada.

— Faça isso.

— Ele manteve a mitene esquerda — disse Mason.

— Eu posso ter sido sacaneado naquele raio X que com-prei.

— Pazzi disse que ele consertou a mão, não foi? Ti-rou o dedo extra — disse Krendler.

— Pazzi podia ter enfiado o dedo dele na bunda, não sei em quem acreditar. Você já o viu, Margot, o que acha? Era o Lecter?

— Já se passaram dezoito anos — disse Margot. —

Só tive três sessões com ele, e ele só ficava de pé atrás da mesa quando eu entrava, não vinha para a frente. Ficava sempre imóvel. Lembro mais da voz dele do que de qual-quer outra coisa.

A voz de Cordell pelo interfone:

— Sr. Verger, Cario está aqui.

Cario cheirava a porcos e a outras coisas. Entrou no quarto segurando o chapéu sobre o peito, e o cheiro de salsicha de porco rançosa que vinha de sua cabeça fez Krendler soprar o ar pelo nariz. Como sinal de respeito, o seqüestrador sardo recolheu para o fundo da boca o dente de porco que estava mastigando.

— Cario, olhe para isto. Cordell, volte a fita e colo-que a partir do ponto em que ele entra.

— É o *stronzo* filho da puta — disse Cario antes que a pessoa na tela tivesse dado quatro passos. — A barba é

nova, mas é assim que ele anda.

— Você viu as mãos dele em *Firenze,* Cario.

— *Si.*

— Cinco dedos ou seis na esquerda?

— ...Cinco.

— Você hesitou.

— Só para pensar em *cinque* em inglês. São cinco, tenho certeza. Mason entreabriu os dentes expostos, no único sorriso que possuía.

— Adorei. Ele está usando a mitene para tentar manter os seis dedos na sua descrição.

Talvez o cheiro de Cario tenha entrado no aquário através da bomba de aeração. A enguia saiu para ver e fi-cou do lado de fora, girando, girando em seu infinito oito de Mõbius, mostrando os dentes enquanto respirava.

— Cario, acho que talvez nós terminemos isso logo

— disse Mason. — Você, Piero e Tommaso são minha primeira equipe. Tenho confiança em vocês, mesmo ele tendo vencido vocês em Florença. Quero que mantenham Clarice Starling sob vigilância a partir da véspera do ani-versário

dela, no dia, e no dia seguinte. Vocês vão ser substituídos enquanto ela estiver dormindo em casa. Vou lhes dar um motorista e o furgão.

— *Padrone* — disse Cario.

— Sim.

— Quero um tempo em particular com o *dottore,* em nome do meu irmão, Matteo. O senhor disse que eu poderia ter. — Cario persignou-se enquanto mencionava o nome do morto.

— Entendo totalmente os seus sentimentos, Cario.

Você tem minha solidariedade mais profunda. Cario, que-ro que o Dr. Lecter seja consumido em duas etapas. Na primeira noite quero que os porcos comam seus pés, com ele olhando através das barras. Quero que ele esteja em boa forma para isso. Você irá me trazê-lo em boa forma.

Sem golpes na cabeça, sem ossos quebrados, sem danos no olho. Então, ele pode esperar durante a noite sem os pés, para que os porcos terminem no próximo dia. Vou conversar com ele durante um tempo e depois você pode tê-lo durante uma hora, antes da etapa final. Vou pedir que você preserve um olho e que o deixe consciente para que possa vê-los chegando. Quero que ele veja a cara dos porcos enquanto comem seu rosto. Se você, por exemplo, decidir castrá-lo, isso fica por sua conta, mas quero que Cordell cuide do sangramento. Quero que tudo seja fil-mado.

— E se ele sangrar até a morte na primeira vez no curral?

— Não vai. Nem vai morrer durante a noite. O que ele fará durante a noite é esperar com os pés comidos.

Cordell cuidará disso e substituirá seus líquidos corporais.

Ele ficará com soro intravenoso a noite inteira, talvez dois soros.

— Ou quatro, se for preciso — disse a voz incor-pórea de Cordell nos alto-falantes. — Posso fazer redu- ções nas pernas dele.

— Você pode cuspir e mijar no soro dele, no mí-nimo, antes de levá-lo para o

curral — disse Mason a Ca-rio em sua voz mais simpática. — Ou pode gozar dentro do soro, se quiser.

O rosto de Cario se iluminou com a idéia, depois ele se lembrou da *signorina* musculosa, e deu um olhar cul-pado, de soslaio.

— *Grazie mille, padrone.* O senhor poderá ir vê-lo morrer?

— Não sei, Cario. O pó no celeiro me perturba.

Talvez eu assista pelo vídeo. Você pode trazer um porco para mim? Quero colocar a mão num deles.

— Para este quarto, *padrone?*

— Não, os auxiliares podem me levar para baixo por pouco tempo, na maca mecanizada.

— Eu teria de colocar um deles para dormir, *padro- ne* — disse Cario, em dúvida.

— Faça isso com uma das porcas. Traga-a para o gramado perto do elevador. Você pode passar com a em-pilhadeira por cima da grama.

— Você imagina fazer o serviço com um furgão e um carro para provocar uma batida? — perguntou Kren-dler.

— Cario?

— O furgão já basta. Me dê um agente para dirigir.

— Tenho outra coisa para você — disse Krendler.

— Podemos ter um pouco de luz?

Margot moveu o reostato e Krendler colocou sua mochila na mesa, ao lado da tigela de frutas. Calçou luvas de algodão e pegou o que parecia ser um pequeno moni-tor com uma antena e uma braçadeira, junto com um dis-co rígido externo e uma bateria recarregável.

— £ difícil vigiar Starling porque ela mora num be-co sem lugar para espreitar.

Mas ela precisa sair, Starling é

louca por exercícios — disse Krendler. — Ela teve de en-trar para uma academia de ginástica particular, já que não pode mais usar a do FBI. Vimos quando ela estacionou perto da academia na quinta-feira e colocamos um rastre-ador debaixo do carro dela. É de níquel-cádmio e se recar-rega quando o motor está rodando, de modo que ela não possa descobri-lo com o desgaste da bateria. O software cobre estes cinco estados contíguos. Quem vai trabalhar neste negócio?

— Cordell, venha aqui — disse Mason.

Cordell e Margot ajoelharam-se ao lado de Kren-dler, e Cario ficou de pé acima deles, segurando o chapéu na altura das narinas dos outros.

— Olhem aqui — Krendler ligou seu monitor. —

É como um sistema de navegação de carro, só que mostra onde está o carro de Starling. — Uma vista geral da área metropolitana de Washington apareceu na tela. — O *zoom é* aqui, dá para mover a área com as setas, pegaram? Certo, não está mostrando nada sendo captado. Um sinal do ras-treador de Starling vai iluminar isto, e vocês ouvirão um *bip.* Então vocês podem captar a fonte na vista geral e dar um *zoom.* O *bip* fica mais rápido à medida que vocês che-gam mais perto. Aqui está o bairro de Starling num mapa de ruas, em escala. Vocês não estão captando nenhum *bip* do carro porque estamos fora do alcance. Em qualquer lugar na área metropolitana de Washington ou Arlington vocês ouviriam. Eu captei no helicóptero enquanto vinha para cá. Aqui está o conversor para a tomada de corrente alternada do furgão. Mais uma coisa. Vocês precisam me garantir que este negócio nunca vai cair nas mãos erradas.

Eu poderia me dar mal, esse tipo de coisa ainda não é en-contrável nas lojas de espiões. Ou vai voltar para as mi-nhas mãos ou vai para o fundo do Potomac. Entenderam?

— Você entendeu isso, Margot?— perguntou Ma-son. — Você, Cordell? Diga ao Mogli para dirigir e colo-que-o a par.

V

MEIO QUILO DE

CARNE HUMANA

CAPÍTULO

77

A BELEZA DO RIFLE de ar comprimido era que ele podia ser disparado com o cano dentro do furgão sem ensurde-cer todo mundo ao redor — não havia necessidade de enfiar o cano pela janela, onde as pessoas poderiam vê-lo.

A janela espelhada abriria alguns centímetros e um pequeno projétil hipodérmico voaria, levando uma grande carga de acepromazina para a massa muscular das costas ou das nádegas do Dr. Lecter.

Haveria apenas o estalo característico do cano da arma, como um galho verde partindo-se, nenhum estouro e nenhum sinal balístico do míssil sub-sônico para atrair a atenção.

Pelo modo como haviam ensaiado, quando o Dr.

Lecter começasse a cair, Piero e Tommaso, vestidos de branco, iriam “ajudá-lo” a entrar no furgão, garantindo aos pedestres que estavam levando-o ao hospital. O inglês de Tommaso era o melhor, já que ele o estudara num se-minário, mas o *h* de Hospital estava deixando-o irritado.

Mason estava certo em dar aos italianos as princi-pais datas para pegar o Dr. Lecter. Apesar do fracasso em Florença, eles eram de longe os mais capazes para pegar uma pessoa fisicamente, e os que tinham mais probabili-dade de capturar o Dr. Lecter vivo.

Mason permitiu apenas uma arma na missão, além do rifle de tranqüilizante — a do motorista, o policial Johnny Mogli, um agente licenciado do Departamento do Xerife de Illinois e há muito tempo criatura dos Verger.

Mogli cresceu falando italiano em casa. Era uma pessoa que concordava com tudo que a vítima dizia, antes de matá-la.

Cario e os irmãos Piero e Tommaso tinham sua re-de, a arma de atordoa-mento, Mace e uma variedade de amarras. Seria o bastante.

Estavam em posição à luz do dia, a cinco quartei-rões da casa de Starling em Arlington, estacionados numa vaga para deficiente físico numa rua comercial.

Hoje o furgão estava com letreiros adesivos que di-ziam: TRANSPORTE MÉDICO PARA IDOSOS. Tinha um cra-chá de deficiente físico pendurado no espelho e uma placa falsa, de deficiente, no pára-choque. No porta-luvas havia o recibo de uma oficina para uma troca recente do pára-choque. Eles poderiam alegar um engano na oficina e criar uma confusão por enquanto, se o número do crachá fosse questionado. Os números de identificação e do registro do veículo eram legítimos. Bem como as notas de cem dóla-res dobradas dentro dos documentos, para suborno.

O monitor, preso com velcro ao painel e ligado no acendedor de cigarros, brilhava com o mapa do bairro de Starling. O mesmo satélite de posicionamento global que agora marcava a posição do furgão também indicava o veículo de Starling, um ponto brilhante diante da casa de-la.

Às nove da manhã, Cario deixou Piero comer al-guma coisa. Às dez e meia Tommaso pôde comer. Ele não queria os dois cheios ao mesmo tempo, para o caso de uma longa caçada a pé. As refeições da tarde também e-ram intercaladas. No meio da tarde Tommaso estava pro-curando um sanduíche no isopor quando eles ouviram o *bip.* A cabeça fedorenta de Cario girou para o monitor.

— Ela está saindo — disse Mogli. Em seguida, li-gou o furgão. Tommaso recolocou a tampa do isopor.

— Lá vamos nós, lá vamos nós... ela vai pela Tin-dal, em direção à estrada. — Mogli entrou no meio do tráfego. Ele tinha a grande vantagem de poder ficar três quarteirões atrás, onde Starling não poderia vê-lo.

Tampouco Mogli pôde ver a velha *pick-up* cinzenta entrar no tráfego um quarteirão atrás de Starling, com uma árvore de Natal projetando-se para fora da carroceria.

Dirigir o Mustang era um dos poucos prazeres com os quais Starling podia contar. O carro poderoso, sem ABS e sem controle de tração, era difícil de dirigir nas ruas escorregadias durante boa parte do inverno. Enquanto as estradas estavam limpas era agradável forçar o V8 um pouco em segunda marcha e ouvir os canos de descarga.

Mapp, fanática por cupons, mandara com Starling um maço grosso de cupons de descontos preso à lista de compras. Ela e Starling iam fazer um presunto, um assado de panela e dois pratos de forno. Outros convidados tra-riam o peru.

Um jantar no seu aniversário era a última coisa que preocupava Starling. Ela tivera de concordar porque Mapp e um número surpreendente de outras agentes, algumas que ela só conhecia de longe e de quem não gostava em particular, apareceriam para apoiá-la em seus apuros.

Jack Crawford era um peso em seu pensamento.

Ela não podia visitá-lo na UTI nem telefonar para ele.

Deixou bilhetes no posto de enfermagem, fotos engraça-das de cães com as mensagens mais leves que ela pôde escrever.

Em seu sofrimento Starling se distraía brincando com o Mustang, usando a embreagem e reduzindo a mar- cha, aproveitando a compressão do motor para reduzir na curva de entrada do supermercado Safeway, tocando o freio somente para acender as luzes traseiras para os mo-toristas que vinham atrás.

Teve de dar quatro voltas no estacionamento antes de encontrar uma vaga, vazia porque estava bloqueada por um carrinho de compras abandonado. Ela saiu e afastou o carrinho. Quando estacionou, outro comprador havia apa-nhado o carrinho.

Encontrou outro carrinho perto da porta e empur-rou-o em direção ao supermercado.

Mogli pôde vê-la virar e parar na tela de seu moni-tor, e à distância viu o grande Safeway surgindo à direita.

— Ela vai ao supermercado. — E Mogli virou para o estacionamento. Demorou alguns segundos até enxergar o carro. Pôde ver uma jovem empurrando um carrinho em direção à entrada.

Cario apontou o binóculo para ela.

— É Starling. Parece com as fotos. — Em seguida, entregou o binóculo a Piero.

— Eu gostaria de tirar a foto dela — disse Piero.

— Estou com a lente *zoom* aqui.

Havia uma vaga para deficiente em frente ao carro dela, do outro lado da pista. Mogli parou ali, na frente de um grande Lincoln com placas de deficiente. O motorista buzinou furioso.

Agora eles estavam olhando pela janela traseira do furgão, para a traseira do carro de Starling. Talvez porque estivesse acostumado a olhar para carros americanos, Mo-gli percebeu primeiro a caminhonete velha, parada numa vaga distante perto da beira do estacionamento. Só dava para ver a traseira cinza da *pick-up*.

Apontou a *pick-up* para Cario.

— Ele tem um torno na traseira? Foi isso que disse o sujeito da loja de bebidas? Pegue o binóculo, não dá pa-ra ver por causa da porra da árvore.

— *Cario, cè una mona sulcamione?*

— *Si.* É, o torno está lá. Não há ninguém dentro.

— Será que a gente deve vigiá-la na loja? — Tom-maso não costumava questionar Cario.

— Não, se ele agir, vai agir aqui.

Os laticínios foram primeiro. Consultando seus cu-pons, Starling selecionou queijos para um prato de forno e alguns bolinhos congelados. *De jeito nenhum eu ia fazer boli- nhos para essa multidão.* Ela chegara ao balcão de carnes quando percebeu que tinha esquecido a manteiga. Deixou o carrinho e voltou para pegá-la.

Quando retornou à seção de carnes, seu carrinho havia desaparecido. Alguém tinha retirado suas poucas compras e colocado numa prateleira perto. Tinham ficado com os cupons e a lista.

— Que droga — disse Starling, suficientemente al-to para que os fregueses perto ouvissem. Olhou ao redor.

Não havia ninguém à vista com um maço grosso de cu-pons. Respirou fundo duas vezes. Podia espreitar perto das caixas e tentar reconhecer sua lista, se ela ainda esti-vesse presa aos cupons. Que diabo, uma merreca. Não deixe isso arruinar seu dia.

Não havia carrinhos livres perto das caixas. Starling saiu para encontrar outro no estacionamento.

— *Ecco!* — Cario viu-o se aproximando entre os veículos. Com seu passo leve e rápido, o Dr. Hannibal Lecter, usando um sobretudo de pêlo de camelo e chapéu de feltro, carregando um presente num ato de absoluta extravagância. — *Madonna!* — Ele está vindo para o carro dela. — Então o caçador que havia em Cario assumiu o comando e ele começou a controlar a respiração, prepa-rando-se para o tiro. O dente de porco que ele estava mas-tigando apareceu brevemente entre os lábios.

A janela traseira do furgão não baixava.

— *Metti in moto!* Dê uma ré e vire de lado para ele

— disse Cario.

O Dr. Lecter parou junto à porta do carona do Mustang, depois mudou de idéia e foi para o lado do mo-torista, possivelmente querendo dar uma cheirada no vo-lante. Ele olhou ao redor e tirou a haste de arrombamento de dentro da manga.

Agora o furgão estava de lado. Cario a postos com o rifle. Ele tocou o botão da janela elétrica. Nada aconte-ceu.

A voz de Cario, estranhamente calma agora em a- ção.

— *Mogli, il finestrino!*

Tinha de ser a trava de segurança para crianças.

Mogli estendeu a mão para ela.

O Dr. Lecter enfiou a haste na fenda ao lado da ja-nela e destrancou a porta do carro de Starling. Começou a entrar.

Com um palavrão, Cario abriu uma fresta na porta deslizante e ergueu o rifle, enquanto Piero saía do seu ca-minho. O furgão balançou quando o rifle disparou.

O dardo brilhou à luz do sol e, com um pequeno *to- e*, atravessou o colarinho engomado do Dr. Lecter e pene-trou em seu pescoço. A droga agiu rápido, uma dose grande num lugar crítico. Ele tentou se levantar, mas seus joelhos estavam fraquejando. O pacote caiu da sua mão e rolou para baixo do carro. Conseguiu tirar um canivete do bolso e abri-lo enquanto desmoronava entre a porta e o carro, o tranqüilizante transformando seus membros em água.

— Mischa — disse ele enquanto sua visão desapa-recia.

Piero e Tommaso saltaram para cima dele como grandes felinos, prendendo-o entre os carros até terem certeza de que estava fraco.

Empurrando seu segundo carro de compras do dia pelo estacionamento, Starling ouviu o estalo do rifle de ar e reconheceu-o instantaneamente como um som de ar-ma— abaixou-se por reflexo, enquanto as pessoas ao re-dor continuavam andando, sem perceber. Era difícil dizer de onde vinha. Olhou na direção de seu carro. Viu as per-nas de um homem desaparecendo num furgão e pensou que era um assalto.

Deu um tapa no lado do corpo onde a arma não morava mais e começou a correr, desviando-se entre os carros na direção do furgão.

O Lincoln com o motorista idoso estava de volta, buzinando para entrar na vaga de deficiente bloqueada pelo furgão, abafando os gritos de Starling.

— Esperem! Parem! FBI! Parem ou atiro! — Tal-vez ela conseguisse ver a placa.

Piero viu-a chegando e, movendo-se rapidamente, usou o canivete do Dr. Lecter para cortar a válvula do pneu esquerdo dianteiro do carro de Starling e mergulhou no furgão. O furgão pulou sobre uma lombada do esta-cionamento e foi para a saída. Ela pôde ver a placa. Ano-tou o número no pó do capo de um carro, usando o dedo.

Starling estava segurando suas chaves. Ouviu o sibi-lo do ar saindo da válvula assim que entrou no carro. Pô-de ver o topo do furgão indo em direção à saída.

Deu um tapa na janela do Lincoln, que agora buzi-nava para ela.

— O senhor tem um celular? Sou do FBI, por fa-vor, o senhor tem um celular?

— Continue, Noel — disse a mulher do carro, cu-tucando e beliscando a perna do motorista. — Isso não passa de encrenca, é algum tipo de truque. Não se envol-va. — O Lincoln se afastou.

Starling correu até um telefone público e discou 911. O policial Mogli dirigiu no limite de velocidade du-rante quinze quarteirões.

Cario tirou o dardo do pescoço do Dr. Lecter, alivi-ado quando não saiu líquido do buraco. Havia um hema-toma mais ou menos do tamanho de uma moeda de 25

cents debaixo da pele. A injeção deveria ser difundida por uma grande massa muscular. O filho da puta podia mor-rer, antes que os porcos o comessem.

Não havia conversa no furgão, apenas a respiração pesada dos homens e o barulho do rádio que captava a faixa da polícia, debaixo do painel. O Dr. Lecter estava deitado no chão do veículo, vestido em seu fino sobretu-do, o chapéu rolado para fora da cabeça esguia, um ponto de sangue brilhante no colarinho, elegante como um fai-são numa tábua de açougueiro.

Mogli entrou num edifício garagem e foi até o ter-ceiro andar, parando apenas por tempo suficiente para tirar os letreiros das laterais do furgão e trocar as placas.

Não precisaria se preocupar. Riu consigo mesmo quando o rádio captou o boletim da polícia. A telefonista do 911, aparentemente confundindo a descrição de Star-ling de um “furgão ou microônibus cinza”, emitiu um bo-letim de busca para um ônibus “Greyhound”. Deve-se dizer que o 911 só pegou certo um dos dígitos da placa.

— Igualzinho a Illinois — disse Mogli.

— Eu vi o canivete, fiquei com medo de que ele se matasse para escapar do que está vindo — disse Cario a Piero e Tommaso. — Ele vai desejar ter cortado a gargan-ta.

Quando Starling verificou os outros pneus, viu o pacote no chão debaixo do carro.

Uma garrafa de Château d'Yquem, de trezentos dó-lares, e o bilhete escrito na letra familiar: *Feliz aniversário, Clarice.* Foi então que entendeu o que vira.

CAPÍTULO

78

STARLING TINHA na mente os números de que precisava.

Deveria dirigir os dez quarteirões até o seu telefone em casa? Não, de volta ao telefone público, pegando o fone pegajoso de uma moça, desculpando-se, colocando moe-das de 25 *cents,* a mulher chamando um guarda do super-mercado.

Starling ligou para o esquadrão de reação do escri-tório de campo de Washington, Buzzard s Point.

No esquadrão onde ela servira durante tanto tempo as pessoas sabiam tudo a seu respeito e a transferiram para a sala de Clint Pearsal, enquanto ela procurava mais moe-das e lidava com o guarda de segurança do supermercado ao mesmo tempo, ele pedindo repetidamente sua identifi-cação.

Por fim, a voz familiar de Pearsal ao telefone.

— Sr. Pearsal, vi três homens, talvez quatro, se-qüestrarem Hannibal Lecter no estacionamento do Safe-way há uns cinco minutos. Eles cortaram meu pneu, não pude ir atrás.

— É o negócio do ônibus, o boletim emitido pela polícia?

— Não sei de ônibus. Era um furgão cinza, com placa de deficiente físico. — Starling deu o número.

— Como sabe que era Lecter?

— Ele... deixou um presente para mim. Estava de-baixo do meu carro.

— Sei... — Pearsal fez uma pausa e Starling apro-veitou o silêncio.

— Sr. Pearsal, o senhor sabe que Mason Verger es-tá por trás disso. Tem de estar. Ninguém mais faria uma coisa dessas. Ele é sádico, vai torturar o Dr. Lecter até a morte e vai querer assistir. Nós precisamos emitir um bo-letim de vigilância para todos os veículos de Verger e con-seguir que a promotoria geral de Baltimore emita um mandado de busca para a propriedade dele.

— Starling... meu Deus, Starling. Olhe, vou pergun-tar só uma vez. Você tem certeza do que viu? Pense du-rante um segundo. Pense em todas as coisas boas que vo-cê já fez aqui. Pense no que você jurou. Não há como re-cuar a partir disso. O que você viu?

O que eu deveria dizer— que não sou histérica? Esta é a primeira coisa que os histéricos dizem. Num instante, ela viu como caíra na confiança de Pearsal, e como a confiança dele era feita de um material barato.

— Vi três homens, talvez quatro, seqüestrarem um homem no estacionamento do Safeway. No local encon-trei um presente do Dr. Hannibal Lecter, uma garrafa de vinho Château d'Yquem, produzido no ano de meu nas-cimento, com um bilhete escrito na letra dele. Eu descrevi o veículo. Estou passando as informações para você, Clint Pearsal, comandante de Buzzards Point.

— Vou prosseguir com isso como sendo um se-qüestro, Starling.

— Estou indo para aí. Eu poderia ter de volta a au-torização e ir com o esquadrão de busca.

— Não venha, eu não poderia deixá-la entrar.

Uma pena Starling não ter saído antes que a polícia de Arlington chegasse ao estacionamento. Foram necessá- rios quinze minutos para corrigir o boletim emitido para o veículo dos seqüestradores. Uma policial atarracada, com sapatos grossos, pegou a declaração de Starling. O bloco de multas, o rádio, o Mace, a arma e as algemas da mulher projetavam-se em ângulos variados de seu traseiro enor-me, e sua jaqueta ficava entreaberta devido ao volume dos seios. A policial não conseguia se decidir se deveria anotar o local de trabalho de Starling como o FBI ou colocar

"nenhum". Quando Starling irritou-a, antecipando as per-guntas, a policial

passou a agir mais devagar. Quando Star-ling apontou para as marcas dos pneus de lama e neve, onde o furgão batera na lombada, ninguém que atendera ao chamado tinha uma máquina fotográfica. Ela mostrou aos policiais como usar a sua.

Repetidamente, enquanto dava as respostas, Star-ling dizia a si mesma: *eu deveria ter ido atrás, eu deveria ter ido atrás. Deveria ter arrancado aquele idiota do Lincoln e ido atrás.*

CAPÍTULO

79

KRENDLER CAPTOU O primeiro alerta sobre o seqüestro.

Ligou para suas fontes e em seguida falou com Mason através de um telefone seguro.

— Starling viu o seqüestro, não contávamos com isso. Ela está criando o maior tumulto no escritório de campo de Washington. Recomendando um mandado de busca para a sua propriedade.

— Krendler... — Mason esperou para respirar, ou talvez estivesse exasperado, não dava para saber. — Já dei queixa às autoridades locais, ao xerife e à promotoria fede-ral, de que Starling anda me incomodando, ligando tarde da noite com ameaças incoerentes.

— Ela fez isso?

— Claro que não. Mas não pode provar que não fez, e isso vai atrapalhar o lado dela. Bom, posso me livrar de um mandado de busca neste condado e neste estado.

Mas quero que você ligue para o procurador-geral aí e lembre a ele que essa puta histérica está atrás de mim.

Posso cuidar do pessoal daqui, acredite.

CAPÍTULO

80

FINALMENTE LIVRE da polícia, Starling trocou o pneu e foi para casa, para usar seus próprios telefones e o compu-tador. Sentia uma tremenda falta do celular do FBI e ainda não o substituíra.

Havia um recado de Mapp na secretária eletrônica:

— Starling, tempere o assado de panela e ponha em fogo baixo. Não coloque os legumes ainda. Lembre-se do que aconteceu na ultima vez. Vou estar numa droga de audiência até umas cinco horas.

Starling ligou o *laptop* e tentou baixar o dossiê de Lecter no Programa de Apreensão de Criminosos Violen-tos, mas teve negada a admissão não somente ao PACV

mas a toda a rede de computadores do FBI. No momento tinha tanto acesso quanto qualquer policialzinho do vilare-jo mais rural da América.

O telefone tocou.

Era Clint Pearsal.

— Starling, você andou incomodando Mason Ver-ger pelo telefone?

— Nunca, juro.

— Ele diz que sim. Ele convidou o xerife para dar uma volta pela propriedade. Na verdade insistiu nisso, e agora estão indo para lá. De modo que não vai haver mandado nem agora nem depois. Nós não conseguimos encontrar qualquer outra testemunha do seqüestro. Só

você.

— Havia um Lincoln branco com um casal de ido-sos. Sr. Pearsal, que tal verificar as compras em cartão de crédito no Safeway logo antes de isso acontecer? Essas compras têm a hora marcada no tíquete.

— Veremos isso, mas vai...

— ...vai demorar — terminou Starling.

— Starling?

— Sim, senhor.

— Cá entre nós, vou manter você a par das coisas importantes. Mas fique fora disso. Você não é uma polici-al enquanto estiver suspensa, e supostamente não deveria ter informações. É uma pessoa comum.

— Sim, senhor, eu sei.

Para o que você olha enquanto está tomando uma decisão? A nossa cultura não é reflexiva, nós não ergue-mos os olhos para os morros. Na maior parte das vezes decidimos as coisas críticas olhando para o chão de linóleo de um corredor institucional, ou sussurrando às pressas numa sala de espera com uma televisão alardeando absur-dos.

Procurando alguma coisa, qualquer coisa, Starling atravessou a cozinha até o silêncio e a ordem do lado do dúplex ocupado por Mapp. Olhou para a foto da pequena avó feroz de Mapp, que costumava preparar o chá. Olhou para a apólice de seguro da vovó Mapp emoldurada na parede. O lado de Mapp parecia o lugar onde Mapp mo-rava.

Voltou para o seu lado. Parecia que ninguém mora-va ali. O que ela possuía emoldurado? Seu diploma da A-cademia do FBI. Não restava qualquer foto de seus pais.

Ela esteve sem eles durante muito tempo, e só os tinha na mente. Algumas vezes, nos sabores do café da manhã ou num cheiro, num trecho de conversa, numa expressão doméstica entreouvida, ela sentia as mãos deles: sentia isso mais forte no sentimento de certo e errado.

Quem era ela, diabos? Quem algum dia a reconhe-cera?

Você é uma guerreira, Clarice. Você pode ser tão farte quanto quiser.

Starling podia entender o desejo de Mason matar Hannibal Lecter. Se ele tivesse feito isso sozinho, ou se tivesse contratado o serviço, ela poderia entender; Mason tinha um ressentimento.

Mas ela não podia suportar a idéia de o Dr. Lecter ser torturado até a morte; afastava-se da idéia como se afastara da morte dos cordeiros e dos cavalos há tanto tempo.

Você é uma guerreira, Clarice.

Quase tão feio quanto o ato era o fato de que Ma-son faria isso com o acordo tácito dos homens que tinham jurado defender a lei. O mundo é assim.

Com esse pensamento, ela tomou uma decisão

simples:

O mundo não será assim ao alcance de minha mão.

Descobriu-se dentro do *closet,* sobre um banco, es-tendendo a mão para o alto.

Pegou a caixa que o advogado de John Brigham lhe entregara no outono. Parecia ter se passado uma eternida-de.

Há muito de tradição e mística na entrega de armas pessoais a um colega sobrevivente. Tem a ver com a con-tinuação dos valores além da mortalidade individual.

As pessoas que vivem num tempo que outras tor-naram seguro para elas podem achar difícil entender.

A caixa com as armas de John Brigham era um pre-sente em si. Ele decerto a havia comprado no Oriente, enquanto era fuzileiro naval. Uma caixa de mogno com a tampa incrustada em madrepérola. As armas eram puro Brigham, bem usadas, bem conservadas e imaculadamente limpas. Uma pistola Colt 45 M1911A1, uma versão redu-zida da Safari Arms, para usar escondida, e uma adaga de levar na bota, com um dos gumes serrilhado. Starling ti-nha seus próprios coldres. O antigo distintivo de John Brigham, do FBI, estava montado numa placa de mogno.

Seu distintivo do DEA estava solto na caixa.

Starling tirou o distintivo do FBI da placa e colocou no bolso. A 45 foi para o coldre especial atrás do quadril, coberto pelo paletó.

A 45 curta foi para um dos tornozelos, e a faca para o outro, dentro das botas. Tirou o diploma da moldura e colocou-o dobrado no bolso. No escuro alguém poderia confundi-lo com um mandado de busca. Enquanto do-brava o papel grosso, ela soube que estava agindo diferen-te do que era, e ficou satisfeita.

Mais três minutos com o *laptop.* Do *site* Mapquest Web ela imprimiu um mapa em grande escala de Muskrat Farm e da Floresta Nacional ao redor. Durante um mo-mento olhou para o império de carnes de Mason, traçou os limites com o dedo.

Os grandes canos de descarga do Mustang sopra-ram o capim morto quando ela partiu atrás de Mason Verger.

CAPÍTULO

81

SILÊNCIO SOBRE Muskrat Farm, como a quietude dos domingos antigos. Mason agitado, terrivelmente orgulho-so por ser capaz de realizar aquilo. Em particular ele com-parava essa realização com a descoberta do rádio.

O livro ilustrado de ciências era o que ele mais re-cordava da época de escola; era o único livro suficiente-mente alto para permitir que se masturbasse na sala. Fre-qüentemente olhava para uma ilustração de madame Curie enquanto fazia isso, e agora pensava na cientista e nas to-neladas de minério que ela fervera para obter o rádio. Seus esforços eram bem parecidos com isso, pensou ele.

Mason imaginava o Dr. Lecter, produto de toda a sua busca e seus gastos, brilhando no escuro como o fras-co no laboratório de madame Curie. Imaginava os porcos que iriam comê-lo indo dormir depois na floresta, as bar-rigas brilhando como lâmpadas.

Era fim de tarde de sexta-feira, quase escuro. As equipes de manutenção tinham ido embora. Nenhum dos trabalhadores vira o furgão chegar, já que ele não viera pelo portão principal, e sim pela estradinha que atravessa-va a Floresta Nacional, que servia como entrada de servi- ço para Mason. O xerife e sua equipe terminaram a revista superficial e estavam bem longe antes que o furgão che-gasse ao celeiro. Agora o portão principal estava sob guar-da, e apenas uma equipe de confiança permanecia em Muskrat.

Cordell estava em seu posto na sala de brinquedos

— seu substituto chegaria à meia-noite. Margot e o polici-al Mogli, ainda com o distintivo de quando estivera papa-ricando o xerife, estavam com Mason, e o grupo de se-qüestradores profissionais trabalhava no celeiro.

No final do domingo tudo estaria encerrado, as provas queimadas ou sendo digeridas nas entranhas dos dezesseis suínos. Mason pensou que poderia dar para a enguia alguma iguaria tirada do Dr. Lecter, talvez o nariz.

Então, durante os anos seguintes, poderia observar a fita feroz, sempre circulando na forma de um oito, e saber que o sinal de infinito significava Lecter morto para sempre, morto para sempre.

Ao mesmo tempo sabia que era perigoso conseguir exatamente o que se quer. O que ele faria depois de matar o Dr. Lecter? Poderia arruinar alguns lares de adoção e atormentar algumas crianças. Poderia beber martínis com lágrimas. Mas de onde viria a diversão de verdade?

Que tolo seria em diluir esse tempo de êxtase com receios sobre o futuro. Esperou o borrifo minúsculo de encontro ao olho, esperou que a lente se limpasse, depois soprou o fôlego num tubo: sempre que quisesse ele pode-ria ligar o monitor de vídeo para ver seu prêmio...

CAPÍTULO

82

O CHEIRO DE UM FOGO de carvão no depósito de arreios do celeiro de Mason, os cheiros de animais e homens. A luz do fogo no crânio comprido de Fleet Shadow, o cava-lo de corrida, tão vazio quanto a providência, observando tudo com antolhos.

Carvões vermelhos na fornalha de ferrador lampe-jam e clareiam com o sussurro do fole, enquanto Cario esquenta uma tira de ferro, já vermelha.

O Dr. Hannibal Lecter está pendurado na parede, abaixo do crânio do cavalo, como um terrível retábulo.

Seus braços estão esticados dos dois lados, bem amarra-dos com corda a um

balancim, uma grossa peça de carva-lho de uma charrete de pônei. O balancim atravessa as costas do doutor como uma canga, e está preso à parede com uma braçadeira feita por Cario. As pernas não che-gam ao chão. Estão amarradas por cima das calças, como se ele fosse um assado, com muitas voltas espaçadas, cada volta com um nó. Não são usadas correntes ou algemas—nada de metal que pudesse danificar os dentes dos porcos e desencorajá-los.

Quando o ferro na fornalha fica branco, Cario o le-va até a bigorna, usando uma pinça, e bate com o martelo, transformando a tira brilhante numa braçadeira, fagulhas vermelhas voando na semi-escuridão, ricocheteando em seu peito, ricocheteando na figura suspensa do Dr. Han-nibal Lecter.

A câmera de TV de Mason, estranha em meio às ferramentas antigas, olha para o Dr. Lecter de cima de seu tripé de metal que parece uma aranha. Sobre a bancada há

um monitor, agora escuro.

Cario aquece a braçadeira outra vez e corre com ela para fora, para prendê-la à empilhadeira enquanto está

brilhando e maleável. Seu martelo ecoa na altura vasta do celeiro, o golpe e o eco, *BANG-bang, BANG-bang.*

Soa um guincho áspero no jirau quando Piero en-contra a transmissão de um jogo de futebol em ondas cur-tas. Seu time de Cagliari está jogando contra o odiado Ju-ventus de Turim.

Tommaso está sentado numa poltrona de vime, o rifle de tranqüilizante encostado na parede ao lado. Seus olhos escuros de padre jamais abandonam o rosto do Dr.

Lecter.

Detecta uma mudança na imobilidade do homem amarrado. É uma mudança sutil, da inconsciência para um autocontrole incomum, talvez não mais do que a diferença de som na respiração dele.

Tommaso levanta-se da poltrona e grita para o ce-leiro:

— *Si sta svegliando.*

Cario volta ao depósito de arreios, com o dente de porco aparecendo e sumindo da boca. Está carregando uma calça cheia de frutas, legumes e galinhas. Esfrega as calças de encontro ao corpo e debaixo dos braços do Dr.

Lecter.

Mantendo a mão cuidadosamente longe do rosto dele, pega o cabelo de Lecter e levanta sua cabeça.

— *Buona sem, dottore.*

Um estalo vem do alto-falante do monitor de TV.

O monitor se ilumina e aparece o rosto de Mason...

— Acenda a luz em cima da câmera — disse Ma-son. — Boa noite, Dr. Lecter.

O doutor abriu os olhos pela primeira vez.

Cario pensou ter visto fagulhas voando atrás dos olhos do demônio, mas podiam ser reflexos do fogo. Fez o sinal-da-cruz contra mau-olhado.

— Mason— disse o doutor para a câmera. Atrás de Mason, Lecter podia ver a silhueta de Margot, escura con-tra o aquário. — Boa noite, Margot— o tom de voz agora cortês. — Fico feliz em vê-la de novo. — Pela clareza da fala, o Dr. Lecter podia estar acordado há algum tempo.

— Dr. Lecter? — veio a voz rouca de Margot.

Tommaso encontrou a luz sobre a câmera e acendeu-a. O

brilho áspero ofuscou a todos durante um segundo. Ma-son, em sua sonora voz radiofônica:

— Doutor, dentro de uns vinte minutos vamos servir a primeira refeição para os porcos. Serão os seus pés. Depois disso teremos uma festinha noturna, o senhor e eu. O senhor poderá usar bermuda. Cordell irá mantê-lo vivo durante longo tempo...

Mason estava dizendo mais alguma coisa, enquanto Margot se inclinava para ver a cena no celeiro.

O Dr. Lecter olhou para o monitor, para ter certeza de que Margot o estava vendo. Depois sussurrou para Ca-rio, a voz metálica urgente no ouvido do seqüestrador:

— Seu irmão, Matteo, deve feder mais do que você agora.

Ele se cagou quando o cortei.

Cario enfiou a mão no bolso de trás e pegou o agui-lhão elétrico. Na luz forte da câmera de TV, bateu com ele na lateral da cabeça de Lecter. Segurando o cabelo do doutor com uma das mãos, apertou o botão do cabo, mantendo o aguilhão na frente do rosto de Lecter, en-quanto a corrente de alta voltagem saltava numa linha lou-ca entre os eletrodos da ponta.

— Seu filho da puta— disse ele e lançou o aguilhão contra o olho do Dr. Lecter.

O Dr. Lecter não emitiu som algum— o som veio do alto-falante, Mason gritando ao máximo que sua respi-ração permitia, e Tommaso fazendo força para puxar Ca-rio. Piero desceu do jirau para ajudar. Eles sentaram Cario na poltrona de vime. E o seguraram.

— Se você cegá-lo, não vai receber dinheiro! — gri-taram ao mesmo tempo nos dois ouvidos de Cario.

O Dr. Lecter ajustou as sombras em seu palácio da memória para aliviar o clarão terrível. Ahhhhh. Encostou o rosto contra o frio flanco de mármore da Vênus.

Em seguida virou o rosto inteiramente na direção da câmera e disse com clareza:

— Eu não vou pegar o chocolate, Mason.

— O filho da puta é maluco, a gente sabia que ele era maluco — disse o policial Mogli. — Mas Cario tam-bém é.

— Vá lá embaixo e fique entre eles — disse Mason.

— Tem certeza de que eles não estão armados? —perguntou Mogli.

— Você foi contratado para ser durão, não é? Não, só a arma de tranqüilizante.

— Deixe-me fazer isso — disse Margot. — Para impedir qualquer ataque de machismo entre eles. Os itali-anos respeitam as mães deles. E Cario sabe que eu cuido do dinheiro.

— Leve a câmera para fora e me mostre os porcos

— disse Mason. — O jantar é às oito!

— Eu não preciso ficar para isso — reagiu Margot.

— Ah, precisa sim — disse Mason.

CAPÍTULO

83

MARGOT RESPIROU fundo do lado de fora do celeiro. Se estava disposta a matá-lo, devia estar disposta a olhá-lo.

Pôde sentir o cheiro de Cario antes de abrir a porta do depósito de arreios. Piero e Tommaso estavam dos dois lados de Lecter. Estavam virados para Cario, sentado na poltrona.

— *Buona sera, Signori* — disse Margot.— Seus ami-gos estão certos, Cario. Se você arruiná-lo agora, não vai ter dinheiro. E você já chegou muito longe e já se deu muito bem.

Os olhos de Cario jamais se afastavam do rosto do Dr. Lecter. Margot pegou um celular no bolso. Apertou números no mostrador iluminado e estendeu para Cario.

— Pegue — ela segurou-o em sua linha de visão.

— Leia. O discador automático indicava BANCO STEU- BEN.

— Este é o seu banco em Cagliari, *signore* Deograci-as. Amanhã de manhã, quando isto estiver acabado, quan-do tiver feito com que ele pague pelo seu

corajoso irmão, vou ligar para este número e dizer ao seu gerente o meu código e informar: “Dê ao Sr. Deogracias o resto do di-nheiro que está guardando para ele.” O seu gerente con-firmará para você pelo telefone. Amanhã à noite você es-tará voando, a caminho de casa, como um homem rico. A família de Matteo também estará rica. Você pode levar para ele os colhões do doutor numa sacolinha com zíper, para consolá-los. Mas se o Dr. Lecter não puder ver a própria morte, se ele não puder ver os porcos vindo co-mer seu rosto, você não recebe nada. Seja homem, Cario.

Vá pegar seus porcos. Eu vou ficar com o filho da puta.

Dentro de meia hora você poderá ouvi-lo gritar enquanto os porcos comem seus pés.

Cario inclinou a cabeça para trás e respirou fundo.

— *Piero, andiamo! Tu, Tommaso, rimani.*

Tommaso ocupou o lugar na poltrona de vime ao lado da porta.

— Tenho tudo sob controle, Mason — disse Mar-got para a câmera.

— Vou querer trazer o nariz dele de volta para a casa. Fale com o Cario — disse Mason. A tela ficou escu-ra. Afastar-se de seu quarto era um enorme esforço para Mason e para as pessoas ao redor, exigindo que conectas-sem os tubos aos cilindros da maca, e que passassem a alimentação elétrica do respirador para uma unidade por-tátil de corrente alternada.

Margot olhou para o rosto do Dr. Lecter.

O olho ferido estava inchado, fechado entre as marcas pretas de queimadura que os eletrodos tinham dei-xado nas extremidades da sobrancelha.

O Dr. Lecter abriu o olho bom. Conseguia manter no rosto a sensação fria do flanco de mármore da Vênus.

— Gosto do cheiro desse linimento, tem um cheiro fresco, de limão — disse o Dr. Lecter. — Obrigado por ter vindo, Margot.

— Foi exatamente isso que o senhor me disse quando aquela matrona me levou

para a sua sala no pri-meiro dia. Quando estavam fazendo pela primeira vez o pré-sentenciamento de Mason.

— Foi isso que eu disse? — Tendo acabado de vol-tar do palácio da memória onde releu suas entrevistas com Margot, ele sabia muito bem.

— Sim. Eu estava chorando, morrendo de medo de contar ao senhor sobre Mason e mim. Também estava com medo de me sentar. Mas o senhor não pediu que eu sentasse. Sabia que eu tinha levado pontos, não é? Nós caminhamos pelo jardim. Lembra do que o senhor me disse?

— Você não tinha mais culpa pelo que lhe aconte-ceu...

— ...do que se um cachorro louco tivesse mordido o meu traseiro. Foi o que o senhor disse. Então tornou a coisa fácil para mim, e as outras visitas também, e gostei daquilo durante um tempo.

— O que mais eu lhe disse?

— Que o senhor era muito mais estranho do que eu jamais seria. Disse que não havia problema em ser es-tranho.

— Se você tentar, pode se lembrar de tudo que nós já dissemos. Lembra-se...

— Por favor, não peça agora.— A frase saltou in-voluntariamente, ela não pretendia dizer desse modo.

O Dr. Lecter se remexeu um pouco e as cordas es-talaram. Tommaso levantou-se e foi verificar as amarras.

— *Attenzione alla boca, signorina.* Tenha cuidado com a boca.

Ela não sabia se Tommaso estava falando da boca do Dr. Lecter ou das palavras dele.

— Margot, faz muito tempo desde que tratei de você, mas quero falar sobre sua história médica, só por um momento, em particular. — Ele virou o olho bom na direção de Tommaso.

Margot pensou por um instante.

— Tommaso, poderia nos deixar por um momen-to?

— Não, sinto muito, *signorina,* mas posso ficar do lado de fora com a porta aberta. — Tommaso foi com o rifle até o celeiro e ficou vigiando o Dr. Lecter à distância.

— Eu jamais iria deixá-la desconfortável imploran-do, Margot. Eu estaria interessado em saber *por que* você

está fazendo isto. Você me diria? Você começou a aceitar o chocolate, como Mason gosta de dizer, depois de ter lutado contra ele durante tanto tempo? Não precisamos fingir que você está vingando o rosto de Mason.

Ela contou. Contou sobre Judy, sobre desejar o be-bê. Levou menos de três minutos; ficou surpresa em ver com que facilidade seus problemas eram resumidos.

Um ruído distante, um guincho e metade de um grito.

Do lado de fora do celeiro, de encontro à cerca que ele levantara na extremidade aberta, Cario estava mexendo no gravador, preparando-se para chamar os porcos na ma-ta da pastagem, com gritos gravados de angústia de víti-mas há muito mortas ou cujo resgate tinha sido pago.

Se o Dr. Lecter ouviu, não demonstrou.

— Margot, você acha que Mason vai simplesmente lhe *dar* o que prometeu? Você está implorando a Mason.

Implorar adiantou alguma coisa quando ele a machucou?

Isto é tal qual aceitar o chocolate e deixar que ele tenha o que quer. Mas ele vai fazer com que Judy coma o queijo.

E ela não está acostumada a isso.

Margot não respondeu, mas seu maxilar se trincou.

— Sabe o que aconteceria se, em vez de se arrastar para Mason, você simplesmente estimulasse a próstata dele com o aguilhão elétrico de Cario? Está

vendo ali, na bancada?

Margot começou a se levantar.

— *Ouça* — sibilou o doutor. — Mason vai lhe ne-gar. Você sabe que terá de matá-lo. Sabe disso há vinte anos. Sabe desde que ele mandou você morder o traves-seiro e não fazer tanto barulho.

— Está dizendo que faria isso por mim? Eu nunca poderia confiar no senhor.

— Não, claro que não. Mas poderia confiar em que *eu nunca negaria que fiz isso.* Na verdade, seria mais terapêu-tico você mesma matá-lo. Deve se lembrar de que reco-mendei isso quando você era criança.

— "Espere até que você consiga fazer isso e sair incólume", foi o que o senhor disse. Aquilo me deu um certo conforto.

— Profissionalmente, é o tipo de catarse que eu ti-nha de recomendar. Agora você tem idade suficiente. E

que diferença faria mais uma acusação de assassinato con-tra mim? Você sabe que terá de matá-lo. E, quando o fi-zer, a lei irá atrás do dinheiro: atrás de você e do novo be-bê. Margot, sou o único outro suspeito que você tem. Se eu estiver morto antes de Mason, quem seria o suspeito?

Você pode tomar a atitude quando bem quiser, e eu lhe escrevo uma carta alardeando como gostei de matá-lo.

— Não, Dr. Lecter, sinto muito. É tarde demais. Já

fiz meus arranjos. — Ela olhou o rosto dele com seus o-lhos azuis e luminosos, de açougueiro. — Posso fazer isso e dormir depois, e o senhor sabe que sim.

— É, sei que sim. Sempre gostei disso em você.

Você é muito mais interessante, mais... capaz do que o seu irmão.

Ela se levantou para ir embora.

— Sinto muito, Dr. Lecter, se é que isso adianta de alguma coisa. Antes que ela

chegasse à porta, ele disse:

— Margot, quando Judy vai ovular de novo?

— O quê? Em dois dias, acho.

— Você tem todas as outras coisas de que precisa?

Instrumentos, equipamento para congelamento rápido?

— Tenho tudo que existe numa clínica de fertiliza- ção.

— Faça uma coisa para mim.

— Sim?

— Xingue e arranque um tufo dos meus cabelos.

Não da testa, se não se importa. Tire um pedaço de pele.

Segure na mão quando voltar para casa. Pense em colocar na mão de Mason. Depois de ele estar morto. Quando chegar em casa, peça a Mason o que você quer. Veja o que ele diz. Você me entregou, sua parte na barganha está

completa. Segure os cabelos e peça o que quer. Veja o que ele diz. Quando ele rir na sua cara, volte para cá. Tudo que precisa fazer é pegar o rifle de tranqüilizante e atirar no sujeito atrás de você. Ou acertá-lo com o martelo. Ele tem um canivete. Simplesmente corte as cordas de um dos meus braços e me dê o canivete. E vá embora. Posso fazer o resto.

— Não.

— Margot?

Ela encostou a mão na porta, esforçando-se para não implorar.

— Você ainda é capaz de quebrar uma noz?

Ela enfiou a mão no bolso e pegou duas. Os mús-culos de seu antebraço se retesaram e as nozes estalaram.

O doutor deu um risinho.

— Excelente. Com toda esta força, nozes. Você

pode oferecer nozes a Judy para ajudá-la a superar o gosto de Mason.

Margot voltou até ele, o rosto imóvel. Cuspiu no rosto dele e arrancou um tufo de cabelos perto do topo da cabeça. Era difícil de dizer com que vontade fizera aquilo.

Ouviu-o cantarolando enquanto saía do depósito.

À medida que andava na direção da casa iluminada, o pequeno pedaço de couro cabeludo grudou-se na sua mão com o sangue, os pêlos pendendo para fora, e ela nem precisou fechar os dedos ao redor.

Cordell passou por ela num carrinho de golfe cheio de equipamento médico para preparar o paciente.

CAPÍTULO

84

DO VIADUTO NA SAÍDA 30 da via expressa em direção ao norte, Starling podia ver a oitocentos quilômetros de dis-tância a guarita iluminada, o posto mais extremo de Mus-krat Farm. Ela decidira enquanto ia para Maryland: entra-ria pelos fundos. Se fosse pelo portão da frente, sem cre-denciais e sem mandado de busca, teria um acompanhante do xerife para fora do condado ou para a cadeia. Quando estivesse livre de novo, tudo estaria terminado.

Dane-se a permissão. Foi até a saída 29, bem depois de Muskrat Farm, e voltou pela estrada de serviço. A es-trada de asfalto parecia muito escura depois das luzes da via expressa. À direita ficava a via expressa, à esquerda uma vala e uma alta cerca de aramado que separava a pista do negrume da Floresta Nacional. O mapa de Starling mostrava uma estradinha de cascalho que cruzava esta pista de asfalto a um quilômetro e meio adiante, fora das vistas da guarita. Era o lugar onde havia parado por acaso na primeira visita. Segundo o mapa, a estradinha atraves-sava a Floresta Nacional até Muskrat Farm. Ela estava medindo o caminho pelo odômetro. O Mustang parecia mais barulhento do que o normal, andando em marcha baixa, ecoando nas árvores.

Ali estava na luz dos faróis, um portão pesado feito de tubos de metal e com arame farpado em cima. O letrei-ro de ENTRADA DE SERVIÇO, que ela vira na primeira visi-ta, havia desaparecido. Mato havia crescido na frente do portão e na passagem sobre a vala.

Dava para ver à luz dos faróis que o mato tinha si-do amassado recentemente. Na parte em que o cascalho fino e a areia foram lavados do pavimento e formaram o pequeno banco de areia, ela pôde ver o rastro de pneus para lama e neve. Seriam iguais às marcas do furgão, que vira na lombada do estacionamento do Safeway? Não sa-bia se eram exatamente as mesmas, mas podiam ser.

Uma corrente com cadeado cromado prendia o

portão. Moleza. Starling olhou para um lado e outro da estrada. Ninguém vindo. Uma entradinha ilegal. Parecia um crime. Verificou se havia sensores nos pilares do por-tão. Nenhum. Trabalhando com uma gazua e segurando a pequena lanterna nos dentes, levou menos de quinze se-gundos para abrir o cadeado. Passou com o carro pela en-trada e continuou em meio às árvores por um bom trecho, antes de voltar para fechar o portão. Pendurou a corrente no portão com o cadeado do lado de fora. A pouca dis-tância parecia tudo normal. Deixou as pontas soltas do lado de dentro, para que pudesse empurrá-lo com o carro com mais facilidade, se necessário.

Medindo o mapa com o polegar, viu que eram uns três quilômetros pela floresta até a fazenda. Passou pelo túnel escuro, com o céu noturno algumas vezes visível, outras vezes não, à medida que as árvores se fechavam acima. Seguiu em segunda marcha, devagar, só com as luzes de estacionamento, tentando manter o Mustang o mais silencioso possível, com o mato morto raspando na parte de baixo. Quando o odômetro indicou dois quilô-metros e seiscentos metros, ela parou. Com o motor des-ligado, pôde ouvir um corvo chamando no escuro. *O corvo estava puto com alguma coisa.* Ela esperava intensamente que fosse um corvo.

CAPÍTULO

85

CORDELL ENTROU no depósito de arreios, ágil como um carrasco, com frascos de soro debaixo dos braços, tubos pendendo deles.

— O Dr. Hannibal Lecter! — disse ele. — Eu que-ria demais aquela máscara sua para a nossa boate em Bal-timore. Minha namorada e eu adoramos uma transa estilo *masmorra,* com couro e coisa e tal.

Ele colocou suas coisas sobre o suporte da bigorna e pôs um atiçador no fogo, para esquentar.

— Tenho boas e más notícias— prosseguiu Cordell em sua alegre voz de enfermeiro e leve sotaque suíço. —

Mason lhe contou como vai ser? O que vai ser é que, da-qui a pouco, vou trazer Mason para baixo e os porcos vão comer os seus pés. Depois o senhor vai esperar a noite inteira, e amanhã Cario e os irmãos dele vão passá-lo atra-vés das barras, com a cabeça na frente, para que os porcos possam comer seu rosto, como os cães comeram o de Mason. Vou fazer com que o senhor fique vivo com soro e torniquetes até o final. O senhor realmente está frito, sabe? Esta é a má notícia.

Cordell olhou para a câmera de TV para ter certeza de que estava desligada.

— A *boa* é que o negócio não precisa ser muito pior do que uma ida ao dentista. Verifique isto, doutor.— Cor-dell segurou uma seringa hipodérmica com uma agulha comprida na frente do rosto de Lecter. — Vamos conver-sar como duas pessoas da área de medicina. Eu poderia ir para trás do senhor e lhe aplicar uma raquidiana que iria impedi-lo de sentir qualquer coisa lá embaixo. O senhor poderia simplesmente fechar os olhos e tentar não ouvir.

Só iria sentir uns puxões e empurrões. E assim que Mason tivesse se divertido e ido para casa, eu poderia lhe dar uma coisa que simplesmente pararia seu coração. Quer ver? —

Cordell pegou um frasco de Pavulon e segurou-o perto do olho aberto do Dr. Lecter, mas não suficientemente perto para ser mordido.

A luz do fogo brincava na lateral do rosto ávido de Cordell, seus olhos estavam quentes e felizes.

— O senhor tem muito dinheiro, Dr. Lecter. É o que todo mundo diz. Sei como esse negócio funciona e também sei fazer o dinheiro girar. Pegá-lo, movimentá-lo, agitá-lo. Posso movimentar o meu pelo telefone, e aposto que o senhor

também.

Cordell pegou um celular no bolso.

— Vamos telefonar para o seu gerente de banco. O

senhor lhe dá um código, ele confirma para mim, e eu re-solvo as coisas para o senhor. — Ele estendeu a seringa raquidiana. — É só apertar. Fale.

O Dr. Lecter murmurou alguma coisa, de cabeça baixa. “Pasta” e “cofre” foi tudo que Cordell pôde ouvir.

— Ande logo, doutor. E depois o senhor pode simplesmente dormir. Ande.

— Centenas em notas não marcadas — disse o Dr.

Lecter e sua voz foi sumindo.

Cordell se inclinou para perto e o Dr. Lecter esti-cou o pescoço, pegou a sobrancelha dele em seus dentes pequenos e afiados e arrancou um pedaço considerável, enquanto o enfermeiro saltava para trás. Em seguida, o doutor cuspiu a sobrancelha no rosto de Cordell, como se fosse uma casca de uva.

Cordell limpou o ferimento e colocou um curativo que lhe deu uma expressão cômica. Ele guardou a seringa.

— Todo esse alívio desperdiçado. O senhor vai o-lhar para isso de modo diferente antes do amanhecer. Sa-be que tenho estimulantes para mantê-lo do modo oposto, e vou fazê-lo esperar.

Ele pegou o tição no fogo.

— Vou prepará-lo agora. Sempre que resistir, vou queimá-lo. A sensação é esta.

Ele tocou a ponta brilhante do tição no peito do Dr. Lecter e queimou seu mamilo através da camisa. Em seguida, teve de apagar o círculo de fogo que ia se alar-gando na camisa do doutor.

O Dr. Lecter não emitiu qualquer som.

Cario entrou de ré com a empilhadeira no depósito de arreios. Com Piero e Cario

segurando juntos, e Tom-maso sempre a postos com o rifle de tranqüilizantes, eles levaram o Dr. Lecter até o garfo da empilhadeira e pren-deram à frente da máquina o balancim onde estavam a-marrados os seus braços. Ele ficou sentado no garfo, os braços amarrados ao balancim, com as pernas estendidas, cada uma delas presa a um dos dentes do garfo.

Cordell inseriu uma agulha intravenosa nas costas de cada uma das mãos do Dr. Lecter. Teve de subir num fardo de feno para pendurar os frascos de plasma na má-quina, de cada um dos lados do doutor. Em seguida, recu-ou e admirou seu trabalho. Era estranho ver o doutor es-parramado ali, com um equipo intravenoso em cada mão, como uma paródia que algo que Cordell não conseguia lembrar o que fosse. Depois prendeu torniquetes logo a- cima de cada um dos joelhos, com cordéis que poderiam ser puxados de trás da cerca, para impedir que o doutor sangrasse até a morte. Eles não podiam ser apertados ago-ra. Mason ficaria furioso se os pés de Lecter estivessem entorpecidos.

Tempo para trazer Mason até embaixo e colocá-lo no furgão. O veículo, estacionado atrás do celeiro, estava frio. Os sardos haviam deixado o almoço dentro. Cordell xingou e jogou no chão o isopor com gelo. Em casa teria de passar aspirador de pó naquela porcaria. Os escrotos dos sardos também haviam fumado ali dentro, depois de ele ter proibido. Haviam retirado o acendedor de cigarros e deixado o cabo de força do rastreador pendurado ao painel.

CAPÍTULO

86

STARLING APAGOU a luz interna do Mustang e sol-tou a trava do porta-malas antes de abrir a porta.

Se o Dr. Lecter estivesse ali, se ela conseguisse pe-gá-lo, talvez pudesse colocá-lo com mãos e pés algemados no porta-malas e chegar até a cadeia do condado. Tinha quatro algemas e corda suficiente para amarrá-lo e impedir que ele chutasse. Melhor não pensar em como o doutor era forte.

Havia um pouco de geada no cascalho quando pôs os pés para fora. O carro velho gemeu assim que seu peso saiu de cima das molas.

— Precisa reclamar, não é, seu filho da puta velho?

— disse ela ao carro, entre dentes. De súbito, lembrou-se de ter falado com Hannah, a égua em quem saíra caval-gando na noite em que mataram os cordeiros. Não fechou a porta do carro totalmente. As chaves entraram num bol-so da calça apertada, para que não fizessem barulho.

A noite estava clara sob um quarto de lua, e ela po-dia andar sem a lanterna enquanto parte do céu estivesse aberta. Experimentou a borda da estrada de cascalho e descobriu que o chão era solto e irregular. Era mais silen-cioso andar num dos trilhos formados pelas rodas, olhan-do em frente para avaliar o terreno com a visão periférica, a cabeça ligeiramente virada para o lado. Era como se es-tivesse atolada na escuridão macia, dava para ouvir os pés esmagando o cascalho, mas não podia ver o chão.

O momento difícil chegou quando não pôde mais ver o Mustang, mas ainda podia sentir sua presença atrás.

Não queria deixá-lo.

De repente, era uma mulher de 33 anos, sozinha, com uma carreira policial em ruínas e sem um rifle, de noite numa floresta. Via-se claramente, via as rugas da i-dade começando nos cantos dos olhos. Queria desespera-damente voltar para o carro. O próximo passo foi mais lento, ela parou e pôde se ouvir respirando.

O corvo crocitou, uma brisa fez estalar os galhos nus acima e em seguida o berro partiu a noite. Um berro tão horrível e desesperançado, subindo, descendo, termi-nando num pedido de morte numa voz tão deformada que poderia pertencer a qualquer pessoa.

— *Uccidimi!* — e o grito de novo.

O primeiro congelou Starling, o segundo fez com que ela partisse correndo, atravessando rápido a escuridão, a 45 ainda no coldre, uma das mãos segurando a lanterna escura, a outra estendida para a noite à frente. *Não, Mason.*

Não. Rápido. Rápido. Descobriu que conseguia permanecer na trilha compactada ouvindo os próprios passos e sen-tindo o cascalho solto dos dois lados. A estrada fez uma curva e seguiu ao longo de uma cerca. Cerca boa, cerca de tubos, com dois metros de altura.

Vieram soluços de apreensão e pedidos, o grito crescendo, e à frente, para além

da cerca, Starling ouviu um movimento por entre os arbustos, movimento que se transformou num trote, mais leve do que os cascos de um cavalo, de ritmo mais rápido. Ouviu grunhidos que reco-nheceu.

Mais perto dos sons agonizados, claramente huma-nos, mas distorcidos, com um único guincho acima dos gritos durante um segundo, e Starling soube que estava escutando uma gravação ou uma voz amplificada, com microfonia. Luz por entre as árvores e o celeiro surgindo.

Apertou a cabeça contra o ferro frio para olhar pela cerca.

Formas escuras correndo, compridas, chegando à altura dos quadris. Para além de quarenta metros de terreno lim-po estava a extremidade de um celeiro com as grandes portas escancaradas, isolado por uma barreira e um portão dividido horizontalmente, e com um espelho ornamenta-do suspenso acima, refletindo a luz do celeiro num retalho luminoso do chão. Parado no pasto limpo, fora do celeiro, havia um homem de chapéu, com um toca-fitas e caixa de som. Ele cobriu um dos olhos com a mão enquanto uma série de uivos e soluços vinha da máquina.

Agora eles saíam dos arbustos, os porcos selvagens com rostos ferozes, parecendo lobos naquela velocidade, de pernas compridas e peitos fundos, pêlos cinzentos pontudos.

Cario voltou correndo pelo portão e fechou-o quando os animais ainda estavam a trinta metros. Eles pararam no semicírculo, esperando, as grandes presas cur-vas segurando os lábios num rosnado permanente. Como atacantes de futebol americano esperando a bola resvalar, saltaram para a frente, pararam, esbarraram-se, grunhindo, batendo os dentes.

Starling já vira criações de porcos, mas nada assim.

Havia neles uma terrível beleza, graça e velocidade. Fica-vam olhando a porta, esbarrando-se e adiantando-se, de-pois recuando, sempre encarando a barreira que limitava a extremidade do celeiro.

Cario disse algo por sobre o ombro e desapareceu lá dentro.

O furgão entrou no celeiro de ré, ficando à vista.

Starling reconheceu de imediato o veículo cinzento, que parou em ângulo, perto da barreira. Cordell saiu e abriu a porta deslizante. Antes que ele apagasse a luz de cima, Starling pôde ver Mason lá dentro, com a concha dura de seu respirador, apoiado em travesseiros, o cabelo enrolado sobre o peito. Um camarote de honra. Luzes fortes se a-cenderam sobre a porta.

No chão ao lado, Cario pegou um objeto que Star-ling a princípio não reconheceu. Parecia as pernas de al-guém, ou a metade inferior de um corpo. Se fosse metade de um corpo, Cario era muito forte. Por um segundo Star-ling temeu que fossem os restos do Dr. Lecter, mas as pernas se dobravam de modo errado, dobravam-se em ângulos que as juntas não permitiriam.

Só poderiam ser as pernas de Lecter se elas tives-sem sido despedaçadas, pensou por um mau momento.

Cario gritou para dentro do celeiro. Starling ouviu um mo-tor dar a partida.

A empilhadeira surgiu, dirigida por Piero, com o Dr. Lecter bastante elevado pelo garfo, os braços abertos presos à trave de madeira e os frascos intravenosos balan- çando acima das mãos, com o movimento do veículo.

Mantido bem alto para que pudesse ver os suínos furio-sos, para que pudesse ver o que viria.

A empilhadeira veio numa velocidade de procissão, odiosa, Cario caminhando ao lado, e do outro lado Johnny Mogli, armado.

Starling fixou-se num instante no distintivo de poli-cial que Mogli usava. Uma estrela; não era como os distin-tivos locais. Cabelo branco, camisa branca, como o moto-rista do furgão durante o seqüestro.

Do furgão veio a voz profunda de Mason. Ele can-tarolava “Pompa e circunstância” e dava risinhos.

Os porcos, alertados pelo barulho, não tinham me-do da máquina, pareciam dar-lhe as boas-vindas.

A empilhadeira parou perto da barreira. Mason dis-se ao Dr. Lecter algo que Starling não pôde ouvir. O Dr.

Lecter não mexeu a cabeça ou deu qualquer sinal de ter ouvido. Estava mais alto até mesmo do que Piero, nos controles. Será que teria olhado na direção de Starling? Ela não soube porque estava se movendo rapidamente ao longo da cerca, pela lateral do celeiro, encontrando as por-tas duplas por onde o furgão havia entrado.

Cario jogou as calças estofadas para dentro do cur-ral. Os porcos saltaram à frente como se fossem um só, com espaço para dois em cada perna, empurrando os ou-tros para o lado. Rasgando, rosnando, puxando e estraça-lhando; galinhas mortas nas pernas da calça, sendo despe-daçadas, porcos balançando a cabeça de um lado para o outro e as entranhas das galinhas voando. Um campo de costados peludos sacudindo-se.

Cario apenas dera um aperitivo levíssimo, só três galinhas e um pouquinho de salada. Em instantes as calças eram trapos, e os porcos, babando, voltaram os olhinhos ávidos para a barreira.

Piero baixou o garfo para uma altura logo acima do chão. Por enquanto a parte superior do portão manteria os porcos longe das partes vitais do Dr. Lecter. Cario reti-rou os sapatos e as meias do doutor.

— Este porquinho fez *iii iii iii* até chegar em casa

— cantarolou Mason no furgão.

Starling estava chegando por trás dele. Todos olha-vam para o outro lado, para os porcos. Ela passou pela porta do depósito de arreios e foi até o centro do celeiro.

— Não deixem que ele sangre até morrer — disse Cordell no furgão. — Estejam preparados para quando eu mandar apertar os torniquetes. — Ele estava limpando o óculo de Mason com um pano.

— Tem alguma coisa a dizer, Dr. Lecter? — soou a voz profunda de Mason. A 45 estrondeou dentro do celei-ro e a voz de Starling:

— *Mãos ao alto e parados. Desligue o motor.*

Piero pareceu não entender.

— *Fermate ilmotore* — traduziu o Dr. Lecter, solícito.

Agora apenas os guinchos impacientes dos porcos.

Ela podia ver uma arma, no quadril do homem de cabelos brancos que usava a estrela. Coldre de abrir com o polegar. *Colocar os homens no chão primeiro.*

Cordell entrou rapidamente atrás do volante, com o furgão em movimento, Mason gritando para ele. Starling girou junto com o furgão, captou o movimento do ho-mem de cabelos brancos no canto do olho, girou de volta enquanto ele sacava a arma para matá-la, o sujeito gritan-do *"Policia"*, e Starling atirou duas vezes no peito dele, ra-pidamente.

A 357 de Mogli lançou sessenta centímetros de fo-go para o chão, ele recuou meio passo e caiu de joelhos, olhando para si próprio, o distintivo transformado numa flor pela gorda bala calibre 45 que o havia atravessado e se desviado, passando pelo coração.

Mogli caiu de costas e ficou imóvel.

Na sala de arreios, Tommaso ouviu os tiros. Pegou o rifle de ar comprimido e subiu até o jirau, ajoelhou-se no feno solto e se arrastou em direção à parte do jirau que dava no celeiro.

— Agora — disse Starling numa voz que ela mes-ma não reconheceu. Faça isso rápido enquanto a morte de Mogli ainda os impressionava. — No chão, *você* com a ca-beça virada para a parede. *Você*, no chão, a cabeça virada para cá. *Para cá.*

— *Girati dall'altra parte* — explicou o Dr. Lecter so-bre a empilhadeira.

Cario olhou para Starling, viu que ela iria matá-lo e ficou imóvel. Ela algemou-os rapidamente com uma das mãos, mantendo as cabeças dos dois em direções opostas, o pulso de Cario no tornozelo de Piero, e o tornozelo de Piero no pulso de Cario. O tempo todo mantinha a 45

encostada na nuca de um deles.

Pegou a faca na bota e rodeou a empilhadeira até

chegar ao doutor.

— Boa noite, Clarice — disse ele quando pôde vê-la.

— O senhor pode andar, suas pernas estão em condições?

— Sim.

— Pode enxergar direito?

— Sim.

— Vou soltá-lo. Com todo o respeito, doutor, se me sacanear eu o mato aqui e agora. Está entendendo?

— Perfeitamente.

— Aja direito e o senhor sobreviverá a isto.

— Falou como uma protestante.

Ela estava trabalhando o tempo todo. A faca era a-fiada. Starling descobriu que o gume serrilhado era mais rápido na corda nova e escorregadia. O braço direto dele estava livre.

— Posso fazer o resto, se você me der a faca.

Ela hesitou. Em seguida, foi até a distância do bra- ço dele e deu-lhe a adaga curta.

— Meu carro está a duzentos metros pela estrada de serviço. — Ela tinha de vigiá-lo e aos homens no chão.

O Dr. Lecter estava com uma das pernas livre, tra-balhava na outra, tendo de cortar separadamente cada a-marração. Não podia ver que atrás dele estavam Cario e Piero deitados de rosto para baixo.

— Quando estiver solto, não tente correr. O se-nhor jamais chegará até a porta. Vou lhe dar dois pares de algemas — disse Starling. — Há dois caras algemados no chão atrás do senhor. Faça com que eles se arrastem até a empilhadeira e prenda-os nela, para que não possam al-cançar um telefone. Depois algeme-se.

— *Dois?* — perguntou ele. — *Cuidado, deve haver três.*

Enquanto ele falava, o dardo do rifle de Tommaso voou, uma trilha prateada debaixo das luzes fortes, e pene-trou no centro das costas de Starling. Ela girou, instanta-neamente tonta, avista escurecendo, tentando enxergar um alvo, viu o cano na borda do jirau e atirou, atirou, atirou, atirou. Tommaso rolou para longe da borda, lascas de madeira arranhando-o, fumaça azul da arma rolando para cima em direção às luzes. Ela disparou mais uma vez en-quanto sua visão ficava turva. Levou a mão ao quadril pa-ra pegar um pente de balas, e os joelhos foram cedendo.

O barulho pareceu animar os porcos ainda mais, e ao ver os homens em posição convidativa no chão, eles guincharam e rosnaram, fazendo força contra a barreira.

Starling caiu de cara no chão, a pistola vazia baten-do com a culatra aberta.

Cario e Piero levantaram a cabeça e tentaram se ar-rastar juntos, desajeitados como um morcego, em direção ao corpo de Mogli, que estava com sua pistola e chaves de algemas.

Som de Tommaso engatilhando o rifle de tranqüili-zante no jirau. Ele ainda tinha um dardo. Levantou-se e veio até a borda, olhando por cima do cano, procurando o Dr. Lecter do outro lado da empilhadeira.

Lá vinha Tommaso caminhando pela beira do jirau, não havia onde se esconder.

O Dr. Lecter levantou Starling nos braços e recuou depressa em direção ao portão, tentando manter a empi-lhadeira entre ele e Tommaso, que avançava cuidadosa-mente, atento aonde pisava na beira do jirau. Tommaso disparou, apontando para o peito de Lecter, e o dardo a-certou o osso do tornozelo de Starling. O Dr. Lecter pu-xou a tranca do portão.

Piero agarrou o chaveiro de Mogli, frenético, en-quanto Cario tentava pegar a arma, e os porcos vieram correndo para a refeição que tentava se levantar. Cario conseguiu disparar a 357 uma vez, e um porco caiu, en-quanto os outros passavam por cima do animal morto em direção aos dois e ao corpo de Mogli. Outros atravessa-ram o celeiro e foram em direção à noite.

Segurando Starling, o Dr. Lecter passou para trás dos portões assim que os

porcos o atravessaram.

De cima do jirau, Tommaso pôde ver o rosto de seu irmão virado para baixo no meio dos animais, e em seguida ele era apenas uma refeição sangrenta. Largou o rifle sobre o feno. O Dr. Lecter, ereto como um bailarino e carregando Starling nos braços, veio de trás do portão e saiu descalço do celeiro, passando pelos porcos. Atraves-sou o mar de costas agitadas e jorros de sangue. Dois dos grandes suínos, um deles uma porca prenha, viraram em sua direção e baixaram a cabeça para atacar.

Quando ele os encarou e os animais não percebe-ram medo, voltaram trotando às presas fáceis no chão.

O Dr. Lecter não viu reforços vindo da casa. Assim que estava sob as árvores da estrada de serviço, parou para tirar os dardos de Starling e sugar os ferimentos. A agulha no tornozelo havia se amassado contra o osso.

Porcos atravessavam os arbustos ali perto. Ele tirou as botas de Starling e calçou-as. Eram um pouco aperta-das. Deixou a 45 no tornozelo dela, de modo que pudesse pegar a arma enquanto a carregava.

Dois minutos depois o guarda na guarita principal ergueu os olhos do jornal em direção a um som distante, áspero como o de um caça com motor de pistons vindo a toda velocidade. Era um Mustang de cinco litros fazendo 5.800 rotações no viaduto da Interestadual.

CAPÍTULO

87

MASON GEMENDO e chorando para voltar ao quarto, cho-rando como fizera quando algumas crianças menores o encontraram no acampamento e conseguiram lhe dar al-gumas pancadas antes que ele pudesse esmagá-las sob seu peso.

Margot e Cordell levaram-no pelo elevador até sua ala e colocaram-no em segurança na cama, preso às fontes de energia permanentes.

Margot jamais o vira tão furioso, os vasos sangüí-neos pulsando sobre os ossos expostos do rosto.

— É melhor dar alguma coisa a ele — disse Cordell quando os dois foram para a sala de jogos.

— Ainda não. Ele precisa pensar nisso durante um tempo. Dê-me as chaves do seu Honda.

— Porquê?

— Alguém precisa ir lá embaixo e ver se há algum vivo. Você quer ir?

— Não, mas...

— Eu posso ir com o seu carro até o depósito de arreios, o furgão não passa pela porta. Agora me dê a merda das chaves.

Embaixo agora, na saída de veículos. Tommaso a-travessando o campo correndo, vindo do bosque, olhando para trás. *Pense, Margot.* Ela olhou para o relógio. Oito e vinte. *À meia-noite chegaria o substituto de Cordell. Havia tempo para trazer homens de Washington no helicóptero, para fazer a lim- peza.* Dirigiu o carro até Tommaso, sobre o gramado.

— Eu tentei pegá-los, um porco me derrubou. E-le... — Tommaso fez uma pantomima do Dr. Lecter car-regando Starling. — ...a mulher. Foram no carro barulhen-to. Ela tem *due* — ele levantou dois dedos — *freccette.* —

Ele apontou para as costas e a perna. — *Freccette. Dardi.*

Eu atirei. Bam. *Due freccette.* — Tommaso fez mímica de um tiro.

— Dardos — disse Margot.

— Dardos, talvez narcótico demais. Ela pode estar morta.

— Entre. Precisamos ver como estão as coisas.

Margot dirigiu o carro para a porta lateral, por onde Starling havia entrado no celeiro. Guinchos, rosnados e costas peludas sacudindo-se. Margot prosseguiu buzinan-do e forçou os porcos a recuar o bastante para ver que havia três restos humanos, nenhum deles reconhecível.

Entraram com o carro no depósito de arreios e fecharam a porta.

Margot pensou que Tommaso era a única pessoa que restava viva e que a vira no celeiro, sem contar Cor-dell.

Isso também devia ter ocorrido a Tommaso. Ele fi-cou a uma distância cautelosa, os olhos escuros inteligen-tes encarando-a. Havia lágrimas em seu rosto.

Pense, Margot. Você não quer merda nenhuma com os sar- dos. Por seu lado, eles sabem que é você quem cuida do dinheiro.

Eles iriam denunciá-la num segundo.

Os olhos de Tommaso acompanharam sua mão en-trando no bolso.

O celular. Ela discou para a Sardenha, o gerente do Banco Steuben estava em casa às duas e meia da madru-gada. Falou com ele brevemente e passou o telefone para Tommaso. Tommaso assentiu, respondeu, assentiu de novo e devolveu-lhe o telefone. O dinheiro era dele. Ele subiu ao jirau e pegou sua sacola, junto com o sobretudo e o chapéu do Dr. Lecter.

Enquanto ele estava pegando suas coisas, Margot apanhou o aguilhão elétrico, testou a corrente e o enfiou na manga. Em seguida, pegou também o martelo de ferra-dor.

CAPÍTULO

88

DIRIGINDO O CARRO de Cordell, Tommaso deixou Mar-got em casa. Ele deixaria o Honda num estacionamento do Aeroporto Internacional Dulles. Margot prometeu-lhe que, assim que possível, enterraria os restos de Piero e Cario.

Havia algo que ele sentia que deveria dizer-lhe, e se preparou com seu inglês.

— *Signorina*, os porcos, você deve saber, os porcos ajudaram o *dottore.* Eles recuaram, passaram em volta. Eles matam meu irmão, matam Cario, mas se afastam do Dr.

Lecter. Acho que cultuam ele. — Tommaso fez o sinal-da-cruz. — Vocês não deveriam caçá-lo mais.

E, durante toda a sua longa vida na Sardenha, Tommaso contaria a história assim. Quando estava com sessenta e poucos anos, dizia que o Dr. Lecter, carregando a mulher, deixara o celeiro levado por uma maré de por-cos.

Depois de o carro ter saído pela estrada de serviço, Margot ficou durante minutos olhando para a janela ilu-minada de Mason. Viu a sombra de Cordell movendo-se nas paredes e cuidando de seu irmão, substituindo os mo-nitores da pulsação e da respiração dele.

Enfiou o cabo do martelo na parte de trás das cal- ças e ajeitou a aba do paletó por cima.

Cordell estava saindo do quarto de Mason com os travesseiros quando Margot deixou o elevador.

— Cordell, prepare um martíni para ele.

— Eu não sei...

— *Eu* sei. Prepare um martíni para ele.

Cordell colocou os travesseiros na poltrona de dois lugares e se ajoelhou na frente do frigobar.

— Tem algum suco aí? — perguntou Margot, a-proximando-se por trás. Em seguida bateu com força o martelo de ferrador na base do crânio dele e ouviu um estalo. A cabeça de Cordell bateu contra o frigobar, rico-cheteou e ele caiu de costas, encarando o teto com os o-lhos arregalados, uma pupila dilatada, a outra não. Margot virou a cabeça dele para o lado, de encontro ao chão, e baixou o martelo, afundando a têmpora dois centímetros, e um sangue grosso saiu pelos ouvidos.

Ela não sentiu coisa alguma.

Mason ouviu a porta do seu quarto abrir e revirou o olho por trás do óculo. Estivera adormecido alguns ins-tantes, com as luzes baixas. A enguia também estava dor-mindo debaixo da pedra.

O corpanzil de Margot preenchia a passagem. Ela fechou a porta depois de entrar.

— Oi, Mason.

— O que aconteceu? Por que você demorou tanto?

— Estão todos mortos lá embaixo, Mason. —

Margot veio até a beira da cama, desligou o fio do telefone e largou-o no chão. — Piero, Cario e Johnny Mogli estão mortos. O Dr. Lecter fugiu carregando a tal de Starling.

Uma espuma apareceu entre os dentes de Mason enquanto ele xingava.

— Mandei Tommaso para casa com o dinheiro de-le.

— Você *o que????* Sua puta idiota, agora escute: nós vamos limpar isso e recomeçar. Temos o fim de semana.

Não precisamos nos preocupar com aquela porca da Star-ling. Se Lecter a pegou, ela já está morta.

Margot deu de ombros.

— Em nenhum momento ela *me* viu.

— Fale com Washington e mande quatro daqueles sacanas para cá. Mande o helicóptero. Mostre a eles a re-troescavadeira... mostre a eles... Cordell! Venha cá. — Ma-son assobiou em sua flauta de pã. Margot empurrou os tubos para o lado e se inclinou sobre ele, para que ele pu-desse ver seu rosto.

— Cordell não vem, Mason. Cordell está morto.

— O quê?

— Eu o matei na sala de brinquedos. Agora. Ma-son, você vai me dar o que me deve. — Margot levantou as guardas laterais da cama e, erguendo o grande bolo das trancas do irmão, puxou a coberta de cima de seu corpo.

As pernas pequenas não eram mais grossas do que rolos de pastel. A mão dele, a

única extremidade que podia se mover, foi em direção ao telefone. A concha dura do res-pirador subia e descia no ritmo regular.

Margot tirou do bolso uma camisinha sem espermi-cida e estendeu-a para que ele visse. De dentro da manga tirou o aguilhão elétrico.

— Lembra, Mason, como você costumava cuspir no pau para lubrificar? Acha que pode conseguir um pou-co de cuspe? Não, talvez eu consiga de outro jeito.

Mason gritou quando sua respiração permitiu, uma série de zurros parecendo de jumento, mas tudo acabou em meio minuto, e de modo muito bem-sucedido.

— Você está morta, Margot. — O nome soou mais como “Nargot”.

— Ah, Mason, todos nós estamos. Você não sabia?

Mas estes aí não estão — disse ela, colocando a blusa por cima do recipiente cálido. — Eles estão se retorcendo.

Vou lhe mostrar. Vou mostrar como eles se retorcem, mostrar e dizer.

Margot pegou as luvas espinhentas, usadas para manusear os peixes, ao lado do aquário.

— Eu poderia adotar Judy — disse Mason. — Ela poderia ser minha herdeira, e poderíamos fazer um acor-do.

— Certamente que sim — disse Margot, levantan-do uma carpa do tanque onde elas ficavam. Pegou uma cadeira da área de estar e, subindo nela, levantou a tampa do grande aquário. — Mas não vamos fazer.

Inclinou-se sobre o aquário, seus grandes braços afundando na água. Segurou a carpa pelo rabo, perto da gruta, e quando a enguia saiu agarrou-a atrás da cabeça com a mão forte e tirou-a da água, acima de sua própria cabeça — a poderosa enguia sacudindo-se, tão comprida quanto Margot e grossa, com a pele festiva brilhando. Se-gurou a enguia com a outra mão também, e quando o a-nimal se flexionava Margot teve de empregar toda a força para segurá-lo com as luvas espinhentas cravadas em sua pele.

Desceu cuidadosamente da cadeira e foi até Mason carregando a enguia flexível,

cuja cabeça tinha a forma de um alicate, os dentes batendo com um som de aparelho de telégrafo, dentes curvados para trás, dos quais nenhum peixe jamais escapara. Jogou a enguia sobre o peito dele, sobre o respirador, e, segurando-a com uma das mãos, enrolou-a com a trança de Mason, dando várias voltas.

— Sacode, sacode, Mason — disse ela.

Margot segurava atrás da cabeça da enguia, com uma das mãos, e com a outra forçou o maxilar de Mason para baixo, para baixo, para baixo, colocando o peso sobre o peito dele, enquanto ele tentava usar a força que tinha, e com um estalo sua boca se abriu.

— Você não deveria ter aceitado o chocolate —disse Margot, e enfiou o focinho da enguia na boca de Mason. O bicho agarrou a língua de Mason com os dentes afiados como navalha, como faria com um peixe, sem sol-tar, sem jamais soltar, com o corpo emaranhado na trança comprida. O sangue saiu num jorro pelo nariz, e Mason começou a se afogar.

Margot deixou os dois juntos, Mason e a enguia, enquanto a carpa circulava sozinha no aquário. Recom-pôs-se na mesa de Cordell e ficou olhando os monitores até que a única informação sobre Mason fosse uma linha reta.

A enguia ainda estava se movendo quando ela vol-tou ao quarto. O respirador subia e baixava, inflando a vesícula natatória da enguia enquanto bombeava espuma sangrenta para fora dos pulmões de Mason. Margot lavou o aguilhão no aquário e o recolocou no bolso.

Em seguida tirou de uma bolsinha, no bolso da cal- ça, o pedaço de couro cabeludo do Dr. Lecter, com fios de cabelo. Raspou o sangue do couro cabeludo com as unhas de Mason, um trabalho difícil com a enguia ainda se mexendo, e entrelaçou os pêlos nos dedos dele. Por fim, colocou um pêlo numa das luvas com as quais pegara o peixe.

Saiu sem olhar para Cordell, morto, e foi para casa encontrar-se com Judy levando seu prêmio quente, enfia-do num lugar onde ele permaneceria quente.

VI

UMA COLHER COMPRIDA

Portanto é necessário arranjar uma colher comprida Para comer com um amigo.

— Geoffrey Chaucer,

DE *OS CONTOS DE CANTERBURY,*

“O CONTO DO MERCADOR”

CAPÍTULO

89

CLARICE STARLING está inconsciente numa cama grande, sob lençóis de Unho e um edredom. Seus braços, cobertos pelas mangas de um pijama de seda, estão sobre as cober-tas e atados com echarpes de seda, apenas o bastante para mantê-los longe do rosto e proteger a intravenosa nas cos-tas da mão.

Há três fontes de luz no quarto: o abajur baixo e os pontos vermelhos no centro das pupilas do Dr. Lecter enquanto ele vigia.

Está sentado numa poltrona, os dedos cruzados sob o queixo. Passado algum tempo, levanta-se e verifica a pressão sangüínea de Starling. Com uma pequena lanterna examina as pupilas. Enfia a mão sob as cobertas e encon-tra o pé dela, tira-o debaixo das cobertas e, examinando-a atentamente, estimula a sola com a ponta de uma chave.

Fica de pé durante um instante, aparentemente perdido em pensamentos, segurando o pé gentilmente, como se fosse um pequeno animal em sua mão.

Com o fabricante do dardo de tranqüilizante, ficou sabendo qual era o conteúdo. Como o segundo dardo a-certou no osso do tornozelo, acredita que ela não recebeu a segunda dose inteira. Está administrando estimulante com extremo cuidado, para contrabalançar o tranqüilizan-te.

Nos intervalos do tempo em que cuida de Starling, ele fica numa poltrona com um grande bloco, fazendo cálculos. As páginas estão cheias com símbolos de astrofí- sica e física de partículas. Há esforços repetidos com os símbolos da teoria das cordas. Os poucos matemáticos que conseguem acompanhá-lo poderiam dizer que suas equações começam com brilho e depois declinam,

conde-nadas pelo que ele desejaria que fosse verdade: o Dr. Lec-ter quer que o tempo recue, que o aumento da entropia não marque mais a direção do tempo. Quer que o aumen-to da ordem aponte o caminho. Quer que os dentes de leite de Mischa saiam da fossa na latrina. Por trás de seus cálculos febris está o desejo desesperado de criar um lugar para Mischa no mundo, talvez o lugar ocupado agora por Clarice Starling.

CAPÍTULO

90

MANHÃ E LUZ DO SOL na sala de brinquedos de Muskrat Farm. Os grandes animais de pelúcia, com olhos de botão, espiam o corpo de Cordell, agora coberto.

Mesmo no meio do inverno, uma mosca-varejeira encontrou o corpo e caminha sobre o lençol, onde o san-gue o empapou.

Se Margot Verger soubesse da tensão desgastante sofrida pelos personagens principais num homicídio que cai nas graças da mídia, talvez jamais tivesse enfiado a en-guia pela garganta do irmão.

Sua decisão de não tentar limpar a sujeira em Mus-krat Farm e simplesmente esconder-se até o fim da tem-pestade foi sensata. Nenhuma pessoa viva a viu em Mus-krat Farm quando Mason e os outros foram mortos.

Sua história foi que o primeiro telefonema frenético do enfermeiro que viera substituir Cordell acordou-a na casa que ela dividia com Judy. Foi para o local e chegou pouco depois dos primeiros policiais do Departamento do Xerife.

O principal investigador do Departamento do Xeri-fe, detetive Clarence Franks, era um homem jovem com os olhos um pouco juntos demais, mas não estúpido co-mo Margot tinha desejado.

— Uma pessoa qualquer não pode simplesmente chegar aqui por aquele elevador, é necessário uma chave para entrar, certo? — perguntou Franks. O detetive e Margot estavam sentados, sem jeito, na poltrona de dois lugares.

— Creio que sim, se foi assim que eles entraram.

— Eles, Sra. Verger? Acha que pode haver mais de um?

— Não faço idéia, Sr. Franks.

Margot vira o corpo do irmão ainda grudado à en-guia e coberto por um lençol. Alguém desligara o respira-dor. Os criminalistas estavam pegando amostras da água do aquário e de sangue no chão. Ela pôde ver na mão de Mason o pedaço do couro cabeludo do Dr. Lecter. Os criminalistas ainda não haviam descoberto. Olhavam-na com expressões idênticas.

O detetive Franks estava rabiscando em seu bloco.

— Vocês sabem quem são aqueles outros coita-dos?— perguntou Margot. — Eles tinham família?

— Estamos trabalhando nisso — disse Franks. —

Havia três armas que podemos rastrear.

Na verdade, o Departamento do Xerife não tinha certeza de quantas pessoas tinham morrido no celeiro, já

que os porcos haviam desaparecido na floresta arrastando os restos para comer mais tarde.

— No decorrer desta investigação talvez tenhamos de pedir à senhora e à sua... sua *companheira* para fazer um teste com polígrafo, isto é, um detetor de mentiras. A se-nhorita consentiria com isso, Srta. Verger?

— Sr. Franks, farei qualquer coisa para pegar essas pessoas. Respondendo especificamente a sua pergunta, peça a mim e a Judy quando precisar. Devo falar com o advogado da família?

— Não se a senhorita não tiver o que esconder, Sr-ta. Verger.

— Esconder? — Margot conseguiu soltar lágrimas.

— Por favor, eu preciso fazer isso, Srta. Verger. —

Franks começou a levar a mão para o enorme ombro dela, mas pensou melhor.

CAPÍTULO

91

STARLING ACORDOU na semi-escuridão sentindo um chei-ro refrescante, sabendo de algum modo primai que estava perto do mar. Moveu-se ligeiramente na cama. Sentiu uma dor profunda no corpo inteiro, e depois caiu de novo para fora da consciência. Quando acordou em seguida, uma voz lhe falava com suavidade, oferecendo uma xícara quente. Ela bebeu, e o gosto era parecido com o chá de ervas da avó de Mapp.

Dia e noite outra vez, o cheiro de flores frescas na casa, e uma vez a pontada leve de uma agulha. Como o barulho de fogos de artifício distantes, os restos de dor e medo estouraram no horizonte, mas não perto, jamais perto. Ela estava no jardim do olho do furacão.

— Acordando. Acordando, calma. Acordando nu-ma sala agradável — disse uma voz. Ela ouviu música de câmara tocando baixo.

Sentia-se muito limpa, e a pele cheirava a hortelã, algum ungüento que provocava um calor profundo e re-confortante. Starling arregalou os olhos.

O Dr. Lecter estava parado a alguma distância, mui-to imóvel, como estivera na cela quando o viu pela primei-ra vez. Agora estamos acostumados a vê-lo sem amarras.

Não é chocante vê-lo num espaço aberto com outra cria-tura mortal.

— Boa noite, Clarice.

— Boa noite, Dr. Lecter — respondeu ela, sem ter verdadeira idéia da hora.

— Se está se sentindo desconfortável, são os ma-chucados que sofreu numa queda. Você vai ficar boa. Mas eu só gostaria de ter certeza de uma coisa. Poderia por favor olhar nesta luz?

O Dr. Lecter se aproximou com uma lanterna pe-quena. Cheirava a tecido de lã limpo.

Ela forçou-se a manter os olhos abertos enquanto ele examinava suas pupilas.

Em seguida, o doutor se afas-tou de novo.

— Obrigado. Há um banheiro muito confortável, aqui. Quer tentar se levantar? Os chinelos estão ao lado da cama, tive de pegar suas botas emprestadas.

Ela estava acordada e não estava. O banheiro era mesmo confortável e com todas as amenidades. Nos dias seguintes desfrutou de longos banhos ali, mas não se in-comodava com o próprio reflexo no espelho, tão longe estava de si própria.

CAPÍTULO

92

DIAS DE CONVERSA, algumas vezes ouvindo-se e pergun-tando-se quem estava falando com conhecimento tão ín-timo de seus pensamentos. Dias de sono, de sopa forte e omeletes.

E um dia o Dr. Lecter falou:

— Clarice, você deve estar cansada dos roupões e pijamas. Há algumas coisas no armário que talvez lhe a-gradem, apenas se você quiser usá-las. — E no mesmo tom de voz: — Coloquei suas coisas pessoais, sua bolsa, sua arma e sua carteira na gaveta de cima do armário, se você quiser.

— Obrigada, Dr. Lecter.

No armário havia uma variedade de roupas, vesti-dos, conjuntos de calça e blusa, um vestido de noite com-prido, com a parte de cima bordada em contas. Havia cal- ças e pulôveres de *cashmere* que pareceram agradáveis. Ela escolheu um pulôver marrom, e mocassins.

Na gaveta estava o cinto com o coldre especial, sem a 45 que fora perdida, mas o coldre de tornozelo estava ali ao lado da bolsa, e nele a automática 45 de cano curto. O

pente estava cheio de balas gordas, nenhuma na câmara, do modo como ela usava na perna. E a faca da bota estava lá, dentro da bainha. As chaves do carro estavam na bolsa.

Starling era ela e não era. Quando se perguntava sobre os acontecimentos, era

como se os visse de lado, como se visse a si mesma à distância.

Ficou feliz ao ver o carro na garagem quando o Dr.

Lecter levou-a até ele. Olhou para os limpadores de pára-brisa e decidiu trocá-los.

— Clarice, como você acha que os homens de Ma-son nos seguiram até o supermercado?

Ela olhou um instante para o teto da garagem, pen-sando.

Demorou menos de dois minutos para descobrir a antena atravessada entre o banco de trás e a divisão do porta-malas e seguiu o fio da antena até o rastreador es-condido.

Desligou-o e o levou para casa, segurando pela an-tena, como se carregasse um rato pelo rabo.

— Muito bom — falou. — Muito novo. Instalação decente também. Tenho certeza de que tem as marcas do Sr. Krendler. Pode me dar um saco plástico?

— Eles podem rastreá-lo com um avião?

— Agora está desligado. Não poderiam rastreá-lo com um avião a não ser que Krendler admitisse que o es-tava usando. O senhor sabe que ele não fez isso. Mason poderia fazer a varredura com o helicóptero dele.

— Mason está morto.

— Ummmm — disse Starling. — O senhor pode-ria tocar para mim?

CAPÍTULO

93

PAUL KRENDLER oscilava entre o tédio e o medo crescen-te, nos primeiros dias após os assassinatos. Arranjou para receber relatórios diretos do escritório de campo do FBI em Maryland.

Sentia-se razoavelmente seguro com relação a qual-quer auditoria nos livros de

Mason, porque a passagem do dinheiro para sua conta tinha um interruptor razoavel-mente à prova de falha nas ilhas Caimãs. Mas, com Mason morto, Krendler tinha grandes planos e nenhum patroci-nador. Margot sabia sobre seu dinheiro, e ela sabia que ele comprometera a segurança dos dossiês do FBI sobre Lec-ter. Margot tinha de manter a boca fechada.

O monitor do rastreador de veículos o preocupava.

Ele o apanhara no prédio da engenharia em Quantico sem assinar a retirada, mas seu nome estava na lista de entrada no setor naquele dia.

O Dr. Doemling e o enfermeiro grandalhão, Bar-ney, tinham-no visto em Muskrat Farm, mas apenas re-presentando um papel legítimo, conversando com Mason Verger sobre como pegar Hannibal Lecter.

Um alívio geral baixou sobre todo mundo na quar-ta-feira à tarde depois dos assassinatos, quando Margot Verger pôde mostrar aos investigadores do xerife uma fita recém-gravada em sua secretária eletrônica. Os policiais ficaram em êxtase no quarto, olhando para a cama que ela dividia com Judy e ouvindo a voz do demônio. O Dr.

Lecter se gabava da morte de Mason e garantia a Margot que tinha sido extremamente dolorosa e prolongada. Ela soluçou nas próprias mãos e Judy consolou-a. Finalmente Franks levou-a para fora do quarto, dizendo:

— Não é necessário que a senhorita ouça isso de novo.

A pedido de Krendler, a fita da secretária eletrônica foi trazida para Washington e um técnico confirmou que a voz era do Dr. Lecter.

Mas o maior alívio para Krendler veio num telefo-nema no fim da tarde do quarto dia.

A pessoa que ligava era ninguém menos do que o senador Parton Vellmore, de Illinois.

Krendler só falara com o senador em poucas ocasi- ões, mas a voz era familiar, da televisão. O simples fato do telefonema era uma garantia; Vellmore participava da sub-comissão judiciária do Senado, e era um notável identifi-cador de merdas; ele fugiria de Krendler num instante se Krendler estivesse

comprometido.

— Sr. Krendler, sei que o senhor conhecia Mason Verger.

— Sim, senhor.

— Bom, é uma tremenda vergonha. Aquele filho da puta sádico arruinou a vida de Mason, mutilou-o, depois voltou e matou-o. Não sei se o senhor sabia disso, mas um dos meus eleitores também morreu naquela tragédia.

Johnny Mogli serviu durante anos ao povo de Illinois, como policial.

— Não, senhor, não sabia. Sinto muito.

— O fato, Krendler, é que precisamos ir em frente.

O legado de filantropia dos Verger e o grande interesse deles na política pública continuarão. Isso é maior do que a morte de um homem. Estive falando com várias pessoas no vigésimo sétimo distrito e com os Verger. Margot Ver- ger me contou de seu interesse pelo serviço público. Mu-lher extraordinária. Tem um lado verdadeiramente prático.

Vamos nos reunir muito em breve, informal e discreta-mente, para falar sobre o que podemos fazer no próximo mês de novembro. Queremos você conosco. Acha que pode participar da reunião?

— Sim, senador. Sem dúvida.

— Margot ligará para você com os detalhes, o en-contro será nos próximos dias.

Krendler desligou o telefone, varrido pelo alívio.

A descoberta no celeiro do Colt 45 registrado em nome do falecido John Brigham, e que não se sabia estar na posse de Clarice Starling, significou um considerável embaraço para o FBI.

Starling foi dada como desaparecida, mas o caso não foi considerado seqüestro, já que ninguém a vira ser levada. Ela nem mesmo era uma agente desaparecida em serviço. Era uma agente suspensa, com paradeiro desco-nhecido. Foi emitido um boletim de busca para seu veícu-lo, mas sem qualquer ênfase especial na

identidade da proprietária.

Os seqüestras exigem muito mais esforço da lei do que os casos de pessoas desaparecidas. Essa classificação deixou Ardelia Mapp tão furiosa que ela escreveu sua carta de demissão, mas depois achou melhor esperar e trabalhar por dentro. Repetidamente Mapp via-se indo para o lado que Starling ocupava no dúplex, para procurá-la.

Mapp descobriu que os dossiês de Lecter no PACV

e no Centro Nacional de Informações sobre Crimes esta-vam irritantemente estáticos, apenas com acréscimos trivi-ais: a polícia italiana conseguira finalmente encontrar o computador do Dr. Lecter — os Carabinieri estavam jo-gando Super Mario nele, na sala de recreação. A máquina se limpara no instante em que os investigadores apertaram a primeira tecla.

Desde que Starling havia desaparecido Mapp inco-modava todas as pessoas influentes que podia encontrar no Bureau.

Seus telefonemas repetidos para a casa de Jack Crawford não foram respondidos.

Telefonou para a Divisão de Ciência do Compor-tamento e lhe disseram que Crawford continuava no Hos-pital Jefferson Memorial, com dores no peito. Não ligou para lá. No Bureau, ele era o último anjo de Starling.

CAPÍTULO

94

STARLING NÃO TINHA noção do tempo. No decorrer dos dias e noites havia as conversas. Ela se ouvia falando du-rante minutos intermináveis, e escutava.

Algumas vezes ria consigo mesma, ouvindo revela- ções francas que normalmente a teriam deixado sem jeito.

As coisas que contava ao Dr. Lecter freqüentemente a surpreendiam, algumas vezes desagradáveis para uma sen-sibilidade normal, mas o que dizia era sempre verdadeiro.

E o Dr. Lecter também falava. Em voz baixa, tranqüila.

Expressava interesse e encorajamento, mas jamais surpre-sa ou censura.

Contou a ela sobre sua infância, sobre Mischa.

Algumas vezes os dois olhavam juntos para um ob-jeto brilhante, para começar a conversar. Quase sempre havia apenas uma fonte de luz no cômodo. De dia para dia, o objeto brilhante mudava.

Hoje começaram com o ponto luminoso na lateral de um bule, mas, à medida que a conversa prosseguia, o Dr. Lecter parecia chegar a uma galeria inexplorada da mente de Starling. Talvez ouvisse bichos-papões lutando do outro lado de uma parede. Substituiu o bule por uma fivela prateada.

— É do meu pai — disse ela. E cruzou as mãos como se fosse uma criança.

— Sim — disse o Dr. Lecter. — Clarice, você gos-taria de falar com seu pai? Seu pai está aqui. Gostaria de falar com ele?

— Meu pai está aqui! Ei! Tudo bem.

O Dr. Lecter colocou as duas mãos nos lados do rosto de Starling, acima dos lóbulos temporais, um gesto que poderia lhe fornecer tudo de seu pai que ela jamais precisaria. Ele olhou no fundo de seus olhos.

— Sei que você gostaria de falar particularmente.

Vou sair agora. Você pode olhar para a fivela e dentro de alguns minutos irá ouvi-lo bater. Tudo bem?

— Claro! Ótimo!

— Bom. Você só vai precisar esperar alguns minu-tos.

Pontada minúscula da agulha mais fina — ela nem olhou para baixo — e o Dr. Lecter saiu do cômodo.

Starling olhou para a fivela até ouvir a batida, duas batidas firmes, e seu pai entrou como ela se lembrava dele, alto, junto à porta, carregando o chapéu, o cabelo escorri-do pela água, do modo como ele vinha para a mesa do jantar.

— Ei, neném! A que horas se come por aqui?

Ele não a abraçava fazia vinte anos, desde que havia morrido, mas quando puxou-a para perto, os fechos de pressão de sua camisa pareciam os mesmos, seu pai chei-rava a sabão forte e tabaco, e ela sentiu de encontro ao peito o grande volume do coração dele.

— Ei, neném. Ei, neném. Você caiu? — Foi como quando ele pegou-a no quintal, depois de ela tentar mon-tar um bode grande, num ato de ousadia. — Você estava se saindo muito bem, até que ele girou rápido demais. Ve-nha para a cozinha e veremos o que podemos encontrar.

Havia duas coisas na mesa da cozinha modesta de sua infância, um pacote de celofane, de SNO BALLS, e um saco de laranjas.

O pai de Starling abriu seu canivete Barlow, de ponta quebrada, e descascou duas laranjas, deixando a casca enrolada sobre a toalha impermeável. Estavam sen-tados em cadeiras de cozinha, de espaldar reto, e ele divi-diu as laranjas em quatro e comeu uma, e deu uma para Starling. Ela cuspia as sementes na mão e as deixava no colo. Ele gostava de se demorar sentado, como John Bri-gham.

Seu pai mastigava mais de um lado do que do ou-tro, e um de seus incisivos laterais era restaurado com me-tal branco, ao estilo dos dentistas do Exército nos anos 40. Brilhava quando ele ria. Comeram duas laranjas e um SNO BALL cada um, e brincaram de charadas. Starling se esquecera da sensação maravilhosa, arrepiante, do recheio farto debaixo do coco. A cozinha se dissolveu e eles esta-vam falando como pessoas adultas.

— Como você vai, neném? — Era uma pergunta

séria.

— Estão pegando no meu pé no trabalho.

— Sei disso. É aquele pessoal do tribunal, meu do-ce. Gente pior nunca... nunca nasceu. Você nunca matou alguém sem necessidade.

— Acredito. Há outra coisa.

— Você nunca falou uma mentira sobre isso.

— Não, senhor.

— Você salvou aquele menininho.

— Ele ficou bem.

— Senti muito orgulho disso.

— Obrigada, senhor.

— Meu doce, preciso ir embora. Nós nos falamos depois.

— O senhor não pode ficar?

Ele pôs a mão na cabeça dela.

— Nós nunca podemos ficar, neném. Ninguém

pode ficar do jeito que quer.

Ele beijou sua testa e saiu do cômodo. Starling pô-de ver o buraco de bala no chapéu enquanto ele acenava, alto, junto ao portal.

CAPÍTULO

95

SEM DÚVIDA, Starling amava demais o pai, e teria lutado num instante contra qualquer mancha na memória dele.

No entanto, conversando com o Dr. Lecter sob a influên-cia de uma droga hipnótica e hipnose profunda, eis o que disse:

— Mas estou realmente furiosa com ele. Quero di-zer, ora, como é que ele tinha de ir atrás daquela droga de birosca no meio da noite, pegar aqueles dois sacanas que o mataram? Ele não deu importância para aquela espingarda velha e os caras o pegaram. Eram um zero à esquerda, e o pegaram. Ele não sabia o que estava fazendo. Ele nunca aprendeu nada.

Starling teria dado um tapa na cara de qualquer ou-tra pessoa que dissesse isso.

O monstro se acomodou um mícron em sua cadei-ra. *Ah, finalmente chegamos ao ponto. Aquelas lembranças de cole- gial estavam ficando tediosas.*

Ela tentou cruzar as pernas debaixo da cadeira co-mo uma criança, mas suas pernas eram compridas demais.

— Veja só, ele tinha aquele emprego, foi e fez o que lhe mandaram, ficava andando com aquela porcaria de relógio de guarda noturno, e aí morreu. E mamãe ficou lavando o sangue do chapéu, para enterrar junto com ele.

Quem veio para casa ficar com *a gentâ.* E depois havia muito pouco SNO BALLS, isso eu posso dizer. Era ma-mãe e eu, fazendo faxina em quartos de motel, pessoas largando camisinhas molhadas na mesa-de-cabeceira. Ele foi morto e nos deixou porque foi estúpido demais. Devia ter mandado aqueles sacanas da cidade levar tudo.

Coisas que ela jamais teria dito, coisas banidas para seu cérebro superior.

Desde que tinham se conhecido, o Dr. Lecter a es-picaçara com relação ao pai, chamando-o de guarda no-turno. Agora ele se tornara Lecter, o protetor da memória de seu pai.

— Clarice, ele nunca desejou outra coisa além de sua felicidade e seu bem-estar.

— Coloque o desejo numa das mãos e cague na ou-tra, e veja qual se enche primeiro — disse Starling. Este ditado do orfanato teria sido particularmente desagradável vindo daquele rosto atraente, mas o Dr. Lecter pareceu satisfeito, até mesmo encorajou-a.

— Clarice, vou pedir que você venha comigo para outro cômodo. O seu pai visitou-a, do melhor modo que você pôde. Você viu que, apesar do desejo intenso de mantê-lo aqui, ele não pôde ficar. Ele a visitou. Agora está

na hora de você visitá-lo.

Pelo corredor até um quarto de hóspedes. A porta estava fechada. — Espere um momento, Clarice. — E ele entrou. Ela ficou parada no corredor com a mão na ma- çaneta, e ouviu um fósforo sendo aceso. O Dr. Lecter a-briu a porta.

— Clarice, você sabe que o seu pai está morto. Sa-be disso melhor do que

qualquer pessoa.

— Sei.

— Entre e veja-o.

Os ossos do pai dela estavam arrumados numa ca-ma, os ossos compridos e a costela cobertos por um len- çol. O resto formava um baixo-relevo por baixo da colcha branca.

O crânio de seu pai, limpado pelos minúsculos car-niceiros marinhos da praia do Dr. Lecter, seco e limpo, repousava no travesseiro.

— Onde estava a estrela dele, Clarice?

— A Prefeitura pegou de volta. Disseram que cus-tava sete dólares.

— Isto é o que ele é, isto é tudo o que resta dele.

Foi a isto que o tempo o reduziu.

Starling olhou para os ossos. Virou-se e saiu do quarto rapidamente. Não era uma fuga, e Lecter não foi atrás. Esperou na semi-escuridão. Não estava com medo, mas escutou-a voltando com ouvidos tão aguçados quanto os de um bode perseguido. Alguma coisa de metal bri-lhante na mão dela. Um distintivo, o de John Brigham. Ela o colocou sobre o lençol.

— O que um distintivo poderia significar para vo-cê, Clarice? Você fez um buraco num deles, no celeiro.

— Significava tudo para ele. Era só disso que ele sabiiia. — A última palavra se distorceu e sua boca desca-iu. Ela pegou o crânio do pai e sentou-se na outra cama, com lágrimas quentes brotando nos olhos e escorrendo pelas bochechas.

Como uma criancinha, puxou a aba do pulôver e segurou contra o rosto, soluçando, lágrimas amargas que caíam com um *tap tap* oco na cúpula do crânio do pai que repousava em seu colo, com o dente restaurado brilhando.

— Eu *amo* o meu pai. Ele fazia o máximo para ser bom comigo. Foi a melhor época da minha vida. — E era verdade, e não menos verdadeiro do que antes, ela

deixou a raiva sair.

Quando o Dr. Lecter deu-lhe um lenço de papel, ela simplesmente segurou-o na mão fechada e ele mesmo limpou seu rosto.

— Clarice, vou deixar você aqui com estes restos.

Restos, Clarice. Pode gritar o quanto quiser para estas ór-bitas vazias e não virá qualquer resposta. — Ele encostou as mãos nos lados da cabeça dela. — O que você precisa do seu pai está aqui, na sua cabeça, e está sujeito ao seu julgamento, não ao dele. Vou deixá-la agora. Quer as ve-las?

— Sim, por favor.

— Quando sair, traga somente o que precisar.

Ele esperou na sala de estar, diante da lareira. Pas-sou o tempo tocando seu *theremin,* movendo as mãos vazi-as no campo eletrônico para criar a música, movendo as mãos que ele colocara na cabeça de Clarice Starling como se agora direcionasse a música. Teve consciência de Star-ling parada ao seu lado durante algum tempo antes de terminar a música.

Quando se virou para ela, o sorriso de Starling era suave e triste, e suas mãos estavam vazias.

Sempre, o Dr. Lecter buscava um padrão.

Ele sabia que, como todo ser pensante, Starling era formada a partir das matrizes de suas primeiras experiên-cias, estruturas que determinavam a compreensão das per-cepções posteriores.

Falando com ela através das barras do asilo, há tan-tos anos, ele descobrira um padrão importante para Star-ling: a morte dos cordeiros e dos cavalos no rancho que foi seu lar adotivo. Ela ficara marcada pelo lamento dos animais.

Sua caçada obsessiva e bem-sucedida a Jame Gumb fora impulsionada pelo lamento da mulher aprisionada pelo criminoso. Ela o salvara da tortura pelo mesmo mo-tivo. Ótimo. Comportamento padronizado.

Sempre procurando arranjos situacionais, o Dr.

Lecter acreditava que Starling via em John Brigham as bo-as qualidades de seu pai — e, junto com as virtudes do pai, o infeliz Brigham também recebeu o tabu incestuoso.

Brigham, e provavelmente Crawford, tinham as boas qua-lidades do pai dela. Onde estavam as más?

O Dr. Lecter procurava o resto dessa matriz dividi-da. Usando drogas hipnóticas e técnicas de hipnose bas-tante modificadas pela terapia de câmara, ele estava des-cobrindo nódulos duros e teimosos na personalidade de Clarice Starling, como nós em madeira, e antigos ressen-timentos ainda inflamáveis como resina.

Encontrou arranjos de brilho impiedoso, velhos de anos mas bem cuidados e detalhados, que lançavam uma fúria límbica através do cérebro de Starling, como raios numa tempestade.

A maioria deles envolvia Paul Krendler. O ressen-timento dela contra as injustiças reais que sofrerá nas mãos de Krendler se alimentava da fúria contra seu pai, que ela jamais, jamais admitiria. Ela não poderia perdoar o pai por ter morrido. Ele tinha deixado a família, parado de descascar laranjas na cozinha. Condenou sua mãe à vas-soura e ao balde. Parou de abraçá-la, com seu grande co-ração ressoando como o coração de Hannah quando Star-ling cavalgava para a noite.

Krendler era o ícone de fracasso e frustração. Ele poderia receber a culpa. Mas será que poderia ser enfren-tado? Ou será que Krendler, e todas as outras autoridades e todos os tabus, tinham o poder de enquadrar Starling no que, segundo a visão do Dr. Lecter, era sua vidinha sem graça?

Para ele havia um sinal de esperança: apesar de es-tar marcada pelo símbolo do distintivo, ela era capaz de fazer um buraco num deles e matar a pessoa que o usava.

Por quê? Porque se comprometera com a ação, identifica-ra o usuário como criminoso e fizera o julgamento anteci-pado, suplantando o ícone da estrela. Flexibilidade poten-cial. O córtex cerebral governa. Será que isso significava espaço para Mischa *dentro de* Starling? Ou seria simples-mente outra boa qualidade do lugar que Starling deveria deixar vago?

CAPÍTULO

96

BARNEY — DE VOLTA ao seu apartamento em Baltimore, de volta aos plantões no Misericórdia. Estava com o turno das três às onze. Parou para uma tigela de sopa na cafete-ria a caminho de casa, e era quase meia-noite quando entrou no apartamento e acendeu a luz.

Arderia Mapp estava sentada à mesa da cozinha.

Apontava uma pistola semi-automática preta para o centro de seu rosto. Pelo tamanho do buraco no cano, Barney julgou que fosse uma calibre 40.

— Sente-se, enfermeiro — disse Mapp. Sua voz sa-iu rouca, e ao redor das pupilas escuras os olhos estavam alaranjados. — Coloque sua cadeira ali e se recline encos-tado na parede.

O que o apavorou mais do que a arma enorme na mão dela foi a outra pistola sobre o descanso de prato à

frente. Era um Colt Woodsman 22, com uma garrafa plás-tica presa com fita adesiva ao cano, servindo de silencia-dor.

A cadeira gemeu sob o peso de Barney.

— Se as pernas da cadeira se quebrarem, não atire em mim, não posso evitar — disse ele.

— Sabe alguma coisa sobre Clarice Starling? —

Não.

Mapp pegou a arma de pequeno calibre.

— Não vou embromar, Barney. No segundo em

que achar que você está mentindo, enfermeiro, eu acabo com você, acredita?

— Acredito. — Barney sabia que era verdade.

— Vou perguntar de novo. Sabe de alguma coisa que me ajudaria a encontrar Clarice Starling? O correio disse que sua correspondência foi mandada para a

casa de Mason Verger durante um mês. *Que porra é essa, Barney?*

— Trabalhei lá. Estava cuidando de Mason Verger e ele me perguntava tudo sobre Lecter. Eu não gostava de lá e saí fora. Mason era um tremendo sacana.

— Starling sumiu.

— Eu sei.

— Talvez Lecter a tenha levado, talvez os porcos tenham acabado com ela. Se ele a levou, o que faria com ela?

— Estou sendo honesto com você: não sei. Eu a-judaria Starling, se pudesse. Por que não ajudaria? Eu meio que gostei dela, e ela estava livrando a minha barra.

Olhe nos relatórios ou nas anotações dela ou...

— Já olhei. Quero que entenda uma coisa, Barney.

Esta é uma oferta única. Se souber de alguma coisa, é me-lhor me contar. Se *algum dia*, não importa daqui a quanto tempo, eu descobrir que escondeu alguma coisa que pode-ria ter ajudado, volto aqui e esta arma será a última coisa que você vai ver. Encho de tiros essa sua bunda grande.

Acredita?

— Acredito.

— Você sabe de alguma coisa?

— Não. — O silêncio mais longo que ele jamais re-cordaria.

— Só fique aí sentado até eu ter ido embora.

Barney levou uma hora e meia para ir dormir. Ficou deitado na cama, olhando o teto. A testa, larga como de um golfinho, uma hora suando, outra hora seca. Pensou em quem mais viria. Logo antes de apagar a luz, foi para o banheiro e pegou um espelho de barbear, de aço inoxidá-vel, da época dos fuzileiros.

Andou com dificuldade até a cozinha, abriu uma caixa de disjuntores elétricos na parede e grudou o espe-lho pelo lado de dentro da porta da caixa.

Era só isso que podia fazer. Remexeu-se no sono como um cachorro.

Depois de seu próximo turno de serviço, trouxe do hospital um *kit* de atendimento a mulheres estupradas.

CAPÍTULO

97

NÃO HAVIA MULTO O que o Dr. Lecter pudesse fazer com a casa do alemão enquanto mantivesse a mobília. Flores e biombos ajudavam. Era interessante ver cores contra os móveis maciços e a escuridão; era um contraste antigo e belo, como uma borboleta luzindo num punho de arma-dura.

Seu senhorio ausente aparentemente tinha uma fi-xação por Leda e o Cisne. A cópula entre espécies diferen-tes era representada em nada menos do que quatro bron-zes de qualidade variada — o melhor era uma reprodução de Donatello — e oito pinturas. Uma pintura deliciava o Dr. Lecter, um quadro de Anne Singleton com sua genial articulação anatômica e um certo calor verdadeiro na tre-pada. Os outros ele cobriu. A medonha coleção de bron-zes de caçadas também estava coberta.

De manhã cedo o doutor arrumou a mesa cuidado-samente para três, estudando-a de diferentes ângulos, com a ponta do dedo ao lado do nariz. Trocou as velas duas vezes e substituiu o jogo de mesa de damasco por uma toalha, para reduzir a mesa de jantar oval a um tamanho mais manuseável.

O aparador escuro e intimidante se parecia menos com um avião cargueiro quando as peças de serviço ele-gantes e os brilhantes fogareiros de cobre estavam em ci-ma. O Dr. Lecter chegou a abrir várias gavetas e colocou flores nelas, criando um efeito de jardins suspensos.

Dava para ver que tinha posto flores demais na sa-la, e deveria colocar mais ainda para que a coisa voltasse a ficar correta. Demais era demais, mas exageradamente demais era o correto. Escolheu dois arranjos de flores pa-ra a mesa: um monte baixo de peônias num prato de pra-ta, brancas como os SNO BALLS, e um arranjo largo e alto de campânulas, íris, orquídeas e tulipas que escondiam boa parte da mesa e criavam um espaço íntimo.

Havia uma pequena tempestade gélida de cristais diante dos pratos, mas os

talheres de prata estavam no aquecedor para colocação no último momento.

O primeiro prato seria preparado à mesa, e para is-so ele organizou seus fogareiros a álcool, com a *fait-tout* de cobre, a panela de molho e a frigideira, os condimentos e a serra de autópsia.

Poderia pegar mais flores quando saísse. Clarice Starling não se perturbou quando ele disse que sairia. Su-geriu que talvez ela desejasse dormir um pouco.

CAPÍTULO

98

NA TARDE DO QUINTO dia após os assassinatos, Barney terminara de se barbear e estava passando álcool no rosto quando ouviu os passos na escada. Estava quase na hora de ir para o trabalho.

Uma batida forte. Margot Verger estava à sua porta.

Carregava uma bolsa grande e uma sacola pequena.

— Oi, Barney. — Ela parecia cansada. — Oi, Mar-got. Entre, Ofereceu-lhe uma cadeira junto à mesa da cozinha.

— Quer uma Coca? — Depois lembrou-se de que a cabeça de Cordell tinha sido golpeada para dentro de uma geladeira e lamentou a oferta.

— Não, obrigada — disse ela.

Barney sentou-se do outro lado da mesa, virado pa-ra Margot. Ela olhou para seus braços como um marom-beiro rival, depois voltou o olhar para o rosto dele.

— Você está bem, Margot?

— Acho que sim.

— Parece que você não tem com que se preocupar, quero dizer, pelo que eu li.

— Algumas vezes penso nas conversas que tive-mos, Barney. Achei que poderia ter notícias suas algum dia.

Ele se perguntou se ela estaria com um martelo na bolsa ou na sacola.

— A única possibilidade de você ter notícias mi-nhas é que talvez, algum dia, eu gostasse de ver como vo- cê está, se não tiver problema. Nunca pedindo alguma coi-sa. Margot, você foi legal comigo.

— É só que, você sabe, a gente se preocupa com as pontas soltas. Não que eu tenha alguma coisa a esconder.

Então ele soube que ela conseguira o sêmen. Ela só

se preocuparia com Barney quando a gravidez fosse anun-ciada, se as duas conseguissem engravidar.

— Quero dizer, foi um presente de Deus, a morte dele. Não vou mentir sobre isso.

A rapidez da conversa disse a Barney que ela estava criando ímpeto.

— Acho que vou querer uma Coca — disse Mar-got.

— Antes de eu pegar, deixe-me mostrar uma coisa que tenho para você. Acredite, eu posso fazer sua mente descansar e isso não custaria coisa alguma. Só vai demorar um segundo. Espere.

Ele pegou uma chave de fenda numa lata de ferra-mentas sobre o apara-dor. Poderia fazer isso virado de lado para Margot.

Na parede da cozinha havia duas caixas de disjun-tores. Na verdade, uma das caixas substituíra a outra na velha construção, e só a da direita funcionava.

Junto às caixas de eletricidade, Barney teve de virar as costas para Margot Abriu rapidamente a da esquerda.

Agora podia observá-la pelo espelho grudado dentro da porta da caixa. Ela enfiou a mão dentro da bolsa grande.

Enfiou, não tirou.

Retirando quatro parafusos, Barney pôde tirar da caixa o painel de disjuntores

desconectados. Atrás do pai-nel havia um espaço na parede oca.

Enfiando a mão cuidadosamente lá dentro, retirou um saco plástico.

Ouviu um som estranho na respiração de Margot quando tirou o objeto que estava no saco. Era uma visão famosa — a máscara que o Dr. Lecter fora forçado a usar no Manicômio Judiciário de Baltimore, para impedir que ele mordesse as pessoas. Era o item mais valioso, o último da coleção de objetos de Lecter que Barney possuía.

— Nossa! — disse Margot.

Barney colocou a máscara virada para baixo sobre a mesa, em cima de um pedaço de papel impermeável, sob a luz forte da cozinha. Sabia que o Dr. Lecter jamais tivera permissão de limpar a máscara. Havia um crosta de saliva seca por dentro da abertura para a boca. Na parte em que as tiras se grudavam à máscara havia três pêlos, presos às fivelas, e arrancados pelas raízes.

Um olhar para Margot disse-lhe que, por enquanto, ele estava em segurança.

Barney pegou em seu armário da cozinha o *kit paia.*

atendimento a mulheres estupradas. A pequena caixa plás-tica continha cotonetes, água esterilizada, gaze e vidros limpos.

Com cuidado infinito, tirou os flocos de saliva com um cotonete umedecido. Pôs o cotonete num vidro. Sol-tou os pêlos da máscara e colocou num segundo vidro.

Tocou com o polegar o lado pegajoso de dois pe-daços de fita adesiva, deixando de cada vez uma impres-são digital clara, e colou-os nas tampas dos vidros. Entre-gou os dois para Margot, num saquinho.

— Digamos que eu entre em alguma encrenca, per-ca a cabeça e tente sacanear você. Digamos que eu tentas-se contar à polícia alguma história sobre você, para me livrar de algumas acusações contra mim. Aí você tem pro-va de que fui pelo menos cúmplice na morte de Mason Verger, e que talvez eu mesmo tenha feito o negócio. Pelo menos eu lhe forneci o DNA.

— Você receberia imunidade antes de abrir a boca.

— Por conspiração, talvez, mas não por tomar par-te fisicamente num crime de grande publicidade. Eles me prometeriam imunidade para o crime de conspiração e depois foderiam comigo quando descobrissem que ajudei.

Eu estaria ferrado para sempre. Está aí, nas suas mãos.

Barney não tinha certeza, mas achava que aquilo parecia bastante bom.

Além disso, ela podia usar o DNA de Lecter contra Barney a qualquer momento em que precisasse, e os dois sabiam disso.

Margot encarou-o pelo que pareceu um tempo mui-to longo, com seus olhos azuis de açougueiro.

Ela colocou a sacola sobre a mesa.

— Há um monte de dinheiro aí — falou. — O bas-tante para ver cada Vermeer do mundo. Uma vez. — Ela parecia meio nervosa, e estranhamente feliz. — Estou com o gato de Franklin no carro. Preciso ir. Franklin, a madrasta e a irmã, Shirley, e um cara chamado Stringbean e Deus sabe mais quem virão a Muskrat quando Franklin sair do hospital. Gastei cinqüenta dólares para conseguir aquele gato de merda. Ele estava morando com o vizinho da antiga casa de Franklin, usando nome falso.

Margot não colocou o saco plástico na bolsa. Le-vou-o na mão livre. Barney achava que ela não queria que ele visse a outra opção que estava na bolsa. Junto à porta, ele disse:

— Será que eu posso ganhar um beijo?

Ela ficou na ponta dos pés e deu-lhe um beijo rápi-do nos lábios.

— Isso vai ter de servir — disse Margot, de modo pedante. A escada estalou sob seu peso enquanto ela des-cia.

Barney trancou a porta e ficou durante minutos pa-rado com a testa encostada na geladeira fria.

CAPÍTULO

99

STARLING ACORDOU ouvindo música de câmara à distân-cia e sentindo os aromas pungentes de comida sendo pre-parada. Estava maravilhosamente descansada e com muita fome. Uma batida na sua porta e o Dr. Lecter entrou u-sando calça escura, camisa branca e plastrom. Carregava uma sacola comprida e trazia um *capuccino* quente para ela.

— Dormiu bem?

— Muitíssimo, obrigada.

— O *chef* me disse que vamos jantar dentro de uma hora e meia. Os coquetéis serão servidos dentro de uma hora, tudo bem? Achei que talvez você gostasse disso...

veja se serve. — Ele pendurou a sacola no armário e saiu sem qualquer outro som.

Ela só olhou no armário depois de um longo ba-nho, e quando olhou ficou satisfeita. Encontrou um vesti-do de noite, comprido, de seda creme, com um decote estreito e fundo sob um bolero exoticamente bordado com contas.

Sobre a mesa havia um par de brincos com pingen-tes de esmeraldas *cabochon.* As pedras tinham muito fogo para um corte sem facetas.

Para ela, seu cabelo sempre fora uma coisa fácil. Fi-sicamente, sentiu-se muito confortável nas roupas. Mesmo desacostumada a esse nível de vestimenta, não se exami-nou durante muito tempo ao espelho, só olhando para ver se tudo estava no lugar.

O senhorio alemão construíra lareiras enormes. Na sala de estar ela encontrou aceso um fogo de bom tama-nho. Aproximou-se da lareira quente com um sussurro de seda.

Música vindo do cravo, no canto. Sentado ao ins-trumento, o Dr. Lecter de gravata branca.

Ele ergueu os olhos, viu-a e sua respiração parou na garganta. As mãos pararam também, ainda sobre o tecla-do. As notas do cravo não se prolongaram e, no

silêncio súbito da sala de estar, os dois o ouviram respirar em se-guida.

Duas bebidas esperavam diante do fogo. Ele se o-cupou com elas. Lillet com uma fatia de laranja. O Dr.

Lecter entregou uma delas para Clarice Starling.

— Se eu vê-la todos os dias, para sempre, lembrarei esta hora. — Seus olhos escuros abarcavam-na inteira.

— Quantas vezes o senhor me viu? Sem que eu soubesse.

— Só três.

— Mas aqui...

— Está fora do tempo, e o que posso ter visto cui-dando de você não compromete sua privacidade. Está

guardado no lugar devido, com seus registros médicos.

Confessarei que *é* agradável vê-la dormir. Você é muito bonita, Clarice.

— A aparência é um acaso, Dr. Lecter.

— Mesmo se a graciosidade fosse algo conseguido pelo mérito, você seria linda.

— Obrigada.

— Não diga *"obrigada"*. — Uma virada minúscula de cabeça bastou para revelar seu desgosto como um vi-dro lançado contra a lareira.

— Eu digo o que é verdade — explicou Starling. —

O senhor preferiria se eu dissesse "fico satisfeita por você

me achar bonita". Seria um pouco mais elegante, e igual-mente verdadeiro.

Ela levantou o copo sob um olhar de planície, sem captar coisa alguma de volta.

Naquele momento ocorreu ao Dr. Lecter que, com todo seu conhecimento e

intrusão, ele jamais a havia pre-visto inteiramente, ou a possuído. Poderia alimentar a la-garta, poderia sussurrar na crisálida; o que tinha brotado seguia sua própria natureza e estava além dele. Imaginou se ela estava com a 45 presa na perna debaixo do vestido.

Starling sorriu para ele, os *cabochons* captaram a luz do fogo e o monstro ficou perdido numa autocongratula- ção por seu gosto e sua inteligência.

— Clarice, o jantar atrai ao paladar e ao olfato, os sentidos mais antigos e os mais próximos do centro da mente. Paladar e olfato estão abrigados nas partes da men-te que precedem a piedade, e piedade não tem lugar à mi-nha mesa. Ao mesmo tempo, agindo no domo do córtex como milagres iluminados no teto de uma igreja, estão as cerimônias, as visões e as conversas do jantar. Podem ser muito mais interessantes do que o teatro. — Ele aproxi-mou o rosto do dela, demorando-se ao ler seus olhos. —

Quero que você entenda as riquezas que lhe trago, Clarice, e quais são os seus *direitos.* Clarice, você andou estudando seu reflexo ultimamente? Creio que não. Duvido que já o tenha feito. Venha ao corredor, fique na frente do espelho alto.

O Dr. Lecter pegou um candelabro sobre a lareira.

O espelho era uma das boas antigüidades do século XVIII, mas ligeiramente escuro e craquelado. Vinha do Château Vaux-le-Vicomte, e Deus sabe o que ele já vira.

— Olhe, Clarice. Esta visão deliciosa é o que você

é. Esta noite você irá se ver de alguma distância durante um tempo. Verá o que é justo, verá o que é verdadeiro.

Você nunca deixou de ter coragem para dizer o que pensa, mas foi impedida por restrições. Eu lhe direi de novo: a piedade não tem lugar nesta mesa.

“Se acontecerem observações que no momento são desagradáveis, você verá que o contexto pode torná-las algo entre o ridículo e o absurdamente engraçado. Se fo-rem ditas coisas que são dolorosamente verdadeiras, elas passam a ser apenas uma verdade passageira, que muda-rá.” — Ele tomou um gole de sua bebida. — Se você sen-tir a dor brotar por dentro, ela logo florescerá no alívio.

Está me entendendo?

— Não, Dr. Lecter, mas lembro do que o senhor disse. Uma tremenda melhoria pessoal. Quero um jantar agradável.

— Isso eu prometo. — Ele sorriu, uma visão que apavora algumas pessoas. Nenhum dos dois olhou para o reflexo de Starling no vidro nublado; entreolharam-se a-través das velas acesas do candelabro, e o espelho olhava para ambos.

— Veja, Clarice.

Ela observou as fagulhas vermelhas no fundo dos olhos dele e sentiu a empolgação de uma criança que se aproxima de um parque de diversões distante.

No bolso do paletó o Dr. Lecter pegou uma seringa com a agulha fina como um cabelo e, sem olhar, só sen- tindo, enfiou a agulha no braço dela. Quando a retirou, o ferimento minúsculo nem mesmo sangrou.

— O que o senhor estava tocando quando entrei?

— “Se o Amor Reinasse Agora”.

— É muito antiga?

— Henrique VIII a compôs mais ou menos em

1510.

— Poderia tocar para mim? Poderia terminar a mú-sica agora?

CAPÍTULO

100

A BRISA QUE A ENTRADA dos dois provocou na sala de estar agitou a chama das velas e dos fogareiros. Starling só

vira a sala de jantar de passagem, e era maravilhosa vê-la transformada. Brilhante, convidativa. Os cristais altos re-petindo as chamas das velas acima dos guardanapos cre-mosos diante de cada um dos lugares, e o espaço reduzido a

um tamanho íntimo com um anteparo de flores escon-dendo o resto da mesa.

O Dr. Lecter trouxera no último minuto os talheres de prata do aquecedor, e quando Starling explorou o lugar à sua frente, sentiu no cabo da faca um calor quase febril.

O doutor serviu o vinho e deu-lhe apenas um mi-núsculo *amuse-gueule* para comer a princípio, uma única ostra Belon e um pedaço de salsicha, e precisou sentar-se diante de meio copo de vinho para admirá-la no contexto de sua mesa.

A altura dos candelabros era exata. As chamas ilu-minavam as profundezas do decote de Starling e ele não precisava ficar vigilante com relação às mangas dela.

— O que vamos comer?

Ele ergueu o dedo até os lábios.

— Nunca pergunte, estraga a surpresa.

Conversaram sobre como apontar penas de corvo, e o efeito que elas causavam na voz de um cravo, e apenas por um momento ela se lembrou de um corvo roubando o carrinho de serviço de sua mie numa varanda de motel há muito tempo. À distância, considerou a lembrança irre- levante para aquele momento agradável, e deliberadamen-te colocou-a de lado.

— Com fome?

— Sim!

— Então teremos nosso primeiro prato.

O Dr. Lecter pegou uma bandeja no aparador e co-locou no espaço ao lado do prato, sobre a mesa, e empur-rou um carrinho de serviço para perto. Ali estavam suas panelas, seus fogareiros e seus condimentos em pequenas tigelas de cristal.

Acendeu os fogareiros e começou com uma boa quantidade de manteiga Charante na *fait-tout* de cobre, gi-rando a manteiga que derretia e deixando que ela ficasse marrom para fazer *beurre-noisette.* Quando ficou da cor de uma castanha, ele deixou a panela com a manteiga à parte, sobre um tripé. Sorriu para

Starling, os dentes muito bran-cos.

— Clarice, lembra do que falamos sobre observa- ções agradáveis e desagradáveis, e das coisas sendo muito engraçadas dentro do contexto?

— O cheiro dessa manteiga é maravilhoso. Sim, lembro.

— E você se lembra de quem você viu no espelho, de como ela era esplêndida?

— Dr. Lecter, se não se importa que eu diga, isso está ficando meio bobo Eu lembro perfeitamente.

— Bom. O Sr. Krendler irá se juntar a nós para o primeiro prato.

O Dr. Lecter tirou o grande arranjo de flores da mesa e o colocou no aparador.

O subsecretário do Departamento de Justiça, Paul Krendler, em carne e osso, estava sentado à mesa numa pesada cadeira de carvalho. Krendler arregalou os olhos e olhou em volta. Estava usando a faixa de cabeça para cor-rida, e um *smoking para*. enterro, muito bonito, com camisa e gravata. Como a roupa era aberta nas costas, o Dr. Lec-ter pudera enfiá-la ao redor dele, cobrindo os metros e metros de fita adesiva que o prendiam à cadeira.

As pálpebras de Starling podiam ter baixado uma fração, e seus lábios se franziram ligeiramente, como fazi-am algumas vezes na área de treinamento de tiro.

Então o Dr. Lecter pegou uma pinça de prata no aparador e retirou a fita que cobria a boca de Krendler.

— Boa noite, de novo, Sr. Krendler.

— Boa noite. — Krendler não parecia ser ele pró-prio. Seu lugar estava arrumado com uma pequena terrina.

— Gostaria de dizer boa noite à Srta. Starling?

— Olá, Starling. — Ele pareceu se animar. —

Sempre quis ver você comendo.

Starling examinou-o à distância, como se ela fosse o velho espelho do corredor, observando.

— Olá, Sr. Krendler. — Ela ergueu o rosto para o Dr. Lecter, que estava ocupado com suas panelas. — Co-mo conseguiu pegá-lo?

— O Sr. Krendler estava a caminho de uma impor-tante reunião para falar de seu futuro na política — disse o Dr. Lecter. — Margot Verger convidou-o como um favor a mim. Uma espécie de troca. O Sr. Krendler correu até o heliporto no Rock Creek Park para se encontrar com o helicóptero dos Verger. Mas em vez disso conseguiu uma carona comigo. Gostaria de fazer a prece antes de nossa refeição, Sr. Krendler. Sr. *Krendler.*

— Prece? Sim. — Krendler fechou os olhos. —

Pai, nós Vos agradecemos pelas bênçãos que vamos rece- ber e as dedicamos ao Vosso serviço. Starling é uma garo-ta com tamanho suficiente para estar trepando com o pai dela, mesmo sendo sulista. Por favor, perdoe-a por isso e traga-a ao meu serviço. Em nome de Jesus, amém.

Starling percebeu que o Dr. Lecter manteve os o-lhos piedosamente fechados durante toda a oração. Ela se sentia ágil e calma.

— *Paul*, preciso lhe dizer, o apóstolo *Paulo* não po-dia ter feito melhor. Ele também odiava as mulheres.

— Você realmente estragou tudo desta vez, Star-ling. Você jamais será readmitida.

— Foi uma oferta de *emprego* que você conseguiu enfiar na oração? Nunca vi esse tipo de tática.

— Vou entrar para o Senado. — Krendler deu um sorriso desagradável. — Apareça na sede da campanha, talvez eu consiga algo para você fazer Poderia ser secretá-ria. Sabe datilografar e arquivar?

— Claro.

— Sabe anotar um ditado?

— Eu uso *software* de reconhecimento de voz —disse Starling. Em seguida prosseguiu num tom judicioso:

— Desculpe-me pela conversa indigna para a mesa, mas você não é suficientemente rápido para roubar no Senado.

Não pode compensar uma inteligência de segunda classe só com jogo sujo. Você duraria mais como capanga de um grande bandido.

— Não espere por nós, Sr. Krendler — insistiu o Dr. Lecter. — Tome um pouco da sua sopa enquanto está

quente. — Em seguida, ele levantou o *potager* coberto, com um canudinho, até os lábios de Krendler.

Krendler fez uma careta.

— Esta sopa não está muito boa.

— Na verdade, é mais uma infusão de salsa e tomi-lho — disse o doutor.

— E mais para nosso deleite do que para o seu.

Tome mais alguns goles e deixe circular.

Starling parecia estar pesando alguma coisa, usando as palmas das mãos como a balança da justiça.

— Sabe, Sr. Krendler, a cada vez que o senhor dava em cima de mim, eu tinha a sensação desagradável de que havia feito alguma coisa para merecer.

— Ela movimentou as palmas para cima e para baixo, judiciosamente, como uma balança. — Eu *não* me-recia isso. A cada vez que o senhor escrevia alguma coisa negativa na minha pasta pessoal, eu me ressentia, mas mesmo assim me examinava. Duvidava de mim mesma por um momento, e tentava cocar aquela coceira minúscu-la que dizia “papai sabe das coisas”.

“O senhor *não* sabe das coisas, Sr. Krendler. Na verdade o senhor não sabe de nada. — Starling tomou um gole de seu esplêndido borgonha branco e disse ao Dr.

Lecter: — Estou *adorando* isto. Mas acho que deveríamos tirá-lo do gelo. — Ela se virou de novo, a anfitriã atenta, para seu convidado. — O senhor será para sempre um...

um *idiota,* sem tamanho — falou num tom agradável. — E

é o bastante a seu respeito nesta mesa adorável. Como o senhor é convidado do Dr. Lecter, espero que goste da refeição.

— *Quem é você?* — disse Krendler. — Você não é

Starling. Você tem a pinta no rosto, mas não é Starling.

O Dr. Lecter acrescentou cebolinha à manteiga quente, e no instante em que o perfume subiu, colocou alcaparras picadas. Tirou a panela do fogo e colocou a fri-gideira no calor. No aparador pegou uma grande tigela de cristal com água gelada, uma bandeja de prata, e colocou-as ao lado de Paul Krendler.

— Eu tinha alguns planos para essa boca esperta

— disse Krendler —, mas agora *eu jamais* contrataria você.

De qualquer modo, quem lhe daria uma tarefa?

— Não espero que o senhor mude de atitude to-talmente, como o outro Paulo, Sr. Krendler — disse o Dr.

Lecter. — O senhor não está na estrada de Damasco, nem mesmo na estrada para o helicóptero dos Verger.

O Dr. Lecter tirou a faixa de cabeça de Krendler como se estivesse removendo o elástico de uma lata de caviar.

— Tudo que pedimos é que mantenha a mente a-berta.— Cuidadosamente, usando ambas as mãos, o Dr.

Lecter levantou o tampo da cabeça de Krendler, colocou-o na bandeja de prata e o levou até o aparador. Pratica-mente nenhuma gota de sangue caiu da incisão limpa, já

que os principais vasos sangüíneos tinham sido amarrados e os outros muito bem cauterizados sob anestesia local, e o crânio fora serrado na cozinha meia hora antes da refei- ção.

O método do Dr. Lecter para remover o topo do crânio de Krendler era tão antigo quanto a medicina egíp-cia, só que tinha a vantagem de uma serra de autópsia com lâmina craniana, uma chave para crânio e anestesia me-lhor. O cérebro em si não sente dor.

A cúpula rosa-acinzentada do cérebro de Krendler estava visível acima do crânio serrado.

De pé atrás de Krendler com um instrumento que parecia uma colher de retirar amígdala, o Dr. Lecter reti-rou uma fatia do lóbulo pré-frontal de Krendler, depois outra, até completar quatro. Os olhos de Krendler se revi- raram para cima como se estivessem acompanhando o que acontecia. O Dr. Lecter colocou os pedaços na tigela de água gelada, acidulada com suco de um limão, para que ficassem firmes.

— *"Você gostaria de dançar numa estrela"* — cantou Krendler abruptamente — *"levar raios de lua para casa numa jarra."*

Na cozinha clássica, os miolos são encharcados, depois comprimidos e gelados durante uma noite inteira, para ficar firmes. Ao lidar com o item absolutamente fres-co, o desafio é impedir que simplesmente se desintegre num punhado de gelatina.

Com habilidade esplêndida, o doutor trouxe as fati-as firmes para um prato, passou ligeiramente em farinha condimentada e depois em farinha fresca de brioches.

Moeu uma trufa preta, fresca, dentro do molho e terminou espremendo suco de limão.

Rapidamente fritou as fatias até ficarem ligeiramen-te marrons de cada lado.

— O cheiro é ótimo! — disse Krendler.

O Dr. Lecter colocou os miolos fritos sobre torra-das largas em cima dos pratos aquecidos, e cobriu com molho e fatias de trufa. Uma guarnição de salsa e

alcapar-ras inteiras, com os cabinhos, e uma flor de nastúrcio so-bre um ramo de agrião, para ficar mais alto, completava a apresentação do prato.

— Como está? — perguntou Krendler, de novo a-trás das flores e falando imoderadamente alto, como cos-tumam fazer pessoas que passam por lobotomia.

— De fato excelente — disse Starling. — Eu nunca tinha comido alcaparras antes.

O Dr. Lecter achou comovente demais o molho de manteiga no lábio dela.

Krendler cantava por trás das flores, na maioria e-ram canções da creche, querendo chamar a atenção.

Sem ligar para ele, o Dr. Lecter e Starling falaram de Mischa. Starling sabia do destino da irmã do doutor pelas conversas que tinham tido a respeito de perdas, mas agora ele falava de um modo esperançoso sobre a possível volta dela. Naquela noite não parecia pouco razoável a Starling que Mischa pudesse retornar.

Starling expressou a esperança de conhecer Mischa.

— Você jamais poderia atender ao telefone na mi-nha sala. Sua voz parece de uma boceta caipira — gritou Krendler através das flores.

— Veja se minha voz parece a de Oliver Twist quando eu peço *MAIS*— respondeu Starling, provocando no Dr. Lecter uma alegria que ele mal conseguia conter.

Um segundo bocado consumiu a maior parte do lóbulo frontal, chegando quase até o córtex pré-motor.

Krendler foi reduzido a observações irrelevantes sobre coisas em sua visão imediata, e à recitação desafinada por trás das flores de um poema bastante lascivo chamado

“Brilho”.

Absorvidos na conversa, Starling e Lecter não se perturbavam mais do que se fosse alguém cantando “Pa-rabéns pra você” em outra mesa de restaurante. Mas

quando o volume de Krendler começou a incomodar, o Dr. Lecter pegou sua besta num canto.

— Quero que você ouça o som deste instrumento de corda, Clarice. Ele esperou um momento de silêncio da parte de Krendler e lançou uma flecha através da mesa, passando pelas flores altas.

— Aquela freqüência particular da corda da besta, caso você a ouça de novo em qualquer contexto, significa apenas a sua total liberdade, paz e auto-suficiência — dis-se o Dr. Lecter.

As penas e parte da haste permaneciam do lado vi-sível do arranjo de flores, e se moviam mais ou menos no ritmo de uma batuta conduzindo um coração. A voz de Krendler parou de imediato, em alguns instantes a batuta também parou.

— É mais ou menos um ré abaixo do dó central?

— perguntou Starling.

— Exato.

Um instante depois Krendler soltou um gorgolejo por trás das flores. Era apenas um espasmo em seu apare-lho fonador causado pelo aumento de acidez do sangue, já

que ele tinha acabado de morrer.

— Vamos ao próximo prato — disse o doutor. —

Um pouco de sorvete para refrescar nossos palatos antes da codorna. Não, não, não se levante. O Sr. Krendler vai me ajudar a limpar as coisas, se você desculpá-lo.

Foi tudo muito rápido. Por trás do anteparo de flo-res, o Dr. Lecter simplesmente limpou os pratos dentro do crânio de Krendler e os empilhou no colo dele. Em seguida, recolocou o topo da cabeça e, pegando a corda que estava amarrada no carrinho debaixo da cadeira, pu-xou-o para a cozinha.

Ali o Dr. Lecter armou de novo a besta. Conveni-entemente, ela usava a mesma bateria da serra de autópsia.

As peles das codornas estavam crocantes, e elas es-tavam cheias *de foie gras.* O Dr. Lecter falou sobre Henri-que VIII como compositor e Starling contou sobre proje- tos de computador para os sons de motores, a réplica de freqüências agradáveis.

A sobremesa seria na sala de estar, anunciou o Dr.

Lecter.

CAPÍTULO

101

UM SUFLÊ E TAÇAS de Château d'Yquem diante da lareira na sala de estar, o café preparado numa mesinha de canto, junto ao cotovelo de Starling.

Fogo dançando no vinho dourado, cujo perfume pairava acima dos tons profundos da lenha queimando.

Falaram sobre xícaras de chá e sobre o tempo, e sobre o domínio da desordem.

— £ assim eu passei a acreditar— dizia o Dr. Lec-ter. — Que deve haver um lugar no mundo para Mischa, um lugar especial vago para ela, e passei a pensar, Clarice, que o melhor lugar do mundo era o seu.

A luz da lareira não destacava as profundezas de seu decote tão satisfatoriamente quanto a luz da vela an-tes, mas estava criando um jogo maravilhoso nos ossos do rosto.

Ela pensou um momento.

— Deixe-me fazer uma pergunta, Dr. Lecter. Se é

necessário um lugar importante no mundo para Mischa, e não estou dizendo que não seja, qual é o problema com o *seu* lugar? Ele é bem ocupado, e sei que jamais o senhor iria negá-lo a ela. Eu e ela poderíamos ser como irmãs. E

se, como o senhor diz, há espaço em mim para o meu pai, por que não há espaço no senhor para Mischa?

O Dr. Lecter pareceu satisfeito, ainda que fosse impossível dizer se era com a idéia ou com a inteligência de Starling. Talvez ele sentisse uma vaga preocupação por ter construído algo melhor do que imaginava.

Quando Starling recolocou a taça na mesa ao lado, empurrou a xícara de café, que se espatifou na lareira. Não olhou para ela.

O Dr. Lecter ficou olhando os pedaços; estavam imóveis.

— Não creio que você precise se decidir neste mi-nuto — disse Starling. Seus olhos e os *cabochons* brilhavam à luz da lareira. Um suspiro do fogo, o calor do fogo pas-sando pelo vestido, e lhe veio uma memória passageira: *O*

Dr. Lecter, há muito tempo, perguntando à senadora Martin se ela havia amamentado a filha. Um movimento precioso girando na calma incomum de Starling: por um instante muitas janelas em sua mente se alinharam, e ela viu muito além da própria experiência. Falou: — Hannibal Lecter, sua mãe o amamentou ao seio?

— Sim.

— Alguma vez sentiu que teve de ceder o seio para Mischa? Alguma vez sentiu que lhe exigiram desistir do seio para ela?

Um instante.

— Não lembro disso, Clarice. Se cedi, foi com pra-zer. Clarice Starling enfiou a mão no decote profundo do vestido e liberou o seio, que saltou rápido para fora.

— O senhor não precisa ceder este — falou. O-lhando sempre nos olhos dele, ela usou o dedo do gatilho para tirar o quente Château d'Yquem de dentro da boca, e uma gota espessa e doce ficou suspensa em seu mamilo como um *cabochon* dourado, e tremeu com sua respiração.

Ele veio rapidamente, apoiou-se num dos joelhos na frente da poltrona e curvou para ela, coral e creme à

luz, sua cabeça escura e esguia.

CAPÍTULO

102

BUENOS AIRES, Argentina, três anos depois:

Barney e Lilian Hersh caminhavam perto do obelis-co da Avenida 9 de Júlio no início da noite. A Srta. Hersh dá aulas na Universidade de Londres e está de licença. Ela e Barney haviam se conhecido no Museu de Antropologia da Cidade do México. Gostaram um do outro e estão via-jando juntos há duas semanas, vivendo um dia de cada vez, e o negócio está ficando cada vez mais divertido. Não estão se cansando um do outro.

Tinham chegado a Buenos Aires tarde demais para ir ao Museu Nacional, onde havia um Vermeer em expo-sição. A missão de Barney, de ver cada Vermeer do mun-do, divertia Lilian Hersh, e não atrapalhava o resto. Ele já

vira um quarto de todos os Vermeer, e havia muitos ainda.

Estavam procurando um café agradável onde pu-dessem comer ao ar livre.

Limusines paravam diante do Teatro Colón, a espe-tacular casa de ópera de Buenos Aires. Pararam para ver os amantes da ópera entrando.

Estava sendo apresentado *Tamerlane,* com um elen-co excelente, e uma multidão de estréia em Buenos Aires é

algo digno de se ver.

— Barney, está a fim de ir à ópera? Acho que você

gostaria. Eu pago.

— Se você me ajudar a entender, *eu* pago — disse Barney. — Acha que vão deixar a gente entrar?

Naquele momento um Mercedes Maybach, azul-escuro e prata, chegou num sussurro junto ao meio-fio.

Um porteiro correu para abrir o carro.

Um homem, esguio e elegante de gravata branca, saiu e estendeu a mão para

uma mulher. A visão dela pro-vocou um murmúrio de admiração nas pessoas em volta da entrada. Tinha um belo cabelo platinado e usava um vestido justo, coral, com uma camada de tule por cima.

Esmeraldas brilhavam no seu pescoço. Barney só a viu por um breve instante, através das cabeças da multidão, e ela e o cavalheiro foram levados para dentro.

Barney enxergou melhor o homem. A cabeça dele era esguia como de uma foca, e o nariz tinha um arco im-perioso como o de Perón. Seu porte o fazia parecer mais alto do que era.

— Barney? Ah, Barney — estava dizendo Lilian —

» quando voltar a si, se voltar, diga se gostaria de ir à ópe-ra. Se eles nos deixarem entrar *à paisana.* Pronto, falei, ain-da que não seja o termo exato. Eu sempre quis dizer que estava *à paisana.*

Quando Barney não comentou, ela o espiou de la-do. Ele sempre comentava tudo.

— É — disse Barney em tom ausente. — *Eu* pago.

— Barney tinha bastante dinheiro. Era cuidadoso com o dinheiro, mas não mão-fechada. Mesmo assim, os únicos ingressos que restavam eram na galeria, em meio aos estu-dantes.

Antecipando a altitude dos lugares, alugou binócu-los no saguão.

O teatro enorme é uma mistura de estilos da Re-nascença italiana, grego e francês. Luxuoso com latões, dourados e estofados vermelhos. Jóias piscavam na multi-dão *como flashes* num jogo de futebol.

Lilian explicou o enredo antes que começasse a a-bertura, falando baixo no ouvido dele.

Logo antes que as luzes se apagassem, fazendo uma varredura da platéia a partir dos lugares mais baratos, Bar-ney encontrou-os, a loura platinada e seu acompanhante.

Tinham acabado de passar pelas cortinas douradas en-trando num camarote

ornamentado ao lado do palco. As esmeraldas na garganta da mulher brilharam nas luzes do teatro quando ela se sentou.

Barney só tinha vislumbrado o perfil direito dela ao entrar na ópera. Agora podia ver o esquerdo.

Os estudantes ao redor, veteranos nos assentos de grande altitude, tinham trazido todo tipo de equipamento para enxergar. Um estudante tinha uma luneta poderosa, tão comprida que perturbava o cabelo da pessoa à frente.

Barney trocou o binóculo com ele para olhar o ca-marote distante. Foi difícil achar o camarote de novo, no campo de visão limitado do tubo comprido, mas quando encontrou, o casal estava espantosamente próximo.

A bochecha da mulher tinha uma pinta, na posição que os franceses chamam de *"couruge"*. Os olhos dela per-correram o teatro, passaram por sobre onde ele estava e prosseguiram. Ela parecia animada e com um controle hábil da boca cor de coral. Inclinou-se para o acompa-nhante e disse alguma coisa, e os dois riram juntos. Ela pousou a mão na mão dele e segurou seu polegar.

— *Starling*— disse Barney entre dentes.

— O quê? — sussurrou Lilian.

Barney teve muita dificuldade para acompanhar o primeiro ato da ópera. Assim que as luzes se acenderam para o primeiro intervalo, ergueu o binóculo para o cama-rote de novo. O cavalheiro pegou uma taça de champanhe na bandeja de um garçom, entregou-a à dama e pegou ou-tra para si. Barney deu um *zoom* até o perfil dele, para a forma das orelhas.

Acompanhou a extensão dos braços expostos da mulher. Estavam nus, sem qualquer marca, e tinham tônus muscular, sob seu olho experiente.

Enquanto Barney observava, a cabeça do cavalheiro virou-se em sua direção, como se para captar um som dis-tante. O cavalheiro ergueu o binóculo de ópera até os o-lhos. Barney poderia jurar que o binóculo estava apontado para ele. Levantou o programa na frente do rosto e enco-lheu-se no assento, tentando parecer que era de estatura mediana.

— Lilian — disse ele, — Quero que me faça um grande favor.

— Bom, se for como os outros, é melhor eu ouvir primeiro.

— Vamos sair quando as luzes se apagarem. Vá

comigo para o Rio esta noite. Sem perguntas.

O Vermeer em Buenos Aires é o único que Barney jamais viu.

CAPÍTULO

103

ACOMPANHAR ESSE belo casal saindo da ópera? Tudo bem, mas com muito cuidado...

Na virada do milênio Buenos Aires é possuída pelo tango, e a noite tem uma pulsação. O Mercedes, com jane-las abaixadas para deixar entrar a música das boates, ron-rona através do distrito Recoleta até a Avenida Alvear, e desaparece no pátio de um exótico prédio estilo Beaux Arts, perto da embaixada francesa.

O ar é suave, e o jantar está arrumado no terraço do andar de cima, mas os empregados já se foram.

Nessa casa o moral dos empregados é elevado, mas há uma disciplina férrea entre eles. São proibidos de entrar no andar de cima da mansão antes do meio-dia. Ou de-pois do primeiro prato do jantar.

O Dr. Lecter e Clarice Starling costumam conversar no jantar, em línguas que não são o inglês nativo de Star-ling. Ela estudou francês na faculdade e depois espanhol, e descobriu que tem bom ouvido. Os dois falam muito itali-ano nas refeições; ela encontra uma liberdade curiosa nas nuances visuais dessa língua.

Algumas vezes o casal dança durante o jantar. Al-gumas vezes não terminam de jantar.

O relacionamento dos dois tem muito a ver com a penetração de Clarice Starling, que ela recebe avidamente e encoraja. Tem muito a ver com o envolvimento de Hannibal Lecter, muito além dos limites da experiência dele.

É possível que Clarice Starling conseguisse apavo-rá-lo. O sexo é uma estrutura

esplêndida à qual eles acres-centam coisas todos os dias.

O palácio da memória de Clarice Starling também está crescendo. Compartilha alguns cômodos com o palá-cio da memória do Dr. Lecter — ele a descobriu ali mui-tas vezes — mas o palácio dela cresce sozinho. Está cheio de coisas novas. Ela pode visitar seu pai lá. Hannah está

num pasto lá dentro. Jack Crawford está lá, quando ela opta por vê-lo curvado sobre a escrivaninha — depois de Crawford ficar em casa durante um mês ao sair do hospi-tal, as dores no peito voltaram à noite. Em vez de chamar uma ambulância e passar por tudo aquilo de novo, ele op-tou simplesmente por rolar para a solidão do lado que sua falecida esposa ocupava na cama.

Starling ficou sabendo da morte de Crawford du-rante uma das visitas regulares do Dr. Lecter ao *site* públi-co do FBI, para admirar sua foto em meio à dos dez mais procurados.

A foto do Dr. Lecter que o FBI está usando per-manece confortavelmente atrasada em dois rostos.

Depois de ler o obituário de Jack Crawford, Star-ling caminhou sozinha durante a maior parte de um dia e ficou satisfeita em voltar para casa à noite.

Há um ano ela mandara colocar uma de suas esme-raldas num anel. Por dentro do anel está gravado AM-CS.

Ardelia Mapp recebeu-o num embrulho impossível de ser rastreado, com um bilhete. *Querida Ardelia, estou melhor, mais do que melhor. Não me procure. Amo você. Desculpe se a as- sustei. Queime isto. Starling.*

Mapp levou a jóia até o rio Shenandoah, onde Star-ling costumava correr. Caminhou por longo tempo com o anel agarrado na mão, furiosa, com os olhos quentes, pre-parada para jogá-lo na água, imaginando o lampejo no ar e o barulho fraco. No final colocou-o no dedo e enfiou a mão no bolso. Mapp não chora muito. Caminhou bastan-te, até poder se aquietar. Estava escuro quando voltou ao carro.

É difícil saber o que Starling recorda da vida antiga, o que opta por manter. As drogas que a sustentaram nos primeiros dias não fizeram parte da vida dos dois durante longo tempo. Tampouco as longas conversas com uma única fonte de luz

no cômodo.

Ocasionalmente, de propósito, o Dr. Lecter larga uma xícara de chá para se espatifar no chão. Fica satisfeito quando ela não se junta de novo. Já faz muitos meses não vê Mischa nos sonhos.

Algum dia, talvez uma xícara se junte de novo. Ou em algum lugar talvez Starling ouça uma corda de besta e tenha um despertar não desejado, se é que ela dorme.

Vamos nos retirar agora, enquanto eles estão dan- çando no terraço — o esperto Barney já saiu da cidade e devemos seguir seu exemplo. Porque qualquer desses dois nos descobrir seria fatal. Só podemos ficar sabendo até

certo ponto, e sobreviver.

AGRADECIMENTOS

Na tentativa de entender a estrutura do palácio da memó-ria do Dr. Lecter fui ajudado pelo notável livro de Francis A. Yates, *The Art of Memory,* e *The Memory Palace of Matteo Ricci,* de Jonathan D. Spence.

A tradução do *Inferno de Dante,* feita por Robert Pinsky, foi um privilégio e um prazer de usar, bem como as anotações de Nicole Pinsky. A expressão “pele festiva”

está na tradução de Pinsky para Dante.

“No jardim do olho do furacão” é uma expressão de John Ciardi, e título de um de seus poemas.

Os primeiros versos do poema que Clarice Starling lembra no asilo são de “Burnt Norton”, dos *Quatro Quarte- tos* de T. S. Eliot.

Agradeço a Pace Barnes por seu encorajamento, apoio e conselhos sábios.

Carole Baron, minha editora e amiga, ajudou a fazer deste um livro melhor.

Athena Varounis e Bill Trible, nos Estados Unidos, e Ruggero Perugini, na Itália, me mostraram o que há de melhor e mais inteligente no cumprimento da lei e da

or-dem. Nenhum deles é personagem neste livro, tampouco qualquer outra pessoa viva. A malignidade que há, tirei de meu próprio estoque.

Niccolo Capponi compartilhou comigo o conheci-mento profundo sobre Florença e sua arte, e deixou que o Dr. Lecter usasse o palácio de sua família. Agradeço tam-bém a Robert Held por sua erudição e a Caroline Micha-helles por muitas informações sobre Florença.



O pessoal da Carnegie Public Library em Coahoma County, Mississipi, pesquisou durante anos. Obrigado a vocês.

Devo muito a Marguerite Schmitt: com uma trufa branca e a mágica de seu coração e suas mãos ela nos a-presentou às maravilhas de Florença. É tarde demais para agradecer a Marguerite; neste momento em que termino quero dizer seu nome.

Digitalização/Revisão: YUNA

TOCA DIGITAL

Cuidado! Hannibal Lecter está de volta! O psicopata assassino de *O silêncio dos inocentes*, imortalizado no cinema por Anthony Hopkins, retorna em *Hannibal*, novo romance de Thomas Harris. Dessa vez, porém, ele não é apenas caçador. Transforma-se em caça, perseguido por uma de suas poucas vítimas que conseguiu sobreviver.

Hannibal começa onde termina *O silêncio dos inocentes*, com Lecter foragido em um paraíso tropical que descobrimos ser o Brasil, terra de grandes cirurgiões plásticos. Com novo visual, ele distribui charme e cultura em Florença, onde passa a se dedicar a pesquisas históricas. No entanto, para conseguir um cargo importante, elimina a dentadas o antigo pesquisador. Mas o FBI não desistiu de pôr as mãos no Dr. Lecter e usa a agente Clarice Starling — interpretada por Jodie Foster nos cinemas — para atrair o canibal. O perigo maior para Lecter, porém, não são os agentes. Totalmente desfigurado, mas com muito dinheiro em caixa, uma vítima que conseguiu sobreviver investe em uma mórbida vingança. Só revivendo a parceria com a agente Starling, Lecter poderá escapar dos policiais e de um assassino tão louco, inteligente e perverso quanto ele.



ISBN 85-01-05728-2
05728/1
9 788501 057280